

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
CHRISTINE POPE



STOLEN

A DJINN WARS NOVEL



SINOPSE

Sua mente diz a ela para correr. Seu corpo implora para que ela fique. Seu coração deve fazer a escolha.

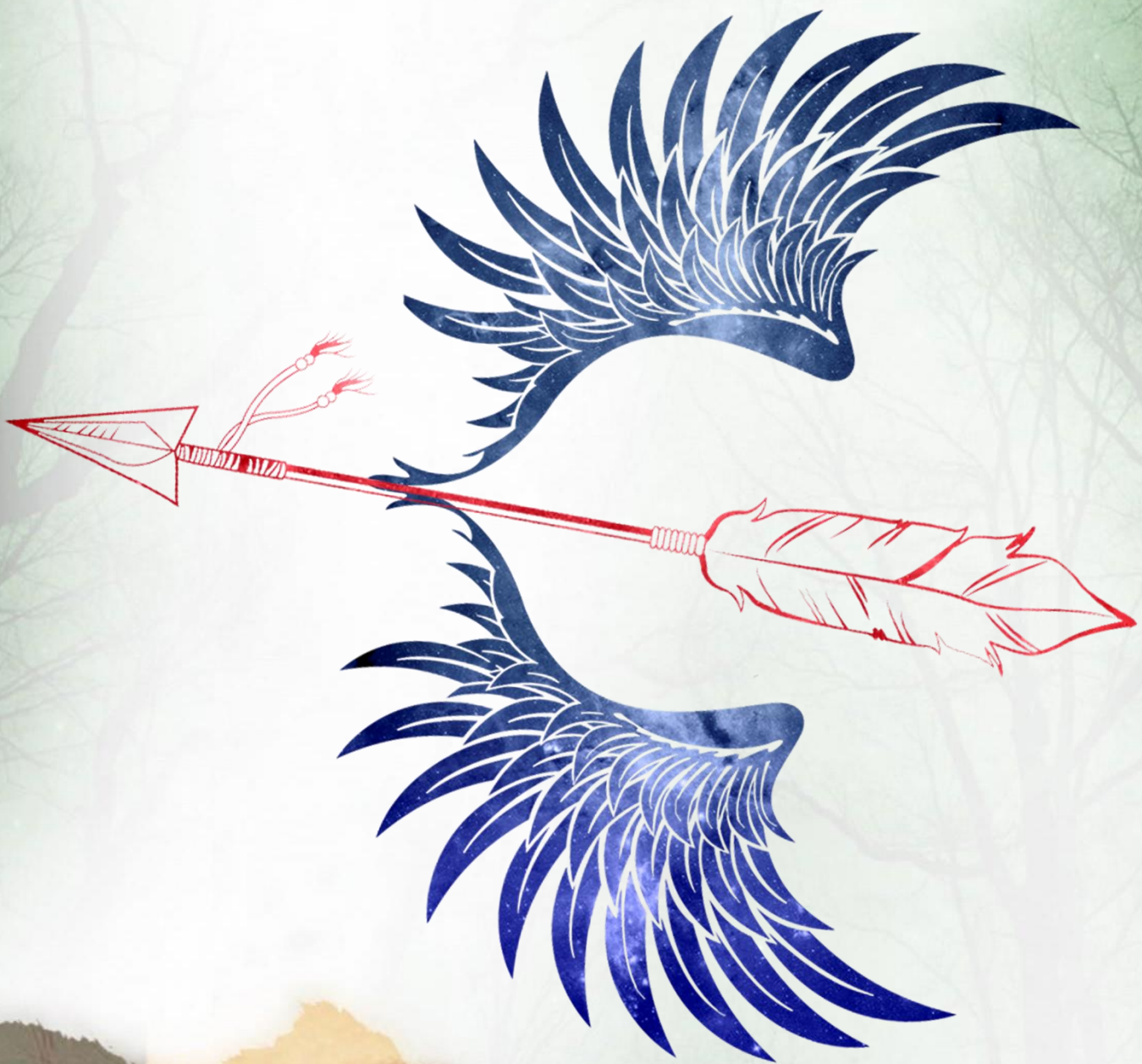
Após meses evitando o djinn que a estava rastreando, Leila Donovan está encurralada. Sem ter para onde fugir, ela se prepara para ser eliminada assim como o resto de seus companheiros que sobreviveram ao calor, um vírus infligido por djinn que visa exterminar a humanidade.

Em vez disso, seu captor de cabelos escuros e olhos noturnos dá um beijo ardente de derreter os ossos - e a leva para uma opulenta casa de praia em Malibu.

Sem que Leila saiba, Malik Al-Mazin a tem protegido. Do calor, dos assassinos que perseguem seus sobreviventes e, acima de tudo, das predações de Omar al-Tariq, um djinn sádico que se deleita em infligir dor.

STOLEN

*Parceria Huntress Universe
e Darkness Angel*



CHRISTINE POPE

Assim que Leila vier a aceitar Malik como seu Escolhido, ela estará segura. Mas, apesar de sua forte química sexual contra a correnteza, colocá-la em confiança levará um tempo precioso, especialmente porque ela tem a capacidade incomum de resistir a qualquer tentativa de influenciar magicamente sua mente - um presente que pode ser sua única esperança quando Malik é enganado para transformar seu de volta para um momento crucial ...

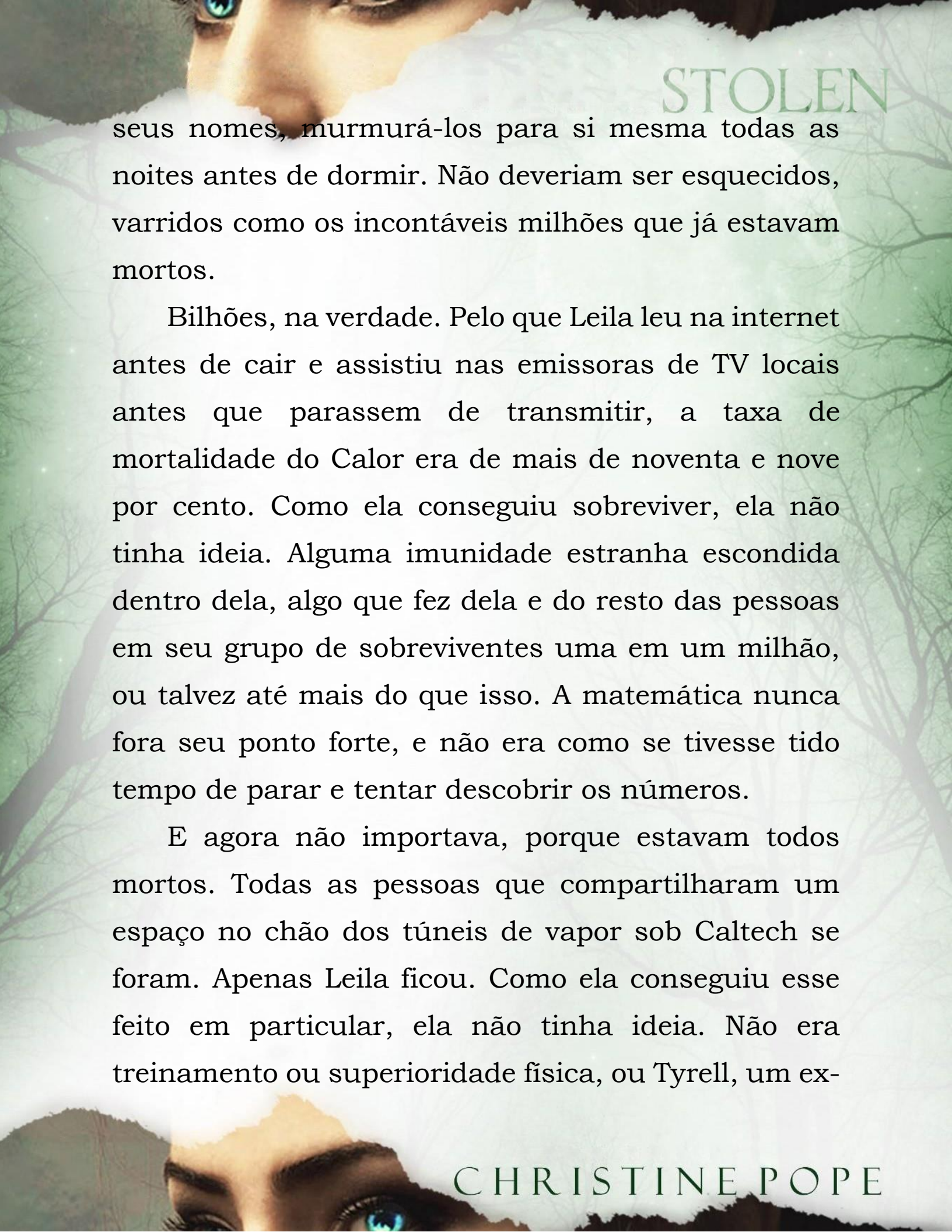
Donovan estava correndo. Parecia que tudo o que ela havia feito nos últimos dois meses foi correr e se esconder em armazéns, dormir em carros abandonados, que em um estranho e breve período em que ela e o resto do seu pequeno grupo de sobreviventes se refugiaram na vanguarda dos túneis sob Caltech.

Mas então o esconderijo deles foi descoberto e eles tiveram que correr novamente. Muitos se perderam naquele dia para seus perseguidores estranhamente bonitos, mas implacáveis.

Djinn.

Ninguém sabia quem eles eram a princípio, embora Leila tivesse suspeitas. A família de sua mãe veio do Irã e trouxe consigo seus contos populares. Os seres terríveis que Leila espiou no momento em que a febre mortal começou a se espalhar, exterminando todos os que ela conhecia e amava, combinavam um pouco demais com os gênios das lendas que os avós haviam falado quando contaram suas histórias para dormir. Ela tentou se convencer de que era loucura pensar que aquelas pessoas que vira podiam ser djinn, que esses homens assassinos - e algumas mulheres - que pareciam supermodelos em fúria não deviam ser outra coisa, mas no fundo ela sabia que não era louca, impossível quando a verdade apareceu na superfície. Além do mais, o mundo enlouqueceu de qualquer maneira... a adição de alguns djinn realmente piorou a situação?

Eles mataram Tyrell, o líder nominal do grupo que se escondera debaixo de Caltech, e Allan, Macy, Jack, Taylor, Emily e Jared. Leila fez questão de lembrar



STOLEN

seus nomes, murmurá-los para si mesma todas as noites antes de dormir. Não deveriam ser esquecidos, varridos como os incontáveis milhões que já estavam mortos.

Bilhões, na verdade. Pelo que Leila leu na internet antes de cair e assistiu nas emissoras de TV locais antes que parassem de transmitir, a taxa de mortalidade do Calor era de mais de noventa e nove por cento. Como ela conseguiu sobreviver, ela não tinha ideia. Alguma imunidade estranha escondida dentro dela, algo que fez dela e do resto das pessoas em seu grupo de sobreviventes uma em um milhão, ou talvez até mais do que isso. A matemática nunca fora seu ponto forte, e não era como se tivesse tido tempo de parar e tentar descobrir os números.

E agora não importava, porque estavam todos mortos. Todas as pessoas que compartilharam um espaço no chão dos túneis de vapor sob Caltech se foram. Apenas Leila ficou. Como ela conseguiu esse feito em particular, ela não tinha ideia. Não era treinamento ou superioridade física, ou Tyrell, um ex-

CHRISTINE POPE

fuzileiro naval que já jogara futebol semiprofissional, teria sido o único a sobreviver. Leila era apenas uma garçonete e atriz aspirante cujo mundo tinha ido para o lado. Talvez tenha sido pura sorte idiota que a manteve viva por tanto tempo, mas ela tinha a sensação de que sua sorte iria acabar em um futuro muito próximo.

Seu coração batia forte no peito e ela ofegava enquanto corria, desejando poder tomar um tempo para beber da garrafa de água que ainda agora batia em sua perna a cada passo que dava. Mas não houve tempo. Ela saciaria sua sede quando encontrasse refúgio novamente.

Se ela encontrasse. Parecia que não importa para onde ela fosse, seus esconderijos eram descobertos. Como isso era possível, ela não sabia. Mas ela percebeu que, uma vez que todos os seus companheiros haviam sido mortos, não eram mais bandos de djinn que a caçavam.

Não, era apenas um homem que a perseguia.

Não era um homem, um djinn, lembrou a si mesma, esquivando-se na esquina e entrando em uma loja de departamentos deserta. Ela estivera espreitando na área de Lincoln Heights, ao norte da 5 Freeway, nos últimos dias, roubando o que podia dos mercados e lojas vazias. A energia havia acabado por quase dois meses agora, então ela não ousou comer nada que não pudesse durar sem refrigeração. Cascas velhas de taco não eram exatamente nutritivas, mas eram melhores do que morrer de fome. A comida liofilizada que eles haviam roubado de uma loja de camping em Pasadena já se foi há muito tempo. Sua fome se tornara sua única companheira, uma dor infinita e atormentadora por dentro. Ela poderia tentar ignorá-la, mas estava sempre lá, esperando para enfraquecê-la, torná-la uma vítima como os companheiros que ela havia perdido.

Dentro da loja suja onde ela se refugiara, a luz era fraca, mal filtrando através das janelas sujas de vidro e das barras que as cobriam. Uma forma apareceu na escuridão, e ela quase soltou um grito assustado

antes de perceber que a figura ameaçadora era apenas um manequim, que a encarava com olhos de vidro desinteressados.

A coisa horrível sobre os djinn era que você não podia ouvi-los perseguindo você. Eles não corriam a pé, mas se moviam pelo ar, mergulhando para atacar como aves de rapina gigantes ou apareceram do nada, materializando-se na rua de uma maneira estranha que seria assustador o suficiente, mesmo que você não soubesse por que eles estavam te perseguindo. Por que aquele que a estava rastreando nos últimos dias tinha se concentrado nela particularmente, Leila não sabia. Ele era alto e moreno, com pele morena e olhos negros que pareciam penetrá-la se ela ficasse em um lugar por tempo suficiente para deixá-los. Bonito, é claro, exatamente como todos eles eram. Não que isso importasse. Eles poderiam parecer deuses do lado de fora, mas interiormente, eles eram demônios diretamente do inferno.

Ela parou, meio agachada, ao lado de uma prateleira de moletos com vários logotipos de

equipes esportivas estampados na tela. Essas equipes se foram agora, junto com todo o resto. Talvez em algum lugar uma estrela do futebol profissional tenha a imunidade necessária para sobreviver ao Calor, mas Leila achou que as chances de isso acontecer eram muito baixas. E mesmo que ele tivesse sobrevivido, não havia garantia de que ele seria capaz de fugir do djinn, que parecia ter a intenção de apagar todos os últimos homens, mulheres e crianças do mundo.

Nas últimas semanas, ela aprendeu a mascarar a respiração, mesmo quando ela se exercitava. Pelo menos, ela esperava que eles não pudessem ser ouvidos. Ela não sabia o quão aguçados eram os sentidos dos djinns, mas ela pensou que eles não poderiam ser muito melhores do que os de um humano, ou então ela já estaria presa.

Por que ela continuou correndo? Ela nem sabia mais. Não parecia haver muito o que viver, e ainda assim algo dentro dela se recusava a desistir, não a deixava parar e se virar em direção ao perseguidor, abrir os braços e levantar a cabeça para o céu, para

que ele pudesse facilmente cortá-la na garganta... se isso era o que ele havia planejado para ela. Ela viu pessoas sendo atingidas pelo fogo ou rasgadas por um vento invisível. Ela viu a terra se abrir e engoli-los inteiros, viu dilúvios de água surgindo de canos e hidrantes que deveriam estar secos há muito tempo e varrer suas infelizes vítimas para se afogarem em inundações não naturais.

Comparado ao que qualquer um desses finais infelizes, uma garganta cortada parecia bastante suave. E, no entanto, ela continuou correndo e se escondendo, algum instinto dentro dela impedindo-a de simplesmente desistir. A vida - mesmo sua atual existência caçada - ainda parecia melhor que a alternativa.

Depois de recuperar o fôlego, Leila achou que era uma boa hora para seguir em frente. Ela não havia detectado nenhum som de perseguição. Talvez o djinn que a seguia tão incansavelmente não a tivesse visto entrar nessa loja surrada, com suas bolsas,

camisetas baratas de prateleiras de lixo inútil feito na China.

Ela olhou em volta, hábito nascido dos últimos meses depois do Calor, examinando as prateleiras de roupas e os estojos expostos, procurando algo que pudesse ser útil. Não havia muito aqui; o que ela realmente precisava era de uma loja de armas ou, pelo menos, uma loja de suprimentos ao ar livre, onde pudesse pegar uma faca e uma pistola para substituir as que havia perdido quando teve que fugir de seu último esconderijo, no porão de uma casa de artesão em declínio nos arredores de Highland Park. A área começou a se atualizar e renovar nos últimos anos, mas a gentrificação ainda não havia encontrado aquela casa. Seu porão profundo tinha feito um buraco escondido perfeito, no entanto.

Ou pelo menos, foi perfeito até que os djinn a encontraram novamente esta manhã. Ainda bem que ela estava vestida quando ele apareceu, ou ela teria que fugir dele descalça.

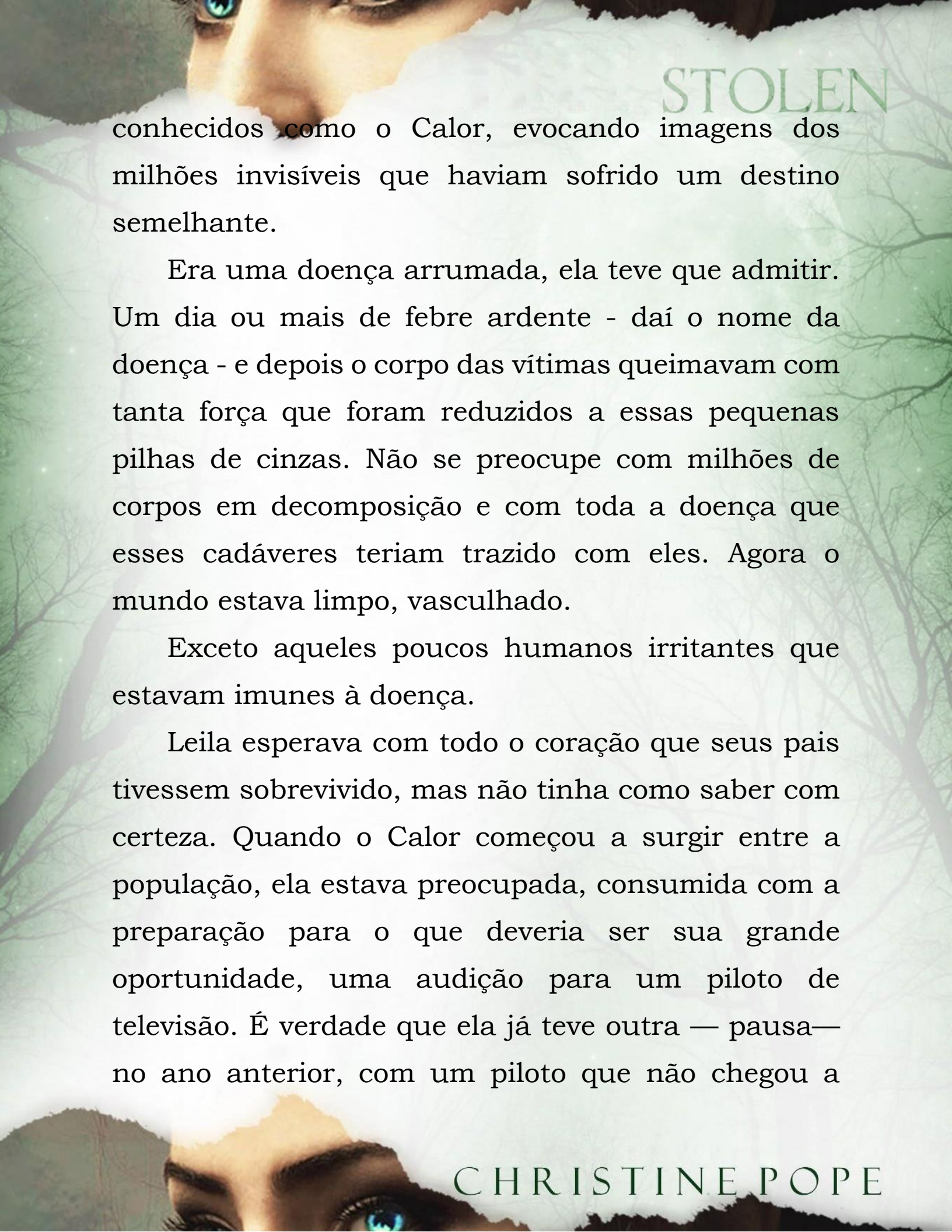
Todas as suas coisas foram deixadas para trás, a .45 que Tyrell a ensinara a atirar, a faca de caça, a escova de dentes de viagem e um minúsculo tubo de pasta de dente, suas roupas íntimas e jeans sobressalentes e tudo o que ela segurou nessas semanas desesperadas. Essas coisas poderiam ser substituídas - era muito fácil conseguir o que você precisava em um lugar do tamanho de Los Angeles quando a maioria da população caíra morta - mas o verdadeiro truque era conseguir forragear sem ter todos os seus passos perseguidos por um perseguidor. Era estúpido lamentar itens que tinham tão pouco valor intrínseco, mas ela os lamentava, sua perda aumentada pelas perdas muito maiores que ela já havia sofrido.

Leila respirou fundo e começou a avançar em direção à parte traseira da loja. De lá, ela esperava ir para a doca de carregamento e subir ao beco; ela vagou pela área o suficiente e fez o suficiente para ter uma ideia decente de como esses lugares estavam dispostos.

Um passo cuidadoso, depois outro, as solas de borracha de suas botas de caminhada não fazendo barulho no piso de linóleo arranhado. A parte de trás do pescoço dela formigava, mas isso era apenas nervosismo. Ela não tinha ouvido ou visto nada para dizer a ela que o djinn estava em qualquer lugar próximo.

Passou pelos provadores e depois por uma porta que se abriu em um pequeno corredor. De um lado, havia uma pequena sala com a porta aberta, provavelmente o escritório do gerente da loja, a julgar pela mesa surrada e pela cadeira igualmente surrada atrás dela, e pelo computador antigo que estava sentado na mesa de metal com cicatrizes.

A iluminação aqui era fraca, mas não tão fraca que Leila não conseguia ver a pequena pilha de cinzas sentada no assento da cadeira do escritório. Ela engoliu em seco e se forçou a continuar. A essa altura, ela estava acostumada com a visão, mas aqueles montes discretos de cinzas pálidas apenas a lembraram de todos aqueles que morreram na febre



STOLEN

conhecidos como o Calor, evocando imagens dos milhões invisíveis que haviam sofrido um destino semelhante.

Era uma doença arrumada, ela teve que admitir. Um dia ou mais de febre ardente - daí o nome da doença - e depois o corpo das vítimas queimavam com tanta força que foram reduzidos a essas pequenas pilhas de cinzas. Não se preocupe com milhões de corpos em decomposição e com toda a doença que esses cadáveres teriam trazido com eles. Agora o mundo estava limpo, vasculhado.

Exceto aqueles poucos humanos irritantes que estavam imunes à doença.

Leila esperava com todo o coração que seus pais tivessem sobrevivido, mas não tinha como saber com certeza. Quando o Calor começou a surgir entre a população, ela estava preocupada, consumida com a preparação para o que deveria ser sua grande oportunidade, uma audição para um piloto de televisão. É verdade que ela já teve outra — pausa — no ano anterior, com um piloto que não chegou a

CHRISTINE POPE

lugar algum, mas se convenceu de que seria esse, que um produtor em algum lugar teria que buscá-la, mesmo enquanto ela tinha que admitir que, no fundo, as piadas não eram tão engraçadas e os personagens não eram mais do que um clichê.

De qualquer forma, ela não estava prestando atenção às notícias e se banhou do computador, sabendo que precisava se concentrar na audição. E o calor se espalhou tão rapidamente que não houve tempo para se recuperar. Ou melhor, quando ela foi à audição e encontrou o estúdio fechado e ninguém lá, nem mesmo uma placa na porta, ela começou a perceber que era tarde demais. Ela ligou o rádio no carro e ouviu alertas para ficar em casa e ficar fora de contato com outras pessoas, soube que havia sido instituído um toque de recolher ao anoitecer. O medo a atingiu então, e ela pegou o telefone celular para ligar para os pais em Orange County, mas não conseguiu passar, não conseguiu nada, exceto um sinal rápido e ocupado. Em pânico, ela voltou para casa, pensando em pegar algumas coisas e depois

seguir para o sul... e foi quando ela viu seu primeiro djinn, andando pela rua do lado de fora do pequeno bangalô em Highland Park que dividira com sua colega de quarto Tracey.

Leila pensou por um segundo selvagem que eles deviam estar filmando um filme ou programa de TV em sua vizinhança, apesar de não ter recebido nenhum dos avisos habituais que geralmente precederam esse evento. Mas o que mais poderia ser quando um homem de aparência incrivelmente maçante, com roupas de aparência do Oriente Médio, andava pelo meio da rua em um subúrbio de Los Angeles?

A ilusão se manteve até os djinn encontrarem um de seus vizinhos, um homem mais velho que Leila conhecia à vista, mas cujo nome ela nunca havia aprendido. O homem parecia em pânico, corado de febre. Ele foi até o djinn em seu delírio, provavelmente tentando pedir ajuda.

O fogo havia queimado nas pontas dos dedos dos djinns e, um segundo depois, o vizinho de Leila se

fora, um cadáver carbonizado e enegrecido, deitado onde ele estivera apenas um momento antes. Um grito surgiu em sua garganta, mas ela bateu as mãos na boca, ficou quieta enquanto o djinn continuava seu progresso lento e proposital pela rua. E então, tremendo, ela pegou o telefone, com a intenção de ligar para o 9-1-1.

Mas tudo o que ouviu foi o mesmo sinal de ocupado, dizendo que o iPhone em que gastara tanto dinheiro agora era basicamente inútil. Com os dedos trêmulos, ela enfiou o telefone na bolsa, depois foi na ponta dos pés para o quarto e rapidamente saiu da saia e blusa que estava usando, usando jeans, camiseta e seu par favorito de tênis. Ela ainda não sabia o que diabos estava acontecendo, mas sabia que era melhor não encarar isso enquanto usava uma saia curta e um par de sapatos de salto alto.

Ainda tremendo, ela escapuliu pelo quintal e entrou no beco além. Algum instinto havia lhe dito que tentar pegar seu carro a tornaria um alvo óbvio, que ela precisava se ater aos becos, pátios e ruas

laterais até conseguir descobrir o que estava acontecendo.

Ela estava correndo desde então. O que mais ela poderia fazer?

Estava muito escuro aqui atrás, apenas um pouco da luz do dia da frente da loja atingindo o corredor apenas para funcionários. Leila estendeu a mão para sentir a parede, colocando a superfície sólida e tranquilizadora sob as pontas dos dedos e guiando-a para a porta dos fundos. Ela estendeu a mão, deixou os dedos deslizarem até encontrar a maçaneta da porta. Pelo menos com a eletricidade desligada, ela não precisava se preocupar em acionar nenhum alarme.

A luz do dia entrou quando ela abriu uma fresta da porta e espiou. Sim, havia o beco que ela esperava, cheio de lixeiras que nunca seriam esvaziadas, uma pequena brisa soprando várias páginas de um jornal descartado ociosamente ao longo da calçada com um som fantasmagórico que fazia o cabelo se arrepiar nas

costas do pescoço dela. O cheiro de lixo podre pairava no ar, apenas mais um dos fantasmas de Los Angeles.

Ainda assim, o lugar parecia deserto. No meio do beco havia um Ford Explorer abandonado, estacionado em um ângulo estranho. Sem dúvida, se olhasse para dentro, veria os restos do dono do SUV em uma pilha arrumada no banco do motorista. Infelizmente, por mais tentador que parecesse o veículo, Leila sabia que não podia aguentar. No minuto em que o motor ligava - se ele desse a partida, considerando que já estava ali há mais de dois meses - todos os djinns da região desceriam de uma só vez.

Ela abriu a porta apenas o suficiente para entrar no beco e depois fechou-a silenciosamente atrás dela. Uma rápida olhada ao redor disse que ela ainda estava sozinha. De lá, onde estava, era difícil se orientar, mas ela pensou que, se fosse para a esquerda, deveria seguir para o oeste, que era a direção que queria seguir. Depois de perder o último de seus companheiros, ela não sabia o que fazer, mas achou que parecia melhor ir ao centro da cidade,

tentar se perder no labirinto das ruas de Los Angeles. Tinha que haver centenas de esconderijos viáveis lá.

Para estar segura, ela olhou para cima, mas o céu estava limpo, muito mais claro do que teria sido se todos os habitantes da cidade ainda estivessem vivos, sufocando as ruas e estradas com seus carros. Nesta semana, os ventos quentes e secos de Santa Ana haviam soprado, tornando-o muito mais quente do que deveria estar em meados de novembro, mesmo no sul da Califórnia. Porém, nenhum incêndio graças a Deus; Leila supunha que, com todas as pessoas desaparecidas, havia muito menos maneiras de começar um incêndio - sem faíscas perdidas de um cortador de grama ou de um motor saindo pela culatra, sem pontas de cigarro jogadas descuidadamente nas janelas dos carros.

De qualquer forma, ela não viu nenhum sinal do djinn, aqui no beco ou no céu acima dela, e então ela decidiu que era seguro o suficiente descer à esquerda, onde avistou uma rua cheia de veículos mais abandonados. Mesmo que não fosse pelo djinn, ela

ainda não sabia se roubar um carro funcionaria; tantas ruas estavam tão cheias de carros que não seriam aceitáveis de qualquer maneira. Talvez uma moto pudesse ter chegado, mas ela não sabia dirigir. Andar a pé era infinitamente mais fácil e seguro.

Quando ela chegou ao fim do beco, ela parou novamente, olhando para cima e para baixo da rua. O único movimento que ela viu foi dois pombos andando pela calçada. O que eles estavam procurando nesses dias, Leila não fazia ideia, mas pareciam gordos e felizes o suficiente, e não se preocupavam com ela.

Hora de ir.

Ela foi para a rua, abraçando a parede da loja ao lado dela e desejando que houvesse um toldo ou algum outro tipo de saliência, só para não se sentir tão exposta. Como não havia, tudo o que ela podia fazer era se apressar para a frente, seus pés a levando cada vez mais perto do centro a cada passo. Ela não conhecia a área de cor, mas sabia que, se pudesse passar pela Main Street, poderia segui-la pela área

semi-industrial do lado oeste da 5 Freeway até o centro da cidade. Seria lento, mas havia prédios e armazéns suficientes entre aqui e seu destino que ela deveria poder se esconder de vez em quando, sempre que ela começava a se sentir excêntrica.

Uma sombra passou por cima, muito grande para ser um pombo. Leila olhou para cima e viu o djinn descendo do nada, a seda cobalto de suas roupas flutuando na brisa, silenciosa como a morte.

O terror que explodiu em seu peito era tão intenso que ela nem teve tempo de proferir uma maldição. Em vez disso, ela saiu correndo, mesmo quando seu intestino lhe disse que não havia como fugir dele agora, não quando ele estava tão perto.

Mas ela teve que experimentar.

Uma explosão de velocidade levou-a à abertura de outro beco, e ela ziguezagueou lá embaixo, rezando para que fosse suficiente uma finta para jogá-lo fora, mas sabendo que não. Seu coração batia forte e sua respiração era rápida e apavorada, mas seus pés ainda se moviam, batendo na calçada, uma explosão

de velocidade que a levou mais cem metros para o beco.

Agora ela ouviu passos atrás dela, um passo forte e decidido que ecoou nas paredes dos prédios de ambos os lados quando as botas dele tocaram o asfalto. Ela não se atreveu a ficar atrás dela, porém, não se atreveu a fazer nada que pudesse atrasá-la.

Uma parede estava vindo em sua direção. Leila respirou fundo e olhou de um lado para o outro. Não, isso não foi possível. O beco não poderia ser um beco sem saída. Tinha que se ramificar para um lado ou outro. Mas quando ela se aproximou daquela parede, com suas marcas de grafite angular e manchas de fezes de pombos, ela percebeu que o beco de fato terminava aqui. Não havia escapatória, não havia saída.

Rígida de terror, ela se forçou a virar. Suas mãos se fecharam em punhos, unhas quebradas cravando em suas mãos.

O djinn estava parado diante dela. A mesma brisa que havia enviado o jornal pelo beco antes agora

pegou em suas vestes, fazendo-as ondular suavemente. Tão perto, Leila pôde ver a fronteira do tecido entrelaçada, brilhava ao sol da tarde, brilhando como os braceletes de ouro que sua avó havia contrabandeado em suas roupas quando ela escapou do Irã depois que o xá caiu.

Um passo mais perto, depois outro. Os pesados cabelos escuros do djinn também se agitaram na brisa, tocando suas maçãs do rosto finas e largas, fazendo com que uma mecha caísse sobre sua testa.

Agora a parede estava atrás dela, o bloco de concreto áspero parecendo morder a camiseta que ela usava. Embora o dia estivesse quente o suficiente, ela pensou que nunca tinha estado tão frio, seu corpo inteiro preso em uma espécie de terror congelado.

Ele parou a um pé dela, olhos negros como carvão examinando toda a pessoa, de cima para baixo e de volta, até que ele parou e segurou o olhar dela por um longo momento.

Um tremor passou por ela. Teria sido melhor ou pior se ele não fosse tão incrivelmente bonito? Não era

realmente justo um destruidor de mundos parecer um modelo masculino.

Então ele falou. Sua voz era profunda, mas suave, com um leve sotaque que ela não conseguia identificar. — Por que, — ele perguntou, — você está com tanto medo?

Inglês perfeito. Leila não sabia por que não esperava isso. Ela engoliu em seco, com a garganta tão seca e apertada que não tinha certeza de que conseguiria forçar as palavras. Ela respondeu, as sílabas não muito mais que um sussurro: — Porque você vai me matar.

Seus olhos se arregalaram um pouco, as sobrancelhas pesadas e retas se erguendo de surpresa. — Matar você? Por que você acha isso?.

Apesar de seu terror, ela não pôde deixar de experimentar uma agitação de aborrecimento. Ele estava mexendo com ela? Tentando embalá-la com palavras gentis, quando os dois sabiam exatamente como essa pequena cena iria terminar? Outro gole, e

ela disse: — Oh, eu não sei. Porque seu povo está matando o meu nos últimos dois meses?.

O djinn franziu a testa. — Sim, alguns deles têm. Mas eu não sou um daqueles que perseguiram os remanescentes da humanidade. Tenho planos muito melhores para você, Leila Donovan.

Ele sabia o nome dela. Como diabos ele sabia o nome dela? Talvez os djinn fossem oniscientes, mas ela não achava que essa era a razão. Caso contrário, ele a teria encontrado com muito mais facilidade do que isso... a menos que ele estivesse brincando com ela o tempo todo.

Os punhos dela se apertaram com mais força, a rugosidade de suas unhas esfarrapadas mordendo as palmas das mãos. — Que tipo de planos?.

Muito gentilmente, ele estendeu a mão e abriu as mãos dela. Seus dedos eram quentes e fortes, possivelmente mais quentes do que os de um homem normal, e embora seu toque fosse leve o suficiente, Leila podia sentir o poder enrolado nele. Ela queria se

afastar, mas se manteve imóvel, imaginando o que ele poderia fazer se ela tentasse lutar.

Para seu alívio, ele a soltou um momento depois. Esse alívio durou pouco, no entanto, porque em vez de se afastar, ele se aproximou ainda mais e segurou o rosto dela em suas mãos. Sua respiração ficou presa, e ela desejou mais do que nunca poder fugir dele, fugir antes que ele fizesse qualquer outra coisa. Um leve cheiro de sândalo veio de suas roupas, ou possivelmente de seus cabelos. Ela podia ver a barba escura em suas bochechas e queixo, os cílios longos e pesados que emolduravam seus olhos negros.

— Você não tem nada a temer, Leila Donovan,— disse ele, inclinando-se e pressionando a boca contra a dela.

Isso não estava acontecendo. Como isso pode estar acontecendo? Um djinn... beijando-a? Ela queria se livrar do abraço dele, mas descobriu que de alguma forma não podia. Um calor quente estava subindo dentro dela, um que ela não queria reconhecer, mas era impossível ignorar.

Desejo.

Não. Ela não poderia querer ele. Ele era um djinn. Ele era um assassino, não importa o que ele poderia ter dito a ela um momento antes. Ele estava pervertido o suficiente para ter prazer em namorar suas vítimas antes de matá-las?

Esse pensamento foi suficiente para ela se recuperar, afastar-se dele tão subitamente que suas mãos mantiveram o ar vazio por um momento. Então ele pareceu registrar o que estava acontecendo, viu como ela estava pronta para fugir.

— Acho que não,— disse ele.

Uma mão estendeu e a segurou pelo braço, e a próxima coisa que ela soube, ela estava sendo puxada para perto dele, foi pressionada contra os músculos pesados de seu peito nu. Ela começou a lutar em seu aperto, mas era tarde demais. A escuridão se fechou ao redor deles e o beco se foi.

Malik Al-Mazin esperava que Leila lutasse. Como ela não pôde, quando passou as últimas semanas assistindo como todos ao seu redor foram mortos um por um? Claramente, ela não acreditou nele quando ele lhe disse que não queria lhe fazer mal, e ele não podia culpá-la por isso. Eles precisavam conversar, mas haviam lugares muito melhores para essa discussão do que um beco sombrio, que fedia à garagem que apodrecia ali desde o fim do mundo.

Eles reapareceram na casa que ele havia tomado por conta própria, a que dava para a ampla extensão do Oceano Pacífico. O som das ondas lá embaixo ecoava na casa, reconfortante para ele, pois ele era um elementar da água, e sua presença lhe dava força.

No entanto, Leila parecia longe de ser acalmada. Assim que o solo sólido descansou sob seus pés mais uma vez, ela se afastou de suas mãos e deu alguns passos para longe dele, olhando em volta para seu novo ambiente com uma mistura de choque e consternação.

— O que?— ela começou, depois balançou a cabeça. Alguns fios de cabelo sujos, soltos no rabo de cavalo que ela usava na nuca, caíram em volta do rosto. — O que é este lugar?.

— Minha casa,— disse ele com facilidade. Sua casa por enquanto, de qualquer forma. Ele sabia que não teria permissão para ficar aqui indefinidamente, não quando os outros da sua espécie já tivessem feito da área que os humanos chamavam — Bel-Air— sua casa aqui na terra. Mas ele solicitou que ele tivesse algum tempo a sós com Leila enquanto ela chegava a um acordo com sua nova vida, e os mais velhos haviam concordado. Só até a virada do ano, no entanto, o que significava que ele tinha pouco mais de um mês para fazê-la entender que sua sobrevivência dependia de se tornar seu parceiro na eternidade.

Ele pensara que um mês seria mais que suficiente. Olhando para Leila agora, no entanto, e lembrando como ela conseguiu resistir ao glamour

que ele tentou lançar nela, Malik se perguntou se um mês seria suficiente, afinal.

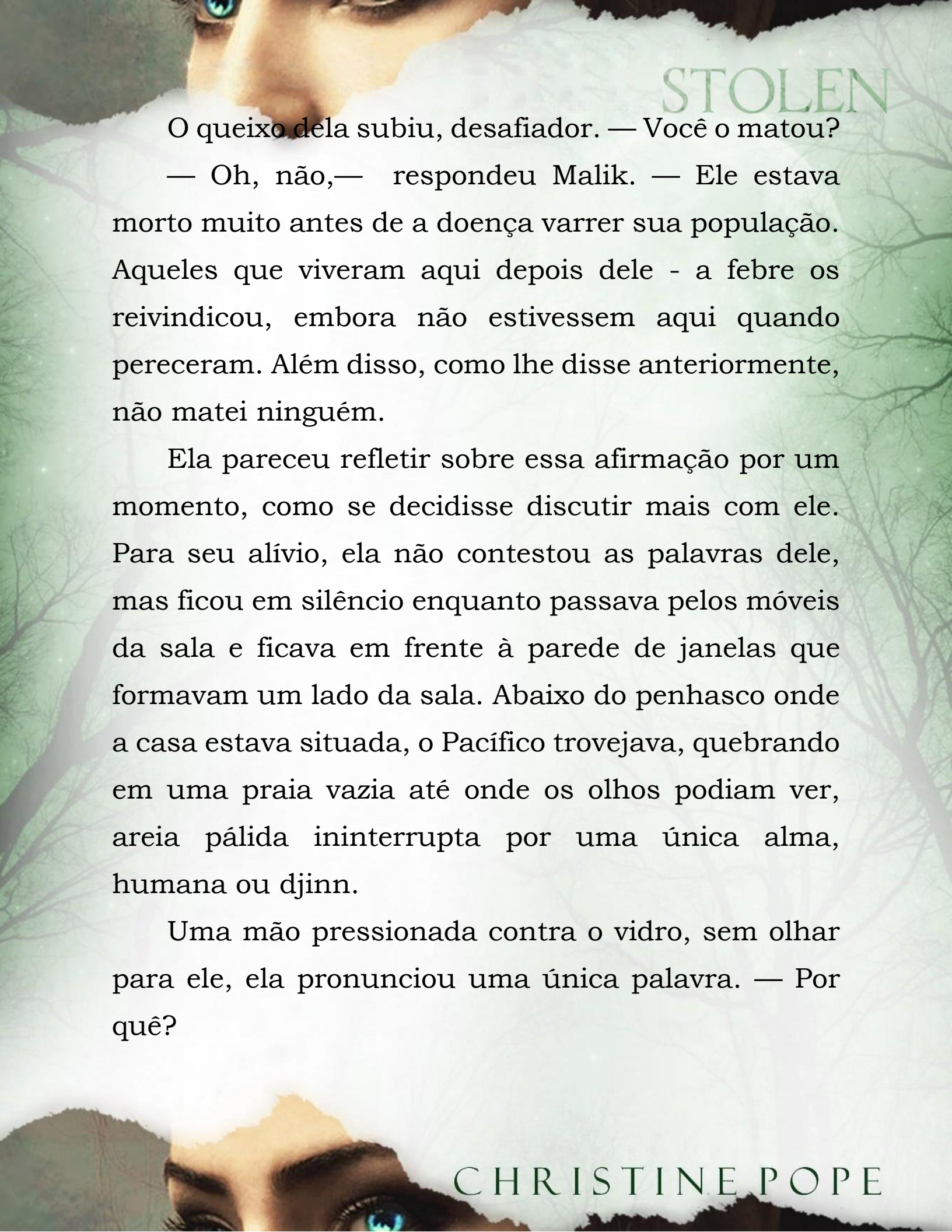
— Sua casa,— ela repetiu, olhando novamente, ainda com aquela expressão cautelosa nos olhos azuis escuros, a mesma tensão em todos os membros, fazendo-a parecer um animal selvagem pronto para fugir.

Infelizmente para ela, não havia lugar para onde ela pudesse ir e conseguir evitá-lo.

— Sim,— ele ajuda.

— Parece uma casa humana comum,— ela retornou. — Ou pelo menos, uma casa humana comum das *donas de casa reais de Beverly Hills*. Mas você é um djinn.

Malik não sabia quem seriam essas — verdadeiras donas de casa,— embora ele assumisse que deviam ser personagens de um livro, revista ou programa de televisão. — É uma casa humana,— ele admitiu. — Acredito que foi construído para alguém que estava na televisão do seu povo, embora eu não me lembro do nome dele, mas é meu agora.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a white, torn-paper-like border. The woman has dark hair and striking blue eyes. The background behind her face is a lush green, with silhouettes of trees and foliage. The word "STOLEN" is written in a large, green, serif font in the upper right corner.

STOLEN

O queixo dela subiu, desafiador. — Você o matou?

— Oh, não,— respondeu Malik. — Ele estava morto muito antes de a doença varrer sua população. Aqueles que viveram aqui depois dele - a febre os reivindicou, embora não estivessem aqui quando pereceram. Além disso, como lhe disse anteriormente, não matei ninguém.

Ela pareceu refletir sobre essa afirmação por um momento, como se decidisse discutir mais com ele. Para seu alívio, ela não contestou as palavras dele, mas ficou em silêncio enquanto passava pelos móveis da sala e ficava em frente à parede de janelas que formavam um lado da sala. Abaixo do penhasco onde a casa estava situada, o Pacífico trovejava, quebrando em uma praia vazia até onde os olhos podiam ver, areia pálida ininterrupta por uma única alma, humana ou djinn.

Uma mão pressionada contra o vidro, sem olhar para ele, ela pronunciou uma única palavra. — Por quê?

CHRISTINE POPE

Deveria saber que ela lhe perguntaria isso, e pretendia contar a verdade, ou pelo menos a quantidade que julgasse necessária. No entanto, ele também sabia que ela precisava de um pouco de tempo para se recuperar da vida que vivera nos últimos meses. Eles teriam muito tempo para conversar.

— Isso é... uma longa história,— respondeu ele.
— Vamos conversar e compartilhar um pouco de comida, mas primeiro, talvez você queira tomar banho?.

Uma vez que ela se virou da janela, toda a tensão mais uma vez. Ele praticamente podia sentir o cheiro da adrenalina correndo por suas veias. Ou talvez o que ele cheirasse fosse algo completamente diferente; apesar de toda a sua beleza, ela era bastante desleixada, manchas de sujeira no rosto, cabelos e corpo precisando muito de lavagem. Malik não a culparia por sua condição atual, uma vez que ela vivia uma existência que não permitia a delicadeza dos banhos quentes e as trocas regulares de roupa, mas

agora que ela estava aqui, não havia desculpa para sua aparência suja e desarrumada.

— Você não precisa me temer,— disse ele com facilidade. — Eu vou ficar longe enquanto você toma banho e muda.

— Mudar para quê?— Torcendo a boca, ela continuou. — Devo ter deixado minha bagagem no Ritz-Carlton.

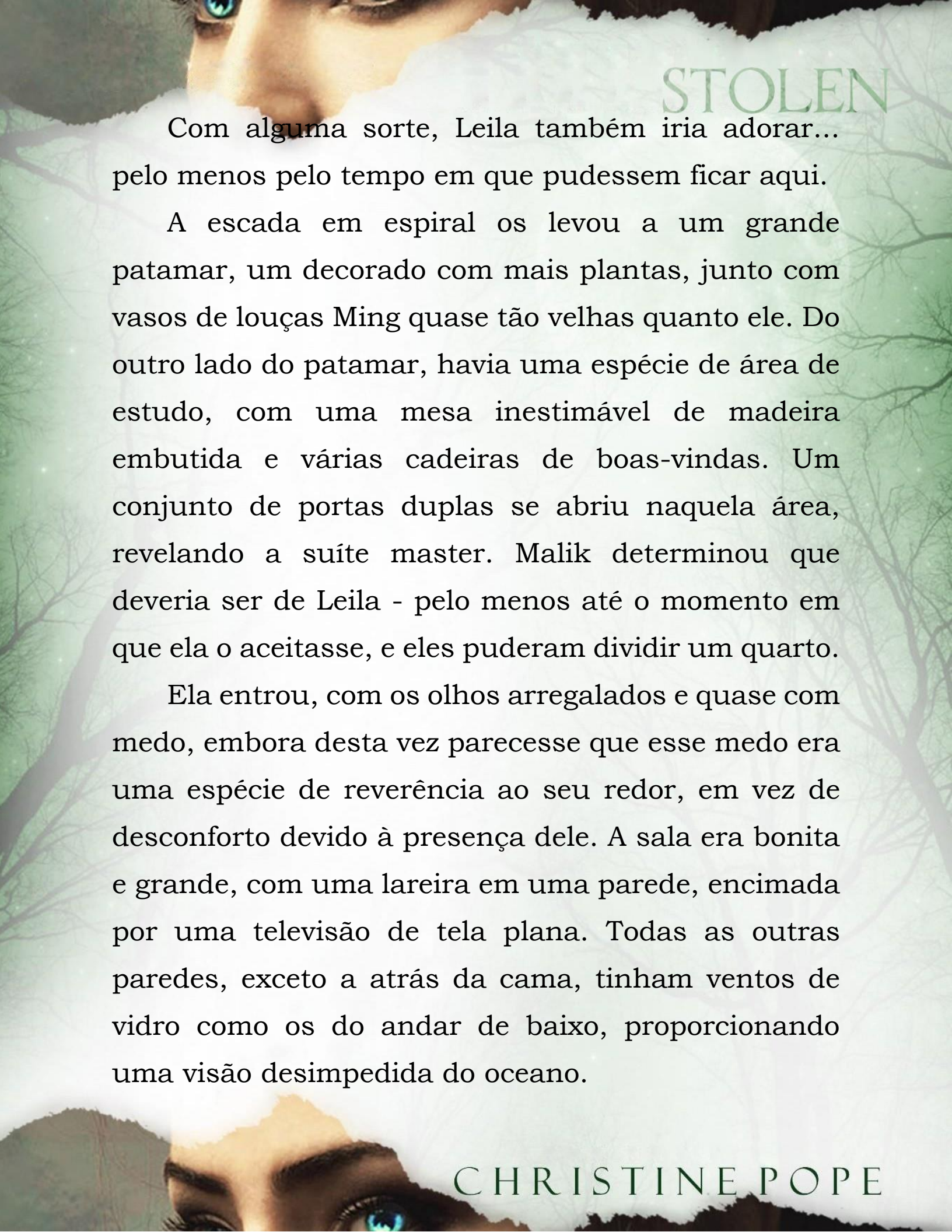
Ele assumiu que ela estava fazendo uma piada. Voz calma, ele respondeu: — As coisas serão providenciadas para você.

— E eu devo confiar em você?— ela perguntou com uma risada curta e amarga.

— Sim. Acredite em mim— - acrescentou ele, enquanto a delicada mandíbula dela endurecia -, — se eu quisesse lhe causar algum tipo de dano, não há nada que você possa ter feito para me impedir.— Os olhos dela brilharam com súbito alarme, e ele disse em seus tons mais suaves: — Por favor... deixe-me mostrar-lhe o seu quarto.

Por um momento, ela permaneceu na janela, claramente relutante em acreditar no que ele tinha a dizer, não querendo ir a algum lugar onde ele pudesse encurralá-la. Mas parecia que sua necessidade de se purificar anulou sua cautela, pois após essa hesitação inicial, ela pareceu encolher os ombros e depois veio em sua direção, embora ele notasse como ela ficava fora do alcance do braço.

Ele não falou, apenas se virou e foi em direção à graciosa escada em espiral que levava ao segundo andar da casa. Leila seguiu alguns passos atrás, ainda em silêncio, embora ele tivesse notado o modo como os olhos dela disparavam dessa maneira e que, observando os detalhes da casa, o átrio interno com as árvores que chegavam a seis metros ou mais para quase tocar o teto, o murmúrio silencioso da fonte quase escondido pela folhagem luxuriante que a cercava. De fato, ele escolheu essa casa porque tinha água por dentro e por fora, tornando o espaço mais acolhedor para ele do que qualquer outra casa que ele havia inspecionado.



STOLEN

Com alguma sorte, Leila também iria adorar... pelo menos pelo tempo em que pudessem ficar aqui.

A escada em espiral os levou a um grande patamar, um decorado com mais plantas, junto com vasos de louças Ming quase tão velhas quanto ele. Do outro lado do patamar, havia uma espécie de área de estudo, com uma mesa inestimável de madeira embutida e várias cadeiras de boas-vindas. Um conjunto de portas duplas se abriu naquela área, revelando a suíte master. Malik determinou que deveria ser de Leila - pelo menos até o momento em que ela o aceitasse, e eles puderam dividir um quarto.

Ela entrou, com os olhos arregalados e quase com medo, embora desta vez parecesse que esse medo era uma espécie de reverência ao seu redor, em vez de desconforto devido à presença dele. A sala era bonita e grande, com uma lareira em uma parede, encimada por uma televisão de tela plana. Todas as outras paredes, exceto a atrás da cama, tinham ventos de vidro como os do andar de baixo, proporcionando uma visão desimpedida do oceano.

CHRISTINE POPE

— Eu...— ela se virou para ele. — Você não pode esperar que eu fique aqui.—

— Há algo de errado com este quarto?— ele perguntou, dando uma olhada rápida nos arredores. Tanto quanto ele podia dizer, tudo parecia estar em ordem. A casa estava muito limpa quando ele assumiu o controle - ele não sabia onde estavam seus donos quando os Djinn mal atacaram, mas aparentemente eles não estavam em casa - e era simples usar suas habilidades de djinn para passar rapidamente, afastar qualquer poeira perdida que possa assentar ao longo do tempo.

— Não, não há nada errado com isso, mas...— Mais uma vez ela parou, depois cruzou os braços e desviou o olhar dele. Voz mal acima de um murmúrio, ela disse: — Esta situação é impossível.—

— Não vejo nada impossível nisso,— ele retornou calmamente. — Este é o seu quarto agora. Você está segura, mesmo que pareça pouco disposta a acreditar em mim. No banheiro, você encontrará todos os artigos de higiene necessários e, no armário, há uma

variedade de roupas para escolher. Você pode me encontrar lá em baixo quando terminar.

Depois de fornecer essas informações, ele fez uma ligeira reverência, depois se retirou e fechou as portas do quarto atrás dele.

Ao descer a escada, ele se perguntou como seria necessário para superar seu choque antes que ela começasse a explorar sua nova suíte.

Ela estava sonhando? Isso tinha que ser um sonho. De que outra forma ela poderia explicar seu entorno? Essa casa era tão opulenta que Leila sabia que não tinha visto nada parecido fora das páginas de uma das revistas de estilo de vida que sua mãe costumava deixar em casa.

Mas quando ela foi até a cama e tocou suavemente o edredom de seda que o cobria, o tecido macio parecia real o suficiente contra as pontas dos dedos. O mesmo para a mesa de cabeceira de bordo e o controle remoto para a televisão que encontrou na primeira gaveta.

Isso foi real. Ela não sabia o que Malik queria dela, mas...

Oh, você sabe exatamente o que ele quer, ela disse a si mesma enquanto se dirigia ao banheiro. Por que mais ele teria beijado você lá atrás?

Boa pergunta. Talvez ele tivesse toda a intenção de estuprá-la, mas ele era muito meticuloso para tocá-la em sua condição imunda atual. Ela odiava viver assim, mas suas opções para tomar banho eram bastante limitadas. Por mais que ela odiasse deixar o pensamento passar por sua mente, ela não podia realmente culpar Malik por querer que ela tomasse banho; ela também não gostaria de tocá-la, se os papéis deles tivessem sido revistos.

Um calafrio a atravessou. Uma vez que ela estivesse apresentável, Malik tentaria forçar-se nela? Talvez fosse melhor permanecer um naufrágio imundo.

Não, Leila não podia permitir-se fazer isso. Por mais estranha que fosse a situação, a ideia de ficar

limpa, *realmente* limpa, pela primeira vez em quase dois meses, era algo que ela não podia ignorar.

O banheiro era tão elegante quanto o quarto, com balcões de mármore e piso, e um enorme chuveiro, uma banheira de hidromassagem em uma pequena área repleta de plantas para o lado, novamente com janelas ao redor que proporcionavam mais aquelas vistas de cair o queixo do Oceano Pacífico. Leila não tinha certeza de que gostava da ideia de se despir em um aquário, mas tentou se assegurar de que não havia ninguém que pudesse ver.

Ninguém, exceto Malik, é isso. Ela viu o modo como ele podia pairar no ar e supôs que ele poderia fazer a mesma coisa aqui para que ele pudesse dar uma espiada em seu corpo nu. Por alguma razão, porém, esse não parecia o tipo de manobra que ele apresentaria. O jeito dele com relação a ela tinha sido gentil, quase cortês, mas ela supôs que tudo isso poderia ter sido um ato para fazê-la baixar a guarda.

Houve muitas vezes nas últimas semanas em que ela pensou que mataria alegremente por um banho

quente. Será que ela realmente deixaria a possibilidade de um djinn espiando impedir que ela se limpasse pela primeira vez desde que o Calor varreu o mundo?

Bem, quando ela colocou dessa maneira....

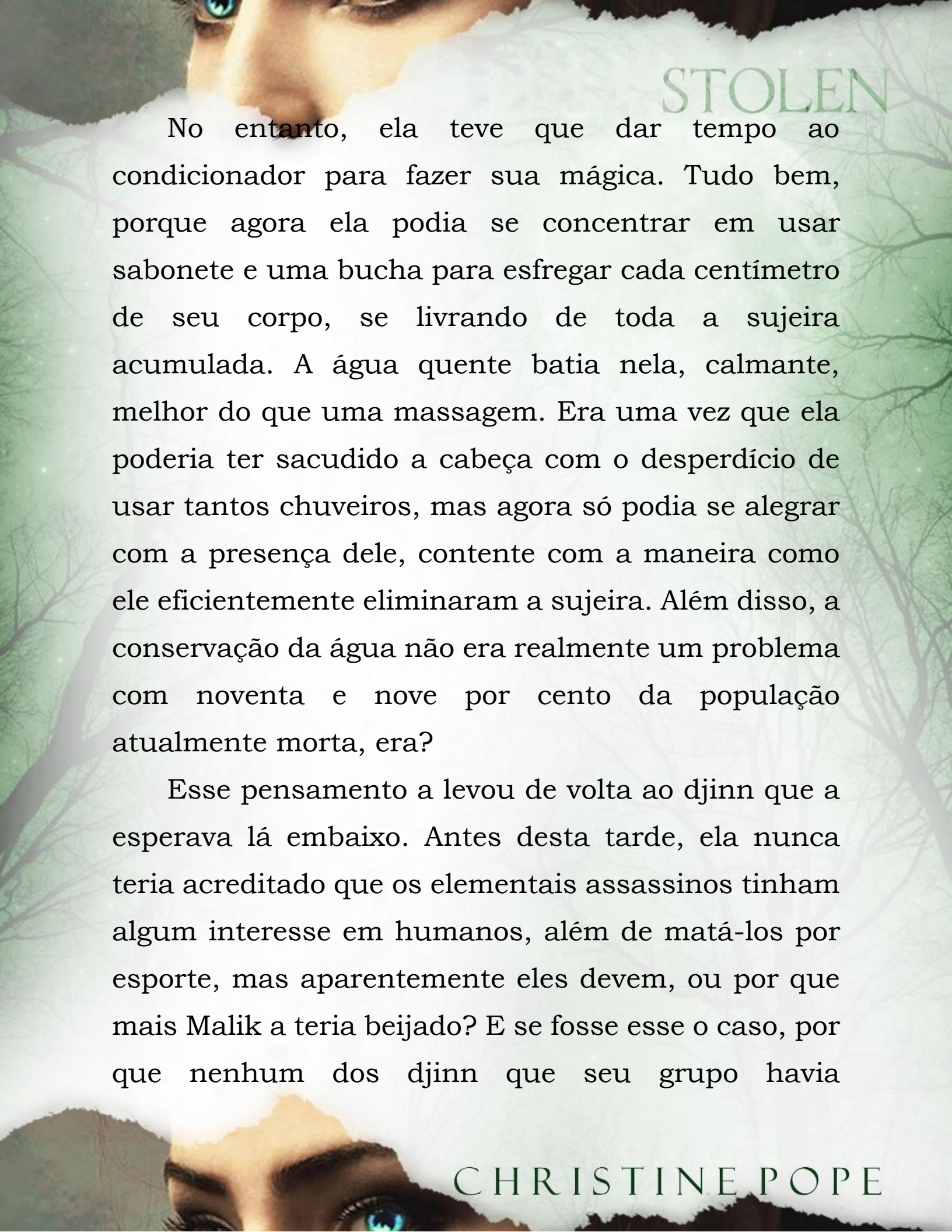
Uma porta em uma parede se abriu para um armário do tamanho de seu quarto no pequeno bangalô antes da Depressão que ela compartilhou com Tracey. As prateleiras do armário não estavam cheias, mas ainda possuíam uma impressionante coleção de roupas. Mais importante, havia uma túnica branca fofa pendurada em um gancho de um lado. Leila retirou-se rapidamente de suas roupas sujas e procurou um cesto, mas não o viu. Oh, bem, ela deixaria as roupas no chão por enquanto. Uma rápida inspeção das gavetas embutidas no armário revelou uma variedade de roupas íntimas, todas sedosas e novinhas em folha. Pelo menos Malik não estava esperando que ela assumisse o comando. Ela não queria pensar em como ele sabia o tamanho dela, porque isso indicava que ele a observava há algum

tempo. Essa percepção só fez uma sensação assustadora e rastejante percorrer suas costas, mesmo quando ela se perguntou por que ele a havia destacado entre os outros que conseguiram sobreviver ao calor.

Ela estava suja demais para querer vestir o roupão, mas segurou-o na frente dela enquanto se apressava para o banheiro, que era tão grande que tinha um banco embutido e bancos de chuveiros voltados para as paredes. Depois de dar uma rápida olhada nas janelas e se assegurar de que não havia nada lá fora, exceto algumas gaivotas, ela largou o roupão e entrou no chuveiro. Alguns toques nos controles, e uma abençoada onda de água quente emergiu dos chuveiros instalados nas paredes.

Como tudo isso funcionou, quando não havia eletricidade ou água corrente desde que o Calor reivindicou a maioria da população do mundo, Leila não sabia. Possivelmente Malik estava ligando de alguma forma. Talvez isso fosse algo que djinn pudesse fazer.

Djinn. Ela derramou um pouco do xampu de alta qualidade que encontrou em uma prateleira do chuveiro na palma da mão, depois o colocou no cabelo. Ah, isso foi bom. Era melhor pensar em como era agradável ficar limpa, ensaboar o cabelo não uma vez, nem duas, mas três vezes ao todo, lavando toda a sujeira que se acumulara nas últimas semanas, do que insistir no quebra-cabeça dos djinn que atualmente a mantinha cativa. Ela não queria pensar nisso. Melhor focar em como, desde que ela fugiu de casa, ela teve que soltar o cabelo até que não aguentou mais, e mesmo assim enxaguando com água fria e xampu de uma garrafa do tamanho de uma viagem ela carregou em sua mochila. No entanto, essa solução improvisada não era a mesma que ficar aqui e sentir a explosão de todos aqueles chuveiros lavar o resto da sujeira e óleo de seus longos cabelos escuros. Na verdade, era tão limpo que ela sabia que precisava acompanhar a condição, mas isso não era um problema, já que havia sido fornecido também.



STOLEN

No entanto, ela teve que dar tempo ao condicionador para fazer sua mágica. Tudo bem, porque agora ela podia se concentrar em usar sabonete e uma bucha para esfregar cada centímetro de seu corpo, se livrando de toda a sujeira acumulada. A água quente batia nela, calmante, melhor do que uma massagem. Era uma vez que ela poderia ter sacudido a cabeça com o desperdício de usar tantos chuveiros, mas agora só podia se alegrar com a presença dele, contente com a maneira como ele eficientemente eliminaram a sujeira. Além disso, a conservação da água não era realmente um problema com noventa e nove por cento da população atualmente morta, era?

Esse pensamento a levou de volta ao djinn que a esperava lá embaixo. Antes desta tarde, ela nunca teria acreditado que os elementais assassinos tinham algum interesse em humanos, além de matá-los por esporte, mas aparentemente eles devem, ou por que mais Malik a teria beijado? E se fosse esse o caso, por que nenhum dos djinn que seu grupo havia

CHRISTINE POPE

encontrado tentou agredir sexualmente as mulheres, em vez de matá-las completamente? Leila odiava pensar na situação em termos tão carecas, mas era uma pergunta que precisava ser feita.

Ela duvidava que tivesse coragem de questionar Malik sobre isso, no entanto. Normalmente, ela não tinha muita dificuldade em dizer o que pensava, mas um ser como Malik al-Mazin estava completamente fora de sua experiência. Ela não tinha ideia de como ele reagiria - a quase qualquer coisa, na verdade.

Por fim, seus cabelos estavam limpos e condicionados, seu corpo lavado e limpo. Com alguma relutância, ela desligou a água, saiu do chuveiro e imediatamente pegou algumas das grandes toalhas macias de cor creme que estavam ao alcance do braço. Uma vez que uma estava firmemente presa ao redor do corpo e a outra ao redor do cabelo, ela voltou ao armário e fechou a porta, depois ligou o candelabro de cristal pendurado no alto.

Brilhava como uma coroa de diamantes em miniatura, enviando pequenos brilhos ao redor da

câmara, dançando dos armários de cedro e espelho de corpo inteiro, emoldurado em dourado, pendurado em um lado do armário. Leila foi até as gavetas onde espiou a calcinha, tirou a toalha que vestia e vestiu um sutiã de seda rosa e calcinha de biquíni. Nenhuma calcinha de algodão simples aqui, isso era óbvio. Bem, se Malik estava esperando vê-la, ele ficaria muito decepcionado.

Sem jeans ou camiseta também. Após um momento de deliberação, Leila vestiu uma saia de seda vermelha esvoaçante com bordados dourados em uma larga faixa na parte inferior e um top de malha de cor creme com mangas na altura do cotovelo. O dia estava quente para meados de novembro, graças aos ventos de Santa Ana, e ela achava que não precisava de nada além disso, mesmo assim perto da costa. Algumas sandálias de ouro e um par de brincos dourados que ela encontrou em outra gaveta, um cheio de bugigangas tão extravagantes que certamente devem ser bijuterias... embora Leila temesse que não, que todas aquelas

pedras verdes, vermelhas e azuis não eram 'vidro', mas esmeraldas, ruínas e safiras.

Os brincos eram as únicas joias que ela usava, só porque ela sempre se sentia nua sem brincos. Então ela voltou para a área de vestir e secou os cabelos com uma toalha, trabalhando um pouco de soro que encontrou em uma gaveta na penteadeira.

Maquiagem? Leila hesitou enquanto olhava para o conteúdo de outra gaveta, está cheia de cosméticos caros, todos lacrados e novinhos em folha, do tipo que jurou que compraria um dia quando conseguisse o sonho de fazer parte de um filme ou série de TV e poderia finalmente, algo mais caro do que as coisas da farmácia. Agora, no entanto, o pensamento de brincar com a maquiagem não parecia tão atraente quanto antes. Em vez disso, ela passou um pouco de rímel e brilho labial de cores quentes e ignorou o blush, a sombra e o delineador. Quem ela estava tentando impressionar, afinal? Não era como se ela estivesse indo para uma audição.

Exceto... talvez ela estivesse. Talvez essa coisa toda fosse algum tipo de teste estranho, para ver se Malik realmente a queria, afinal. Não, isso não poderia estar certo. Ele a beijou, mesmo quando ela estava suja e fedorenta, com cabelos oleosos puxado para trás em um rabo de cavalo demasiado apertado.

Um formigamento estranho a atravessou ao pensar naquele beijo. Ela não poderia ter gostado, e agora a memória a deixava toda corada e com os braços abertos, querendo mais.

Talvez você esteja enlouquecendo, pensou ela, saindo do banheiro, depois atravessando o quarto e descendo as escadas. *Toda a tensão finalmente fez você estalar.*

Essa era realmente uma noção mais reconfortante de tentar acreditar que ela queria Malik de alguma forma.

Para sua surpresa, ela não o viu quando chegou ao térreo. Ela assumiu que ele a estaria esperando na sala de estar, embora ela tivesse que admitir que a casa era vasta, e ela tinha visto apenas uma pequena

parte dela. Ele poderia estar em outra ala completamente, embora ela não soubesse por que ele brincaria com ela e a forçaria a procurá-lo, a menos que através de algum djinn perverso precisasse mostrar seu domínio.

Mas então ela percebeu que uma brisa suave, levemente perfumada com sal, soprava através da sala. Uma das janelas não era uma janela, mas uma porta francesa que se abria para uma passarela de tijolos. Ficou entreaberta, deixando entrar a brisa do mar. Leila saiu pela porta, parando para admirar a cachoeira do lado de fora, que mergulhava em uma grande piscina igualmente grande. Carpas nadavam despreocupadamente pela água, lampejos de cobre e branco e ouro pálido.

A brisa estava mais forte agora, soprando em seus cabelos úmidos. Ela correu pelo caminho, saindo da sombra da casa, para que o sol pudesse tocá-la, aquecê-la. Agora estava caindo em direção ao oeste, embora ainda houvesse algumas horas pela frente antes de tudo começar.

Uma grande piscina brilhava verde azulado diante dela. Ao redor, havia uma grande área pavimentada de tijolos, com um agrupamento ostensivamente grande demais de móveis de pátio para um lado, obviamente destinado a acomodar festeiros ao ar livre. Não havia ninguém aqui agora, e todo o lugar parecia um tanto abandonado.

Leila parou junto à piscina e olhou em volta, ainda sem ver sinal de Malik. Mas um caminho menor se afastava de um lado da piscina, e ela o seguiu, subindo gentilmente, e depois para um aconchegante pátio de laje sob uma árvore que se espalhava, cercada por plantas e flores. No meio do pátio havia uma pequena mesa redonda com uma garrafa de vinho branco protegida por um refrigerador de metal prateado. Um par de óculos estava ao lado dele.

Em pé ao lado da mesa estava Malik. Suas ricas vestes de seda azul ondulavam na brisa, a borda dourada brilhando mais do que nunca ao sol. Ele estava olhando para longe dela, seu olhar aparentemente fixo no oceano e em seu horizonte

vazio, mas assim que ela começou a se aproximar, ele se virou, um sorriso mostrando seus dentes brancos.

— Leila,— disse ele. — Eu pensei que você poderia gostar de um refresco.

Quanto tempo se passou desde que ela tomou um copo de vinho? Mais que um mês; não que ela não bebesse álcool depois que o Calor destruiu o mundo, porque às vezes ela precisava de algo para atenuar a dor de sua existência atual. Infelizmente, as garrafas de vinho não eram tão práticas de transportar durante o apocalipse. Ela se contentou com uma cantina plana de Jack Daniels, que forneceu o chute necessário em um beliscão, mas ainda tinha gosto de bunda para ela. O vinho seria a fonte dos deuses depois desse intestino.

Por outro lado, tudo o que ela havia comido hoje era uma barra de proteínas oito horas antes. É verdade que ela aprendera a viver com sua fome, ignorá-la da melhor maneira que podia, mas ainda estava lá, à espreita. Ela sabia que provavelmente não

era possível recusar a oferta de vinho do djinn, mas teria que ter cuidado. Apenas pequenos goles.

— Claro,— disse ela cautelosamente, e esperou alguns passos enquanto ele pegava a garrafa e despejava um pouco de vinho pálido cor de palha em um dos copos. Ele a estendeu para ela, e ela não teve escolha a não ser se aproximar para poder tirá-lo dele. Os dedos dele roçaram os dela e ela estremeceu, mesmo que esse toque fosse quente o suficiente.

Se ele notou a reação dela, ele aparentemente optou por não dizer nada sobre isso. Ele apenas derramou seu próprio copo e disse: — Você está muito bem.

— Acho que é isso que acontece quando você lava a terra de seis semanas.

Um flash daquele sorriso branco. Seus dentes eram perfeitos, mas perfeitos de uma maneira natural. Eles não tinham aquele visual nada formal e despojado que você tem com implantes. E, passando a maior parte de seu tempo com atores e outras pessoas do setor, ou com os clientes endinheirados do

restaurante caro onde ela trabalhara antes, Leila viu sua parte da melhor odontologia estética que ela poderia oferecer.

— Isso deve ter sido difícil para você,— disse ele.

Difícil? Ele estava brincando? Para mascarar sua raiva, Leila levou a taça de vinho aos lábios e tomou um pequeno gole. Um gole *muito* pequeno, embora ela preferisse um chafurdar saudável. — Qual parte?— ela perguntou, sua voz clara, fria. — Ver todo mundo morrer ao meu redor, ou passar a maior parte de dois meses como um animal caçado, nunca tendo o suficiente para comer, nunca tendo a chance de tomar banho, sempre preocupada que uma lesão, uma doença, seria a coisa que terminaria comigo e isso permitiu que um de vocês, djinn, finalmente me alcançasse?

Para seu crédito, Malik estremeceu um pouco. Ele bebeu um pouco de seu vinho também, uma andorinha visivelmente maior que a que ela havia tomado. — Estou muito triste por você ter passado por isso. Não era minha intenção que você passasse

tanto tempo,— como um animal caçado,— para usar suas palavras. Mas você foi tão esperta em fugir da perseguição, tão boa em se esconder, que era impossível para mim achar você até hoje.

— Você está dizendo que eu estaria melhor se me permitisse ser pega?— Leila perguntou, sem se preocupar em esconder a descrença em seu tom.

— Sim,— Malik respondeu seus olhos escuros encontrando os dela de uma maneira direta que ela não esperava. — Porque eu nunca te machucaria e qualquer outro djinn sabia que te deixaria em paz. Você nunca se perguntou por que você era a única do seu grupo a sobreviver?.

É claro que ela se perguntava que, toda vez que um deles era derrubado por um djinn, até que finalmente ela era a única. Com uma compreensão sombria, ela olhou para ele, para as características regulares e bonitas, características que pareciam as de um homem, mas que ela sabia que não eram. — Você... você estava me protegendo o tempo todo?— E, novamente, ela perguntou à pergunta que dissera

pela primeira vez na sala de estar dessa enorme e elaborada casa. — Por quê?

Ele hesitou, depois pousou o copo na superfície de granito da mesa ao lado dele. — Talvez você deva se sentar.

Leila não queria se sentar. Ela queria fugir muito, muito longe deste lugar, daquele homem desumanamente bonito que agora a observava com cautela e, possivelmente, com um pouco de arrependimento. Mas porque sabia que isso não era possível, ela se sentou e cruzou as mãos na mesa. — Tudo bem, estou sentada. Você vai me dizer agora por que estava me protegendo, em vez de me matar do jeito que seu povo tem o resto da humanidade?.

— Nem todos vocês,— disse ele, e um sorriso enigmático tocou seus lábios. — Alguns poucos permanecem, aqueles que foram escolhidos.

Ela já podia ver a letra maiúscula que ele deu a palavra, o que significa que deve ter algum significado especial para ele, para o resto dos djinn. — Escolhido para quê?.

Ele não respondeu imediatamente, mas pegou sua taça de vinho e tomou um gole novamente. — Escolhido para ser mantido segura, como você tem sido. Escolhido para estar conosco.

Um fio frio percorreu sua espinha, mesmo que o sol batesse neles com calor o suficiente. — Eu não entendo,— disse ela, apesar de temer.

Pelo jeito que uma sobrancelha se ergueu enquanto a olhava calmamente, ele aparentemente viu que ela adivinhou a verdade. — Nós não poderíamos salvar todos vocês. Daqueles que eram imunes, escolhemos aqueles que seriam nossos parceiros daqui para frente.

— Então você me escolheu para o sua... parceira.

— Sim.

Leila pegou o vinho e engoliu muito dele. De repente azedo, ficou preso no fundo de sua garganta e a fez tossir. — Por que você não pôde salvar todo mundo? Se você é tão poderoso quanto eu acho que é, deve ter havido algo que você poderia ter feito. O calor....

Malik levantou a mão. — Você me entende mal, Leila. O djinn causou o calor, como você chama a doença que levou tantos. Aos seus olhos, era hora de o mundo ser purificado, de ser devolvido a eles. Mas não importa o quão mortal seja a doença, sempre haverá pessoas que serão imunes a ela. Foi assim que selecionamos nossos Escolhidos.

O horror que a envolveu enquanto ela estava sentada, olhando para o seu raptor djinn, era tão grande que Leila não sabia se poderia forçar seus membros trêmulos a se moverem. Mas ela precisava. Ela teve que se mudar. De que outra forma ela poderia fugir desse monstro?

De alguma forma, ela se forçou a ficar de pé. Malik levantou-se também, observando-a com olhos escuros preocupados. — Leila, você deve entender. Eu....

— Eu não preciso entender nada!— ela atirou nele. — Vocês... vocês são *assassinos*, todos vocês. Maníacos genocidas. Eu pensei que era ruim antes, mas....

— Leila. —

A voz dele estava implorando, mas ela não queria ouvir mais nada do que ele tinha a dizer. Mesmo sabendo que esse voo devia ser fútil, ela se virou e correu, sandálias batendo na passarela de tijolos. A cada passo, esperava ver a sombra dele pairando sobre ela, ou fazê-lo aparecer no caminho à sua frente, bloqueando seu caminho.

Mas ele não fez nada disso. Ela foi autorizada a entrar na casa, subir as escadas, fugir para o quarto que lhe fora dado e trancar a porta. Aquela fechadura frágil não teria escondido um humano determinado, muito menos um djinn, mas a porta permaneceu fechada. Malik não veio para explicar. Ele não bateu.

Parecia que ele estava contente em deixá-la sozinha com sua fúria e tristeza.

TRÊS

O vinho estava azedo em sua língua, mas Malik fez-se terminar o que havia derramado no copo, principalmente porque, ao fazê-lo, evitou correr atrás de Leila. Então, porque ele não queria que o lixo fosse desperdiçado - e porque sua espécie tinha uma capacidade muito maior de álcool do que os humanos - ele se serviu mais da garrafa aberta de chardonnay, apesar de não tocar no copo de Leila. O vinho que ela deixara para trás teria que ser jogado fora.

Ele sentou e observou as cores variáveis das ondas. Longe da costa, ele viu o brilho das costas lisas e cinza-prateadas, saltando para fora da água. Golfinhos, alegres como sempre. Talvez ainda mais agora que suas águas não seriam mais poluídas pelo esgoto dos navios de pesca ou pelos vazamentos das torres de petróleo da costa. Ele não sabia ao certo, porque seu povo, por todos os seus talentos, não tinha o dom de falar com os animais.

Infelizmente, ele era muito menos alegre do que os golfinhos. A reação de Leila não foi completamente

inesperada, e, no entanto, ele esperava, em seu coração, que ela pudesse ficar o tempo suficiente para ouvir toda a história, aprender como nem todos os djinn eram genocidas e assassinos pensou, muitos, é verdade, mas definitivamente não são todos.

Ele lembrou como seu povo se reuniu diante do palácio dos anciãos, sob os céus estranhos e instáveis do outro mundo, o local de exílio dos djinns quando a terra lhes foi tirada há tantos milênios e entregue aos homens para governar... e arruinar. Os argumentos surgiram de um lado para o outro, até que Ibram, o mais velho dos anciãos, levantou a mão e disse: — Ouvimos todos os seus argumentos. O mundo será nosso novamente, por meio da doença que foi forjada aqui e agora apenas espera ser liberada. Mas para aqueles que não veriam a humanidade perecer, temos uma pequena solução. Daqueles a quem a doença não toca - porque sabemos que haverá alguns -, cada um escolherá um para salvar, um mortal, que será seu parceiro por toda a eternidade. Escolha sabiamente, porém, pois esses mortais compartilharão sua longa

vida, terão a mesma saúde e beleza intermináveis. E para aqueles de vocês que não estão entre os milhares que desejam ver a humanidade sobreviver, você tem liberdade para caçar os sobreviventes que não são escolhidos. Mas— - continuou Ibram, dirigindo um olhar severo e sombrio para os mais sanguinários da multidão -, — se você levantar a mão contra qualquer Escolhido, sua vida será perdida. Este é o mundo dos anciãos, e não será ganho.

Houve quem resmungasse com essas restrições, mas Malik não estava entre eles. De fato, seu próprio coração estava perturbado, pois, embora ele não concordasse completamente com a destruição total da espécie humana, ele também não sabia se tinha coragem de tomar um mortal como seu e ser forçado a compartilhar o resto de sua vida. vida com ela.

Até ver Leila Donovan, a escolha de Omar al-Tariq.

Sim, ela era linda. Mas a beleza dela não era o que o atraía para ela... nem de início, pelo menos. O mundo tinha muitas mulheres bonitas, mesmo entre

as que seriam imunes. Não, assim que soube que Omar al-Tariq havia escolhido seu parceiro por toda a eternidade, Malik ficou perturbado. Ele temia que al-Tariq fosse motivado muito mais por um desejo de infligir dor e sofrimento do que por uma necessidade de proteger um dos poucos espécimes imunológicos da humanidade. Essa preocupação não veio apenas da aversão aos outros djinn, mas, ao contrário, foi baseada em histórias que alguns dos amantes anteriores de Malik haviam contado a ele, revelando que aqueles que haviam se tornado íntimos de Omar sempre pareciam sofrer algum tipo de desgosto, pelo prazer dele, não veio do ato físico do amor. Não, ele parecia preferir brincar com seus pensamentos, esperanças e desejos, brincando com eles, fazendo acreditar que os amava quando decididamente não o amava.

A irmã de Malik, Fátima, havia flertado brevemente com Omar al-Tariq, mas, graças a Deus, o relacionamento não prosseguiu muito antes que Fátima tomasse as medidas de al-Tariq e encerrasse

a ligação. Foi por causa dessa história passada que Malik procurou sua irmã mais velha em busca de aconselhamento, depois de saber quem al-Tariq pretendia para o escolhido.

— Ele deve ser parado,— dissera Malik, e Fátima apenas balançou a cabeça.

— Parado como?— ela perguntou. Ela estava no processo de fechar seu palácio no outro mundo, pois também havia escolhido um humano para ser seu parceiro. De fato, Fátima logo seria a líder da comunidade djinn naquele lugar chamada Los Angeles, já que seu humano veio dessa área e também residia lá, para tornar a situação não tão estranha para o homem que ela havia escolhido. — Malik, este não é o tipo de coisa em que os anciãos intercederão. Eles tomaram suas decisões e determinaram como esse nosso novo mundo será executado, mas nunca foi sua prática interferir na vida individual de nosso povo.

Isso não era mais do que a verdade, mas Malik achou que devia haver alguma maneira de impedir

Omar al-Tariq de tomar Leila Donovan como sua. Ela pode ser apenas uma humana, mas ela certamente merece mais do que isso.

Aparentemente, notando sua agitação interna, Fátima colocou a mão no braço do irmão e disse: — Se você deseja salvar esta mulher, deve reivindicá-la como sua. É o único caminho.

Malik respondeu: — E se eu fizer isso, al-Tariq tem o direito de me desafiar pela afronta.

— Verdade,— respondeu Fátima. — Mas eu conheço você, irmão. Sua força é certamente igual à de Omar al-Tariq. Suponho que depende de quanto você acredita que ele irá prejudicar essa mulher.

— Você estava envolvida com ele. Você deveria saber.

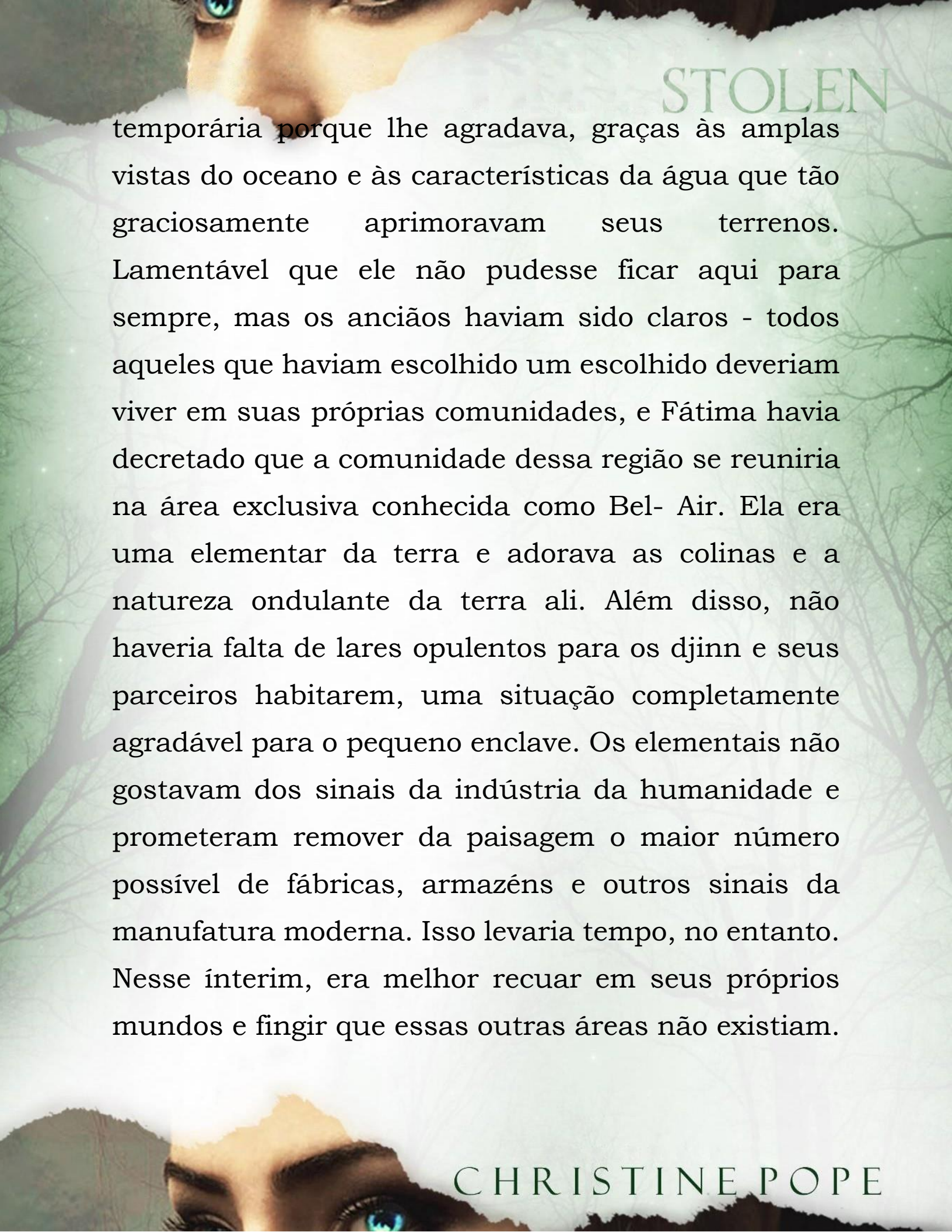
O leve meio sorriso que Fátima usava abruptamente desapareceu. — Sim, eu sei,— disse ela, seu tom firme, quase controlado demais. — Caso contrário, eu não estaria encorajando você a desafiá-lo por isso e alguns que diriam que não deve importar, que se ela é salva, ela deveria ser grata a sua vida foi

poupada, não importa o que a natureza do seu salvador. Mas duvido que você acredite nisso.

— Não,— Malik dissera. — Eu não acredito nisso.

Ele achava que naquele momento havia decidido salvar Leila de Omar, não importava o que acontecesse. Quando ele fez seus desejos conhecidos, é claro que al-Tariq se ofendeu. Mas, como ele era um valentão e, como todos os valentões, um covarde de coração, ele declarou em voz alta que tinha decidido não reivindicar uma Escolhida, que uma mulher humana insípida nunca poderia começar a se comparar com uma mulher djinn, e que ele achava que seria um esporte muito melhor ajudar a perseguir aqueles imunes que não foram escolhidos e, portanto, pôr um fim aos seres odiados de uma vez por todas.

Aí estava o problema, e embora Malik se preocupasse um pouco com o fato de Omar poder interferir quando chegasse a hora de tornar Leila sua, ele não tinha permitido que essa preocupação interrompesse seus planos. Depois que o Calor fez seu trabalho, ele assumiu a casa como sua casa

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a white, torn-paper-like border. The woman has dark hair and striking blue eyes. The background behind her is a lush green forest with bare tree branches, suggesting a magical or natural setting. The word "STOLEN" is written in a large, green, serif font in the upper right corner.

STOLEN

temporária porque lhe agradava, graças às amplas vistas do oceano e às características da água que tão graciosamente aprimoravam seus terrenos. Lamentável que ele não pudesse ficar aqui para sempre, mas os anciãos haviam sido claros - todos aqueles que haviam escolhido um escolhido deveriam viver em suas próprias comunidades, e Fátima havia decretado que a comunidade dessa região se reuniria na área exclusiva conhecida como Bel- Air. Ela era uma elementar da terra e adorava as colinas e a natureza ondulante da terra ali. Além disso, não haveria falta de lares opulentos para os djinn e seus parceiros habitarem, uma situação completamente agradável para o pequeno enclave. Os elementais não gostavam dos sinais da indústria da humanidade e prometeram remover da paisagem o maior número possível de fábricas, armazéns e outros sinais da manufatura moderna. Isso levaria tempo, no entanto. Nesse ínterim, era melhor recuar em seus próprios mundos e fingir que essas outras áreas não existiam.

CHRISTINE POPE

Agora, porém... Malik olhou em direção à casa e se permitiu um suspiro. A pequena gruta onde ele estava sentado deveria ter lhe proporcionado uma vista de uma das janelas do quarto de Leila, mas uma árvore infelizmente colocada interrompeu essa visão, para que ele não pudesse ver nada dela. Ele foi capaz de ver a presença dela, porém, sabia que ela não havia tentado fugir completamente da propriedade. Se ela tivesse tentado uma coisa dessas, não teria ido muito longe e talvez tivesse percebido que qualquer voo seria inútil. Talvez fosse por isso que ela se retirara para o único santuário que lhe era permitido.

Por mais que ele quisesse subir e falar com ela, Malik sabia que ela precisava desse tempo para reunir seus pensamentos. Tinha que ter sido um golpe, perceber que os djinn eram a causa de toda essa dor e sofrimento. A doença havia sido planejada para matar de maneira rápida e limpa, mas ainda fazia com que os afetados ardessem com uma febre terrível e caíssem em delírio. Aqueles que sobreviveram só puderam esperar e assistir, pois não havia cura, nada

que pudesse ser feito para interromper o progresso da doença.

Leila tinha sido forçada a testemunhar alguém por quem ela morrera de doença? Malik não podia ter certeza; ele a observava por mais de um ano antes que o mundo mudasse e, portanto, sabia que ela morava a uma boa distância de sua família imediata e tendia a visitá-la apenas em ocasiões especiais, feriados e aniversários. Provavelmente, não teria havido tempo para ela voltar para casa enquanto o Calor estava furioso. Mas ela teve uma colega de quarto. O problema era que ele não tinha certeza. Ele fez o possível para estar perto dela, para que pudesse vir buscá-la quando finalmente chegasse a hora do acerto de contas, mas ela se provara astuciosamente, escapara da modesta casa onde morava sem ser vista. E assim começou a perseguição, que durou meses, enquanto sua esperança diminuía e ele temia que nunca a alcançasse.

Por fim, porém, ele pegou um sinal revelador da presença dela, a encontrou naquele beco imundo,

magra, de olhos arregalados e suja. Ele não se importou. Ele só ficou aliviado por nenhum dos outros djinn a ter encontrado, machucado. Sim, os anciãos haviam dito que aqueles que levantassem a mão contra um Escolhido enfrentariam seu próprio castigo, mas Malik temia que ele e Leila tivessem andado uma linha tênue por lá, pois enquanto ele revelava suas intenções ao universo, ele era não fisicamente com ela, nem em nenhuma posição para oferecer a ela qualquer proteção verdadeira.

Agora, porém ... agora ela estava segura.

Como ela estava linda ao sair para o jardim, a brisa do mar soprando pelos cabelos longos e ondulados, os mesmos ventos brincando com sua saia de seda e fazendo com que os fios dourados ao longo de sua bainha brilhavam à luz do sol. Fátima havia ajudado a selecionar as roupas para o novo guarda-roupa de Leila, escolhendo roupas de estilo humano feitas com tecidos que pareciam as roupas dos djinns, certificando-se de que tudo seria lisonjeiro e se encaixaria corretamente.

— Muito mais divertido do que juntar as roupas para o meu próprio escolhido,— ela disse rindo quando Malik tentou agradecê-la. — Para as roupas usadas pelos homens nesta região e desta vez não foi muito interessante. E se ela não é grata por essas roupas, não deve ter nenhum tipo de olho para a beleza em suas roupas.

Ele não podia comentar sobre essa observação em particular, porque durante os meses em que a observara antes do calor varrer o mundo, ele só prestara atenção à própria Leila - os grandes olhos de um azul escuro surpreendente, o arco gracioso de suas sobrancelhas, a promessa succulenta de sua boca cheia. O que ela usava não tinha sido de grande importância, embora ele tenha notado que ela fora forçada a usar o mesmo uniforme simples quando ia trabalhar, com calças escuras severamente cortadas e uma camisa branca igualmente severa que ainda não podia esconder bastante as curvas de seu corpo.

Não há mais necessidade de uniforme. Agora ela tinha roupas que realçariam sua beleza, em vez de tentar camuflá-la.

Se, é claro, ela permitiria que ele a visse usando qualquer uma dessas roupas. Ele ficou ali sentado a maior parte de uma hora, contemplando o mar, o sol e o vento, e ainda não havia sinal de que ela desejasse sair do quarto.

Bem, ele poderia se dar ao luxo de ser paciente. Afinal, eles agora tinham a eternidade para brincar.

Leila sentou na cama e se esforçou para respirar, lenta e cuidadosamente. Assim que seus pensamentos começavam a desordenar novamente, circulando como cães perseguindo suas próprias caudas, ela se concentrava em sua respiração mais uma vez, fazia o possível para manter a calma. Era um truque de atenção plena que ela lera em um livro vários anos antes, e adotou o melhor que pôde, descobrindo que isso a ajudava a manter o foco antes de uma audição, a não deixar entrar em pânico e a

real urgência de aterrissar. uma parte decente atrapalha a leitura do roteiro. No passado, geralmente funcionava, mas nunca havia enfrentado uma situação como essa antes. Toda vez que ela pensava que controlava sua ansiedade, ela voltava rugindo mais uma vez.

Os djinn tinham feito... *tudo* isso. Todos mortos, o mundo inteiro mudou para sempre. Tudo bem, nem todos estavam mortos, mas tantos se foram que quase não importava se ainda houvesse algumas centenas ou alguns milhares de sobreviventes espalhados pelo mundo. Ela não tinha muita certeza dos números envolvidos, já que sua conversa com Malik não havia chegado aos mínimos detalhes. O fato condenatório permaneceu - o djinn se certificou de que a humanidade seria completamente exterminada, exceto por alguns poucos.

Por que ela não tinha ideia. Tudo bem, ela seria a primeira a admitir que a humanidade havia feito um bom trabalho ao se ferrar e ao planeta ao mesmo tempo, mas ela também sempre pensou que,

eventualmente, as coisas mudariam, que as pessoas começariam para fazer alterações para melhor.

Agora eles nunca teriam a chance de fazer essas mudanças.

Ela pensou em Tyrell naquele momento, em quão forte ele tinha sido em face de tantas perdas. Ele estava nominalmente encarregado do grupo de sobreviventes de Leila, provavelmente porque ele havia conseguido deixar seu próprio pânico para trás, para que pudesse se concentrar na sobrevivência de todos. Eles encontraram um raio de ondas curtas durante uma de suas expedições de forragem em Caltech, conseguiram fazer um breve contato com mais sobreviventes. Eles estavam em Los Alamos, Novo México, e o homem no rádio disse que ele era um cientista lá. Foi ele quem disse a Tyrell e ao resto do grupo que seus adversários, os seres ferozes e terríveis que pareciam ter a intenção de caçar todos os humanos que encontravam, eram na verdade djinn - imortal, poderoso, quase imparável.

O cientista tinha um plano para detê-los, no entanto. Ele inventou um dispositivo que de alguma forma repeliu o djinn, interferiu na energia deles. Ele até começou a transmitir as instruções sobre como criar esses dispositivos, e Allan, que era engenheiro de sistemas no JPL, disse que achava que poderia recriar um para o grupo aqui no sul da Califórnia. O cientista do rádio havia explicado como usar componentes comuns para fabricar o dispositivo - telas sensíveis ao toque de iPads e iPhones, fiação de equipamento estéreo - e todos esperavam que em breve tivessem o mesmo tipo de proteção que as pessoas em Los Alamos.

Essa esperança durou pouco, no entanto. Os djinn haviam pousado em Caltech logo depois disso, e o rádio de ondas curtas foi perdido durante o voo desesperado dos sobreviventes de seu santuário temporário. E depois todos foram mortos, um a um.

Exceto Leila. E agora ela sabia exatamente o porquê - porque Malik a escolheu para ser dele, e garantiu que nenhum dos outros djinn chegasse

perto o suficiente para machucá-la. Ela deveria estar agradecida por essa proteção? Ela não sabia mais o que deveria pensar ou como deveria se sentir.

Ela se levantou da cama e foi até a janela. Uma árvore bloqueou parte de sua visão, mas ela pensou ter visto um lampejo das vestes azuis brilhantes de Malik entre as folhas. Tanto quanto ela podia dizer, ele ainda estava sentado na pequena mesa redonda onde ela o deixara.

Por que ele não veio atrás dela? Certamente não se poderia esperar que um djinn entendesse o conceito de precisar de espaço?

Talvez ele tenha. Ela não sabia nada sobre o djinn, exceto o que ouvira nas histórias de sua avó Neda, e Malik não se encaixava em muitas dessas descrições, embora houvesse algumas histórias que descreviam o djinn como possuindo beleza desumana. Ele não era uma coisa do ar e da escuridão, fumaça escura, uma cobra ou um dragão. Ele parecia um homem comum.

Bem, não *tão* comum. Leila passava muito tempo com os atores, estava acostumada a ver alguns exemplares notáveis de beleza masculina andando casualmente pela rua, um café com leite em uma mão e um telefone celular na outra. Mas por mais lindos que fossem os atores e modelos de Los Angeles, ela sabia que Malik ainda teria se destacado entre eles. Como ele não podia, com aqueles abdominais perfeitos, aquela pele macia e tonificada, aquelas maçãs do rosto altas?

Tudo bem, ele era meio espetacular. Mas ele ainda era um assassino.

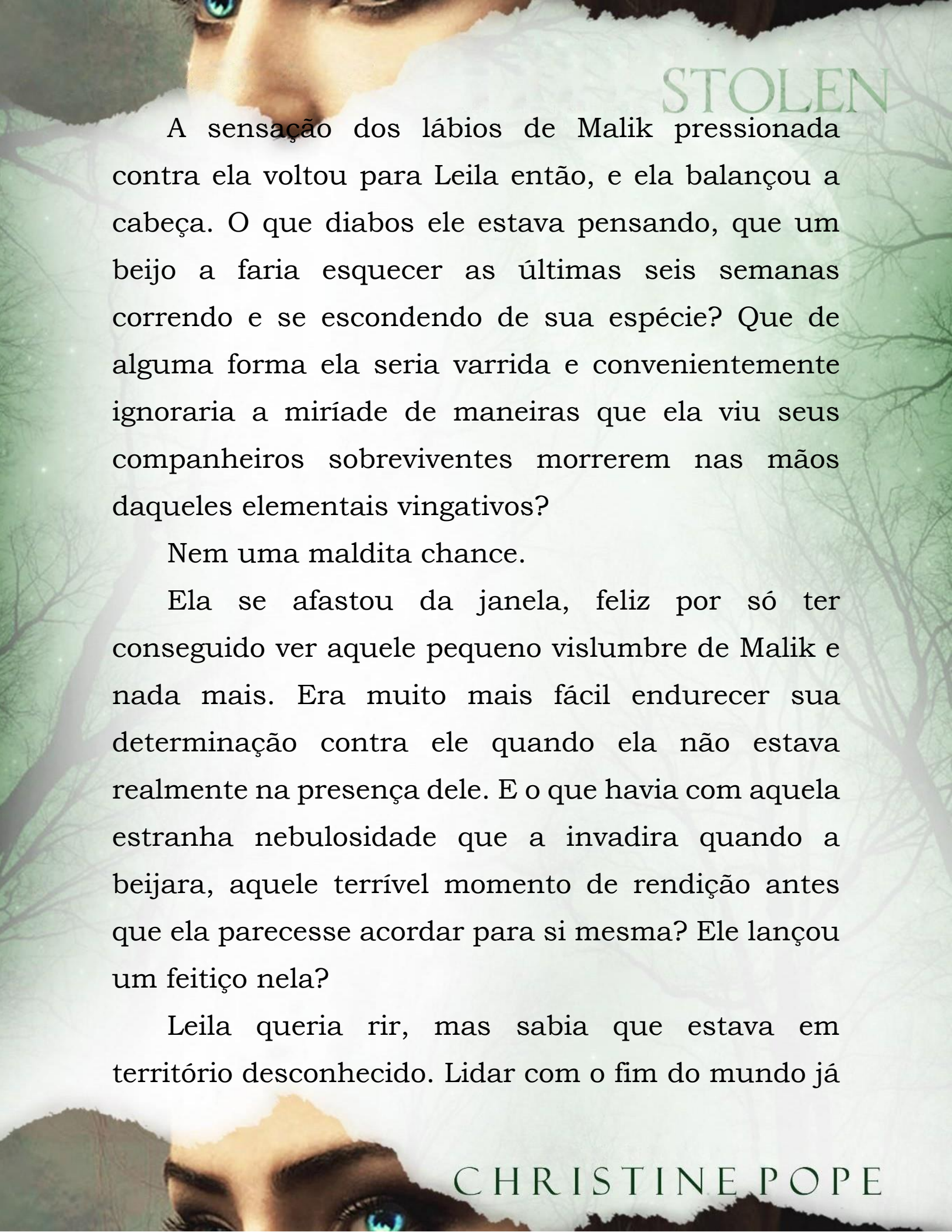
Ou... ele não era? Seus pensamentos estavam confusos novamente. Ele fez parecer que não tinha nada a ver com o Calor, ou com a terrível caça aos sobreviventes que havia começado assim que a doença terminou de queimar seu caminho na maior parte da população.

Então, novamente, ele só podia estar dizendo a ela o que ela queria ouvir. Os djinn deveriam ser trapaceiros, fazendo todo tipo de promessas que

nunca seriam cumpridas. Mas talvez suas personalidades tenham pouca semelhança com o que foi descrito naqueles contos folclóricos antigos, assim como sua aparência parecia ser marcadamente diferente.

Se ao menos seu grupo tivesse conseguido manter suas comunicações com os sobreviventes de Los Alamos por mais algum tempo. Leila não estava presente em todas essas conversas, mas não conseguia se lembrar do cientista no rádio dizendo nada sobre o djinn ser a causa do Calor. Ele estava mais focado em deixar o grupo de Los Angeles saber que eles não estavam sozinhos e que poderia haver uma maneira de combater os djinn. Tudo estava muito bem, mas suas palavras encorajadoras não as ajudaram muito a longo prazo. Ela esperava que o cientista tivesse sido bem sucedido, no entanto. Isso ajudou a saber que em algum lugar poderia haver um grupo de sobreviventes que não estavam na cama com o djinn.

Literalmente.



STOLEN

A sensação dos lábios de Malik pressionada contra ela voltou para Leila então, e ela balançou a cabeça. O que diabos ele estava pensando, que um beijo a faria esquecer as últimas seis semanas correndo e se escondendo de sua espécie? Que de alguma forma ela seria varrida e convenientemente ignoraria a miríade de maneiras que ela viu seus companheiros sobreviventes morrerem nas mãos daqueles elementais vingativos?

Nem uma maldita chance.

Ela se afastou da janela, feliz por só ter conseguido ver aquele pequeno vislumbre de Malik e nada mais. Era muito mais fácil endurecer sua determinação contra ele quando ela não estava realmente na presença dele. E o que havia com aquela estranha nebulosidade que a invadira quando a beijara, aquele terrível momento de rendição antes que ela parecesse acordar para si mesma? Ele lançou um feitiço nela?

Leila queria rir, mas sabia que estava em território desconhecido. Lidar com o fim do mundo já

CHRISTINE POPE

era ruim o suficiente. Agora ela deveria descobrir se o djinn poderia lançar feitiços?

Naquele momento, desejou mais do que tudo que pudesse ter a avó lá com ela. Neda pode ser capaz de explicar um pouco disso. Ela era uma mulher instruída, alguém que trabalhava como socióloga para o governo antes da queda do xá forçou ela e seu marido - e tantos outros como eles - a fugir pela América e pela liberdade. Mas, apesar de toda a sua educação, Neda também não havia esquecido os contos e histórias da pequena vila onde ela nascera. Ela pode ter sido capaz de oferecer algumas ideias sobre como lidar com djinn.

Infelizmente, Leila temia que Neda tivesse desaparecido, assim como todos os outros membros de sua família. Tyrell tinha falado em assistir sua esposa e filha morrerem, de ir verificar seus pais e encontrá-los também. Se a imunidade ao Calor fosse hereditária, você pensaria que, no Leste, outra pessoa da família deveria ter sobrevivido. Mas eles não tinham. Eles estavam todos mortos.

Lágrimas começaram em seus olhos, e Leila piscou para longe. Ela ficou muito boa nisso nos últimos meses infernais e meio - as lágrimas não resolveram nada, e de fato atrapalharam quando você estava correndo, se escondendo e tentando permanecer vivo. Não havia muito tempo para lamentar, ou mesmo para parar e pensar se ela tinha um motivo para lamentar. Lutar pela sobrevivência havia expulsado quase todos os outros interesses.

Agora parecia que ela teria muito tempo para lamentar, mas não se permitiria fazê-lo. Era grande demais pensar que seus pais, seu irmão Dylan e seu louco tio Amir, aquele com a casa cara em Newport Beac, mas sem meios visíveis de apoio, haviam desaparecido. Seus avós paternos e todos os tios, tias e primos em Boston que ela conhecera apenas uma vez, em uma reunião de família aos dezessete anos de idade. Cada um deles ... se foi.

Droga. As lágrimas ardiam quentes, não derramadas, nos olhos dela. Leila sabia que precisava de algo para se distrair, então foi ao armário e

realmente olhou em volta dessa vez, observando todos os tecidos lindos e sapatos caros. De onde tudo isso veio? Malik era como um gênio da lenda, alguém que podia apenas estalar os dedos e fazer qualquer coisa que desejasse aparecer?

Talvez ele simplesmente tivesse encontrado tudo isso em lojas e boutiques em Beverly Hills e o tenha pego aqui. As joias nas gavetas embutidas pareciam algo que você compraria na Bulgari, joias de ouro pesado e cabochão, definitivamente com um toque etrusco. Ela não via muito diamantes brilhantes ou platina, e se perguntava por sua falta, se tudo o que Malik fizera fora saquear um monte de joalherias sofisticadas. Mas talvez ele tenha pensado que as peças que selecionou foram melhores com as roupas que ele também forneceu.

Ela pegou um anel pesado com um grande rubi e experimentou. Encaixou bem o dedo médio da mão direita, mas depois de encará-lo por um momento, ela o tirou, segurando-o na palma da mão. A coisa não parecia certa quando contrastada com as unhas

quebradas e os arranhões e cicatrizes semicurados em seus dedos. Parecia que ela sempre fazia algo para levar uma surra; mais de uma vez ela ficou contente com seus tiros de tétano e preocupada com o que aconteceria quando eles acabassem ... não que ela realmente esperasse viver tanto tempo.

Uma batida na porta a fez assustar e largar o anel. Ele caiu na gaveta aberta, atingindo um conjunto de pingente com esmeraldas e safiras e fazendo um alto *tinido*. Leila ficou quieta, esperando que, se ficasse quieta, ele pudesse ir embora.

Porque é claro que tinha que ser Malik batendo na porta.

Mas então a batida veio novamente. Pelo menos ele estava batendo, em vez de implicar entrar - ou derrubar a porta completamente, embora ela não soubesse se ele teria chegado a esse extremo. Ele parecia quieto e bem falado, quase desconfiado, como se soubesse que situação era insana e não quisesse pressioná-la.

Pode muito bem ir ver o que ele queria.

Leila saiu do armário e foi abrir a porta. Como ela esperava, Malik ficou do lado de fora. O que ela não esperava era a bandeja de comida que ele segurava, quente o suficiente para formar vapor, trazendo um aroma tão delicioso que seu estômago deu um grunhido audível. O sangue correu para o rosto dela, mas o djinn pareceu não notar.

— Eu pensei que você poderia estar com fome,— disse ele.

— Fome— não começou a descrever sua condição atual, especialmente com aqueles cheiros saborosos enchendo suas narinas. Comida como ela não comia há meses, frango com especiarias com canela e arroz e legumes com açafrão e uma cesta de pão pita. Era um banquete que deixaria sua avó persa orgulhosa. De onde ele conseguiu isso? Ele cozinhou? A casa tinha energia, então talvez a comida tivesse sido mantida em um freezer o tempo todo, mesmo que parecesse fresca demais para isso.

— Eu poderia comer,— permitiu Leila. Mesmo enquanto falava, ela se preocupava com o que estava

se metendo. Talvez ele tenha drogado a comida, feito alguma coisa para fazê-la obedecer.

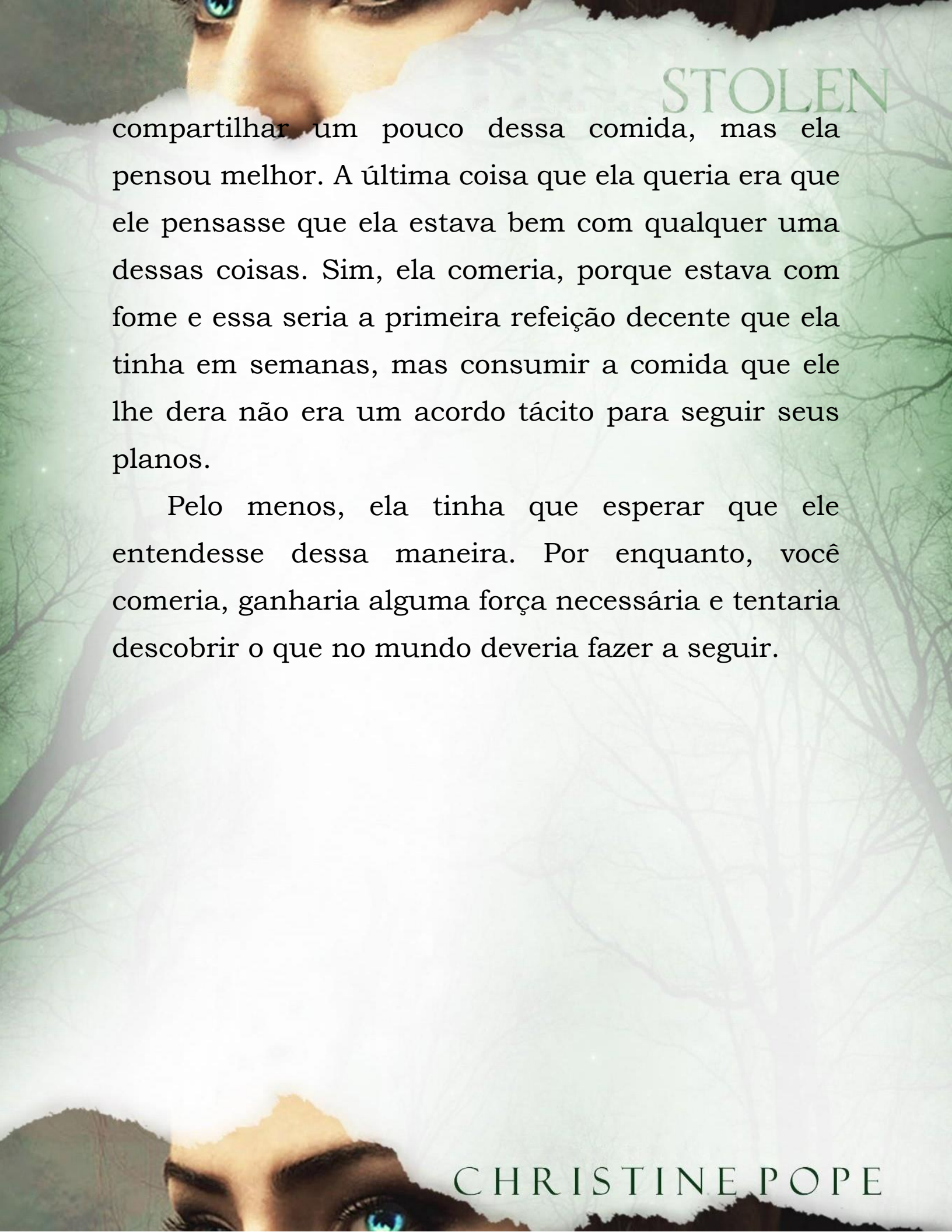
Enquanto ela respirava fundo e inalava aqueles maravilhosos aromas novamente, ela pensou que obediência pode não ser uma coisa tão ruim, se isso significasse um estômago cheio.

— Então pegue a bandeja e desfrute de tudo ,— disse ele, oferecendo-lhe o prato de comida.

Ela aceitou, sentindo a prata da bandeja esfriar contra as pontas dos dedos, e também se perguntando por que ele estava permitindo que ela comesse sozinha. Sim, estava claro que ele não queria se esforçar demais, pelo menos não imediatamente, e ainda assim ela pensou que em algum momento ele teria que fazer o que pudesse para torná-la sua Escolhida por atos, e não apenas por palavras.

Talvez sim. No momento, porém, ela achou melhor não fazer muitas perguntas. — Obrigado,— disse ela. — Isso cheira bem.

Ele inclinou a cabeça e se afastou. Por um breve momento, Leila pensou em chamá-lo para ficar, para



STOLEN

compartilhar um pouco dessa comida, mas ela pensou melhor. A última coisa que ela queria era que ele pensasse que ela estava bem com qualquer uma dessas coisas. Sim, ela comeria, porque estava com fome e essa seria a primeira refeição decente que ela tinha em semanas, mas consumir a comida que ele lhe dera não era um acordo tácito para seguir seus planos.

Pelo menos, ela tinha que esperar que ele entendesse dessa maneira. Por enquanto, você comeria, ganharia alguma força necessária e tentaria descobrir o que no mundo deveria fazer a seguir.

CHRISTINE POPE

QUATRO

Ele desejou poder ir visitar sua irmã e pedir-lhe conselhos sobre Leila, mas Malik sabia que não deveria deixar seu escolhido sozinho em casa. É verdade que até agora ela não fez nenhum movimento para escapar, mas o que aconteceria depois que ela percebesse que o djinn que a trouxe aqui se foi?

Por outro lado, não havia razão para que ele não pudesse pedir a Fátima que viesse para Malibu. Eles compartilharam um vínculo, irmã e irmão, e assim foi fácil chamá-la para ele.

Ela apareceu na sala alguns minutos depois, parecendo um pouco irritada. — Eu estava prestes a sentar para tomar uma bebida com Adam.

Adam sendo o escolhido dela, um homem de 25 anos que já havia seguido uma carreira de ator, muito parecido com Leila. Ou melhor, não muito parecido com Leila; enquanto a Escolhida de Malik se sustentava trabalhando em um restaurante enquanto esperava sua — pausa, — como ela costumava chamar, Adam parecia ter ganho seu sustento,

tornando-se um companheiro útil e encantador para qualquer número de ricas mulheres, algumas casadas, outras não. Malik não tinha certeza se aprovava esse comportamento oportunista, mas supôs que não era da sua conta. Pelo menos, as ligações anteriores de Adam haviam garantido sua utilidade para mulheres mais velhas ... e Fátima era muito, muito mais velha que seu Escolhido, mesmo que parecesse ter a mesma idade, que teria cerca de vinte anos.

— Sinto muito por ter interrompido você,— disse Malik, e de fato estava. Ele deveria ter parado para pensar que a tarde estava acabando e ao anoitecer era o tempo que os mortais nesta cidade costumavam se referir como — happy hour.— Não que djinn tivesse alguma necessidade de aderir a horários mortais, mas ele teve a impressão de que a maioria da comunidade em Bel-Air havia feito exatamente isso, simplesmente para facilitar a transição para seus parceiros. — Não parei para pensar. Eu esperava que você pudesse oferecer alguns conselhos.

— Sobre Leila, eu suponho,— disse Fátima, depois riu quando Malik levantou uma sobrancelha. — Caro irmão, a situação não era tão difícil de deduzir. É a hora do crepúsculo, e ainda não vejo sinal da sua Escolhida, nem taças de vinho, nada para mostrar que seu progresso com ela está avançando como você esperava.

— Ela está se mostrando um pouco... difícil,— ele admitiu.

— Claro que ela é.— Uma onda de uma mão graciosa e um par de copos e uma garrafa de vinho apareceram na mesa de café embutida na sala de estar. Fátima foi até lá e derramou vinho em cada uma das taças antes de entregar uma ao irmão. — O que você esperava? Não foi o que aconteceu com a maioria de nós, simplesmente indo ao nosso Escolhido e dizendo a eles quais seriam suas novas vidas - e lançando um pouco de glamour neles para facilitar a transição, se necessário. Estou surpresa que você não tenha tentado, Malik.

— Eu fiz,— disse ele. — Só um pouco - não para coagi-la, mas para suavizar seu medo. E, embora a princípio parecesse estar funcionando, o encantamento não durou. Ela resistiu.

Foi a vez de Fátima levantar as sobrancelhas. — Interessante. Não existem tantos mortais que resistam ao glamour de um djinn. Parece que você escolheu uma mulher singular.

Malik tinha pensado a mesma coisa - apenas nesse caso em particular, ele preferia que Leila não fosse tão especial. Teria sido muito mais fácil se ela fosse flexível, não tivesse tentado discutir com ele. Por outro lado, ele não queria um boneco mole como parceiro. Se Leila estava preparada para lutar com ele a cada passo do caminho, que assim seja. Sua teimosia agora só a faria se render mais tarde.

Se ela se rendesse. No momento, parecia mais que ela estava preparada para cavar e reforçar suas defesas.

Tudo o que ele pôde fazer foi encolher os ombros em resposta ao comentário de sua irmã. Fátima

continuou: — Você deve se lembrar que ela passou semanas se escondendo e correndo. Sem dúvida, ela viu seus companheiros mortos... e você e eu sabemos que essas mortes não teriam sido fáceis. A situação toda teria sido muito mais fácil se você tivesse conseguido levá-la imediatamente.

— O que eu tentei,— disse ele, as palavras abruptas. Fátima sabia tão bem quanto ele que não era por culpa dele que Leila fora tão ilusória.

— Eu sei,— ela respondeu, — então não há razão para levar esse tom comigo. O único conselho verdadeiro que posso lhe dar, irmão, é ser paciente. Logo ela verá que você não é nada como os djinn que enviaram o Calor ou que caçaram seus companheiros sobreviventes.

— Não posso ser infinitamente paciente, Fátima,— Malik apontou. — Os anciãos deram a todos nós apenas até a virada do ano para se estabelecer com os escolhidos nas comunidades que foram selecionadas para nós.

Para sua surpresa, os olhos de Fátima brilharam de tanto rir. — Quanto a isso, irmão - se você não puder fazer essa mulher se apaixonar por você nesse período de tempo, então saberei que há algo seriamente errado. Até lá, faça o seu melhor, mas também seja você mesmo. Ela logo descobrirá que foi escolhida por uma joia entre os djinn.

— E se ela não faz?— ele perguntou, um pouco irritado com o tom de luz que sua irmã havia adotado. Ele não tinha certeza de que ela apreciava a gravidade da situação.

A expressão de Fátima ficou séria. Ela empurrou as pulseiras de ouro em um braço com um leve ruído metálico e inclinou a cabeça para o lado, dando-lhe um olhar pensativo. — Bem, então, se ela não lhe oferecer seu amor... você sempre pode dizer a verdade. Talvez isso mude de ideia.

A verdade? Leila se afastou da beira do patamar do lado de fora do quarto e entrou silenciosamente na ponta dos pés, depois fechou a porta. A bandeja de

comida que Malik lhe dera ainda estava sentada na pequena mesa perto da janela onde ela a deixara. Provavelmente já era morno a essa altura, mas no segundo em que ouviu vozes surgindo de algum lugar no andar de baixo, ela abandonou o jantar, apesar de ter dado apenas algumas mordidas deliciosas, e foi procurar o que podia ouvir.

Para espionar, para ser perfeitamente franca mas Leila não sentiu constrangimento em ouvir a conversa de Malik. Ela só conseguiu vislumbrar seu convidado, uma mulher surpreendentemente bonita, com cabelos pretos tão longos que provavelmente poderia se sentar neles. Mesmo esse pequeno vislumbre foi suficiente para enviar uma facada completamente ridícula de ciúme através dela - até que ela percebeu, em um momento ou dois, ao ouvi-los falar que a mulher não era um amante de djinn que Malik havia convocado para substituí-la porque ele já estava cansado dela resistindo a ele, mas sua própria irmã.

E parecia que ele ligou para a djinn aqui para pedir conselhos. De certa forma, era meio adorável

que um ser tão forte, senhor e exteriormente seguro de si quanto Malik procurasse sua irmã para pedir conselhos sobre sua vida amorosa. Não houve nada em sua conversa para disparar muitos alarmes - bem, exceto um pouco sobre o — glamour,— que Leila supôs que fosse algum tipo de feitiço - até que eles chegaram ao fim. Quando a irmã de Malik - Fátima, se ela pegou o nome corretamente - fez esse comentário sobre — a verdade,— Malik havia se tornado completamente subjugado. Sua irmã havia entendido a sugestão e não o empurrou para prosseguir com o assunto, e então ela saiu logo depois, mas claramente havia algo importante em que eles estavam dançando.

O que era aquilo, Leila não podia começar a adivinhar. Ela certamente não podia perguntar a Malik. Se ele não estava aberto a discutir um assunto com sua própria irmã, ela duvidava muito que ele estivesse disposto a conversar com ele sobre isso.

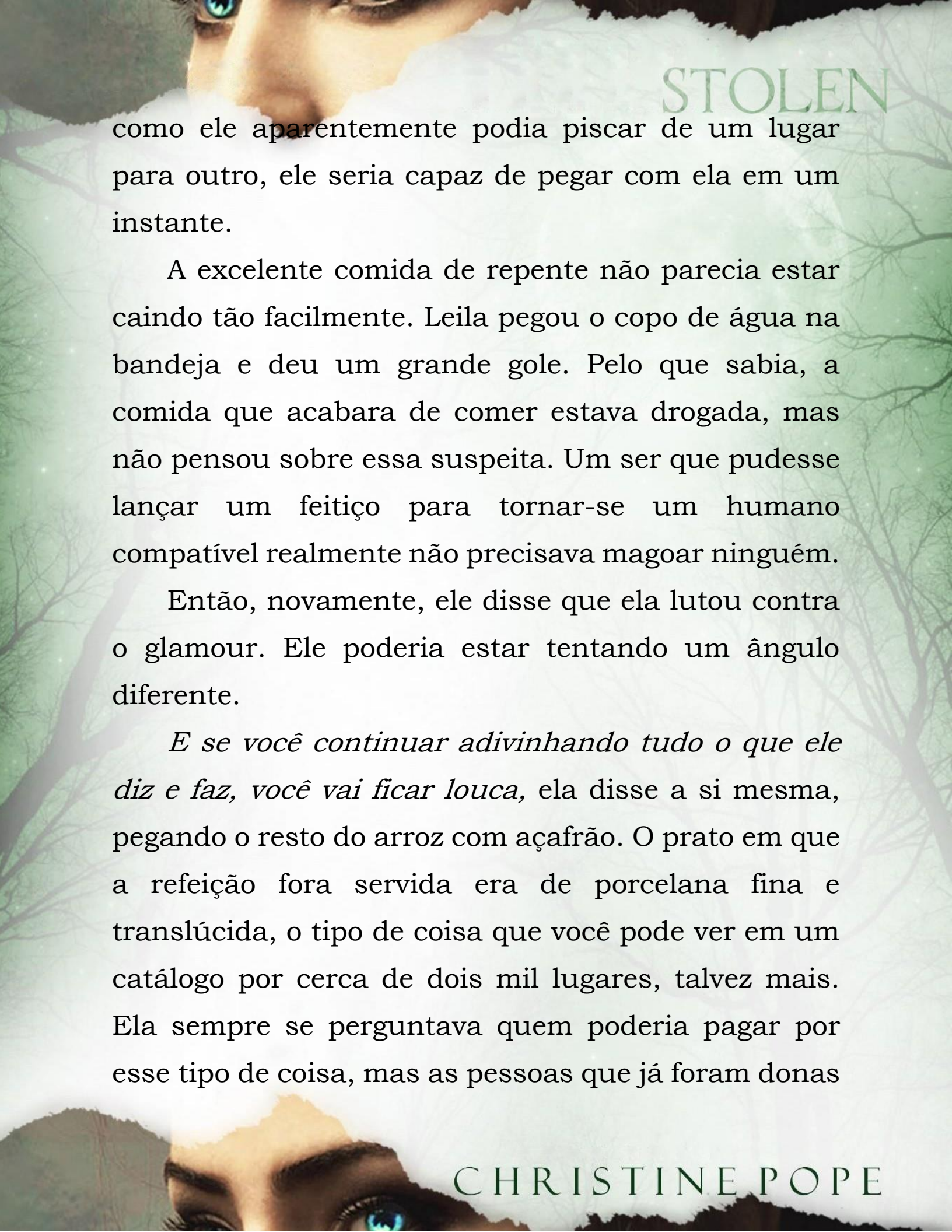
Você ainda deve perguntar, ela pensou enquanto ia para a refeição negligenciada e se sentava e comia

o resto. Realmente, era quase um crime deixar uma comida tão boa esfriar, especialmente depois das pequenas rações que ela vivia ultimamente. *O pior que ele pode dizer é não.*

Bem, isso não era necessariamente verdade. Ele provavelmente perguntaria a ela como diabos ela o ouvira abordar o assunto em primeiro lugar, e então ela não teria escolha a não ser confessar que estava ouvindo. Leila duvidou que seu captor ficaria emocionado ao saber que ela estava ouvindo a conversa dele com a irmã.

Captor. Ela poderia chamar Malik assim? A porta do quarto dela não estava trancada - ou seja, tinha uma fechadura, mas foi ela quem a usou, não Malik. Ele nem a procurara quando ela fugiu dele no pátio. O que ele teria feito se ela continuasse correndo, tivesse saído correndo pela porta da frente?

Provavelmente então ele a teria perseguido. E qualquer noção que ela pudesse encontrar um carro na garagem aqui e usá-lo para fugir poderia ser deixada de lado por agora, porque com a maneira



STOLEN

como ele aparentemente podia piscar de um lugar para outro, ele seria capaz de pegar com ela em um instante.

A excelente comida de repente não parecia estar caindo tão facilmente. Leila pegou o copo de água na bandeja e deu um grande gole. Pelo que sabia, a comida que acabara de comer estava drogada, mas não pensou sobre essa suspeita. Um ser que pudesse lançar um feitiço para tornar-se um humano compatível realmente não precisava magoar ninguém.

Então, novamente, ele disse que ela lutou contra o glamour. Ele poderia estar tentando um ângulo diferente.

E se você continuar adivinhando tudo o que ele diz e faz, você vai ficar louca, ela disse a si mesma, pegando o resto do arroz com açafrão. O prato em que a refeição fora servida era de porcelana fina e translúcida, o tipo de coisa que você pode ver em um catálogo por cerca de dois mil lugares, talvez mais. Ela sempre se perguntava quem poderia pagar por esse tipo de coisa, mas as pessoas que já foram donas

CHRISTINE POPE

desse showroom de uma casa eram exatamente o tipo de consumidor que não pensaria duas vezes em comer pratos que custam mais do que a hipoteca da maioria das pessoas. Quanto valia esta casa, afinal? Ou melhor, quanto valia a pena quando imóveis significavam alguma coisa? Vinte milhões? Trinta? Leila realmente não conseguia entender esse tipo de soma e não tinha certeza de que queria.

Depois que terminou a comida, ela se perguntou o que deveria fazer com a bandeja e a louça suja. Não conseguia enxaguá-los exatamente na pia do banheiro; não havia um depósito de lixo embutido. Provavelmente, a melhor coisa a fazer era empilhá-los do lado de fora da porta, exatamente como faria em um hotel onde estava hospedada. Malik viria buscá-los eventualmente, ela supôs. A casa estava impecável, e ela se perguntou por um momento se o djinn tinha servos para manter o local limpo ou se os poderes dele de alguma forma cuidavam desse detalhe específico também.

Ela esfregou a boca com o guardanapo de linho que havia sido fornecido na bandeja junto com os talheres pesados, depois colocou o guardanapo em cima do prato limpo e levou a coisa toda para a porta. Equilibrando a bandeja contra o quadril, ela girou a maçaneta - e logo abafou um suspiro de surpresa quando viu Malik do lado de fora.

— Há quanto tempo você está lá fora?— ela perguntou, assustada demais para manter a nota acusatória fora de seu tom.

— Acabei de subir,— ele respondeu calmamente. — Pensei em verificar se você terminou sua refeição.

— Eu terminei.— Sentindo-se um pouco tola - ou talvez o sentimento envergonhado que ela estava experimentando fosse apenas culpa por seu episódio de espionagem mais cedo - ela entregou a bandeja a Malik. — Isso foi muito bom. Hum ... obrigado.

— Você é muito bem-vinda.— Ele hesitou, como se não tivesse certeza do que deveria dizer em seguida. Quando ele falou, as palavras saíram rapidamente, indicando que ele queria divulgá-las

antes que ele tivesse a chance de mudar de ideia. —
Você gostaria de descer?.

Ela faria? Leila também se viu hesitando, embora provavelmente por uma razão completamente diferente de Malik. Afinal, ela fugiu para o quarto para fugir dele. Descer as escadas com ele agora faria parecer que ela não sabia o que diabos ela queria.

Por outro lado, parecia uma avaliação bastante precisa de sua situação atual.

— Claro,— ela respondeu, sabendo que ele devia ter notado o modo como ela parou antes de responder. Mas o que mais ela deveria fazer? Era todo um território desconhecido para ela. Ela não tinha ideia de como deveria se comportar em torno de um djinn - especialmente um djinn que esperava que ela se apaixonasse por ele após a pressa, para que eles pudessem se mudar para Bel-Air e se juntar à comunidade de djinn e seu escolhido que havia sido estabelecido. há.

Malik sorriu e Leila se viu corando sem motivo. Isso foi ridículo. Ela esteve em torno de sua parte de

homens bonitos - inferno, ela até namorou alguns deles - e, no entanto, ela não conseguia controlar a maneira como reagiu a esse djinn que a levou para seu refúgio em Malibu. Mesmo que ele dissesse que o glamour não funcionava nela, Leila não pôde deixar de se perguntar se sua avaliação da situação era precisa. Algum tipo de feitiço parecia uma explicação mais provável para seu comportamento do que simplesmente uma atração física esmagadora.

— A noite ainda está amena,— disse ele. — Eu pensei que poderíamos sair no pátio.

Essa configuração em particular parecia cheia de possibilidades, nem todas as quais ela realmente queria reconhecer no momento. Mas então, a sala apresentava seus próprios problemas, com aquele grande sofá luxuoso. Quando você sabia que um homem pretendia persegui-la, praticamente qualquer cenário apresentava sua parcela de problemas.

— Isso seria bom,— ela disse, esperando que ele não notasse a maneira como as palavras pareciam estrangular sua garganta.

Talvez ele tenha, mas não reagiu, apenas estendeu um braço em direção à escada. Leila saiu do quarto e não pôde deixar de notar pelo canto do olho o modo como Malik ordenadamente fez desaparecer a bandeja que ele segurava, presumivelmente para que ele não se sobrecarregasse com a coisa enquanto descia os degraus. Um truque menor, mas a fez pensar exatamente que tipo de poder ele comandava, se ele poderia fazer qualquer coisa que quisesse.

Esse pensamento não foi muito tranquilizador. Um calafrio tomou conta dela, fazendo com que ele dissesse: — Você está com frio? Posso pegar um xale para você.

— Não, eu estou bem,— respondeu Leila imediatamente. Era possível que ela se arrependesse de ter recusado o xale uma vez que estivesse do lado de fora, mas ela só teria que tocá-lo. Se ela pudesse dormir na abertura de um ralo de tempestade com apenas uma jaqueta para impedir a entrada do ar noturno, poderia aguentar uma leve brisa marítima noturna.

Quando saiu, no entanto, ficou aliviada ao ver que a temperatura não caíra muito, apesar de o sol já ter se passado há muito tempo e apenas um leve borrão de laranja escuro se estender ao longo do horizonte. No alto, o céu já estava azul da meia-noite, as primeiras estrelas pontilhadas de luz na escuridão.

Engraçado quantas estrelas ela podia ver agora, com toda a poluição luminosa de Los Angeles uma coisa do passado.

A piscina brilhava naquela escuridão como a maior água-marinha do mundo. E não estava totalmente escuro; luzes solares marcavam as bordas do caminho, e ela podia ver várias lâmpadas altas de ferro forjado lançando seu próprio brilho na área de conversação além da piscina.

Foi lá que Malik a levou. Na mesa em frente à seção em forma de U havia mais vinho, desta vez rico e escuro, junto com uma travessa de frutas e queijo.

— Eu acabei de comer,— ela protestou.

— Verdade,— ele disse, ainda com um leve sorriso. — Mas eu não, e me pareceu que você ficou

tanto tempo sem comida decente, que agora precisa de mais para compensar.

Isso pode ser verdade. Para manter-se — preparada para a câmera,— ela passara tanto tempo se preocupando com o que comia - mesmo sendo naturalmente esbelta, com um metabolismo que sua colega de quarto tinha invejado abertamente - que ainda era difícil dizer a si mesma que era tudo seu direito de comer mais do que as quantidades escassas que ela se permitira no passado. Então ela quis sacudir a cabeça para si mesma. Ela estava muito magra agora, graças a todas aquelas semanas correndo, se escondendo e comendo muito menos do que o que ela precisava. De qualquer forma, não era como se ela tivesse que se preocupar com algum idiota com excesso de peso de um diretor de elenco falando sobre como ela precisava perder dez libras se ela estava realmente falando sério sobre conseguir um papel.

Leila sentou-se e Malik seguiu o exemplo, embora ele tomasse cuidado para não se sentar ao lado dela

e, em vez disso, mantivesse uma distância educada. Em silêncio, ela observou quando ele serviu um pouco de vinho da garrafa já aberta, depois colocou alguns pedaços de queijo e algumas uvas em um pequeno prato de madeira.

— Obrigada,— ela disse enquanto as pegava dele. Isso parecia surreal demais, estar sentado no escuro quente do vento de Santa Ana e observar a luz azulada da piscina refletir nos elegantes planos do rosto de um djinn. Talvez ela devesse ter ficado em seu quarto.

Tarde demais para isso agora. Além disso, sempre havia a chance de que, se ela falasse com ele, obtivesse mais informações, ela poderia se aproximar dessa — verdade — que a irmã de Malik, Fátima, mencionara.

Ele serviu vinho e preparou outro prato, este com mais comida do que o que ele lhe dera. Bem, ele disse que não tinha comido. De certa forma, era fascinante pensar que os djinn também deviam comer, que não

podiam simplesmente viver do ar, ou possivelmente qualquer elemento que chamavam de seu.

— Você está fazendo tudo isso?— Leila perguntou, gesticulando com a mão que segurava o copo de vinho em direção à piscina e as luzes da casa além.

— Sim,— ele respondeu. — É preciso muito pouco do meu poder para garantir que a água esteja quente e as luzes funcionem da maneira que foram planejadas. Não achei que você gostaria de sentar no escuro ou tomar um banho frio.

— Um banho frio é melhor do que nada, mas sim, era bom ter água quente.— O sangue correu por suas bochechas novamente, e ela estava feliz que a iluminação onde eles estavam sentados não era muito brilhante. Falar sobre chuveiros parecia um pouco ... pessoal.

Mas Malik apenas assentiu, em silêncio por um momento enquanto bebia seu vinho. Leila achou que ela também devia ter um gosto e tomou um gole modesto. Santo Inferno. Ela teve sua parcela de

vinhos de alta qualidade, tanto em datas como também no restaurante onde trabalhava, já que o proprietário gostava dos servidores para provar as garrafas disponíveis, para que pudessem falar com conhecimento sobre o assunto, mas ela nunca tinha algo assim. Escuro, com uma pitada de fumaça, e toques sutis de terra entrelaçados em torno da riqueza da uva. Foi totalmente fascinante.

Mas realmente, ela deveria se surpreender? Se Malik tivesse entrado nas adegas desta casa para procurar o vinho. As pessoas que moravam em uma casa como essa provavelmente não estariam estocando vinho da caixa ou Chuck Two-Buck do Trader Joe's..

O djinn falou então, seu olhar aparentemente fixo nas águas calmas e brilhantes da piscina, e não nela.
— O que fez você descer?

— Eu — Boa pergunta. Ela deu uma risadinha nervosa e disse: — Eu realmente não sei.—

Ele sorriu. — Obrigado por sua honestidade.

Honestidade. A culpa brilhava em Leila à lembrança de como ela ouvira Malik e Fátima conversarem na sala de estar abaixo. Ela deveria dizer alguma coisa? Sua mãe sempre lhe dissera: *Uma mentira se multiplica* e a advertia de que não contar a verdade causava um grande impacto na alma.

— Bem, se eu estou sendo afiada...— Leila parou ali quando Malik se virou levemente em sua direção e levantou uma sobrancelha. Apressadamente, ela continuou: — Eu ouvi você conversando com sua irmã.

Para sua surpresa, ele apenas a recompensou com outro daqueles sorrisos deslumbrantes. — Eu sei.

— Você *sabe?*

— Claro. Eu senti sua presença no patamar. Suponho que você ficou curiosa quando ouviu outra voz na casa.

— Eu — Isso foi exatamente o que aconteceu. Leila engoliu mais um pouco de vinho, sabendo que

fez um desserviço prestando tão pouca atenção a ele.

— Por que você não disse alguma coisa?—

— Não vi motivo para isso. Não discuti nada com Fátima que possa ter sido uma surpresa para você.— Sua voz era calma, medida, seu perfil perfeitamente esculpido e ainda sereno, iluminado pelas águas azul-marinho da piscina. Enquanto Leila procurava a melhor maneira de responder, ele continuou. — Você já sabe por que eu te trouxe aqui. E certamente você poderia ter adivinhado que eu esperava obter uma resposta mais entusiasmada de você.

Essas palavras a fizeram mudar de posição no sofá e olhar para ele de olhos estreitos. — Eu suponho que vocês djinn esperam que mulheres mortais caiam sobre você no minuto em que você estalar os dedos.

— Não exatamente,— disse ele, ainda imperturbável. — Mas, antes, eu esperava que uma mulher que passasse tanto tempo vivendo com medo, a quem foram negados muitos dos confortos da vida por tantas semanas, pudesse ter ficado um pouco mais grata por ser resgatada dessas condições.

Leila colocou as mãos em volta da grande tigela de sua taça de vinho. — Bem, pode ser se você tivesse dito algo em vez de apenas tentar me beijar.

— A julgar pela maneira como você respondeu ao beijo, eu não tinha certeza de que as explicações teriam ajudado tanto.— Ele balançou a cabeça e bebeu mais um pouco de vinho. — Foi mais que uma vez que estamos aqui, uma vez que você percebeu que estava segura, eu pensei ...

Com a voz tensa, ela disse: — Você pensou que eu cairia em seus braços por pura gratidão?.

— Vejo que estava sendo ingênuo.

Distraída, ela se perguntou onde ele aprendera a falar inglês. Seu domínio da língua era perfeito, embora sua dicção fosse mais formal do que ela estava acostumada. Ele também falava inglês com a irmã, percebeu Leila. Caso contrário, ela não deveria ter sido capaz de entender uma palavra que eles estavam dizendo, pois certamente o djinn deve ter sua própria língua.

Mesmo quando esses pensamentos passaram por sua mente, ela sabia que estava apenas tentando se distrair do assunto em questão. Era óbvio que Malik esperava que ela o procurasse sem argumentos, sem reservas quanto a se juntar a ela com um dos mesmos seres que haviam manipulado a destruição da humanidade. A altura da arrogância, ela pensou, enquanto se perguntava como todos os outros Escolhidos reagiram quando se aproximaram dos belos elementais que os haviam selecionado. Talvez nenhum deles tenha lutado muito, o que ajudaria a explicar por que o homem que estava aqui com ela agora esperava que ela se comportasse da mesma maneira.

E mesmo que ela rejeitasse sua convicção de que deveria ter sucumbido a ele imediatamente, ela sabia que tinha que ser grata a ele em algum nível. Foi apenas por causa de sua proteção que ela sobreviveu por tanto tempo. Por ser escolhida, aparentemente estava fora dos limites para os outros djinn, aqueles que mataram seus companheiros e tantos outros. Os

djinn sabiam de antemão quem seria imune e, assim, selecionavam seus futuros parceiros de algum tipo de lista? Isso explicaria por que Malik sabia que tamanho de roupa obter para ela, embora o pensamento de todos os djinn escolhendo friamente suas respectivas esteiras enquanto o resto da humanidade estava prestes a morrer fez seu estômago querer se contrair.

E por quanto tempo ela permaneceria escolhida se continuasse segurando Malik à distância?

Como Leila não tinha certeza de que queria contemplar essa pergunta por muito tempo, decidiu que estava na hora de um pouco mais de vinho. Ela bebeu, deixou o líquido rico fluir sobre sua língua e sentou-se na escuridão quente e perfumada de sal e desejou que ela fosse o tipo de pessoa que poderia se permitir sucumbir a ele, uma daquelas mulheres que não pensaram duas vezes em escalar na cama com alguém que consideravam atraente. Seria muito mais fácil.

De repente, ela perguntou: — O que Fátima quis dizer quando disse que você deveria me dizer a verdade? A verdade sobre o que?.

Malik parecia ficar muito quieto. Ele já estava sentado ali, com muita inquietação, uma mão forte apoiada na base do copo de vinho, sobre a mesa, mas agora parecia que ele mal respirava, fazendo o possível para não reagir a ela. questões. Quando ele falou, seu tom ainda era suficiente, mas havia uma vantagem subjacente, uma tensão que Leila não pensara ter ouvido antes.

— Há outro djinn,— disse ele. — O nome dele é Omar al-Tariq, e ele queria reivindicar você também. Eu não poderia deixar isso acontecer.

— Por que não?— De onde ela estava sentada, um djinn parecia tão bom quanto outro ...

Então novamente....

Leila pensou naquelas formas cruéis e bonitas mergulhando do céu ou tremendo para a existência no meio da rua, com a intenção de vingança. Pelo que,

ela ainda não sabia. Ela só sabia que ver um djinn seria morrer não muito tempo depois.

Considerando a gentileza que Malik havia lhe mostrado até agora, ela pensou que talvez tivesse que revisar sua opinião sobre todos os djinn serem iguais.

— Ele é uma pessoa cruel,— disse Malik, ainda naquele tom uniforme. — Ele se alegra em atormentar os outros, principalmente as mulheres. Não fisicamente, mas o tipo de crueldade da mente que deixa suas próprias cicatrizes terríveis.

Um arrepio tomou conta de Leila. Ela teve a sorte de evitar esse tipo de filho da mãe quando estava namorando, mas tinha alguns amigos que não tiveram tanta sorte. Malik estava muito correto sobre as cicatrizes mentais que esses relacionamentos deixaram em seu rastro.

Quando ela não respondeu imediatamente, ele continuou. — Concluí que al-Tariq não deveria ter você. Em tais situações, é uma prática normal que as partes envolvidas tenham um duelo.

— 'Um duelo'?— Leila ecoou, uma pequena risada escapando de seus lábios, apesar de si mesma.

— Você lutou um duelo por mim?.

— Não, eu não fiz. Eu teria,— ele acrescentou, como se quisesse informá-la de que ele não era covarde. — Mas quando al-Tariq viu que eu estava falando sério sobre persegui-lo, ele renunciou à reivindicação, dizendo que nunca tinha sido sua verdadeira intenção levar uma mulher humana como parceira.

— Parece um prêmio real,— comentou ela.

— Não, ele definitivamente não é isso. Ele é um daqueles que se considera forte..., mas somente quando ele sabe que tem a vantagem. Ele não tinha certeza de prevalecer contra mim, e foi por isso que ele se retirou.

— Assim....— Leila deixou a palavra sumir, principalmente porque ela ainda estava tentando dizer tudo, fazendo o possível para descobrir exatamente o que Malik estava dizendo. — Isso significa que você realmente não tinha a intenção de

escolher uma Escolhida até que você decidiu ser meu anjo da guarda?.

Ele levantou o copo, engoliu um pouco do vinho escuro dentro. — Talvez uma simplificação exagerada, mas sim, a princípio eu não tinha pensado em fazê-lo.

— Você não achou que uma vida humana valia a pena salvar?— Ela estava fazendo o possível para manter sua voz tão calma e controlada quanto a dele, mas até ela podia ouvir a raiva que estava por trás de suas palavras, como os primeiros chamados correndo ao longo do fundo de um tronco antes de capturar.

— Isso não é o que eu disse.

— Então por favor - explique para mim. Eu sou apenas um humano simples, afinal.

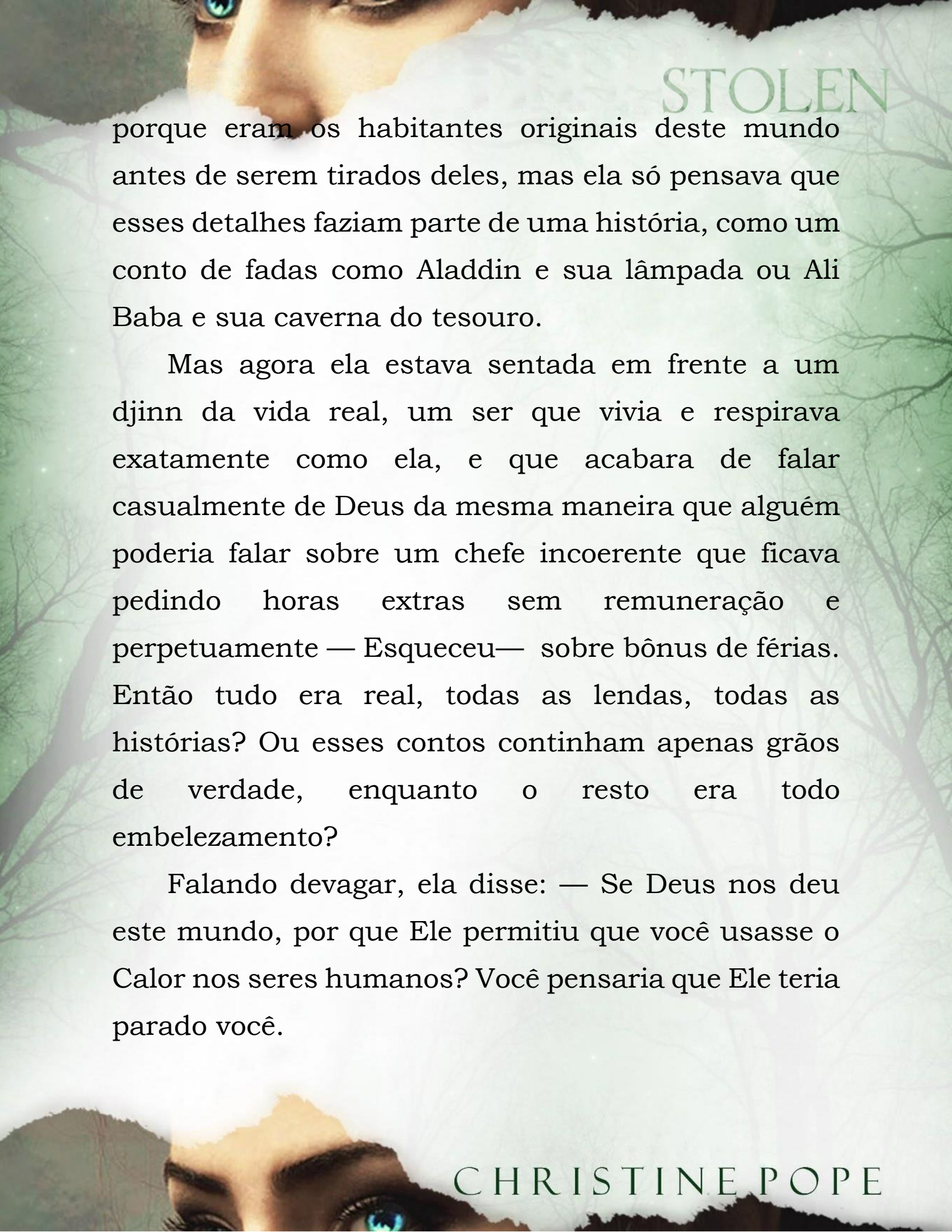
Dessa vez, ele se mexeu no sofá para encará-la diretamente. A mandíbula dele estava firme e, embora estivesse escuro por aqui, apesar das luzes que haviam sido acesas para iluminar a área, ela pensou poder ver a verdadeira raiva nos olhos dele. — Você é muito mais do que isso, Leila Donovan, e acho que

você sabe disso.— Antes que ela pudesse abrir a boca para responder, ele continuou. — Eu não concordei com a decisão de deixar o Calor soltar seu mundo. Infelizmente, havia muito mais que queriam sua vingança do que aqueles que aconselharam a moderação.

— Vingança por quê?— Leila perguntou. Mais uma vez ela teve a sensação de que havia correntes por aqui que ela não sabia nada. — O que nós fizemos para você, djinn?

— Para ser absolutamente preciso, vocês mortais não fizeram nada. Foi Deus quem tirou este mundo de nós e o deu à humanidade, que nos fez exilar no outro mundo. Mas como não podemos nos vingar diretamente dele, os djinn decidiram que seriam os humanos que pagariam o preço.

Deus. Ele estava falando sobre *Deus*. A cabeça de Leila nadava, e ela tinha quase certeza de que não era do vinho, não depois da refeição saudável que acabara de comer. Ela ouvira trechos das lendas sobre as origens dos djinn, que eram tão vingativos



STOLEN

porque eram os habitantes originais deste mundo antes de serem tirados deles, mas ela só pensava que esses detalhes faziam parte de uma história, como um conto de fadas como Aladdin e sua lâmpada ou Ali Baba e sua caverna do tesouro.

Mas agora ela estava sentada em frente a um djinn da vida real, um ser que vivia e respirava exatamente como ela, e que acabara de falar casualmente de Deus da mesma maneira que alguém poderia falar sobre um chefe incoerente que ficava pedindo horas extras sem remuneração e perpetuamente — Esqueceu — sobre bônus de férias. Então tudo era real, todas as lendas, todas as histórias? Ou esses contos continham apenas grãos de verdade, enquanto o resto era todo embelezamento?

Falando devagar, ela disse: — Se Deus nos deu este mundo, por que Ele permitiu que você usasse o Calor nos seres humanos? Você pensaria que Ele teria parado você.

CHRISTINE POPE

Malik soltou um pequeno suspiro, um que Leila estava bastante certa de que ele não pretendia que ela ouvisse. — No meu coração, pensei que Ele nos impediria. Foi por isso que, a princípio, não selecionei alguém para ser meu escolhido - eu realmente acreditava que não seria necessário. Mas quando soube que Omar al-Tariq havia escolhido você, sabia que ele deveria ser interrompido, mesmo que os planos dos djinns acabassem por ser inúteis. Então o calor foi afrouxado e....— Ele parou por aí e tomou outro gole de vinho.

— E isso matou todos, assim como os outros djinn haviam planejado,— disse Leila, com a voz rouca. Ela colocou esse aço em seu tom, porque, caso contrário, temia perder o controle, começar a chorar. A única maneira pela qual ela sobrevivera até agora era não pensar em quão grande e terrível tudo isso era, e, no entanto, cada conversa que tivera com Malik até agora apenas levava para casa o quanto o mundo havia mudado, o quanto ela havia mudar para lidar com isso.

— Sim, — Malik respondeu pesadamente. Ele pegou a garrafa que estava sobre a mesa e serviu-se mais um pouco de vinho e, em silêncio, também encheu o copo de Leila. — Deus não nos parou. Aqueles dos Mil - os djinn que desejavam salvar um pouco da humanidade - foram reivindicar seus Escolhidos e levá-los para seus novos lares. Eu pretendia fazer o mesmo com você, mas você provou ser muito rápida para fugir. O resto, você sabe.

Quase mecanicamente, Leila levou a taça de vinho aos lábios e bebeu. Magnífico como este vinho tinha provado alguns momentos antes, agora estava amargo em sua língua, lembrando-a de todas as perdas que sofrera ... o mundo sofrera.

Nada seria o mesmo.

Os dois ficaram quietos novamente, mas desta vez o silêncio não foi tão estranho. Ele falou e disse a verdade. Ah, Leila supôs que Malik pudesse estar mentindo sobre seus motivos, ou mesmo sobre essa pessoa de Omar al-Tariq, mas ela não achou. Ela passou muito tempo em torno de pessoas que podiam

mentir tão naturalmente quanto respiravam e aprenderam a identificar os sinais ... e ela ouviu o toque da verdade nas palavras do djinn.

— Obrigada,— ela disse suavemente.

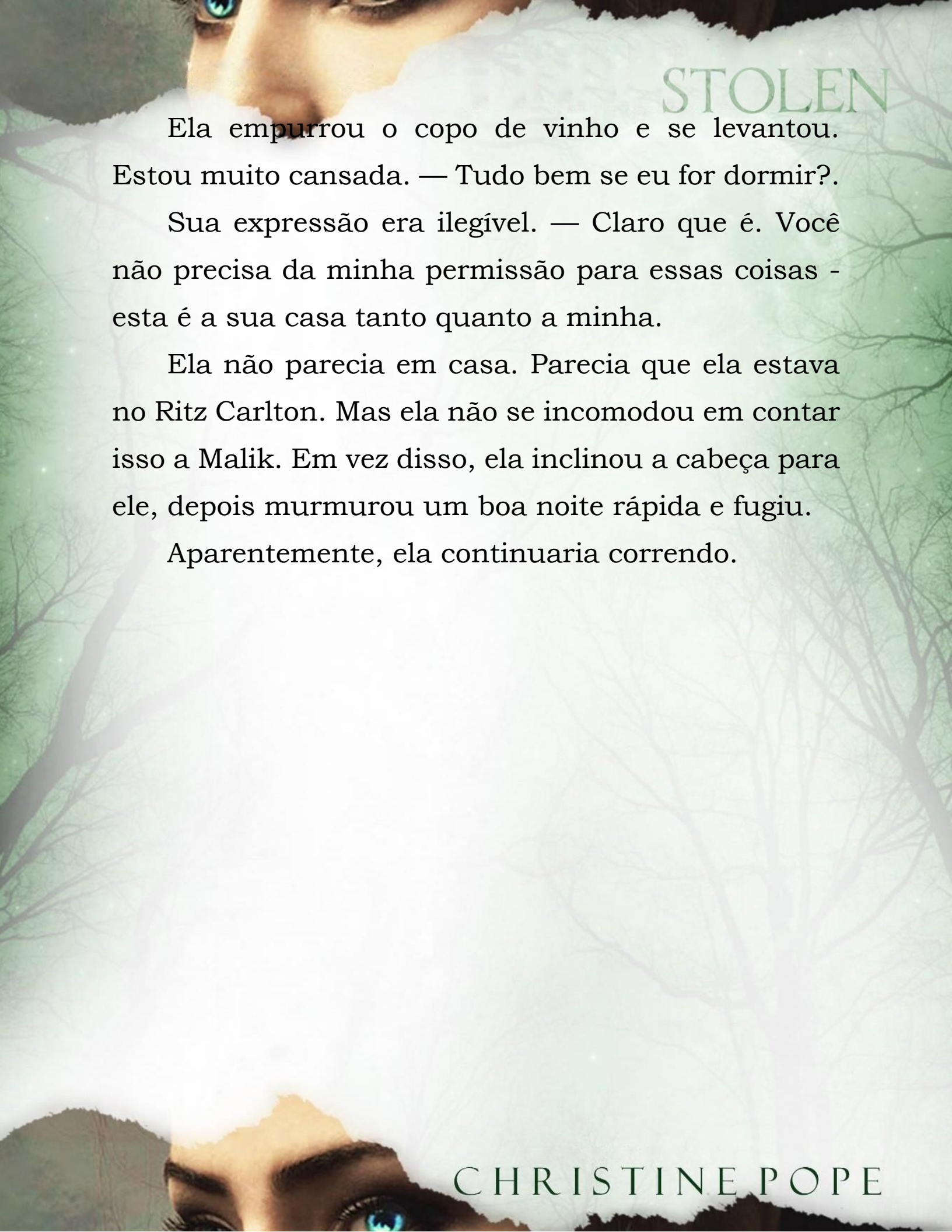
Ele não perguntou por que ela estava agradecendo. Ele apenas respondeu: — Não é nada. Você merece a verdade. Agradeço também por me dizer que ouviu a conversa de Fátima e minha. Eu me perguntei se você faria.

— Você não confiou em mim?

— Não é isso,— ele disse imediatamente. — Você corre há muito tempo, afinal. Entendo por que as confidências seriam difíceis para você.

Sentada ali, ouvindo sua voz profunda e quente, observando seu belo perfil iluminado pela escuridão, Leila sentiu algo apertado e terrível em seu peito começar a afrouxar. Ela não sabia o que estava acontecendo; ela só sabia que nunca havia se sentido assim antes.

Isso a assustou.



STOLEN

Ela empurrou o copo de vinho e se levantou. Estou muito cansada. — Tudo bem se eu for dormir?.

Sua expressão era ilegível. — Claro que é. Você não precisa da minha permissão para essas coisas - esta é a sua casa tanto quanto a minha.

Ela não parecia em casa. Parecia que ela estava no Ritz Carlton. Mas ela não se incomodou em contar isso a Malik. Em vez disso, ela inclinou a cabeça para ele, depois murmurou um boa noite rápida e fugiu.

Aparentemente, ela continuaria correndo.

CHRISTINE POPE

Será que ele falou demais para Leila? Malik não tinha certeza; ele certamente teve sua parte de relacionamentos ao longo dos longos séculos de sua vida, mas nunca havia interagido com uma mulher humana antes. Por necessidade, o equilíbrio de poder em tal ligação era bem diferente. Os poderes de uma mulher djinn eram muitas vezes iguais - ou às vezes maiores que os do homem com quem ela se associava, enquanto que com uma mulher humana, a situação não era remotamente a mesma. Todos os Escolhidos obtiveram um pouco de poder dos elementais que os selecionaram; caso contrário, eles não seriam abençoados com uma vida longa para corresponder à de seus parceiros, e também não teriam o poder de curar com rapidez surpreendente e de suportar todos os modos de doenças. Mesmo assim, essas qualidades mais do que humanas não as tornavam iguais a um djinn.

Quando ele decidiu tomar Leila como sua Escolhida, Malik também a tratou como uma colega,

mesmo que ela fosse apenas um mortal. Ele não queria passar a eternidade falando sobre uma mulher humana, o que provavelmente era o que Omar al-Tariq havia planejado para ela antes que Malik frustrasse seu pequeno esquema. Foi por isso que ele contou a verdade a Leila e nada mais. Ele não queria brincar com ela. Pelo que ele sabia, ela o respeitava por esse tratamento. Parecia que ela havia se suavizado um pouco, a menos que seus olhos e ouvidos o enganassem. Infelizmente, qualquer suavização percebida não a impediu de fugir, lá no final.

Ele estava deitado na cama e encarava o teto, desejando que o sono pudesse acalmar seus pensamentos. Leila ficaria divertida ao saber que djinn dormia também? Eles eram semelhantes aos humanos nessa necessidade básica, embora djinn não exigisse quase tantas horas de sono.

Talvez se ele tivesse sorte, Leila dormisse ao lado dele em um futuro próximo. No quarto dela, no entanto - ele lhe dera o quarto maior, esperando que

ela apreciasse o gesto, e ele gostaria muito de morar lá com ela. Este quarto era bastante elegante, se não tão grande, mas faltava a ampla vista do oceano de seus aposentos atuais. Ele ainda podia ouvir o mar, no entanto, podia sentir o barulho sempre presente das ondas quebrando em uma praia que fica a muitos metros abaixo do promontório onde está casa fora construída.

Leila dormiu. Sem dúvida - ele imaginou que ela não dormira muitas horas desde que o Calor mudara o mundo. Ela tinha fechado a porta, é claro, mas quando ele passou no início da noite, seus afiados ouvidos djinn foram capazes de captar o som de sua respiração regular. Ele pensou nela agora, pensou nos olhos fechados no sono, cílios escuros nas bochechas, a riqueza de seus longos cabelos quase pretos espalhados por um travesseiro.

Ela era tão bonita, tão bonita quanto uma djinn. Era possível, ele supôs, que ela pudesse levar algum sangue elementar dentro dela. Ele sabia que a família de sua mãe tinha vindo da Pérsia, um lugar onde os

djinn haviam se misturado com mortais, embora essas ligações fossem desaprovadas entre o seu povo, e os filhos de tais uniões caçados. Mas talvez um djinn tenha visitado um dos ancestrais distantes de Leila, e a mulher tenha passado a criança como resultado de seu leito conjugal. Essas coisas aconteceram, mesmo que nunca tenham sido mencionadas.

O sangue de Djinn explicaria por que ela tinha sido capaz de combater o glamour que ele tentara lançar nela. Era um poder que só funcionava com os mortais, como ele aprendeu para seu desgosto uma vez quando era jovem e muito tolo. Felizmente, a mulher djinn que era o objeto do glamour era mais velha e muito mais experiente do que ele, então ela riu e disse a ele que ele só podia confiar em seu charme quando se tratava de pessoas da sua espécie. Felizmente, ela estava perdendo... e muito feliz em lhe ensinar as artes do amor.

Ele desejava poder compartilhar esse conhecimento com Leila agora, mas sabia que teria que seguir com cuidado. Quanto à questão de saber

se o seu Escolhido tinha sangue djinn ... bem, ele não tinha certeza da recepção que tal inquérito provocaria, e então achou melhor segurar a língua por enquanto. Os djinn não tinham como testar essas coisas e, de qualquer forma, mesmo que algum ancestral de longa data fosse meio-elementar, o sangue estaria tão diluído a essa altura que dificilmente importaria.

Não, seria melhor ficar calado sobre o assunto. Malik esperava que a proximidade entre eles continuasse o amolecimento que ele vira na expressão dela no início da noite. Talvez, em um futuro não muito distante, ela percebesse que ele realmente pretendia apenas o melhor para ela. Ele ainda não a amava, é claro; ele mal a conhecia. Mas ele pensou que poderia amá-la facilmente.

Com alguma sorte, ela sentiria o mesmo por ele. Se ela não ... não, ele não se permitiria considerar essa possibilidade. Ela deve vir a amá-lo, ou não poderá Calorpermanecer em sua Escolhida.

E então ela certamente morreria.

A luz do sol a acordou, um brilho difuso fora de suas pálpebras. Leila piscou e sentou-se, encarando seu ambiente luxuoso por meio segundo confuso antes de perceber onde estava. Não, este certamente não era um armazém abandonado, um ralo de tempestade, ou mesmo um dos poucos quartos em casas vazias onde ela roubara um pouco de sono, sabendo que tinha que arriscar por algumas horas porque, caso contrário, teria caído de exaustão onde ela estava.

Esta era a casa em Malibu, um lugar tão além de tudo que ela já havia experimentado na vida real, que poderia muito bem ser um cenário de filme. Ela estava tão cansada ontem à noite quando subiu os degraus para o quarto que se esqueceu de fechar as cortinas, mas, felizmente, porque o espaço tinha uma orientação oeste / noroeste, tudo o que ela precisava lidar era refletir a luz do dia e não o sol real brilhando.

Ela afastou o edredom de seda e foi até a janela para poder olhar o mar. Era um azul escuro sereno,

mal agitado pelo vento. Parecia que os ventos fortes de Santa Ana haviam desaparecido, sendo substituídos por uma brisa normal do mar.

Um movimento mais perto da casa chamou sua atenção e ela olhou para a piscina. Uma forma escura cortava a água azul esverdeada, elegante e rápida.

Malik.

Ele se moveu com a velocidade e a graça de um nadador olímpico, mal deixando ondas no seu rastro. Todo o caminho até um fim, depois de volta ao outro, dando voltas como se ele realmente estivesse treinando para as Olimpíadas. Naquele momento, Leila achou que a água devia ser seu elemento, mesmo que ele não tivesse dito a ela qual controlava. De alguma forma, ela duvidava que um elemental de fogo fosse tão feliz na água.

Enquanto ela observava, ele chegou ao fundo da piscina e subiu os degraus. Ele usava calções escuros e justos, que se agarravam às coxas e bunda, e fazia muito pouco para esconder a perfeição de sua forma.

Leila engoliu em seco e se afastou da janela, as bochechas corando com o calor repentino. Por incrível que fosse a visão, ela não tinha certeza se realmente queria ver muito de Malik. É verdade que as roupas abertas que ele usava não escondiam muito o peito largo ou a perfeição dos abdominais, mas pelo menos os braços e as pernas estavam cobertos. Agora ela sabia que o resto dele era tão perfeito quanto os vislumbres que já havia captado, e não tinha muita certeza do que fazer com esse conhecimento.

Você pode pensar que alguém é atraente sem querer pular na cama com ela, ela disse a si mesma enquanto entrava no banheiro. Parecia tolice tomar banho e lavar o cabelo novamente quando ela fez exatamente isso apenas doze horas ou mais antes, mas ela não sabia o que mais deveria fazer, então tomou banho mais uma vez, embora desta vez muito mais rapidamente.

A questão era que o rubor que a dominara ao ver a forma quase nua de Malik não fora completamente de vergonha. Leila podia mentir para si mesma tudo

o que queria, mas sabia o desejo quando o sentia. Sim, já fazia um tempo. Ainda assim, havia algumas coisas que você simplesmente não esqueceu.

É natural, ela pensou enquanto lavava o condicionador do cabelo. Você está sozinho com um dos espécimes masculinos mais incríveis que você já viu. Como diabos você pensou que ia reagir?

Bem, de preferência não como uma garota boba no ensino médio, esmagando um cara na aula de álgebra.

Leila saiu do chuveiro e secou-se fora debatida escovar os dentes, em seguida, decidiu contra ela. Ela ainda não tinha comido nada, então teria que fazer tudo de novo ... supondo que eles comessem qualquer coisa. Talvez Djinn não estivesse tomando café da manhã. Além disso, a pasta de dente estava garantida para tornar o café estranho. Ela assumiu que Malik tomaria café aqui. Ele certamente parecia ter tudo o resto.

Outro dia, outra linda saia de seda e blusa simples. Jeans teria sido legal, mas aparentemente

Malik não queria que a Escolhida usasse calças. À moda antiga, ou ele a queria de saias e sapatos impraticáveis, porque seria mais difícil para ela fugir quando vestida assim?

Observe-me, ela pensou enquanto descia as escadas. *Mesmo antes do Heat, eu podia escalar uma cerca de arame de salto de dez centímetros.*

Ela não pôde deixar de sorrir com a lembrança de como um de seus namorados da faculdade pensara que seria uma boa ideia invadir o aeródromo da Goodyear em South Bay. Eles foram para lá depois de assistir à festa de aniversário de uma amiga e estavam muito embriagados ..., mas não tão excitados que ela não tinha subido e ultrapassado aquela cerca como um saltador de vara em treinamento depois que um segurança começou a persegui-los.

O cheiro de café a atingiu perto do primeiro andar - uma coisa boa, já que ela precisava de algo para ajudá-la à cozinha, que parecia estar a quilômetros de distância da escada. Qual era o tamanho deste lugar, afinal? Seis mil pés quadrados? Oito mil? As

peças que moravam aqui provavelmente precisavam de conversas interativas para manter contato.

Ela entrou na cozinha, um enorme espaço dominado por enormes aparelhos de aço inoxidável e o que parecia ser quilômetros de bancadas de granito em tons quentes e arenosos que ecoavam os materiais naturais usados no resto da casa. De pé em uma ponta do balcão, servindo café em um par de canecas com vidros bisque, estava Malik. Para alívio de Leila, ele estava fora do calção de banho e de volta para uma de suas vestes, uma de um azul profundo tingido de verde, uma cor que lembrava as águas sempre em mudança do lado de fora da janela.

— Bom dia,— disse ele educadamente. — Você dormiu bem?

— Muito bem,— respondeu ela, aliviada por ele estar agindo como se ela fosse simplesmente uma convidada de honra da casa, e não a mulher que ele queria fazer de seu parceiro para a eternidade. Era

um conceito muito grande para se pensar antes de tomar o café da manhã.

— Como é que você gosta?— ele perguntou, levantando uma das canecas em sua direção. — Há creme na geladeira e açúcar na despensa.

— Preto está bem,— disse Leila. Seus dedos roçaram brevemente os dele enquanto ela pegava a caneca dele, e novamente ela podia sentir aquele rubor indesejável em suas bochechas. Nos tempos de faculdade, tomara seu café com muito açúcar, leitoso e doce, mas treinou-se para beber preto depois que descobriu quantas calorias aquela indulgência lhe custava.

— Muito bom.

Palavras neutras, sem significado. Ele sabia que ela estava de pé na janela, observando-o enquanto ele nadava na piscina? Afinal, ele foi capaz de dizer que ela havia escutado a conversa dele com a irmã. É verdade que eles estavam muito mais próximos quando estavam discutindo do que ele enquanto estava na piscina, mas ainda assim ... ela

simplesmente não tinha ideia do que um djinn poderia e não poderia fazer. Essa incerteza inquietante a levou; ela não gostava de não saber o que esperar dele.

— Parece que vai ser um dia bonito,— observou ela. Mais palavras que não significaram muito. Mas o que diabos ela deveria dizer a ele? Não era como se eles pudessem falar sobre a recente produção de filmes lançados, ou as últimas travessuras em Washington, DC

Na verdade, quando ela colocou dessa maneira, Leila pensou que o fim do mundo não seria tão ruim, afinal.

— Por enquanto,— Malik permitiu. — E por mais alguns dias. Mas acredito que uma mudança no clima está chegando.

— Você também é meteorologista?— ela perguntou, levemente divertida, depois tomou um gole de café. Estava quase quente demais para beber, mas ela precisava da cafeína. Apesar da temperatura, estava muito bom. Assado francês, forte, mas suave.

Malik com certeza podia preparar uma xícara de café decente.

— Eu não estudei a ciência do tempo, se é isso que você quer dizer,— respondeu ele. — Meu elemento é a água, não o ar, mas ainda sinto quando as condições vão mudar.

Então, suas suspeitas estavam corretas. Não é de admirar que ele parecesse tão à vontade na piscina - e não era de admirar que ele tivesse escolhido uma casa cercada por água, uma com água embutida, quando você considerou a característica da água interna no átrio e a cachoeira que caía em cascata na lagoa fora da sala de estar.

Leila olhou para fora. As palmeiras plantadas perto da piscina brilhavam à luz do sol quando suas folhas pegavam a brisa da manhã. Certamente não parecia que a chuva estivesse por perto, mas ela sabia que essas coisas podiam mudar rapidamente, especialmente ultimamente. Ninguém em seu pequeno grupo de sobreviventes tinha sido meteorologista ou climatologista ou algo parecido com

isso, mas todos haviam notado como o clima chicoteara neste outono, oscilando entre ventos quentes e secos de Santa Ana e breves tempestades. mais do que normalmente deveriam estar recebendo nessa época do ano. Por outro lado, o sul da Califórnia estava em uma seca na metade do tempo, por isso era difícil dizer o que era normal.

— Tempo louco,— ela comentou antes de tomar um gole novamente no café.

As sobrancelhas de Malik se uniram, e ele também olhou para fora por um breve momento antes de voltar sua atenção para ela. — Não tenho certeza se 'louco' é precisamente a palavra certa. Seu clima está tentando se reajustar, para voltar ao normal agora que não tem nenhuma nova poluição para enfrentar. As coisas podem ficar um pouco inquietas por um tempo. O efeito é provavelmente mais perceptível aqui, onde havia tantas pessoas e tantos carros e fábricas, tanta indústria, do que seria em outras áreas menos populosas do país.

Não era o tipo de coisa que ela realmente teve tempo de considerar. Claro, a mudança climática estava na parte de trás de sua cabeça como algo que ela precisava se preocupar, mas ela estava ocupada demais para fazer muito a respeito, além de fazer o possível para reciclar e garantir que ela fosse cuidadosa ao desligar luzes desnecessárias, esse tipo de coisas. Ela definitivamente não tinha parado para pensar sobre o que poderia ser o efeito de remover repentinamente toda a sobrecarga de carbono. Não há mais milhões de carros nas estradas. Não há mais fábricas sem fumaça. Não mais ... bem, não mais de quase tudo.

— Quantos djinn existem?— ela perguntou abruptamente, sem saber se Malik responderia.

No entanto, ele mal piscou quando disse: — Cerca de vinte mil de nós. Não são muitos os que se espalham por toda a terra. Haverá poucas concentrações aqui e ali, por causa dos assentamentos onde os Escolhidos e seus djinn

vivem, mas mesmo as populações desses assentamentos serão apenas centenas.

Vinte mil, e cerca de mil outros Escolhidos, se o comentário de Malik sobre a existência de mil djinn — bons— estivesse correto. Não, isso não foi muito comparado aos bilhões que uma vez chamaram a Terra de lar.

Então ela perguntou, meio temendo a resposta: — Quantos estavam imunes?

Sua hesitação era óbvia, mas ele não tentou se esquivar da pergunta. — Não tenho certeza. Disseram-me que o Calor matou mais de noventa e nove por cento da população, mas mesmo essa taxa de mortalidade ainda deixaria milhões vivos. Contudo....

Ele parou por aí, e Leila pensou que ela sabia o motivo. Poderia haver milhões sobrando depois que o Calor fez seu trabalho sujo, mas agora, quase dois meses depois, ela se perguntava quantas dessas pessoas imunes ainda estavam vivas. Os djinn — maus— haviam feito a devida diligência, matando os

sobreviventes onde quer que os encontrassem. Mesmo se houvesse dez mil ou mais deles no esquadrão de ataque, ainda levaria tempo. Pode haver centenas de milhares de pessoas, apenas esperando o martelo cair.

Sua esperança deve ter aparecido em seu rosto, porque Malik disse calmamente. — Não há nada que possamos fazer para salvá-los. De fato, nós dentre os Mil somos proibidos de fazer a tentativa. Fazia parte da barganha que fizemos. Só poderíamos proteger nossos Escolhidos, e mais ninguém.

— Parece um pouco duro,— disse Leila, seu tom intencionalmente quebradiço. Ela ainda não conseguia ver como alguém - mesmo um djinn - poderia simplesmente se sentar e permitir que milhões de pessoas fossem assassinadas completamente. Não se tratava nem do Calor, mas do genocídio calculado daqueles que restavam.

— Ele é duro,— Malik voltou, surpreendendo-a. — Nós djinn somos um povo duro, de várias maneiras. Fomos forçados a viver por milênios no

outro mundo, e não é um lugar para a suavidade do corpo e do espírito.

Ela inclinou a cabeça para um lado, considerando-o. Mais uma vez, ele usava aquela expressão calma, e ela se perguntou quanto disso vinha da serenidade interior e quanto do rígido autocontrole. — O outro mundo. Você mencionou ontem. O que é isso exatamente?.

Um gole de café, como se ele precisasse se preparar para a explicação seguir. — É um lugar além deste mundo - em outro plano, por falta de uma maneira melhor de descrevê-lo. Não há noite e dia, apenas um céu torturado em mil cores. Nada cresce lá, exceto o que podemos nutrir nos pátios e jardins de nossos palácios. O vento sopra incessantemente.— Ele fez uma pausa antes de acrescentar: — Nenhum humano pode sobreviver lá, pois o ar não é suficiente para sustentar seus pulmões.

A imagem que ele pintou era horrível. Não é de admirar que os djinn tivessem ficado tão zangados com Deus, estivessem dispostos a fazer o que fosse

necessário para tornar a Terra deles novamente. Os terrores do outro mundo não eram justificativas suficientes para a morte e a destruição que haviam desencadeado, e ainda assim Leila começou a ver como os djinn poderiam ter pensado assim.

Um silêncio caiu, no qual os dois tomaram um café, sem se olharem. Quando tudo ficou horrível, Leila disse: — Quanto tempo você acha que vai demorar para o clima se acalmar?

Os ombros dele se ergueram e o verde azulado de sua túnica ficou imerso à medida que se mexia levemente. — Sinceramente, não posso dizer. Alguns anos, eu pensaria. Pelo menos aqui nesta região, há poucas chances de tornados ou furacões.

Graças a Deus pelos pequenos favores. Ela sorriu levemente e depois disse: — Mas temos terremotos.

— Oh, eles não têm nada com que se preocupar,— ele assegurou. — Os elementais da terra podem sentir sua chegada e enviar a energia para outro lugar antes que possam causar muito dano.

Leila começou a perceber que havia ramificações nos poderes dos djinn que ela realmente não havia considerado. Pena que os djinn não eram altruístas; eles poderiam ter parado o terremoto de Northridge antes de contribuir para tanta perda de vidas ou os terremotos destrutivos no México. Mas, aparentemente, eles só estavam preocupados em mitigar os danos agora que eram residentes deste planeta.

— Se for esse o caso?,— ela perguntou, — os elementais do ar não conseguem impedir tornados?

— Suponho que eles podem,— respondeu Malik.
— Eu preferiria não o colocar à prova, no entanto. Coisas perturbadoras, tornados.

O comentário dele quase a fez sorrir. Não porque ela também era fã de tornados, mas porque divertia-a ver que Malik tinha um pouco de fobia. Talvez fosse uma palavra muito forte. Claramente, porém, ele não gostava deles, talvez porque não pudesse controlá-los da maneira que provavelmente poderia um tsunami.

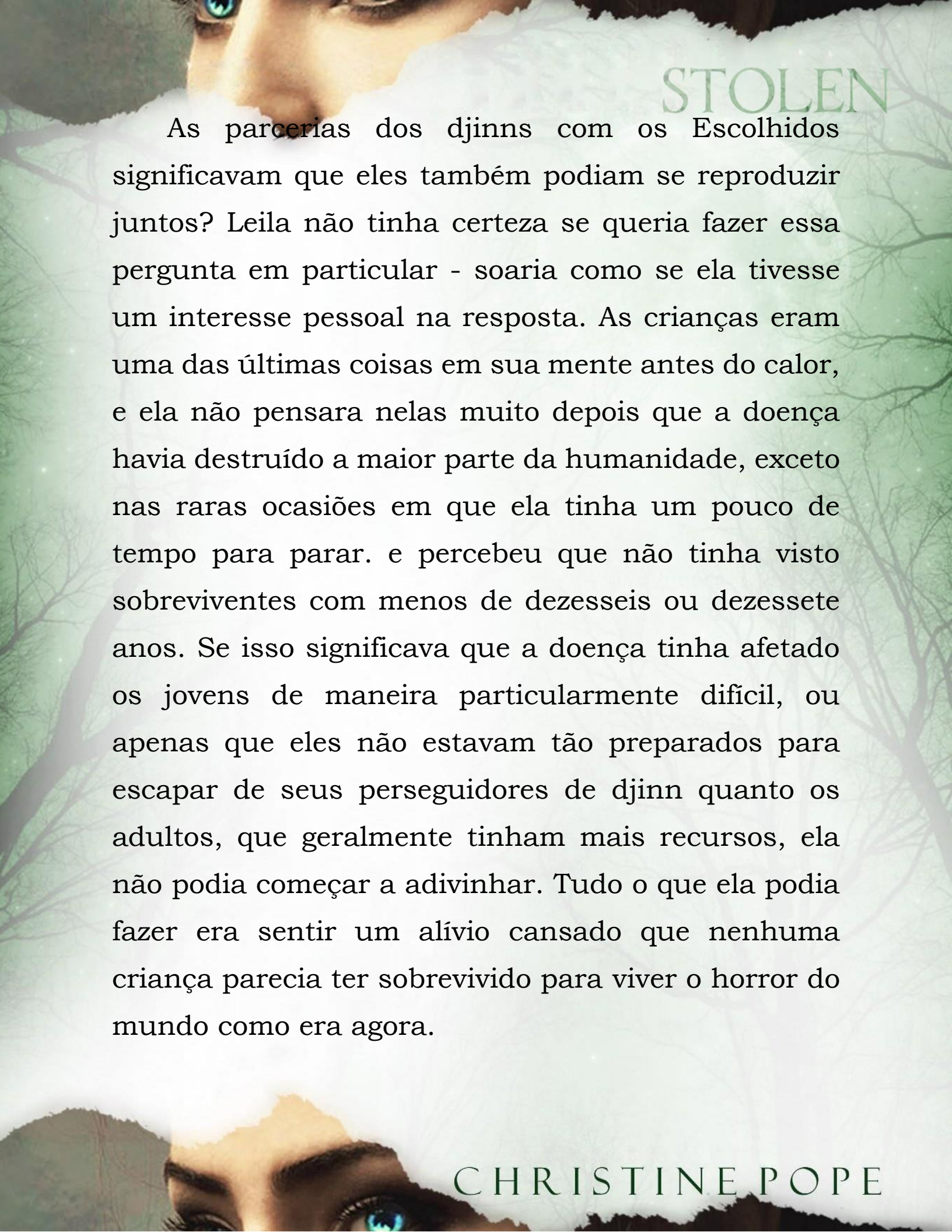
— Sua irmã também é elementar da água?— ela perguntou.

— Não, ela controla a terra.

— Irmãos não precisam ter os mesmos poderes?

— Não.— Ele tomou um gole de café e acrescentou: — Até onde fomos capazes de dizer, não existe um padrão genético claro quando se trata de um djinn controlar um determinado elemento. Não é o tipo de coisa que ocorre nas famílias. Parece mais que a natureza nos guia nisso, pois sempre há uma distribuição uniforme entre os quatro elementos, não importa quantos filhos nascem em uma família em particular.

Ela nem tinha pensado em crianças. Mas se Malik tinha uma irmã, era lógico que eles deveriam ter pais em algum lugar. Ela realmente não parou para considerar o conceito de reprodução de djinn, porque antes de conhecer Malik, os elementais eram uma grande força consolidada do mal, no que dizia respeito a ela. Você não se preocupou com seus archi-inimigos tendo pais, irmãos ou qualquer tipo de família.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a white, torn-paper-like border. The woman has dark hair and is looking upwards. The background is a soft green color with faint, white, leafy patterns. The word "STOLEN" is written in a large, green, serif font in the upper right corner.

STOLEN

As parcerias dos djinns com os Escolhidos significavam que eles também podiam se reproduzir juntos? Leila não tinha certeza se queria fazer essa pergunta em particular - soaria como se ela tivesse um interesse pessoal na resposta. As crianças eram uma das últimas coisas em sua mente antes do calor, e ela não pensara nelas muito depois que a doença havia destruído a maior parte da humanidade, exceto nas raras ocasiões em que ela tinha um pouco de tempo para parar. e percebeu que não tinha visto sobreviventes com menos de dezesseis ou dezessete anos. Se isso significava que a doença tinha afetado os jovens de maneira particularmente difícil, ou apenas que eles não estavam tão preparados para escapar de seus perseguidores de djinn quanto os adultos, que geralmente tinham mais recursos, ela não podia começar a adivinhar. Tudo o que ela podia fazer era sentir um alívio cansado que nenhuma criança parecia ter sobrevivido para viver o horror do mundo como era agora.

CHRISTINE POPE

Malik tinha adivinhado sua inquietação com relação ao tópico atual da conversa? Leila não sabia ao certo. Ela tomou um gole de café, enquanto o djinn drenava o resto da torre francesa na caneca dele e a enchia novamente da jarra que estava no prato de aquecimento da cafeteira.

Máquina de café. Isso foi um eufemismo. A coisa era uma enorme unidade industrial de aço inoxidável que parecia capaz de fazer café expresso e café com leite para toda a equipe de filmagem sem suar a camisa. Usá-lo para fazer duas xícaras de café mundanas era como usar uma Ferrari para fazer compras.

— Gostaria de um café da manhã?— ele perguntou depois que terminou de encher sua caneca.

O café da manhã para ela costumava ser um copo de iogurte e algumas frutas frescas. Ultimamente, eram barras energéticas - se ela tivesse sorte. Fazia tanto tempo desde que ela tomara um café da manhã

de verdade, tudo o que ela podia fazer era piscar o djinn e repetir: — Café da manhã?

Um flash de um sorriso deslumbrante quando o sol brilhante despejou no pátio do lado de fora. — Supus que essa fosse a refeição que vocês, mortais, consumiram pela manhã. Ovos, torradas ... bacon?

Oh, Deus, bacon. Quando foi a última vez que ela comeu bacon? Talvez no brunch que ela e Dylan compareceram no fim de semana do aniversário de seus pais, quase um ano atrás, embora agora que pensasse nisso, tivesse pulado o bacon e os waffles, tivesse comido apenas ovos, frutas e um pedaço de fermento. brinde, já que ela tinha uma audição chegando e não queria parecer inchada.

Bem, não há mais problemas com as audições, isso era certo. E, claramente, Malik não era um daqueles tipos controladores que examinavam cada bocado que sua namorada comia para garantir que ela não o engolisse.

— Bacon parece ótimo,— disse ela, em seguida, levantou uma sobrancelha duvidosa. — Você sabe como fazer bacon?

Outro sorriso. — Essas coisas são fáceis o suficiente para nós, djinn.

De repente, o cheiro de bacon recém-cozido atingiu seu nariz. Leila olhou para a mesa e as cadeiras da bancada, que estavam colocadas ao lado de um canto, e viu que a mesa estava repentinamente arrumada, e no meio da mesa havia uma travessa de bacon, uma tigela de ovos mexidos, e um prato de torrada cortado em triângulos perfeitos.

— O que -?— ela deixou escapar, depois parou, lançando um olhar indagador para Malik. — Você pode fazer tudo isso?—

— Oh, sim,— ele respondeu. — Algumas pessoas gostam de cozinhar tanto quanto os mortais, criando tudo do zero, mas não é necessário.

O cheiro de bacon era muito atraente. Leila levou a caneca de café com ela e foi até a mesa, depois reagiu com a mão livre e pegou um dos pedaços

perfeitamente dourados e crocantes. Uma mordida foi suficiente para enviar endorfinas a inundando através dela. Santo Inferno, isso foi bom.

— Você gosta disso?— Malik perguntou, depois se aproximou para poder puxar uma das cadeiras e se sentar.

— O melhor bacon que já comi,— disse ela, e isso era apenas a verdade. Ela poderia ter tentado explicar sua reação à comida dizendo a si mesma que era apenas que ela não tinha bacon há muito, muito tempo, mas isso seria uma mentira. Realmente foi o melhor que ela já teve.

O mesmo aconteceu com os ovos e a torrada, nenhum dos quais parecia inclinado a esfriar do jeito que costumavam fazer quando ficavam sentados por um tempo. Leila justificou a pilha alarmante de comida que colocou no prato, dizendo a si mesma que tinha estado basicamente em rações de fome nas últimas semanas, e que agora exagerar agora certamente não faria muita diferença.

Malik deu um pequeno sorriso ao vê-la comer, mas não comentou, possivelmente porque também causou sérios danos à tigela de ovos e ao prato de bacon. Djinn precisava se preocupar com o peso? Provavelmente não; eles pareciam ser espécimes físicos bastante perfeitos, tanto quanto ela era capaz de dizer.

Depois que ela diminuiu um pouco, perguntou: — Você pode conjurar qualquer comida que quiser, assim?

— Sim, desde que os componentes desse alimento existam em algum lugar. Nós djinn não podemos fazer algo do nada, mas o mundo é rico e podemos usar o que já está aqui.

Isso fazia sentido. De certa forma, ajudou a saber que ele não estava apenas estalando os dedos e puxando essas coisas do nada. — O vinho também?

O sorriso dele se alargou. — Isso não. O que foi deixado aqui em casa é mais do que suficiente para nossas necessidades.

Ela não podia discutir com isso, não depois do requintado Bordeaux que haviam compartilhado na noite anterior. — Mas você poderia, se quisesse. Você pode estalar os dedos e ter um Chateau Lafitte Rothschild de 1961 aqui em cima da mesa, certo?.

Um estalar de dedos e uma garrafa empoeirada caíram sobre a mesa diante dela, um contraste incongruente com os pratos de café da manhã que ocupavam o mesmo espaço. Ela olhou para o rótulo. Sim, esse era definitivamente o vinho que ela havia pedido.

— Não precisava chegar tão longe,— disse Malik em resposta a ela, um silêncio apedrejado. — Um dos vizinhos da rua o tinha no porão. Mas eu poderia ter convocado do outro lado do mundo, se necessário.

Nesse momento, Leila estava feliz por já estar sentada. Ah, ela sabia que Malik possuía poderes sobrenaturais, ou ele não seria capaz de piscar aqui naquele beco em Highland Park, mas entre o vinho e o café da manhã, ela se perguntou quanto mais ele poderia fazer. Ela estava com medo de perguntar.

Em vez disso, ela murmurou — Impressionante — e deu outra mordida na torrada, em parte para encobrir sua confusão.

— Faz parte do que somos, — disse ele. — Nada mais nada menos. Certos poderes nos foram concedidos, mas certamente não somos deuses ou algo parecido.

O djinn poderia morrer? Eles estavam vivos, respirando criaturas, e assim alguém poderia pensar que isso era sempre uma possibilidade, mas Leila não podia ter certeza - e novamente, essa era uma pergunta que ela realmente não queria fazer.

Com uma voz mais suave, ele acrescentou: — Não há nada que eu não receba por você, se você me solicitar.

O sangue correu por suas bochechas, mas ela se fez dizer, com a voz baixa: — Não tenho certeza se há algo que eu preciso, graças ao armário cheio de roupas que você me deu.

— Conforto material,— ele respondeu, dando um aceno negligente de uma mão. — O que você *realmente* quer?.

O que ela realmente queria? Para que as coisas voltassem a ser como eram, ela supunha, embora soubesse que isso era impossível. Não podia pedir a Malik que a deixasse ir, porque sabia tão bem quanto ele que ficaria vulnerável a perseguir os maus djinn assim que não estivesse mais sob sua proteção.

Mas havia uma coisa, um pedido que ela poderia fazer. Algo que vinha caçando em sua mente desde que o mundo morrera silenciosamente, estremecendo seu último suspiro enquanto seus habitantes queimavam suas vidas em uma febre que era nuclear quente. Ela nunca foi capaz de verificar por si mesma, porque a distância era grande demais para sequer pensar em se cobrir sozinha, mas agora ela tinha Malik para ajudá-la.

Encontrando seus olhos escuros diretamente, ela disse: — Quero que você me leve para casa.

Malik não sabia o que Leila iria solicitar dele, mas sua resposta o surpreendeu, no entanto. Por um segundo ou dois, ele só pôde encará-la, sem ter certeza do que ela estava perguntando. — Você quer ir para casa em Highland Park? Você sabe que isso não é possível.

— Não, não é possível,— disse ela com um aceno de mão. — Eu não estou falando sobre voltar para ficar. Eu sei que não é seguro. Eu quis dizer que queria que você me levasse para casa em Irvine, na casa onde cresci. Eu preciso ver por mim mesmo. Eu....— Ela parou ali e respirou fundo, como se estivesse tentando conter um soluço. De fato, seus olhos azuis escuros pareciam suspeitosamente brilhantes. — Eu preciso saber que eles realmente se foram. Você pode fazer isso por mim, Malik?.

Claro que ele poderia. Ele considerou a viagem segura o suficiente, pois não havia outros assentamentos de djinn naquela área. Ao longo da costa em Laguna Beach, sim, e depois a mais de 160

quilômetros de distância e mais em San Diego, mas nenhum em Irvine, a cidade suburbana em expansão onde Leila havia crescido até a idade adulta.

— Sim,— ele disse. — Não haverá problema. Mas o que exatamente você espera encontrar?.

Seus dedos brincavam com a alça do garfo, onde ficava ao lado do prato. — Encerramento,— ela disse simplesmente.

Como ele desejou poder segurá-la em seus braços e oferecer-lhe conforto, pois ele podia dizer que ela ainda estava lutando para manter o controle. Claramente, o pensamento do que ela poderia encontrar a preocupava, e ainda assim ela precisava confrontá-lo.

Ele conseguia entender isso. Na verdade, ele estava contente com a necessidade dela de confrontar seu passado, porque uma vez que ela o fizesse, ele esperava que ela fosse capaz de enfrentar seu futuro - seu futuro com ele. Eles poderiam seguir juntos.

— Muito bem,— disse ele. — Você deseja ir agora?

— Se estiver tudo bem.— Ela afastou o prato vazio e colocou o guardanapo sobre a mesa. — Eu não poderia comer outra mordida de qualquer maneira.

Malik estava se sentindo bastante cheio também. Normalmente, ele não comia muito de manhã, preferindo fazer refeições maiores em outros horários do dia, mas havia consumido um bocado saudável de ovos e bacon para manter a companhia de Leila. Apesar de sua expressão contida, ele pensou que o grande café da manhã tinha sido bom para ela, pois as bochechas dela tinham uma cor quente e saudável, e já havia um pouco da magreza de olhos vazios que ele notou quando a confinou no beco. começando a desaparecer. Ele teria que ter certeza de que ela comia bem, para poder voltar ao seu estado saudável e feliz.

Ele acenou com a mão sobre a mesa e todos os pratos sujos desapareceram instantaneamente. A boca de Leila se abriu levemente de surpresa. — Para onde eles foram?

— Todos foram limpos e retornaram aos seus devidos lugares nas prateleiras dos armários,—

respondeu ele, levantando-se. Leila também se levantou, balançando a cabeça.

— Isso é conveniente. Eu teria matado para poder fazer esse tipo de coisa quando eu era criança e ficaria presa no serviço de cozinha.

Era uma coisa tão pequena que Malik estava quase envergonhado de ter Leila tomando nota disso. Ele se afastou da mesa e estendeu a mão para ela. — Vou ter que abraçá-la, para que você possa viajar comigo enquanto viajo no caminho dos djinns.

A expressão dela ficou séria. Pela maneira cuidadosa e medida em que ela se aproximou dele, ele percebeu que ela não estava muito emocionada por ter que chegar tão perto. E, no entanto, ele não sentia medo nela, nem repulsa pelo que ele era. Era mais que ela não tinha muita certeza de suas próprias respostas a ele, e, portanto, preferia manter distância até conseguir resolver seus sentimentos.

Isso teria que esperar até mais tarde, no entanto, porque a única maneira de Malik fazê-la viajar em um piscar de olhos era para ele segurá-la com firmeza.

Ela se aproximou, deixando-o abraçar sua cintura. Provavelmente era o mais próximo que chegaria daquele beijo que queria roubar dela, embora dissesse a si mesmo para não apreciar demais a proximidade deles. A última coisa que ele queria era assustá-la, fazê-la tentar se afastar dele em um momento inoportuno.

Ainda assim, ele se permitiu saborear a sensação de sua cintura esbelta, respirar o doce perfume de seus cabelos. Os djinn não podiam viajar para lugares que não tinham visitado antes, ou pelo menos visto, mas isso não era impedimento aqui. Ele tinha ido ver a casa de infância de Leila quando a vigiava, tentando decidir se a tornaria sua Escolhida. Portanto, era fácil o suficiente pensar na imagem da grande casa de dois andares com árvores bem cultivadas ao redor, pinheiros delgados e eucalipto de casca branca alta, e o que antes era um gramado bem cuidado, mas agora estava provavelmente amarelo e morto. Nada em qualquer lugar tão luxuoso é a casa onde os dois

moravam agora, mas ainda é o tipo de lugar onde moravam pessoas confortáveis e prósperas.

No instante seguinte, eles ficaram na calçada em frente à casa. Assim que seus pés tocaram a calçada, Leila soltou Malik. Ele esperava que ela fizesse exatamente isso, e ainda assim experimentou uma pontada de decepção quando ela retirou os braços da cintura dele e deu alguns passos para longe dele. Sua mandíbula se apertou quando ela olhou para o gramado seco e infestado de ervas daninhas.

— Meu pai nunca deixaria as coisas assim,— ela murmurou.

Percebendo que ela não esperava que ele respondesse, Malik se manteve de lado e observou enquanto ela se afastava da casa para poder examinar o resto do beco sem saída onde estava localizado. Um dos quintais mostrou sinais similares de negligência, mas, ao contrário de alguns dos outros bairros mortais que visitou após o Calor tinha feito o seu trabalho, havia veículos não abandonados

no meio da estrada, há sinais de uma tentativa apressada fugir da doença.

Suponho que é melhor entrarmos disse Leila a seguir.

Ele não fez nenhum protesto. Se ela queria ver isso, que assim seja. Pelo menos ela não faria isso sozinha, o teria lá com ela.

Por outro lado, talvez ela não achasse a presença dele tão reconfortante quanto ele esperava que ela achasse. Malik não queria muito considerar essa possibilidade, pois queria que ela se sentisse confortável com ele, que o visse como uma fonte de consolo.

Ele a seguiu pela frente. Ela tocou os dedos na trava da porta de bronze envelhecido. — Está trancado.

Uma coisa fácil o suficiente para ele gerenciar. Ele estendeu a mão e apertou a trava, e a porta se abriu alguns centímetros.

Ela lançou um olhar surpreso para ele, depois deu um pequeno encolher de ombros resignado. — Suponho que deveria ter esperado isso.

Sem esperar que ele respondesse, ela abriu a porta completamente e entrou. Malik seguiu alguns passos atrás dela, observando o ambiente. A entrada e a sala logo à frente ostentavam tetos muito altos, provavelmente com pelo menos seis metros de altura. O chão era de ladrilhos claros na entrada, mas virou madeira na sala de estar e na sala de jantar logo depois disso.

Tudo estava coberto por uma fina camada de poeira, mas ele percebeu que os móveis haviam sido bons, discretos e sobressalentes, mas com materiais de alta qualidade. As paredes tinham uma coleção de arte eclética, incluindo uma página muito fina de um manuscrito iluminado, escolhido em folha de ouro.

Leila deve ter notado a atenção dele porque disse: — Meus avós lhes deram isso como presente de casamento. Foi uma das poucas coisas que eles conseguiram contrabandear para fora do Irã.

Malik assentiu. — Deve ter sido difícil começar de novo em um novo lugar.

— Isso foi. Meu avô era médico no Irã, mas ele teve que trabalhar no escritório geral por cinco anos antes que ele pudesse restabelecer sua licença para poder praticar aqui.— Leila fez uma pausa, sua atenção concentrada na pintura - provavelmente para não precisar olhar diretamente para ele. — Mas ele nunca foi amargo. Ele estava orgulhoso do que era capaz de fazer aqui, sempre dizia que os Estados Unidos eram o maior país do mundo.

Agora era impossível ignorar o brilho das lágrimas em seus olhos. Mais uma vez, Malik desejou poder abraçá-la, permitir que ela chorasse por tudo o que havia perdido. — Seus avós moravam aqui em Irvine como vocês?.

— Sim. A casa deles fica no University Park, no entanto. É menor que este, mas meus avós também se orgulharam disso.— Leila engoliu em seco e estendeu a mão para tocar a ponta do dedo anelar no canto externo de um olho, tentando pegar uma

lágrima antes que caísse por sua bochecha. — Eles compraram com o dinheiro que trouxeram do Irã com eles. É claro que, nos anos 70, você ainda podia comprar uma casa aqui por menos de cem mil. Enfim - continuou ela -, acho melhor subirmos as escadas.

Malik não discutiu. Ele não tinha visto nenhum sinal da poeira cinza pálida que indicava que um humano havia morrido do Calor em um determinado local, o que significava que os pais de Leila provavelmente haviam morrido em sua cama, se estivessem em casa. Os sintomas da doença surgiram rapidamente, mas eles geralmente permitiam tempo suficiente para que suas vítimas chegassem a suas casas antes que a fase verdadeiramente virulenta ocorresse.

Ela subiu primeiro, com ele seguindo um ou dois passos atrás dela. No segundo andar, havia quatro quartos, embora um deles parecesse ter sido usado como escritório ou escritório, a julgar pelas estantes de livros que ladeavam as paredes e pela grande mesa com o computador agora escuro sobre ela.

Leila ignorou a sala, no entanto, e a próxima a ela, em vez de ir para o final do corredor. A porta da sala também estava aberta.

A princípio, não parecia que nada tivesse sido perturbado. As roupas de cama estavam viradas para trás, verdade, mas tudo estava arrumado e em ordem, desde a linha de frascos de perfume na cômoda até os brincos e colar de ouro que estavam em um prato em uma das mesinhas de cabeceira.

Foi só quando ele se aproximou que Malik pôde ver as pequenas pilhas de poeira cinza nos travesseiros, as maiores nos lençóis abaixo desses travesseiros. Pelo que ele sabia, os pais de Leila haviam morrido aqui juntos. Isso era algo, ele supôs, embora soubesse que o Calor causou uma febre tão terrível que o delírio provocou provavelmente teria impedido que eles percebessem que não estavam sozinhos, afinal.

Leila ficou ali por um longo momento, as mãos apertadas ao lado do corpo enquanto olhava para a cama. Malik não disse nada; ele imaginou que ela

devia saber exatamente o que aquelas pequenas pilhas de cinza significavam.

Quando ela falou, sua voz estava dura, tensa, mal soando como ela mesma. — Eu deveria saber. Ou seja, acho que sabia. Não queria acreditar, mas sabia.

— Sinto muito,— disse Malik, embora não soubesse com certeza se ela gostaria de ouvir essas palavras dele, um djinn.

Um levantamento de seus ombros. — Você não os mataria. Quero dizer, você provavelmente conheceu as pessoas que os mataram, mas isso não é a mesma coisa, é?— Ela se virou para ele, raiva e tristeza fazendo suas feições encantadoras parecerem mais uma máscara do que seu verdadeiro semblante. — Malik, me diga que não, ou não sei como poderei ficar olhando para você.

A raiva se moveu nele também, mas não nela. Não, era dirigido apenas às mentes retorcidas que pensavam que essa era a única solução que lhes permitiria chamar a Terra de lar novamente. — Não é a mesma coisa,— disse ele calmamente. — Eu não

conhecia nenhum deles pessoalmente, e nenhum deles veio do meu clã. Pode ser um conforto frio para você, mas é o único conforto que posso oferecer.

— É alguma coisa.— Ela ficou lá, olhando para ele, mas parecia mais que ela estava olhando *através* dele, talvez tentando procurar aqueles que haviam causado tanta destruição. Ou talvez ela estivesse apenas imaginando essa mesma cena reproduzida na casa dos avós.

Ele foi até ela e a pegou nos braços. A princípio, ela ficou rígida, e ele se preocupou que ela tentasse afastá-lo, se esquivar de seu abraço, mas então a cabeça dela estava apoiada em seu peito nu, os cabelos macios contra a pele dele. Ele se inclinou e tocou os lábios no topo da cabeça dela. — Leila, deixe-me levá-la desta peça. Deixe-me levá-lo para casa.

Ela não discutiu com o uso da palavra — casa.— Talvez ela estivesse em choque, ou talvez sua tristeza não lhe desse forças para lutar com ele. De qualquer forma, ela assentiu com a cabeça, e então ele a abraçou com força, depois os levou de volta para a

casa em Malibu, para uma parte do terreno do parque, onde ela podia ficar na grama verde e ser cercada por árvores, e deixar que parte da vida abundante lá ajude a afastar as visões da morte de sua mente.

Para sua surpresa, ela não tentou se afastar dele imediatamente. Talvez ela precisasse do conforto de alguém nesse momento, mesmo que esse conforto fosse oferecido por um djinn. Ela ficou ali por um longo momento, quieta no círculo dos braços dele, depois levantou a cabeça e olhou em volta para as árvores, para as sebes cuidadosamente cortadas. Ele se certificara de que os terrenos aqui não sofreriam degradação simplesmente porque não havia mais uma equipe de humanos para mantê-los, e assim tudo parecia o mesmo de quando o calor começou.

— Onde estamos?— Leila perguntou.

— Como eu disse, em casa,— respondeu Malik.

— Você ainda não viu essa parte do terreno - isso é tudo.

Ela ficou em silêncio novamente, olhando em volta deles. A brisa do mar atingiu seus cabelos soltos, soprando mechas onduladas sobre seus ombros. Lágrimas ainda brilhavam em seus olhos, mas ele pensou que ela não permitiria que caíssem. — É lindo,— disse ela finalmente.

Você também, pensou ele, embora tenha guardado essas palavras para si mesmo. Ele não achava que ela apreciaria elogios agora, com ela tão fresca em sua mente. — Eu gosto de andar aqui entre as árvores. Isso ajuda a limpar a mente, eu acho.

— Obrigado por me trazer aqui.— Ela respirou fundo e fechou os olhos por um momento. — Eu não sou - eu não sei o que devo fazer a seguir.

Ele tocou a mão dela e colocou os dedos nos dela. — Você não precisa fazer nada. Mas eu sugeriria caminhar comigo até a piscina. Lá você pode ficar sentada ao sol por um tempo e descansar o tempo que precisar.

Os dedos dela apertaram contra os dele. Quando ela olhou para ele, seus olhos eram do mesmo azul

escuro e profundo do Pacífico selvagem, agora ocultos pelas árvores do bosque onde estavam. — Você vai se sentar comigo, Malik?.

Uma onda de esperança passou por ele com a pergunta dela. Ele temia que ela quisesse ser solitária, não gostaria de ter um djinn perto dela enquanto lutava para enfrentar a confirmação real de seus piores medos. Certamente ela devia saber que seus pais ainda não estavam vivos, mas uma coisa era manter essa crença na mente e muito mais ser confrontada com evidências concretas.

— Sim,— disse ele, com o coração inchado de alívio a pedido dela, — vou sentar com você.

Mesmo através das pálpebras fechadas, Leila podia ver o brilho avermelhado do sol, brilhante e quente. Isso a atingiu, reconfortante, devolvendo um pouco de calor aos membros gelados. Não havia razão para ela sentir frio, não em um dia ensolarado que poderia ter sido um anúncio criado para atrair pássaros da neve de Illinois e Michigan até o sul da

Califórnia durante o inverno, mas depois de ficar na casa onde crescera , vendo o que havia acontecido com seus pais, fora tomada por um calafrio que levaria o sol mais quente para se dissipar.

A espreguiçadeira ao lado dela rangeu quando Malik mudou seu peso. Ele a trouxe aqui para se deitar à beira da piscina, para assar ao sol. Na mesa que separava as duas cadeiras havia uma jarra de chá gelado que ele conjurou de algum lugar, mas Leila tomou apenas alguns goles antes de se recostar e fechar os olhos. Se Deus fosse misericordioso, ele a deixaria dormir, não a esqueceria do que acabara de ver. Por outro lado, se Deus fosse misericordioso, Ele não teria permitido que nada disso acontecesse, não é?

Ela soltou um suspiro e esperou que o som da brisa agitando as folhas das palmeiras ao redor deles fosse suficiente para abafar o som. Talvez não fosse uma boa ideia estar deitada aqui com os olhos fechados. Pelo que ela sabia, Malik havia mudado de

posição em seu salão para poder ficar em uma posição melhor para observá-la.

Isso pareceu resolver isso. Ela levantou-se para uma posição sentada, ostensivamente para pegar seu copo de chá gelado e tomar um gole, mas mais para poder verificar o que o djinn estava fazendo. Para seu alívio, ele estava deitado de costas, as dobras sedosas de sua túnica caindo para os lados e expondo os contornos rígidos e planos do estômago e a extensão fortemente musculosa do peito.

Leila se forçou a desviar o olhar, segurar o copo de chá gelado e fingir estar olhando para o mar. Ela pensou ter visto a menor mancha no horizonte. Um das Ilhas Anglo-Normandas? Ela nunca passara nenhum tempo real em Malibu, exceto uma excursão em que ela e um grupo de amigos haviam percorrido a Pacific Coast Highway e depois parado no Gladstone 's para comer patas de caranguejo e peixe-espada grelhado. Essa breve viagem não foi suficiente para lhe dar qualquer tipo de familiaridade com a área,

então ela não podia dizer com certeza se havia alguma ilha visível da costa de Malibu ou não.

A espreguiçadeira de Malik rangeu novamente, desta vez para que ele pudesse se sentar, como ela. Apenas os breves olhares em sua direção, como se quisesse verificar seu humor, e então ele pareceu seguir o olhar dela para o mar.

— O clima permanecerá bom por algum tempo, embora uma tempestade chegue em alguns dias,— disse ele antes de reagir para pegar seu próprio copo de chá.

— É difícil de acreditar,— respondeu ela, olhando para o céu azul brilhante, para as gaivotas que circulavam à beira-mar centenas de metros abaixo deles.

— Ah, mas está lá fora, a milhares de quilômetros de distância. No entanto, teremos sol agora.— Ele fez uma pausa e depois disse, ainda com o olhar fixo no horizonte: — Estou aqui, se você quiser conversar.

Ela realmente não fez. Tudo o que ela podia fazer era encolher os ombros enquanto bebia mais uma vez

de seu chá gelado. Também não havia nada de álcool adicionado a ela, mas, ao mesmo tempo, ela pensou que poderia tomar uma bebida. Se ela perguntasse, Malik conjuraria uma jarra de margaritas, ou talvez alguns daiquiris, com pequenos guarda-chuvas de papel?

Melhor não. Leila não sabia que horas eram, mas imaginou que era quase meio dia. Se ela começasse a beber agora, estaria uma bagunça antes que o dia terminasse.

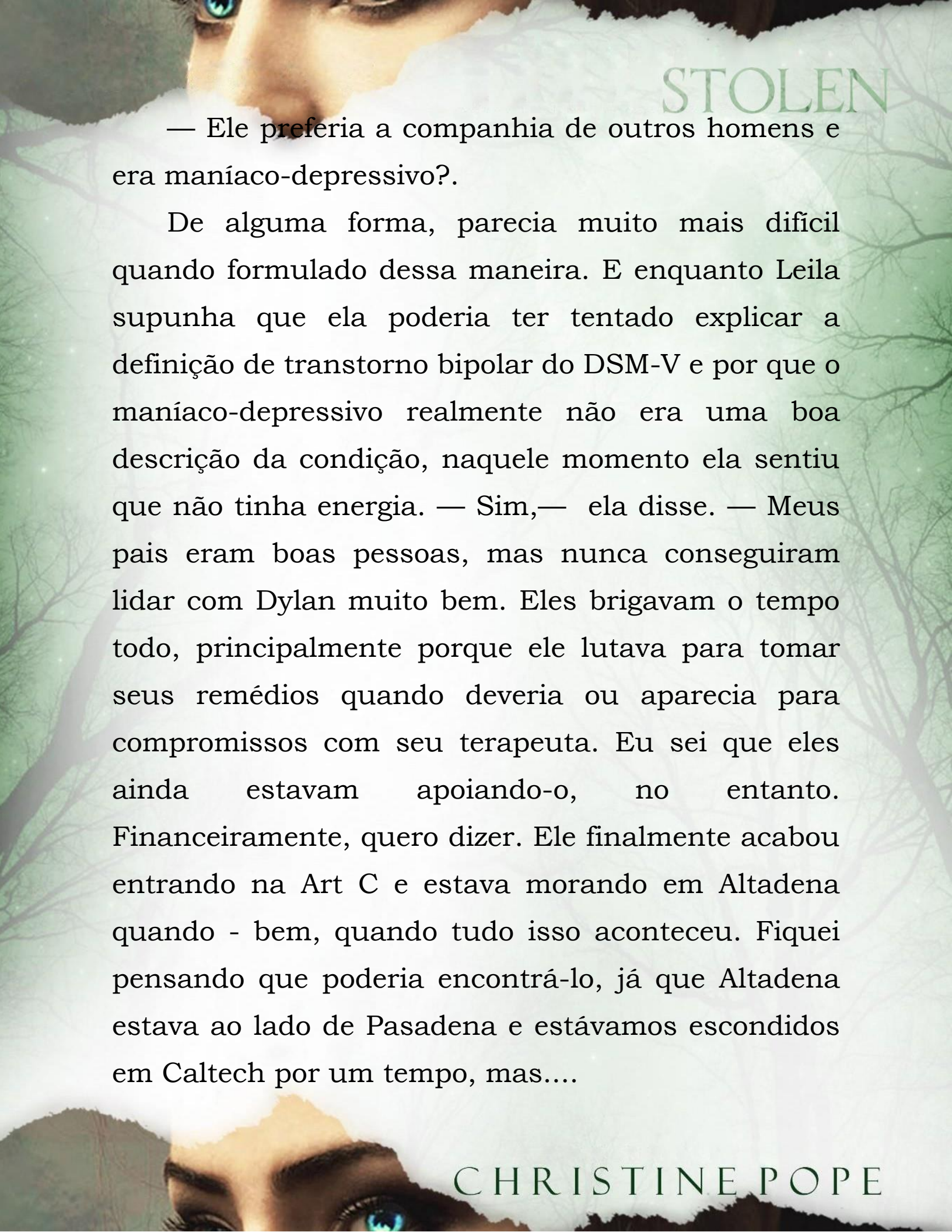
— O que há para conversar?— ela disse em resposta à oferta de Malik. — Eu sabia que era uma chance em um milhão que eles poderiam ter sobrevivido. O mesmo para o meu irmão, suponho.

— Você não falou muito dele.

Não, ela não sabia, porque realmente não sabia o que podia dizer. Eles enviavam e-mails ocasionalmente, mas ele tinha a vida dele e ela a dela. Ela sabia que ele não falava com os pais há mais de seis meses. Houve uma ruptura no Natal, uma tão

ruim que ele se levantou da mesa e saiu antes que o pai terminasse de esculpir o peru.

— Dylan estava...— Leila deixou as palavras sumirem porque estava procurando uma maneira de explicar seu irmão a Malik sem parecer que estava dando desculpas por ele. Além disso, seus próprios sentimentos eram mais conflitantes do que ela realmente queria admitir. Ela gastou tanta energia durante a infância e o ensino médio tentando cuidar de Dylan que se sentiu culpada por ir para a escola, mesmo que fosse apenas para a UCLA, e ainda mais culpada por se estabelecer em Los Angeles depois de se mudar para Los Angeles. ela se formou em vez de retornar ao Condado de Orange. — Dylan foi realmente brilhante. Todos esses testes - QI genial. E ele podia pintar como você não acreditaria. Ele foi aceito no Art Center em Pasadena, Otis Parsons, em outros lugares que não me lembro.— Ela parou ali, imaginando se os djinn sabiam o que aquelas escolas tinham sido ... não que isso importasse agora. — Ele também era gay e bipolar. Sabe o que aquilo é?

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. The image is partially obscured by a torn paper effect, revealing a green, leafy background. The word "STOLEN" is printed in a large, green, serif font in the upper right corner.

STOLEN

— Ele preferia a companhia de outros homens e era maníaco-depressivo?.

De alguma forma, parecia muito mais difícil quando formulado dessa maneira. E enquanto Leila supunha que ela poderia ter tentado explicar a definição de transtorno bipolar do DSM-V e por que o maníaco-depressivo realmente não era uma boa descrição da condição, naquele momento ela sentiu que não tinha energia. — Sim,— ela disse. — Meus pais eram boas pessoas, mas nunca conseguiram lidar com Dylan muito bem. Eles brigavam o tempo todo, principalmente porque ele lutava para tomar seus remédios quando deveria ou aparecia para compromissos com seu terapeuta. Eu sei que eles ainda estavam apoiando-o, no entanto. Financeiramente, quero dizer. Ele finalmente acabou entrando na Art C e estava morando em Altadena quando - bem, quando tudo isso aconteceu. Fiquei pensando que poderia encontrá-lo, já que Altadena estava ao lado de Pasadena e estávamos escondidos em Caltech por um tempo, mas....

CHRISTINE POPE

— Sinto muito,— disse Malik. — Não, eu tenho certeza que ele não teria sobrevivido ao calor. Aqueles que desenvolveram a doença garantiram que não houvesse fator genético envolvido, pois não queriam que as famílias sobrevivessem juntas e, portanto, fossem mais fortes. Acho que o que eles não levaram em consideração foi como vocês mortais fazem suas próprias famílias quando as pessoas do seu sangue são levadas embora.

Quão verdadeiro isso era. Leila pensou em Tyrell, o alto e forte Tyrell, que nunca parecia deixar nada incomodá-lo, por pior que fosse a situação. Macy e Jack, ambos estudantes de Caltech, e Allan, que havia trabalhado no JPL. Pretty Taylor e Jared, que podiam começar um incêndio do nada e já haviam sido escoteiros. E Bailey, ferozmente independente, que - talvez inspirada em seu nome - se salvou cedo, dizendo que odiava se esconder no escuro e que encontraria uma maneira de sobreviver sozinha. Ela deixou o grupo e Leila não fazia ideia do que havia acontecido com ela. Certamente ela deve estar morta

agora, no entanto. Todos eles criaram uma família por necessidade, por seu desejo de sobreviver.

Tudo se foi agora. Todos eles.

Ela nem percebeu que estava chorando até sentir as lágrimas escorrendo pelo rosto. Por que eles vieram agora, e não quando ela estava de pé ao lado da cama onde seus pais haviam morrido, Leila não sabia. Mas então ela sentiu mãos fortes sobre as dela, levantando-a da espreguiçadeira e, no momento seguinte, ela foi dobrada nos braços de Malik.

Ele a segurou antes, mas desta vez ela enterrou a cabeça no peito dele, tendo algum conforto necessário da força dos músculos que ela sentia sob a bochecha. Durante todo o tempo em que esteve no grupo de Tyrell, nunca se aproximou de ninguém - não se permitiu, porque sabia o quão precária era a situação deles. Ela já havia perdido muito. Se ela se permitisse se importar com qualquer um deles como algo mais do que companheiros de sobrevivência, a dor de perdê-los teria sido ainda mais insuportável.

Isso significava que ela começara a cuidar de Malik? Não, essa era uma noção ridícula. Ela mal o conhecia. Ela estava apenas deixando-o abraçá-la agora porque precisava desesperadamente sentir como se não estivesse sozinha. Além disso, ela não precisava se preocupar em perder Malik - mais o contrário. Ele a havia escolhido. Se um deles iria se afastar da outra pessoa, não seria ele.

Ela o sentiu beijar o topo de sua cabeça, muito gentilmente, quase como se ele não quisesse que ela soubesse o que ele havia feito. Em vez de enrijecer de surpresa, ela se aproximou dele. Essa foi boa. Ela tinha esquecido o quão bom era ser segurado por alguém ... mesmo que esse alguém fosse um djinn.

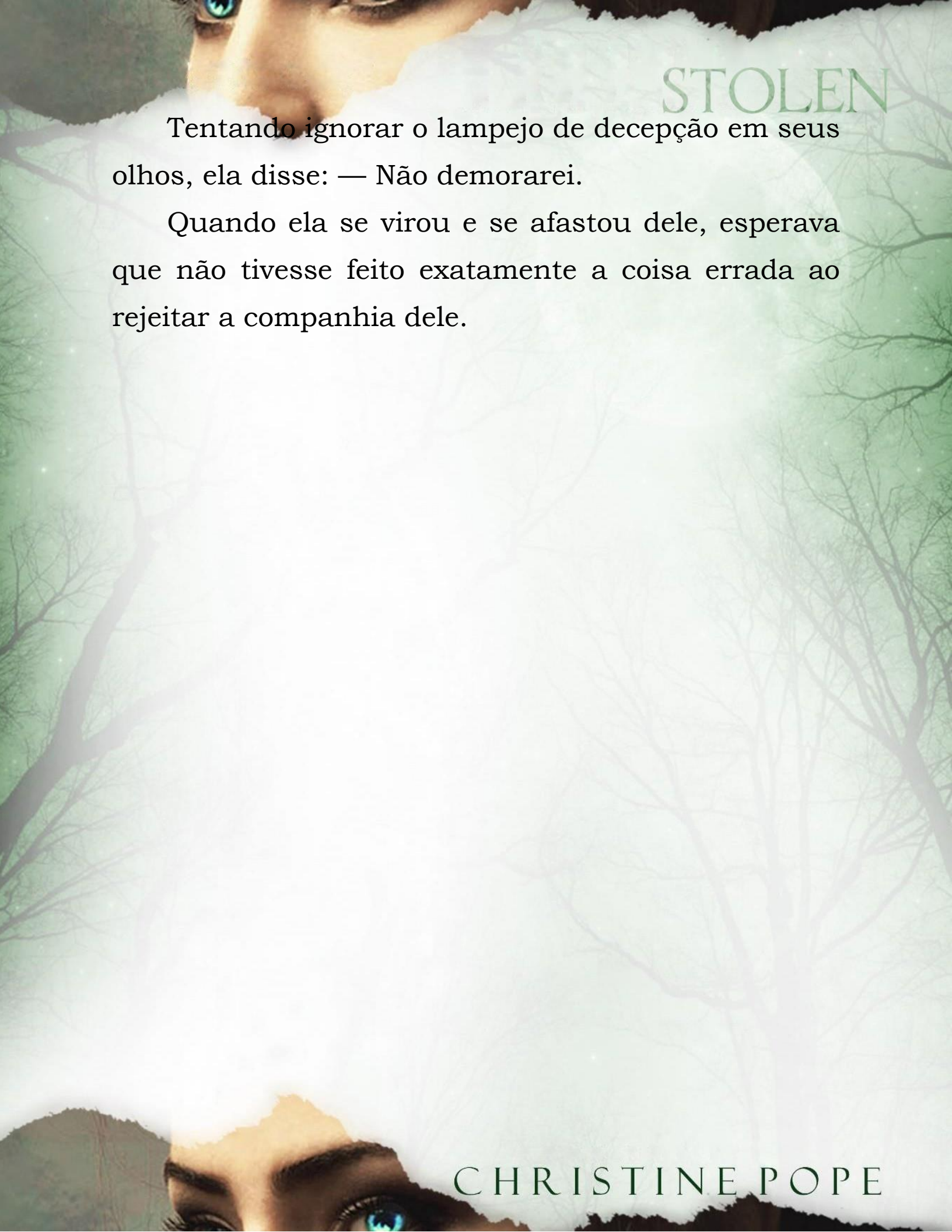
Embora ela se perguntasse se ele iria se abaixar e beijá-la na boca, aparentemente ele não parecia inclinado a empurrar as coisas. A mão dele passou pelos cabelos dela, quente, pesada e estranhamente tranquilizadora, e então ele a soltou, dando um passo para trás. Olhos escuros procuraram seu rosto, como

se procurasse um sinal de que ele havia ultrapassado, cauteloso e gentil como o abraço tinha sido.

— Obrigado, Malik,— disse ela, e quis dizer isso. Ela sabia que provavelmente era loucura se sentir confortada por sua presença, mas ele era. Com ele por perto, ela não estava sozinha. Todo mundo poderia ter ido embora, mas ele a protegera o tempo todo, mesmo que ela estivesse cega demais pelo próprio medo para perceber. Ainda assim, ela sabia que precisava de um tempo sozinha, de algum tempo para aceitar tudo o que ele lhe dissera ... e também, para tentar decidir o que ela deveria fazer sobre esses sentimentos estranhos que ele parecia despertar nela.

— Tudo bem se eu for caminhar um pouco na praia— ela perguntou. — Eu prometo que não irei longe.

Expressão sombria, ele assentiu. — Claro. Você está segura aqui. Ande o quanto quiser. Se você seguir o caminho pelo jardim, ele o levará a um conjunto de escadas que levam até a praia.



STOLEN

Tentando ignorar o lampejo de decepção em seus olhos, ela disse: — Não demorarei.

Quando ela se virou e se afastou dele, esperava que não tivesse feito exatamente a coisa errada ao rejeitar a companhia dele.

CHRISTINE POPE

Malik a observou se afastar e não fez nenhum movimento para detê-la. De alguma forma, ele sabia que se não desse a ela agora, ela nunca chegaria a um lugar em que o aceitaria. Era difícil, pois todas as veias de seu corpo pareciam pulsar com necessidade dela, mas ele se obrigou a entrar na casa. Se vislumbrasse ele a observando quando pensava que deveria ficar sozinha, nunca o perdoaria. Afinal, ele não tinha acabado de lhe dizer que ela estava segura aqui? Que razão ele teria para observá-la, a menos que fosse para protegê-la de algum tipo de perigo?

Ele desejou que houvesse algo mais que ele pudesse fazer para mostrar a ela que ele não queria lhe fazer mal. Sim, ela deve perceber que ele a levou para um lugar de abrigo, que ele impediu que os outros djinn a perseguissem e a tornassem mais uma vítima, mas ele não sabia se isso era suficiente. Infelizmente, ele temia que tudo o que pudesse fazer fosse lhe dar tempo suficiente para lamentar, e torcer

para que ela finalmente chegasse a um lugar de senão de aceitação, de compreensão.

Enquanto isso, ele andava pelos aposentos vazios da casa que havia emprestado, retirando um pouco de poeira aqui, convocando flores para encher um vaso ali. Tudo o que ele pensava em tornar esse lugar um santuário para a mulher que ele escolhera, pequenos toques que ela nem notaria conscientemente, mas poderia ajudar a acalmar sua alma. Uma vez que estivesse calma o suficiente, talvez ela se encontrasse tentando alcançá-lo, assim como ele desejava alcançá-la.

Por agora que ele a abraçara, ele podia pensar apenas em quanto ele queria abraçá-la novamente, sentir seu corpo esbelto em seus braços, sentir a energia feroz de seu espírito. Foi essa ironia que a manteve correndo, mesmo que ela devesse ter se perguntado, nas profundezas daquelas longas e escuras noites passadas no esconderijo, se tal existência realmente valia o esforço.

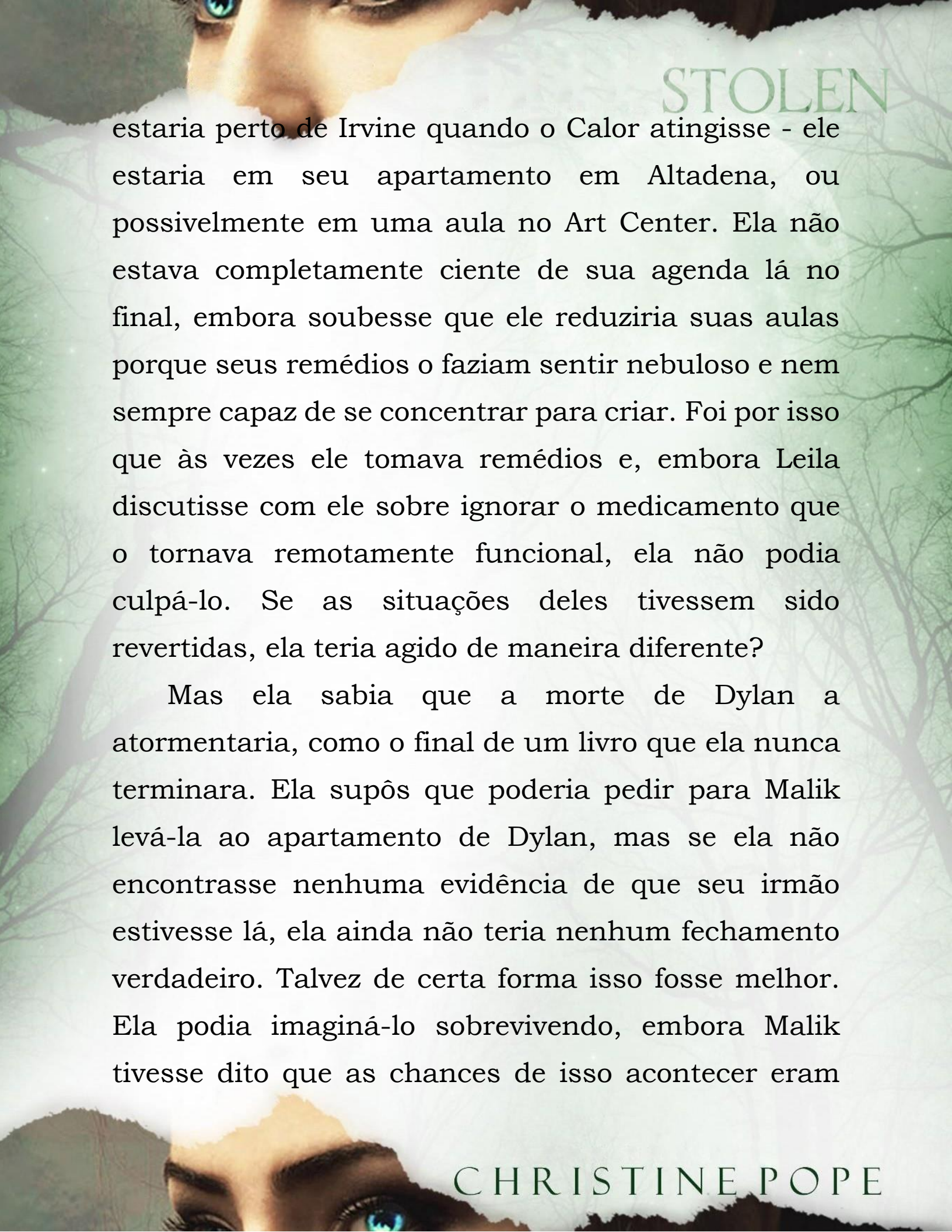
Ele tinha esperanças de que ela percebesse que sua vida valia a pena ... e que ele queria ter certeza de que era tão rica e gratificante quanto ela merecia.

O vento atingiu seus cabelos, selvagens e pesados com sal. Era bom respirar o ar do mar, dar a si mesma o luxo de uma solidão que não consistia em minutos roubados gastos no esconderijo.

Mesmo assim, todo o ar salgado do mundo não conseguia se livrar da dor que sentia agora, aquela que parecia ter se alojado firmemente sob o esterno. Ela sabia que sua família devia ter sumido, mas ...

Pelo menos seus pais haviam morrido juntos. Isso era algo - o que eles sempre quiseram, realmente. Eles costumavam fazer piadas sobre não sobreviver um ao outro, então nenhum deles teria que continuar sozinho depois que o outro se fosse. De alguma forma, ela sabia que se um deles falecesse antes do outro, o pai restante não duraria por muito tempo.

A incomodava muito mais se perguntar o que havia acontecido com Dylan. É claro que ele não

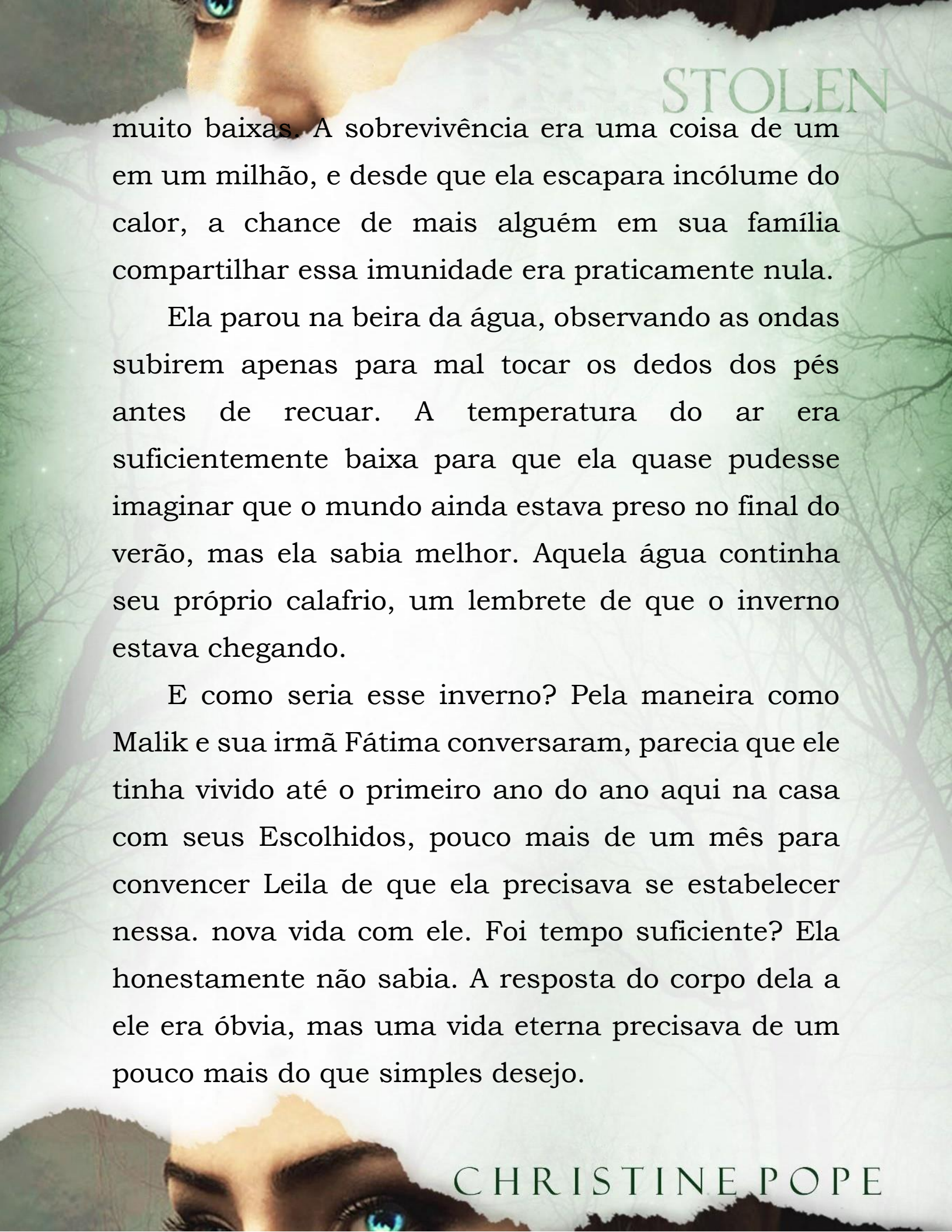


STOLEN

estaria perto de Irvine quando o Calor atingisse - ele estaria em seu apartamento em Altadena, ou possivelmente em uma aula no Art Center. Ela não estava completamente ciente de sua agenda lá no final, embora soubesse que ele reduziria suas aulas porque seus remédios o faziam sentir nebuloso e nem sempre capaz de se concentrar para criar. Foi por isso que às vezes ele tomava remédios e, embora Leila discutisse com ele sobre ignorar o medicamento que o tornava remotamente funcional, ela não podia culpá-lo. Se as situações deles tivessem sido revertidas, ela teria agido de maneira diferente?

Mas ela sabia que a morte de Dylan a atormentaria, como o final de um livro que ela nunca terminara. Ela supôs que poderia pedir para Malik levá-la ao apartamento de Dylan, mas se ela não encontrasse nenhuma evidência de que seu irmão estivesse lá, ela ainda não teria nenhum fechamento verdadeiro. Talvez de certa forma isso fosse melhor. Ela podia imaginá-lo sobrevivendo, embora Malik tivesse dito que as chances de isso acontecer eram

CHRISTINE POPE



STOLEN

muito baixas. A sobrevivência era uma coisa de um em um milhão, e desde que ela escapara incólume do calor, a chance de mais alguém em sua família compartilhar essa imunidade era praticamente nula.

Ela parou na beira da água, observando as ondas subirem apenas para mal tocar os dedos dos pés antes de recuar. A temperatura do ar era suficientemente baixa para que ela quase pudesse imaginar que o mundo ainda estava preso no final do verão, mas ela sabia melhor. Aquela água continha seu próprio calafrio, um lembrete de que o inverno estava chegando.

E como seria esse inverno? Pela maneira como Malik e sua irmã Fátima conversaram, parecia que ele tinha vivido até o primeiro ano do ano aqui na casa com seus Escolhidos, pouco mais de um mês para convencer Leila de que ela precisava se estabelecer nessa. nova vida com ele. Foi tempo suficiente? Ela honestamente não sabia. A resposta do corpo dela a ele era óbvia, mas uma vida eterna precisava de um pouco mais do que simples desejo.

CHRISTINE POPE

Tudo bem então. Ele era gentil e gentil, e, de alguma forma, orgulhoso e apaixonado também. Uma combinação interessante. Apenas a ideia de Malik era fascinante, um ser divino imortal que queria fazer dela a sua. Quase como algo saído de um conto de fadas, embora até a mais horrenda história de Grimm não tenha envolvido a morte premeditada de bilhões de pessoas.

Malik não está fazendo, é claro. Mas ainda....

Ela caminhou de volta para a base da escada, depois parou para poder calçar as sandálias. Tinha sido muito difícil andar na areia enquanto os usava, mas ela precisava dos sapatos agora para proteger os pés do cimento áspero enquanto fazia a subida íngreme de volta à casa.

E depois disso? Sinceramente, ela não fazia ideia.

Leila voltou para dentro, soprada pelo vento e mais bonita do que nunca aos olhos de Malik. Ela pediu um copo de água, e ele o pegou na cozinha, embora pudesse tê-lo chamado do nada, se quisesse.

De alguma forma, porém, ele achou melhor mostrar como ele queria fazer um esforço extra por ela.

Se ela notou, ela não deu sinal. Ela agradeceu distraidamente, depois subiu para o quarto. E quando ele bateu horas depois, perto do momento em que muitos mortais escolheram fazer sua refeição final, ela disse que gostaria de uma bandeja, se não fosse demais.

É claro que não havia problema algum, exceto que ele não via como eles poderiam se aproximar mais, se ela fizesse tudo o que pudesse para se esconder dele. Mas ele lembrou a si mesmo que ela havia sofrido grandes perdas, e ele deve ser paciente, e então conjurou uma bandeja de peixe e legumes grelhados e arroz, e a deixou no chão diante de sua porta.

Isso continuou por vários dias. Malik desejou que ela falasse com ele, mas ela parecia determinada a trabalhar sozinha por suas lutas, e ele já sabia que tentar impactar sua solidão apenas a faria se afastar muito mais. Ele fez o possível para permanecer

paciente, apesar de estar ciente do passar do tempo, de como essa janela em que ele poderia se acostumar à nova situação estava se fechando cada vez mais. Mas mesmo com esse crescente senso de urgência, ele entendeu que não podia fazer nada além de esperar.

De tempos em tempos, ela emergia e passeava no jardim, ou descia pelo oceano. A biblioteca da casa continha muitos livros, e ela buscava um de vez em quando, então ele sabia que devia ser assim que ela também passava algumas manhãs e tardes. Sua atitude não era fria - não, ela sorria para ele e agradecia pelas refeições que ele fornecia, mas fez pouco mais que isso. Era como se ela pensasse que precisava permitir um certo número de dias antes de se sentir à vontade para passar algum tempo na presença dele.

Por fim, porém, ela o procurou em uma manhã brilhante, em que os ventos quentes do Leste sopravam pela cidade mais uma vez, e sugeriu que ele a acompanhasse quando ela caminhava na praia. Que mudança de coração a levou a esse momento,

Malik não podia dizer, mas é claro que ele aceitou seu convite com entusiasmo, seguindo-a enquanto ela o conduzia da casa e pelos jardins e, finalmente, pela longa praia de areia branca, com as gaivotas chamando em cima.

Ah, sim, era com isso que ele sonhava quando imaginava sua vida futura com Leila. Ele sabia que eles não podiam ficar aqui em Malibu, não para sempre, mas ele apreciaria esse tempo na praia enquanto pudesse.

Ela tirou as sandálias prateadas que usava e amarrou a saia longa e bordada para poder caminhar ao longo da linha de água sem molhar a bainha. Seus pés e tornozelos eram esbeltos e adoráveis, assim como o resto dela. E ele adorava a maneira como a brisa do oceano pegava seus cabelos longos e escuros e soprava em torno dela como uma nuvem de seda.

Acima de tudo, ele adorava lembrar como ela se sentira em seus braços quando a abraçara após a viagem a Irvine, o doce aroma de seus cabelos quando ele se inclinou para beijar o topo de sua cabeça. Nos

dias que se seguiram, ele não se atreveu a tentar algo assim de novo, já que ela parecia tão distante, e ele não sabia o quanto avanços mais abertos poderiam ser recebidos. Naquele dia, ela tinha entrado em seus braços mais por necessidade de conforto do que qualquer outra coisa - não que ele a culpasse por procurar segurança. Quando confrontada com a realidade da morte de seus pais, ela precisava de alguém para oferecer algum tipo de consolo. Se esse consolo foi oferecido por um djinn, bem, melhor que nada.

As nuvens no horizonte estavam mais próximas agora, mas não tão próximas que corriam o risco de apagar o sol brilhante no alto, agora se movendo em direção ao oeste, enquanto continuava sua jornada diária. Alguma chuva seria uma coisa boa, encharcando a terra que agora estava seca depois de vários dias de ventos quentes e secos que os antigos habitantes dessa região chamavam de Santa Ana. E seria bom estar em segurança com Leila, ouvindo a chuva cair no telhado. Talvez um incêndio na enorme

lareira da sala, uma boa garrafa de vinho ... quem sabia o que poderia acontecer a seguir, agora que ela parecia ter começado a amolecer em sua direção?

— Olha,— disse ela, aproximando-se dele com algo agarrado em uma mão. Ela abriu os dedos, revelando uma grande concha de crochê com um padrão de conchas de tartaruga na superfície. — Eu nunca encontrei um tão grande antes.

— É lindo,— disse ele. — Talvez você sempre tenha sido frustrado no passado porque outros moradores da praia encontraram as conchas antes de você.

O sorriso que ela usava desapareceu quando o olhou, em direção à praia vazia que se estendia para o norte até o próximo promontório. — Sim, suponho que não haja mais muita concorrência.

Porra, ele sabia que deveria ter assistido o que ele disse. Ao seu redor, havia lembretes visuais constantes de seu isolamento; ele não precisava abrir a boca e reforçar esse fato. — Eu sempre gostei de

procurar conchas ao longo da praia,— disse ele, indeciso, sem saber como salvar a conversa.

Para seu alívio, a expressão triste e distante deixou seus olhos azuis escuros e, em vez disso, sua boca cheia voltou a sorrir. — Quantas praias você já andou, Malik?.

— Um bom número,— disse ele. — Embora nós, djinn, tenhamos sido exilados para o outro mundo, nos foi permitido curtas estadias aqui na Terra, desde que não abusássemos do privilégio e tentássemos fazer lares permanentes aqui. Estive aqui em Malibu, ao longo da Gold Coast da Austrália e da Riviera Francesa, Cape Cod e Cidade do Cabo. Havia muitos lugares bonitos para ver.

As sobrancelhas dela se ergueram. — Um verdadeiro viajante do mundo, então. Estou com ciúmes - o mais distante que eu já fiz foi no Havaí, um ano na escola, e depois em Cancun para as férias de primavera, quando eu estava na faculdade.— Seus encantadores traços pensativos, ele olhou para o mar, como se visse as terras distantes que estavam bem

atrás do horizonte. — Acho que não vou conseguir ver em nenhum outro lugar agora.

Uma pontada passou por ele com a nota de arrependimento em sua voz. Ele ousou estender a mão e pegar a mão dela? Quase hesitante, ele se aproximou dela e colocou os dedos em volta dos dela. Ela não vacilou ou tentou se afastar, e ele soltou um suspiro aliviado. — Não, eu não tenho medo. As comunidades de djinn e Escolhidos foram criadas para mantê-los separados do resto dos djinn, e isso significa viajar além deles, exceto talvez para outros assentamentos de djinn ou áreas próximas a esses assentamentos, não é permitido.

Ela ficou em silêncio por um momento, parecendo absorver o que ele havia dito. Dedos ainda presos nos dele, ela perguntou. — O que há de todos os outros djinn? O que eles vão fazer com eles mesmos agora que o mundo é deles?.

Malik esperava que ela fizesse essa pergunta em algum momento. Ainda assim, ele sabia que não gostaria muito de dar a resposta. — Uma vez que eles

saibam que a Terra está realmente ... purificada ... então cada um deles se estabelecerá em suas terras. Os anciãos determinaram quem morará onde. Não sei muito sobre isso, porque uma vez que decidi fazer de você minha escolhida, não prestei muita atenção aonde os outros iriam morar.

— Eles viverão sozinhos? Djinn não se casa e tem família?.

— Não da maneira que os mortais fizeram,— respondeu ele. — É claro que nos reproduzimos, ou então eu não estaria aqui de pé conversando com você, mas nossas famílias são pequenas. É mais comum que um casal tenha apenas um filho e não outros.

— Mas esse casal não é marido e mulher?

— Não. Por causa de nossas longas vidas, entendemos que não é viável nem desejável estar com uma pessoa por toda a eternidade. Os djinn formam laços que duram décadas ou mesmo séculos, às vezes, mas nunca duram para sempre.

Leila ficou em silêncio por um momento, ponderando claramente suas palavras. Um pequeno franzir de sobrancelhas franziu as sobrancelhas enquanto ela perguntava: — Se é assim que você se sente com essas coisas, então por que você está supostamente com seu Escolhido o tempo todo? Isso não parece fazer muito sentido.

Boa pergunta. Malik não tinha uma resposta concreta para ela, mas ele tinha várias suspeitas. — Os anciãos nunca nos disseram precisamente por que estipularam que um vínculo djinn-Escolhido deve durar para sempre. No entanto, acho que posso adivinhar. Por um lado, tendo salvado nossos Escolhidos da morte nas mãos dos outros djinn, não seria precisamente justo deixá-los se defenderem se o elementar do relacionamento decidisse que ele ou ela não desejava partilhar uma vida— Ele parou por aí, pensando que já tinha dito o suficiente.

Mas parecia que Leila adivinhou que ele tinha mais a dizer sobre o assunto. — Essa é a única razão?

— A razão pela qual os djinn acreditam,— ele respondeu. — Mas acho que eles também o fizeram para apaziguar os djinn que desejavam destruir a humanidade. Eu acredito que era a maneira dos anciãos dizerem que eles nos permitiriam salvar alguns humanos, mas ao preço de desistir de nossa liberdade pela eternidade. Sem dúvida, os outros djinn acharão uma piada muito boa.

— Você achou isso?— Leila perguntou, seu tom quase hesitante, como se não quisesse ouvir a resposta.

— Não,— ele disse imediatamente. — Quando decidi que faria de você minha escolhida, Leila, entendi tudo o que essa decisão implicava. E eu também sabia que nunca iria me arrepender.

Por um momento, ela só ficou ali, com a mão entrelaçada na dele, os olhos procurando o rosto dele, buscando a verdade ali. Ele permaneceu imóvel, permitindo que ela fizesse sua inspeção, mas um leve tremor o invadiu. Ela ficou muito, muito perto, e ele

estava tentando tanto lhe dar tempo para aceitá-lo, para aceitar o que seu novo mundo seria.

E então ela ficou na ponta dos pés, pressionando a boca contra a dele. Um segundo de choque, e quando ele a puxou em sua direção, seus lábios tocando os dela, provando o leve toque de limão do chá gelado que ela bebeu mais cedo naquela manhã e um sabor ainda mais fraco de sal do spray do mar que embaçou seu rosto enquanto caminhava ao longo da costa. Mas então ela era toda doçura e selvageria quando seus braços o envolveram e se apertaram, segurando-o como se ele fosse a única coisa sólida em seu mundo.

Talvez ele estivesse.

O beijo durou anos, décadas. Malik não sabia ao certo, assim como não tinha certeza se as batidas que ouvia em seus ouvidos eram apenas a batida do sangue em suas veias ou o rugido das ondas na praia. Por fim, Leila levantou a boca da dele e olhou para ele com uma expressão quase envergonhada.

— Não sei por que fiz isso,— disse ela finalmente.

— Estou feliz que você fez.— Isso estava subestimando sua reação, mas, embora ela tivesse iniciado o beijo dessa vez, ele ainda não queria assustá-la com seu ardor.

Um leve sorriso no canto da boca. — Eu também acho que sim. Eu só....— As palavras se interromperam quando ela escorregou do abraço dele e se afastou um passo dele.

Ele a deixou ir, porque sabia que ela precisava de algum tempo para se recompor. — Você só?.

— Eu só fui até você agora porque ainda precisava de conforto de alguém?.

Alguns minutos atrás, ele poderia ter feito a mesma pergunta, mas havia provado a verdade naquele beijo. Ele observara Leila por algum tempo antes que o Calor transformasse o mundo, e sabia que ela não era o tipo de mulher que se dava de ânimo leve. Por mais que estivesse com medo e sozinha, por mais que sofresse pelas perdas que sofrera, não teria entrado nos braços dele se não fosse exatamente o que queria fazer.

Balançando a cabeça, ele disse. — Acho que você já sabe a resposta, Leila.

Ela ficou em silêncio por um momento, depois inclinou-se para pegar a concha que encontrara antes. Deve ter caído de sua mão quando ela o beijou, embora ele não a tivesse ouvido cair na areia. Não é tão surpreendente; aquele beijo o consumira tanto que ele pensou que não teria ouvido nem um raio trovejando no céu.

Um pequeno sorriso tocando sua linda boca, ela olhou para ele, a concha aninhada na palma da mão. — Vamos encontrar um lugar para isso?

A concha de couro recebeu um lugar de honra no manto da sala de estar. Olhando para isso, Leila pensou que poderia ser feliz aqui.

Não se apegue demais, ela disse a si mesma enquanto Malik produzia - aparentemente do nada - algumas saladas decoradas com pedaços de frango assado e fatias de morango e vestidas com vinagrete.

Isto não está em casa. É apenas uma ... estação de caminho.

A estação ferroviária mais luxuosa do mundo com certeza, mas ela tinha que se lembrar de que ela e Malik não podiam ficar aqui. Eventualmente, eles teriam que se mudar para Bel-Air. Não é assim, eventualmente, para ser preciso; na conversa em que escutara, a irmã de Malik, Fátima, havia dito que Leila e Malik precisariam sair de Malibu na virada do ano, menos de seis semanas a partir de agora.

E quão cruel era que ela queria ficar aqui, quando apenas alguns dias antes ela se perguntava como no mundo ela poderia fugir. Muita coisa dela mudou em tão pouco tempo?

Aparentemente, tinha.

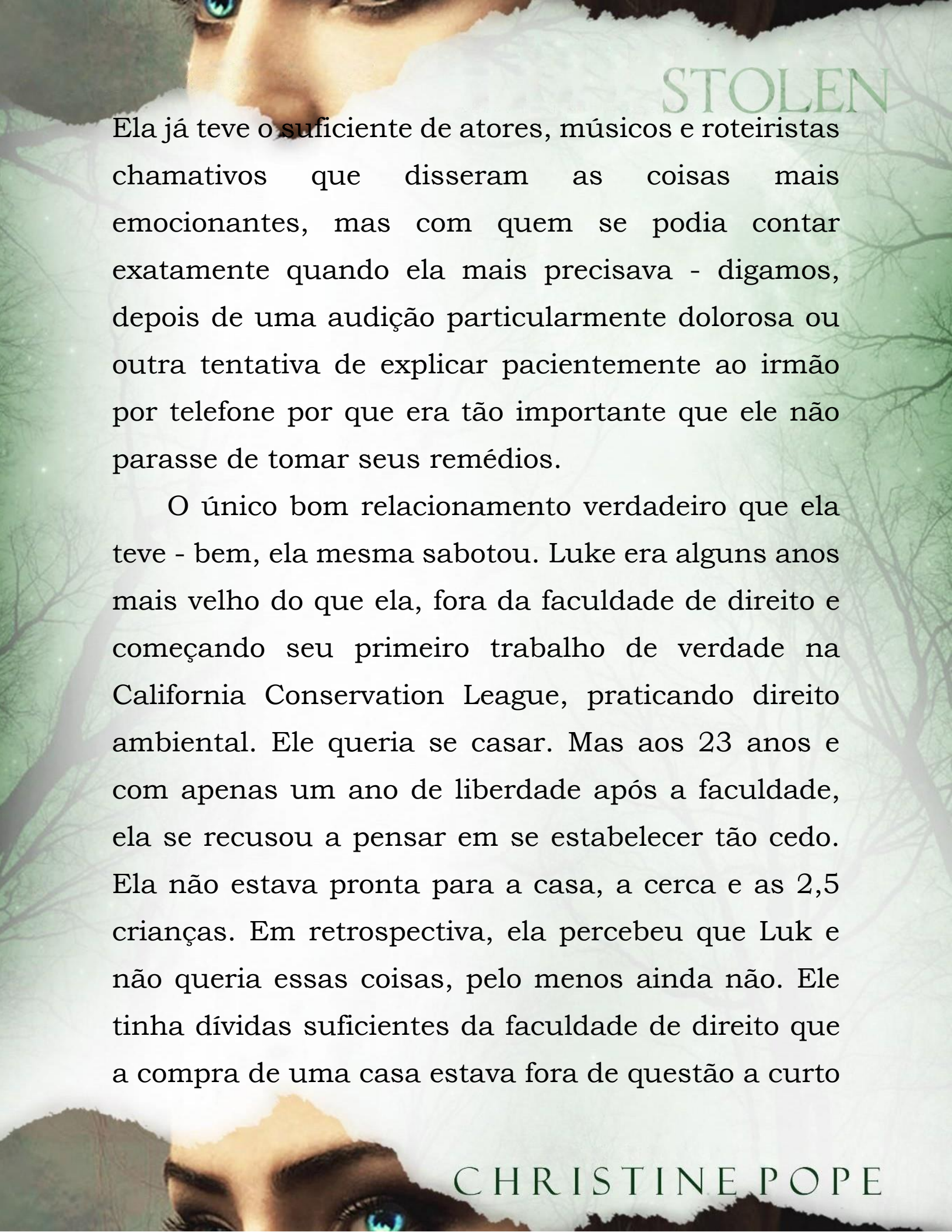
Malik levou os pratos de salada para a mesma mesa em que tomou o café da manhã na primeira manhã que passou aqui. A casa possuía uma enorme sala de jantar formal, mas parecia um espaço alto demais para uma refeição simples como essa. Como

ele sabia que ela iria querer algo leve, ela não sabia, mas ele tinha que apreciar sua consideração.

Qual é provavelmente a última qualidade que eu esperaria de um djinn, ela pensou. Não que alguém pudesse culpá-la por essa avaliação em particular, dados os espécimes assassinos que ela encontrara antes de conhecer o homem que a escolhera como sua Escolhida.

Nem ela teria adivinhado que um djinn poderia ser um bom beijador. Um pequeno arrepio tomou conta dela quando ela lembrou o toque dos lábios dele contra os dela. Um bom tipo de arrepio, o tipo quente e ardente que lhe dizia que provavelmente ficaria feliz com muito mais do que apenas um beijo.

E aqui estava você dizendo a si mesmo, quando veio aqui pela primeira vez, que não poderia se permitir estar com ele, ela se repreendeu. É verdade que isso foi antes de ela ver sua bondade, sua força silenciosa. Se ela queria ser completamente honesta consigo mesma, Malik era exatamente o tipo de homem que procurava antes de o mundo dar errado.

The background of the book cover features a close-up of a woman's face, partially obscured by a torn paper effect. Her eyes are a striking blue. The background is a soft, out-of-focus green, suggesting foliage or trees. The title 'STOLEN' is written in a large, green, serif font in the upper right corner. The author's name 'CHRISTINE POPE' is at the bottom right.

STOLEN

Ela já teve o suficiente de atores, músicos e roteiristas chamativos que disseram as coisas mais emocionantes, mas com quem se podia contar exatamente quando ela mais precisava - digamos, depois de uma audição particularmente dolorosa ou outra tentativa de explicar pacientemente ao irmão por telefone por que era tão importante que ele não parasse de tomar seus remédios.

O único bom relacionamento verdadeiro que ela teve - bem, ela mesma sabotou. Luke era alguns anos mais velho do que ela, fora da faculdade de direito e começando seu primeiro trabalho de verdade na California Conservation League, praticando direito ambiental. Ele queria se casar. Mas aos 23 anos e com apenas um ano de liberdade após a faculdade, ela se recusou a pensar em se estabelecer tão cedo. Ela não estava pronta para a casa, a cerca e as 2,5 crianças. Em retrospectiva, ela percebeu que Luk e não queria essas coisas, pelo menos ainda não. Ele tinha dívidas suficientes da faculdade de direito que a compra de uma casa estava fora de questão a curto

CHRISTINE POPE

prazo, e quanto às crianças, bem, elas também eram caras. Mas ele a queria, queria compartilhar sua vida com ele, e ela enlouqueceu e correu para as colinas, e tudo meio que foi para o inferno depois disso, graças ao desfile de atores e músicos que pareciam bem. e era divertido sair com ela, mas nunca estava lá quando ela precisava deles.

Malik, ela pensou, sempre estaria lá para ela. Ele já havia provado isso em muito pouco tempo, provado que estava disposto a esperar o tempo necessário. Depois desse beijo, porém, ela não tinha mais certeza de que queria esperar.

Ela sorriu para ele quando ele se sentou em sua cadeira. — Este parece ser bom.

— Eu acredito que será.— Ele pegou o garfo, mas parou, inclinando a cabeça para ela em questão. — Você cozinha?

— Oh, Deus, não,— ela respondeu. — É bom que você possa conjurar comida do nada do jeito que faz. Se eu tentasse nos alimentar, provavelmente seríamos envenenados.

— É muito difícil envenenar um djinn,— disse Malik, seu tom tão neutro que Leila levou um momento para perceber que ele a estava provocando.

— Bem, os humanos não são tão resistentes.— Assim que as palavras saíram de seus lábios, ela disse que não tinha dito nada. A expressão de sua companheira ficou em branco e ele não conseguiu encontrar seus olhos. Ela imaginou que ele devia estar pensando nas pilhas de poeira que haviam encontrado na casa dos pais dela, em todos os mortais que haviam morrido graças à intervenção djinn.

Os dois comeram em um silêncio constrangedor por alguns momentos. Então Malik pousou o garfo para pegar o copo de água e tomar um gole. Quando terminou, ele disse: — Gostaria de fazer um jantar de verdade para você hoje à noite. Tudo bem?.

Considerando a qualidade da comida que ele havia alimentado até agora, ela pensou que seria muito mais do que certo. E não doeria ter mais alguns dias de preguiça e comer o que quisesse; ela achava

que agora era provavelmente magra o suficiente para satisfazer os mais críticos diretores de elenco. Se Malik continuasse com isso, então sim, ela precisaria começar a pensar em se exercitar. Correr na praia foi ótimo para os músculos da panturrilha....

Mas logo você não estará aqui para correr na praia, ela lembrou a si mesma. Você estará em Bel-Air, a quilômetros de distância da costa.

Leila não tinha certeza de que queria refletir sobre o tipo de processo de pensamento que fazia a mudança para um dos subúrbios mais elegantes do país parecer algum tipo de sentença de prisão ... especialmente quando, há apenas uma semana, o pensamento de conseguir dormir em casa parecia como a altura do luxo.

— Um jantar parece adorável,— disse ela. — Talvez a tempestade que você estava falando tenha chegado até lá e poderemos ouvir a chuva enquanto comemos.

— Eu gostaria disso.— Ele lhe ofereceu um sorriso hesitante, que a fez pensar que ele ainda

estava aceitando a mudança no relacionamento deles. Certamente ele deve ter pensado que em algum momento ela iria parar de segurá-lo, mas ele provavelmente não poderia imaginar que isso iria acontecer tão cedo.

Bem, isso fez dois deles.

Ainda assim, ela não tinha vontade de pegar de volta aquele beijo. Parecia certo. Possivelmente fora estimulada pela velha noção de querer buscar intimidade quando confrontada pela morte e pela perda, mas Leila sabia que era mais do que isso. Ela queria Malik, queria sentir o toque dos lábios dele contra os dela. O beijo era tudo o que ela esperava, e muito mais. Ela não conseguia se lembrar da última vez em que apenas recordar um abraço desse tipo foi suficiente para fazê-la ficar quente e fria novamente, fazendo-a feliz por estar sentada recatadamente à mesa, para que ele não pudesse ver como suas pernas tremiam. e fraco de desejo.

Esse certamente não era um comportamento normal para ela, mas ela descobriu que não se

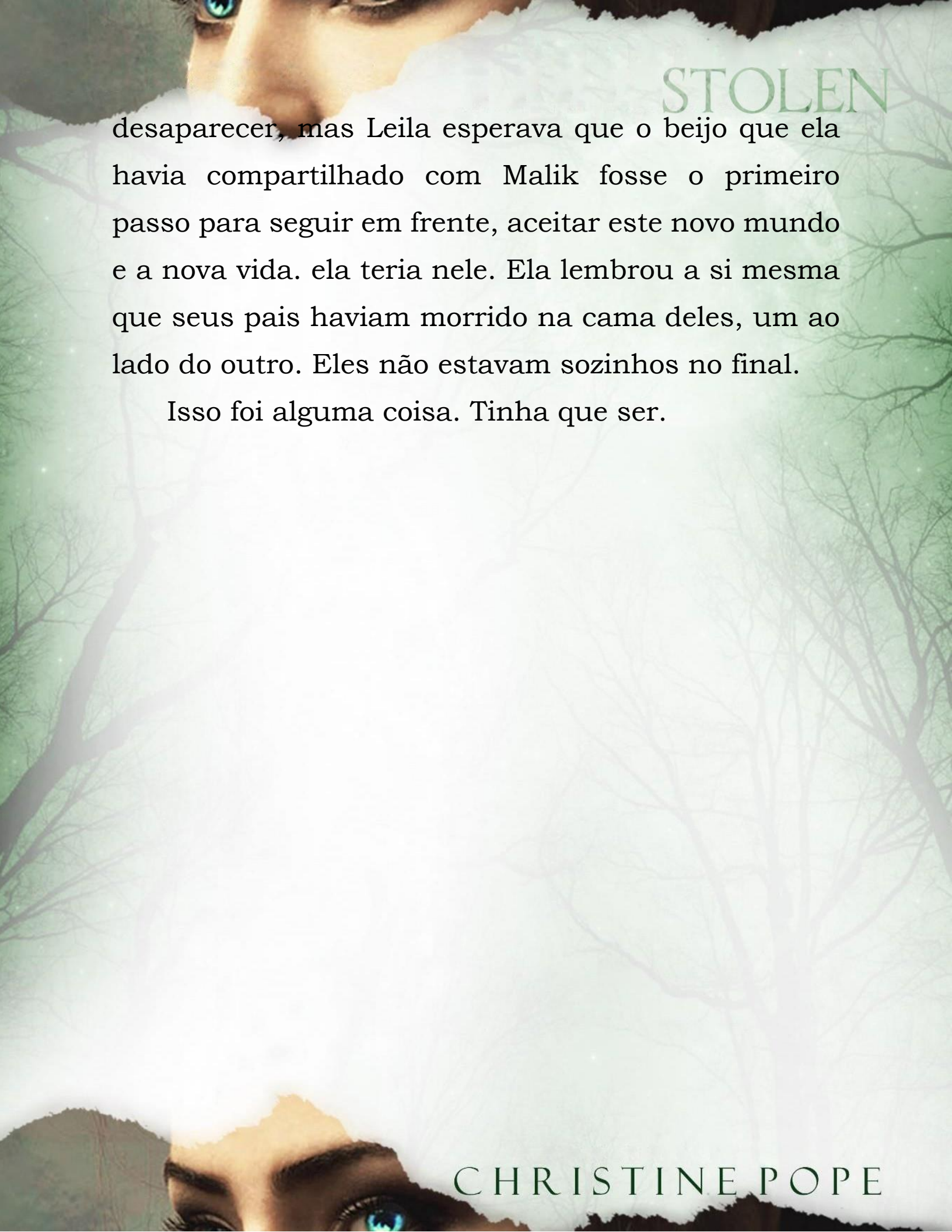
importava muito. De certa forma, o aplicativo retratou ser capaz de satisfazer sua atração por ele. Ela não precisaria se preocupar com ele levantando-a ou deixando-a por outra mulher. Não, porque ela era sua escolhida, sua fidelidade era praticamente um dado. Havia algo a ser dito para esse tipo de constância.

— Existe algo em particular que você gostaria de jantar?— ele perguntou então, puxando-a para fora de seu devaneio.

— Você pode me surpreender,— disse ela. — Eu não sou exigente. Só não sushi, por favor. Eu sou provavelmente a única atriz aspirante a atriz em Los Angeles que não suportava as coisas, mas eu nunca conseguia entrar nela, não importa o quanto eu tentasse.

— Compreendo. Também não é nada que eu teria selecionado. Vou te surpreender, mas não com peixe cru.

Ela sorriu para ele, e ele retribuiu o sorriso dela. Sim, a dor ainda estava enterrada lá embaixo, uma dor de perda que nunca poderia realmente



STOLEN

desaparecer, mas Leila esperava que o beijo que ela havia compartilhado com Malik fosse o primeiro passo para seguir em frente, aceitar este novo mundo e a nova vida. ela teria nele. Ela lembrou a si mesma que seus pais haviam morrido na cama deles, um ao lado do outro. Eles não estavam sozinhos no final.

Isso foi alguma coisa. Tinha que ser.

CHRISTINE POPE

O dia ficou mais escuro quando as nuvens rolaram, o sol brilhante que brilhava em seu beijo agora escondido atrás de um cobertor cinza escuro. Malik descobriu que não se importava muito, porque também podia sentir a umidade que se aproximava, a chuva que traria algum alívio às encostas ressecadas do sul da Califórnia.

Ele disse a Leila que desejava cuidar de todas as preparações e informou que ela teria que encontrar algo para se divertir por algumas horas. Fazer isso não parecia ser muito difícil para ela, porque ela foi explorar e descobriu que a casa possuía seu próprio cinema, uma pequena caixa de joias de uma sala de exibição que podia acomodar até vinte pessoas. É claro que os dois não precisavam acomodar tantos, mas ainda era o suficiente para manter Leila ocupada, especialmente quando ela anunciou que o ex-proprietário da casa devia ter sido algum tipo de produtor, desde que ela havia localizado uma pilha de — peneiras — enquanto vasculha a sala de mídia.

O que era uma — triagem,— Malik não tinha certeza, mas estava feliz em vê-la tão feliz. Ele também ficou satisfeito com todas as peças que recolheu enquanto preparava a sala de jantar para o jantar especial - porcelana elegante da Inglaterra, uma linda toalha de mesa de damasco de seda marfim para cobrir a longa mesa de nogueira, talheres pesados em um padrão intrincado para complementar a decoração. folha de ouro em relevo sobre a louça. Os cristais finos combinam com o vinho e um grupo de grandes castiçais de prata para marcharem pela mesa. Também poderia ter acomodado várias dezenas de pessoas, mas ele optou por ignorar aquela grande extensão não utilizada e se concentrou nos locais que colocou em uma extremidade.

H e tinha acabado de conjurou a existir uma grande peça central de lírios e rosas, tudo em tons de creme e marfim, quando as primeiras gotas de chuva começaram a cair fora. Eles bateram suavemente na passarela de laje, fizeram pequenos barulhos quando

bateram no lago koi de fora da janela, e ele sorriu. Boa. Ele queria que este jantar fosse íntimo e aconchegante, e achou que não havia nada mais aconchegante do que estar quente e seguro por dentro enquanto a chuva caía ao ar livre.

Não havia chuva no outro mundo, nenhum tipo de precipitação. Malik podia sentir o ar ficar mais rico por causa da umidade que agora continha, e ele respirou fundo. Sim, isso foi melhor. Esse sul da Califórnia era um lugar bastante seco, geralmente não o tipo de ambiente que um elemental da água procuraria. Ele estava de olho em vários lugares em Bel-Air que tinham recursos de água e lagoas, além de uma piscina e spa, e esperava que Leila se importasse o suficiente com uma dessas casas para aceitá-lo como seu novo lar.

Primeiras coisas primeiro, no entanto. Ele teve uma ideia de como a noite terminaria, se o fogo no beijo de Leila fosse alguma indicação, mas ele não queria presumir demais. Seria melhor selar a conexão entre eles antes que ele começasse a falar sobre

mudança. Ainda havia tempo suficiente, e Fátima fora informada da delicadeza da situação. Ela permitiria que ele deixasse as coisas com Leila prosseguirem naturalmente ... contanto que não se arrastassem por muito tempo.

Agora que a sala de jantar estava arrumada para sua satisfação, ele entrou na cozinha e ficou no meio do amplo espaço, braços cruzados, sobrancelha franzida em pensamentos. Ele queria ter certeza de que o jantar que ele criou para Leila seria algo memorável, e, no entanto, ele também não desejava servir nada muito pesado, não quando ele passasse a noite terminando com ela em seus braços.

Sem carne vermelha, então. Uma pena, porque ele tendia a preferir esse tipo de prato, mas eles poderiam se entregar a um prato principal desse tipo mais tarde. O frango era muito prosaico, mas algum tipo de ave de caça no trabalho - pato ou codorna, talvez. Sim, ele pensou que as codornas se sairiam muito bem, com um recheio que ele tivera há muito tempo, arroz selvagem e passas douradas e temperos

sutis. Legumes regados com vinagrete balsâmico e grelhados, e um bom pão duro para acompanhar. Para a sobremesa, creme brulée com frutas ... ou ela prefere algo com chocolate? Não, novamente, isso poderia esperar por uma refeição mais pesada.

Satisfeito com o cardápio, ele piscou para a adega e começou a examinar as fileiras de garrafas reluzentes que cobriam suas paredes. O ar estava muito mais frio aqui, mantido a uma temperatura constante perfeita para que o precioso vinho não fosse prejudicado. Com um pássaro de caça, o rose parecia o melhor emparelhamento. Felizmente, parecia que o ex-proprietário da casa tinha uma afinidade com esse estilo de vinho, pois havia vários casos de álcool rosa pálido. Ele selecionou um rose à base de pinot do Rhone e piscou de volta para a cozinha, para guardá-lo na geladeira de vinho até a hora de beber.

Ele olhou para o relógio no fogão. O tempo pouco importava para djinn, mas ele sabia que os mortais tendiam a apreciar horários determinados, especialmente quando se tratava de suas refeições.

Mas ficou aliviado ao ver que agora eram quase sete horas, um bom momento para a refeição da noite.

Uma rápida olhada na sala de jantar lhe disse que tudo estava pronto. Ele visualizou a refeição até o último detalhe, e os vários pratos se materializaram na mesa, os aromas salgados subindo até o nariz e fazendo -o sorrir.

Ele estava prestes a procurar Leila quando ela apareceu na entrada da sala de jantar. Claramente, ela não passara o tempo todo assistindo filmes, porque trocara para um dos vestidos que Fátima havia incluído em seu guarda-roupa, um vestido simples de cor ameixa escura, feito de seda finamente pregueada e com miçangas largas. cinto que realçava sua cintura esbelta. Seu único ornamento era um par de brincos compridos e pesados de ouro cravejados de ametistas, mas era tudo o que ela precisava.

Nenhuma mulher dos djinn jamais foi tão bonita. Malik estava certo disso.

Depois de pigarrear, ele disse. — Seu momento é perfeito, Leila. Acabei de colocar o jantar na mesa.

— Eu sei,— ela disse com um sorriso. — Eu podia sentir o cheiro enquanto descia as escadas. Foi por isso que eu fui aqui em vez de voltar para a sala de projeção.— Uma pausa enquanto olhava para o vestido que usava. — É demais, não é?

— Não,— ele respondeu. — Está perfeito. Assim como você. Por favor, venha e sente-se.

Ela fez o que ele pediu, levando-se à direita da que estava na cabeceira da mesa. Ele quase protestou - ele pretendia dar a ela o lugar de honra - mas depois decidiu que pouco importava onde eles estavam sentados, desde que estivessem próximos um do outro. Em vez disso, ele puxou a cadeira à esquerda dela e sentou-se.

— Isso tudo parece incrível,— disse ela. — E cheira ainda melhor. São codornas?

Seu olhar seguiu o dela até onde o prato principal repousava sobre uma bandeja de prata, decorada com verduras. — Sim. Você já os teve antes?.

— Uma vez, em algum restaurante de fãs em Santa Monica. Embora estes pareçam ainda melhores.

Malik não sabia se isso era verdade ou não, mas decidiu aceitar o comentário dela pelo valor de face. Se ela estava contando uma mentira branca para fazê-lo se sentir mais confiante sobre a refeição, ele não poderia esconder isso contra ela.

Ele pegou a garrafa de rose do balde de gelo prateado onde estava descansando e encheu o copo dela, depois o dele. Ele deveria oferecer um brinde? Ele não sabia se ela apreciaria o gesto, que ela obviamente ainda carregava o fardo da morte de seus pais, ainda estava de luto por todos os outros que ela havia perdido.

No entanto, Leila o surpreendeu levantando seu cálice de vinho de cristal. Ela inclinou a cabeça para ele. — Para novos começos.

— Para novos começos,— ele ecoou com algum entusiasmo, aliviado além da medida que ela tinha sido a única a fazer o gesto. Ao fazer isso, ela parecia

ter sinalizado para ele que estava disposta a aceitar o que havia acontecido no passado, pois sabia que não podia fazer nada para mudar isso. Pelo menos, ele esperava que isso fosse o que ela quis dizer com fazer um brinde.

Tocaram os copos e cada um tomou um gole. Sim, isso era bom, seco e macio, sem deixar vestígios de açúcar residual, mas ainda com um toque de fruta. Leila pareceu aprovar, porque assentiu e tomou um gole novamente.

— Isso é bom,— disse ela, enquanto ele cuidadosamente pegava uma das codornas da travessa e a colocava no prato. — Eu estava evitando o rose, porque de repente era a coisa mais importante para beber, mas eu realmente gosto deste.

— Estou feliz,— respondeu ele, imaginando o que — moda— tinha a ver com vinho. Ou foi bom ou não foi. Por outro lado, havia muitas nuances da vida humana moderna que ele não tinha sido capaz de compreender, principalmente porque ele era apenas um observador e nunca havia sido capaz de realmente

participar da sociedade morta. No entanto, ele também admitia que havia muitas coisas que ele nunca quis aprender sobre humanos. Embora alguns deles possam ser admiráveis, muitos não pareciam se preocupar com muito mais além de garantir que lucrassem enquanto outros sofriam.

O problema era que ele conhecia alguns djinn que sofriam da mesma doença mental estranha.

Um pequeno silêncio caiu quando eles começaram a comer, mas Malik não achou desconfortável. Ele tentou assistir Leila sem que ela notasse que a estava observando - ele não queria tornar as coisas estranhas, é claro, e ainda assim ele queria ver a reação dela à comida, como ver o calor que a luz tremeluzente das velas lhe emprestava. pele macia, ou a maneira como essas mesmas velas despertam brilhos úmidos e castanhos em seus cabelos escuros.

— Você teve muita comida humana?— ela perguntou, depois de tomar vários goles e depois beber um pouco mais de vinho para lavar tudo.

— Alguns,— disse ele. — Este foi um prato que eu comi há muitos anos em Paris. Mas também admitirei um certo carinho por cheeseburgers.

Ah. Os olhos dela se fecharam por um momento, cílios grossos e escuros nas bochechas. — Faz tanto tempo desde que eu comi um cheeseburger. Talvez possamos fazer um churrasco amanhã à noite, se a tempestade acabar.

— Vai,— ele disse a ela, mesmo quando estendeu a mão e sentiu o padrão da tempestade, como ela iria parar em grande parte da costa e na bacia de Los Angeles durante a maior parte da noite antes de finalmente passar para o sul e leste. — Devemos acordar ao sol.

— Eu gostaria disso,— ela ajuda, mas havia algo quase tímido na maneira como ela pronunciava as palavras, e seu olhar não encontrava o dele.

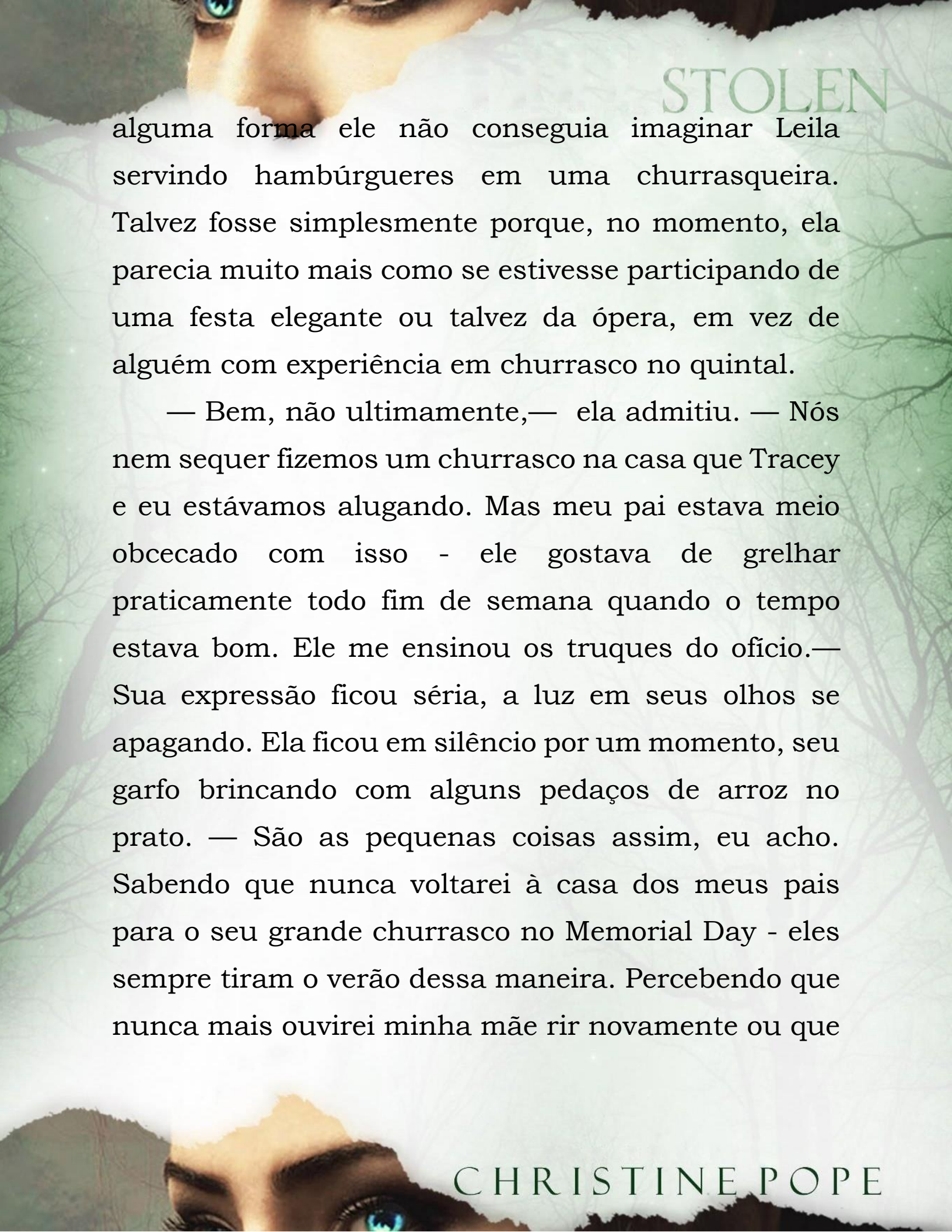
Claro - ela provavelmente pensou que ele quis dizer que eles acordariam juntos. Ele não pretendia dizer uma coisa dessas, mas não podia negar que iria

gostar muito se adormecessem nos braços um do outro e passassem a noite assim.

Ele deveria tentar esclarecer? Uma olhada nos olhos abatidos de Leila disse que era melhor se ele deixasse o assunto em paz. Ele teria que permitir que a noite progredisse naturalmente e ver aonde os levava. Naturalmente, ele gostaria de guiá-los diretamente para a cama de Leila, mas prometeu que permitiria que ela assumisse a liderança. Ela precisava saber que o fato de se tornarem íntimos seria sua decisão, e não algo que ele a forçou.

— Eu vi uma churrasqueira embutido chique de um lado da piscina,— ela continuou. Claramente, ela estava determinada a deixar passar o momento embaraçoso e se concentrar em seus planos para o dia seguinte. — Pode precisar de limpeza, mas, caso contrário, deveríamos estar no negócio. É justo que eu retribua o favor cozinhando para você.

— Você assou muito?— ele perguntou, um pouco divertido. Embora ele soubesse que era um modo de cozinhar que muitos americanos desfrutavam, de

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. The image is partially obscured by a torn paper effect, revealing a green, leafy background. The word "STOLEN" is printed in a large, green, serif font in the upper right corner.

STOLEN

alguma forma ele não conseguia imaginar Leila servindo hambúrgueres em uma churrasqueira. Talvez fosse simplesmente porque, no momento, ela parecia muito mais como se estivesse participando de uma festa elegante ou talvez da ópera, em vez de alguém com experiência em churrasco no quintal.

— Bem, não ultimamente,— ela admitiu. — Nós nem sequer fizemos um churrasco na casa que Tracey e eu estávamos alugando. Mas meu pai estava meio obcecado com isso - ele gostava de grelhar praticamente todo fim de semana quando o tempo estava bom. Ele me ensinou os truques do ofício.— Sua expressão ficou séria, a luz em seus olhos se apagando. Ela ficou em silêncio por um momento, seu garfo brincando com alguns pedaços de arroz no prato. — São as pequenas coisas assim, eu acho. Sabendo que nunca voltarei à casa dos meus pais para o seu grande churrasco no Memorial Day - eles sempre tiram o verão dessa maneira. Percebendo que nunca mais ouvirei minha mãe rir novamente ou que

CHRISTINE POPE

meu pai me provoque sobre a compra de outro par de sapatos.

— Você tinha tantos?— Malik perguntou, genuinamente curioso. Ou melhor, ele fez a pergunta porque preferia que Leila se concentrasse em algo frívolo e não nas perdas reais que ela sofrera.

Um sorriso depreciativo quando ela pegou seu copo de vinho. — Mais do que eu deveria ter, considerando o quanto ganhei como garçonete. Ainda assim, suponho que houve piores vícios.

— Você pode ter quantos sapatos quiser,— disse ele. — Não há um lugar em Bel-Air que tenha ótimas compras?

— Beverly Hills,— ela o corrigiu. — Rodeo Drive. Isso faz parte da sua comunidade djinn?.

— É perto o suficiente que levá-la para comprar a loja não deve apresentar nenhum problema.— O que era verdade o suficiente. Enquanto o djinn e seus Escolhidos devem ter suas residências permanentes dentro dos limites de Bel-Air, eles ainda podem se aventurar de tempos em tempos para obter os

suprimentos necessários. Se os anciãos tinham em mente sapatos caros quando incluíam uma exceção a essas regras, Malik não tinha certeza, mas pelo menos sabia que não precisavam se preocupar com muitas restrições à sua forragem, desde que não o fizessem abusar.

Em vez de parecer satisfeita com essa perspectiva, Leila soltou um pequeno suspiro. — Desistiria de todos os sapatos do mundo se isso significasse que eu poderia ter minha família de volta.

Seus dedos cerraram o guardanapo que cobria seu colo. — Se eu pudesse fazer isso acontecer para você, eu faria. Mas nem um djinn pode mudar o passado.

— Eu sei,— disse ela. — O que o outro djinn fez - não é sua culpa. Eu nem vou subir no meu cavalo e dizer que você deveria ter feito algo para detê-los, porque parece que aqueles de vocês que protestaram contra a coisa toda estavam em menor número. Melhor salvar alguns do que nada, suponho.

Ele pensara a mesma coisa, embora não parecesse tão nobre quando pronunciado em um tom tão frágil. E, infelizmente, ele não podia pensar no que dizer para Leila agora que ajudaria a curar as feridas emocionais que ela sofrera. Somente o tempo poderia fazer uma coisa dessas. Como os outros djinn conseguiram seus Escolhidos, Malik não estava inteiramente certo. Uma pitada de glamour, talvez uma sugestão sutil de que suas perdas não eram tão terríveis quanto pensavam? Ele acreditava que isso era mais do que possível, mas ele nunca faria isso com Leila. Seria cruel levá-la machucada, fazer parecer menos do que realmente era. Tudo o que ele podia fazer era ser um companheiro para ela, que ela soubesse que não estava tão sozinha quanto talvez pensasse que estava.

— Eu gostaria de poder ter feito mais,— disse ele simplesmente, depois voltou a comer.

A boca de Leila se apertou, mas então ela pareceu afastar o pensamento, pois ela também pegou o garfo e deu mais algumas mordidas de codorna. Enquanto

eles comiam, a chuva batia contra o vidro, e de vez em quando Malik ouvia uma rajada de vento particularmente forte soprando nos beirais, embora, no geral, essa casa fosse muito sólida e bem iluminada, e não permitisse muito som do lado de fora. entrar.

Depois de um momento, Leila pousou o garfo. — Não tenho certeza se poderia comer mais alguma coisa.

— Nem creme brulée e framboesas?— ele perguntou, aliviado por ela parecer disposta a deixar o tópico anterior da conversa para trás.

Ela sorriu e balançou a cabeça, empurrando os cabelos para trás, para que seus ombros bem torneados fossem revelados no vestido sem mangas que ela usava. — Oh, agora você está lutando sujo.

— EU?— ele perguntou, os olhos se arregalando em fingida inocência. — Estou apenas oferecendo anúncios. Se você não quer nenhum....

— Não é uma questão de não querer nada,— ela interrompeu. — Mais do que eu não tenho certeza se consigo encaixar em qualquer lugar.

— Oh, você ficaria surpresa. Está bem claro.

Leila suspirou, aparentemente em sinal de rendição. — Oh tudo bem. Sempre posso começar a correr alguns dias antes do que havia planejado, se for o caso.

— Você está preocupada com o seu peso?— ele perguntou, imaginando como isso era possível. — Mas você é tão magra.

— Se apenas os agentes de elenco concordassem com você,— comentou ela. Então ela olhou para si mesma, para sua cintura quase impossivelmente pequena em seu invólucro de contas. — Bem, eles podem concordar agora - se ainda estivessem vivos para me ver. A dieta do apocalipse é uma ótima maneira de perder peso.

Malik se perguntou o que havia de errado com aqueles agentes de elenco que ela mencionara. Mesmo quando ele a observou antes que o Heat

mudasse o mundo e ela se tornasse uma fugitiva, ela ainda era muito esbelta. Agora ela estava completamente magra, exceto pela curva de seus seios, que não pareciam ter sofrido as mesmas mudanças que o resto de seu corpo.

No entanto, ele decidiu que era melhor não discutir com ela. Pelo menos ela não recusou a sobremesa. Ele acenou com a mão e dois ramequins do creme cremoso apareceram diante deles, as crostas de ambos escurecidos em um perfeito marrom caramelo, cada um decorado com um trio de framboesas.

— Oh, isso parece maravilhoso,— disse ela com um suspiro. — O creme brulée sempre foi um dos meus favoritos.

As palavras dela o aliviou um pouco. Ele ainda estava preocupado que ela pudesse ter preferido chocolate, mas ela parecia sincera o suficiente. — Fico feliz em ouvir isso.

Ela pegou sua colher e bateu contra a crosta de sua sobremesa, quebrando-a ligeiramente para poder

chegar ao creme por baixo. Um bocado, e então ela suspirou. — Oh, isso é incrível.

Malik comeu um bocado também. Sim, isso foi bom. Mas, então, qualquer comida que ele conjurasse seria boa, porque ele estava aproveitando todas as memórias de sua longa vida para trazer à vida os pratos que mais o impressionaram. Mas algo parecia estar faltando.

Ah, claro.

Ele bateu os dedos na toalha da mesa e um par de copos cordiais cheios pela metade com um líquido dourado quase da mesma cor que a crosta no creme brulée apareceu. Leila levantou uma sobrancelha para ele.

— O que é isso?

— Creme de cereja. Vai muito bem com o creme brulée.

Ela pegou o copo pequeno, levou-o aos lábios e tomou um pequeno gole. Os olhos dela se arregalaram um pouco. — Isso é realmente bom. Eu pensei que o

xerez era apenas para romances vitorianos e velhos bebendo em estudos de aparência abafada.

— Talvez tenha sido mais popular no passado, mas combina bem com certas sobremesas.

Leila tomou um gole novamente, depois lançou lhe um olhar especulativo. — E você sabe tudo sobre esse passado, não é?

— Nem tudo,— disse ele, subitamente cauteloso.

— Quanto?

Qual era a maneira dela de perguntar: *quantos anos você tem?* Malik não se achou particularmente ansioso para lhe dar uma resposta. Não porque ele se importava com quantos anos ele tinha, mas porque ele temia que ela o fizesse.

Muitas, muitas vidas de homens.

Mas ele também prometeu a si mesmo que contaria a verdade o máximo possível. Mentir para ela agora sobre algo que, no grande padrão do mundo, não era muito significativo não seria uma boa ideia. Além disso, ela poderia ter apenas um quarto de

século em seu nome, mas também acabaria olhando séculos como a gente costumava ver décadas.

— Eu tenho aproximadamente mil e setenta e cinco anos,— disse ele calmamente antes de se servir de outro gole de xerez creme. — Talvez um pouco mais. Comecei a perder a conta.

Os olhos dela se arregalaram. — Você está brincando?.

— Não. Meu povo tem uma vida muito longa.— Ele pousou o copo cordial e a observou por um momento. — Certamente você já sabia disso sobre nós.

— Bem, fazia parte das histórias e lendas, mas....— Leila parou ali, seus dedos brincando com o cabo da colher, que ela deixara descansando no creme brulée ramequin. — É difícil acreditar que você é realmente tão velho. Você só olha em torno de trinta, se é o bastante.

— É assim que é com o meu povo. Nossas infâncias não são muito diferentes das dos mortais - nascemos, precisamos passar por um processo de

amadurecimento. Quando chegamos à segunda década, no entanto, envelhecemos muito pouco. Somos capazes de nos permitir envelhecer um pouco mais, se nos referimos a parecer mais maduros, mas nunca envelhecemos, não como os mortais.

Ela ficou em silêncio por um momento, parecendo digerir essa informação. — E será o mesmo para mim, certo? Não foi isso que você disse antes?.

— Sim. Nossos Escolhidos não envelhecerão e nunca ficarão doentes. Eles podem ser feridos, mas também podem se curar muito mais rapidamente do que qualquer humano poderia esperar.

— Uau.— Novamente um pequeno silêncio, e então ela sorriu. — Bem, suponho que se eu tivesse que escolher uma idade para ficar presa, vinte e cinco anos é uma idade muito boa.

Ele devolveu o sorriso dela, aliviado por, após seu momento inicial de choque, ela não ter mencionado sua idade, não ter feito muitas perguntas. É verdade que ela ainda poderia fazê-lo mais tarde, mas, por

enquanto, ela parecia disposta a deixar o assunto passar.

Eles quase terminaram suas sobremesas. Um aceno sutil da mão dele, e os copos de xerez creme se encheram novamente. Aparentemente, o movimento não tinha sido bastante sutil o suficiente, mais uma vez Leila levantou uma sobrancelha para ele.

Sem piscar, ele ajuda: — Pensei que, já que estávamos quase terminando, poderíamos entrar na sala de estar. Há uma boa fogueira na lareira.

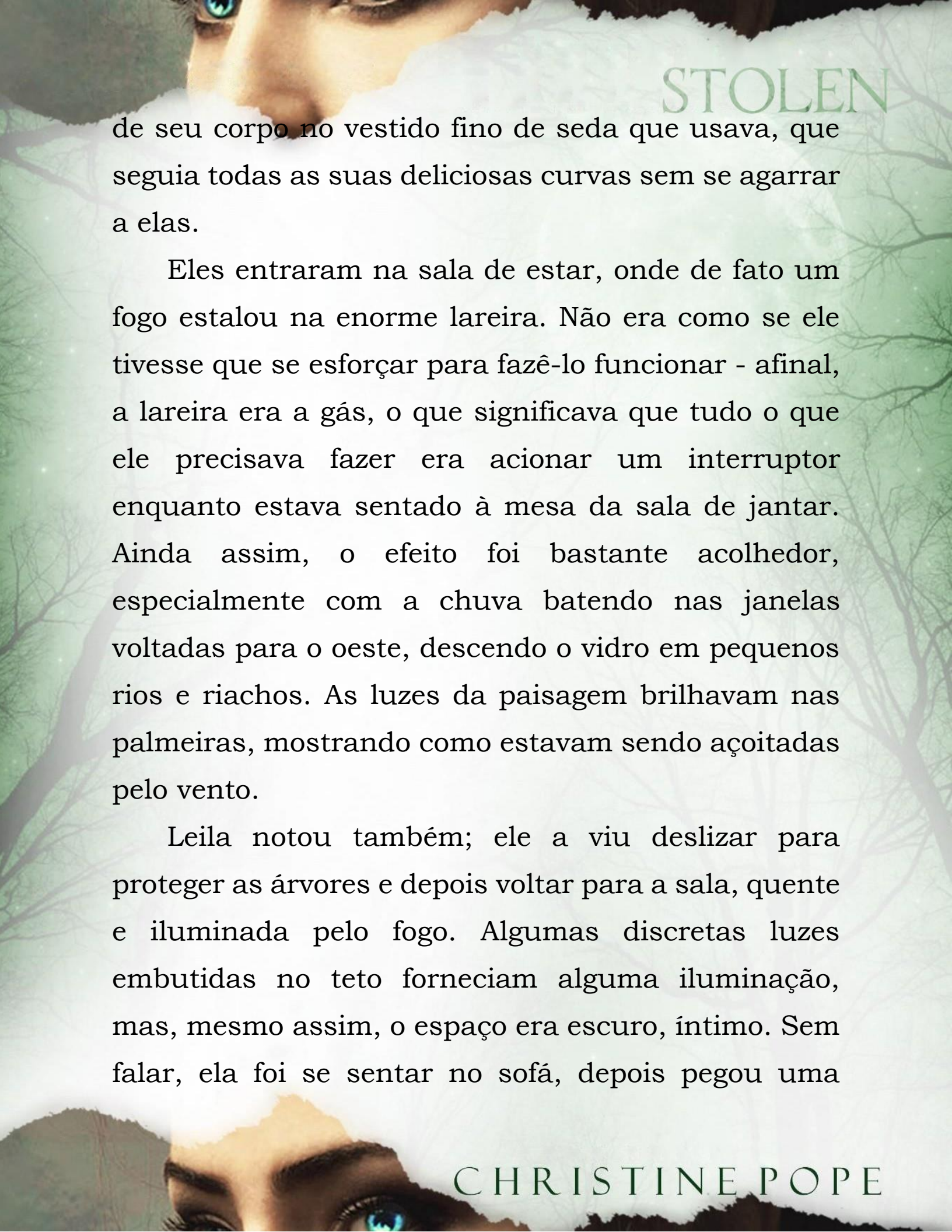
— Há sim?— ela perguntou, parecendo surpresa.
— Eu não percebi quando cheguei lá antes do jantar.

— Eu apenas comecei.

— Outro truque de djinn?

— Um talento, suponho.

Essa resposta apenas trouxe outro sorriso, seguido por um aceno de cabeça. Mas ela colocou o guardanapo na mesa e depois se levantou, graciosamente agarrando o copo cordial de xerez creme com a outra mão enquanto fazia isso. Mais uma vez, Malik se permitiu admirar a forma graciosa



STOLEN

de seu corpo no vestido fino de seda que usava, que seguia todas as suas deliciosas curvas sem se agarrar a elas.

Eles entraram na sala de estar, onde de fato um fogo estalou na enorme lareira. Não era como se ele tivesse que se esforçar para fazê-lo funcionar - afinal, a lareira era a gás, o que significava que tudo o que ele precisava fazer era acionar um interruptor enquanto estava sentado à mesa da sala de jantar. Ainda assim, o efeito foi bastante acolhedor, especialmente com a chuva batendo nas janelas voltadas para o oeste, descendo o vidro em pequenos rios e riachos. As luzes da paisagem brilhavam nas palmeiras, mostrando como estavam sendo açoitadas pelo vento.

Leila notou também; ele a viu deslizar para proteger as árvores e depois voltar para a sala, quente e iluminada pelo fogo. Algumas discretas luzes embutidas no teto forneciam alguma iluminação, mas, mesmo assim, o espaço era escuro, íntimo. Sem falar, ela foi se sentar no sofá, depois pegou uma

CHRISTINE POPE

montanha-russa embutida do seu caddie na mesa de café e colocou seu copo de creme de xerez sobre ela.

Malik hesitou por um momento antes de se sentar ao lado dela. Eles estavam quase tão perto quando estavam sentados à mesa da sala de jantar, e ainda assim ela se sentia muito mais perto dele agora, tão perto que ele podia detectar o doce aroma herbal do shampoo que ela usara, podia sentir o calor irradiando para fora de a pele nua de seus braços.

— Eu gosto disso,— disse Leila, mas seu tom era pensativo ao invés de confidencial. — Havia uma lareira na casa que eu estava alugando, mas precisava ser consertada, para que nunca pudéssemos usá-la. Sei que é uma espécie de afetação em um lugar com clima como o sul da Califórnia, mas sempre gostei quando meus pais acendiam um incêndio.

— Não sei se isso afeta tanto,— respondeu Malik. — Certamente esta noite está fria o suficiente para justificar uma, mesmo que seja mais quente aqui do que em muitos lugares do mundo.

— Você provavelmente está certo.— Mais uma vez, seu olhar se voltou para a janela. — Eu não gostaria de estar nisto.

Não, nem ele, mesmo que a água fosse seu elemento. Ele preferia o calor da piscina, ou mesmo as ondas agitadas do Pacífico, a se destacar em uma tempestade e ficar encharcado por suas roupas.

Era muito melhor estar lá dentro com Leila.

Ela parecia ter notado que a atenção dele havia se voltado para ela, porque mesmo na sala suavemente iluminada, ele podia ver o quão rosa tocava suas bochechas, como seus seios subiam e desciam enquanto ela respirava rapidamente. No entanto, ela não tentou se afastar, nem proferiu algum tipo de comentário precipitado que pretendia colocar alguma distância entre eles.

Ele se inclinou para ela, pressionou os lábios nos dela. Imediatamente ela respondeu, sua boca se abrindo na dele, deixando-o prová-la. Doce, rico e quente, como o xerez de creme que eles estavam bebendo. O calor fluiu através dele, o desejo que ele

estava fazendo o seu melhor para conter inundando através dele. Ele precisava dela, a queria.

Os dedos dela se moveram pelos cabelos dele, depois seguiram pela parte de trás do pescoço dele. — Está tudo bem,— ela sussurrou. — Eu quero — E aí ela parou, como se pensasse que dizer as palavras em voz alta as tornaria reais demais.

Malik não tinha intenção de deixar as coisas lá, no entanto. Ele a beijou novamente, depois acariciou seu braço nu. Um calafrio passou por ela quando ele disse: — Diga-me o que você quer.

— Você,— ela respondeu, os olhos se arregalando quando seu olhar encontrou o dele. — Eu quero você, Malik.

Era tudo o que ele precisava. Agora não havia razão para esperar mais. Ele respirou fundo e depois os piscou para o quarto dela antes que qualquer um deles pudesse mudar de ideia.

Tudo aconteceu tão rápido que Leila mal conseguiu entender o que Malik havia feito. Um momento eles estavam sentados no sofá, e no outro eles estavam no andar de cima de seu quarto emprestado, com a lareira ali ganhando vida, assim como as velas nos candelabros de ébano incrustado. Ela estava deitada na cama, com o peso de Malik em cima dela, e ainda assim esse peso estava longe de ser indesejável. Ele se sentiu sólido e real. Poderia um ser nascido de mito e lenda ser tão real?

Ele tinha que ser, porque ela duvidava que um mito a tivesse beijado assim, forte e apaixonado, aqueles beijos se movendo da boca para a pele sensível da garganta. Ela ofegou e arqueou contra ele, sentiu uma mão tocar a barra e a carne de sua coxa enquanto deslizava através da fenda em seu vestido. Deus, sua pele era tão quente ... ou era apenas a reação dela a ele?

Ela não sabia ao certo, assim como ela não conseguia identificar o momento exato em que ele

deslizou a alça de seu vestido um pouco mais, expondo seu peito. As tiras finas do vestido e a região lombar não permitiram que ela usasse um sutiã por baixo - não que tivesse caçado muito por uma peça de lingerie que pudesse funcionar. Talvez ela não estivesse planejando conscientemente esse momento, mas no fundo ele sabia que ela e Malik fariam amor hoje à noite, e então ela deixou de lado a roupa desnecessária.

Um suspiro escapou de seus lábios quando ele levou o mamilo à boca, enquanto ao mesmo tempo sua mão subiu pela perna dela, encontrou a borda sedosa de sua calcinha e deslizou sob eles. Ele a acariciou e ela gemeu, pressionando contra ele, querendo que seu corpo tocasse o dele o máximo possível.

— Você estava pronta para isso, não estava?— ele murmurou, dedos se movendo mais fundo.

— Sim,— ela ofegou. Tão pronta, ela achou que ele próprio estava um pouco surpreso. É verdade, já fazia um tempo desde a última vez que ela transara,

mas também não era nada que a interessasse nem um pouco ultimamente. Ela pensou que parte dela devia estar adormecida, empurrada para o esquecimento depois de todas as semanas de corrida e se esconder. E, no entanto, parecia que tudo que ela precisava para reviver era o toque de Malik. Essa parte de ser escolhida era ter uma conexão tão grande com ele, ou isso era outra coisa, sua alma despertando ao perceber que ele era o único que ela estava esperando o tempo todo?

Ela não sabia. Realmente importava, desde que parecesse tão bom quanto isso? Ela não protestou quando ele pegou o vestido dela e o puxou por cima da cabeça, deixando-a nua diante dele, exceto pelo par de calcinha de seda preta e biquíni de renda que ela usava.

— Tão linda,— ele murmurou, depois começou a arrastar uma linha de beijos desde o peito até o centro do estômago, parando para poder pressionar os lábios contra o monte dela, respirar quente através do tecido da calcinha.

Leila mal se atreveu a respirar. Foi ele...?

Parecia que ele estava, porque no momento seguinte, ele puxou a calcinha para baixo e as jogou para um lado da cama. Então a língua dele a tocou, a provou, e ela arqueou as costas e gritou, os dedos atados nas pesadas ondas de seu cabelo escuro. Oh, Deus, ela nunca imaginou -

O orgasmo veio tão rápido e selvagem quanto a tempestade que se abateu do lado de fora das janelas. Leila se perdeu naquele espasmo, o corpo convulsionando enquanto as ondas de prazer requintado e agonizante a percorriam. Ela não tentaria se lembrar de quanto tempo tinha passado desde que ela veio assim, principalmente porque ela tinha certeza de que nunca tinha.

Malik a beijou novamente, e ela pôde provar-se nos lábios dele. Por alguma razão, isso apenas acendeu seu desejo, e ela se apoiou contra ele, as pernas envolvendo os quadris dele. Aquelas calças de seda que ele usava não eram tão pesadas, e ela podia sentir sua excitação, sentir sua necessidade.

— Um momento,— ele sussurrou, e antes que ela pudesse piscar, as calças estavam juntas, junto com o roupão aberto que ele usava com elas.

Como ele era magnífico, os músculos pesados de seus braços, peito e costas delineados à luz do fogo, as velas apenas aumentando o calor de sua suave pele marrom. No entanto, Leila não teve muita oportunidade de admirá-lo, porque imediatamente ele a puxou contra ele, estava empurrando nela.

Ele era grande. Ela sentiu isso ao invés de ver, mas estava tudo bem. Naquele momento, tudo o que ela queria era ele enterrado profundamente dentro dela, seus corpos unidos. Ela precisou experimentá-lo assim, conectado a ela nas profundezas de seu núcleo, porque então sabia que não precisaria mais se sentir sozinha.

Seus corpos balançaram juntos, o ritmo chegando a eles tão naturalmente como se estivessem fazendo isso há anos. Leila enterrou o rosto no ombro dele e respirou o aroma quente e atraente de sua pele. Ela não achava que ele usava colônia; esse era apenas

o delicioso aroma de sua carne. Ela já experimentou algo assim antes, uma união muito além do mero sexo?

Ela achou que não.

A chuva caiu e o vento uivou, mas aqui tudo era calor e fogo. Outro clímax estava se formando dentro dela, e ela sabia que ia bater forte, possivelmente ainda mais do que o primeiro orgasmo. Ela respirou fundo e se soltou, chegando ao topo como um dos surfistas que costumavam surfar as ondas na praia em algum lugar fora da janela. Malik estremeceu e depois gozou também, batendo nela quando o orgasmo o levou também.

Por fim, ficaram em silêncio, ainda entrelaçados, nenhum dos dois querendo se mexer. Finalmente, Leila beijou seu djinn gentilmente na bochecha, depois se afastou para o banheiro para se limpar. Seu cabelo estava uma bagunça e até a maquiagem mínima que ela usava conseguiu ficar terrivelmente manchada, mas o reflexo que a olhava no espelho

conseguiu ficar radiante de qualquer maneira, ainda iluminado com o brilho de suas relações sexuais.

Ela encontrou um pacote de esticadores de removedor de maquiagem em uma das gavetas e reparou os danos, depois passou uma escova pelos cabelos. Depois desse chapéu, ela entrou no armário e tirou uma calcinha nova do peito de lingerie antes de vestir uma camisa de seda preta curta que encontrou em uma das outras gavetas do peito.

Quando voltou para o quarto, viu que Malik estava agora sentado contra a cabeceira da cama, uma pilha de travesseiros protegendo-o da superfície de madeira. Seu cabelo estava despenteado, mas ele exibia um sorriso largo quando ela caminhou até a cama e entrou. Imediatamente, o braço dele a envolveu, puxando-a para perto. Ela encostou a cabeça no ombro dele e soltou um suspiro contente, feliz por sentir seu calor, sua força.

— Feliz?— ele perguntou.

Houve uma pergunta. Sim, ela estava mais do que satisfeita com o ato de amor que acabaram de

compartilhar, mas depois de tudo o que vira no passado recente, ela poderia realmente dizer que estava feliz?

— Principalmente,— respondeu ela, que era a única maneira de responder à pergunta dele e ainda estar dizendo a verdade.

Para seu alívio, ele não pareceu desconcertado com a resposta dela, mas deu um aceno pensativo. — Eu posso entender isso. A tristeza desaparece com o tempo, suponho, mas nunca nos deixa completamente.

Leila se mexeu um pouco para que ela pudesse olhar em seu rosto, tentar entender seu humor com sua expressão. Naquele momento ele pareceu pensativo, mas nem um pouco triste. — Que tipo de perda um djinn poderia sofrer quando seu povo deveria ser imortal?.

— Temos vida longa,— disse ele em resposta à sua pergunta não dita. — Mas não podemos dizer que somos imortais, não quando podemos ser mortos. É

muito mais difícil matar um djinn do que matar um mortal, mas não é impossível.

— Você perdeu alguém que foi morto?

— Não exatamente.— Ele brincou com uma mecha do cabelo dela, envolvendo-o frouxamente em seu dedo indicador e parecendo estudar os fios escuros e sedosos. — Podemos ter uma vida tão longa que, finalmente, podemos nos cansar de nossa existência. Quando isso ocorre, um djinn pode beber o *aljar al-nawim* - a corrente do sono sombrio - um tipo de veneno que traz uma morte suave sem sofrimento. Espera-se que, morrendo, um de nossos tipos possa passar para o próximo mundo e, assim, começar uma nova vida lá.

Por um momento, Leila ficou em silêncio, fazendo o possível para processar o que ele acabara de dizer. Ela não parou para pensar que a vida longa poderia ser um fardo, algo a ser estabelecido quando não podia mais ser suportado. — Quem?— - ela perguntou finalmente.

— Meu pai,— disse ele. — Ao contrário de muitos djinn, meus pais permaneceram juntos por algum tempo depois que Fátima e eu crescemos até a idade adulta e a obrigação deles com os filhos terminou. Mas, eventualmente, os dois se separaram e, apesar de minha mãe ter outros companheiros, meu pai parecia não ter vontade de fazer o mesmo. No final, ele decidiu que tudo o que queria era beber o *aljar al-nawim* e seguir em frente a partir deste mundo.

Possivelmente era uma pergunta pessoal demais, mesmo depois das intimidades que eles compartilhavam, mas Leila se viu dizendo as palavras de qualquer maneira. — Você tentou detê-lo?

— Não. A escolha foi dele, e eu não iria ficar no caminho dele. Mas ainda assim, foi ... difícil.

— Eu sinto Muito.

Ele se inclinou e a beijou, mas suavemente no topo da cabeça dela. Parecia claro o suficiente que, pelo menos por um momento, ele não desejava reacender a paixão deles. — Sempre foi uma possibilidade. E se meu pai está agora livre do fardo

deste mundo, quem sou eu para culpá-lo? Posso lamentar sua ausência sem desejar que as coisas sejam diferentes.

Leila não tinha certeza se poderia manter esse tipo de calma sobre a situação se seu pai tivesse decidido cometer suicídio por causa de uma enorme fadiga no mundo, um tédio esmagador. Mas então, Malik, com todas as suas experiências, provavelmente teve muito mais tempo para desenvolver um senso de perspectiva.

— Isso é parte da razão pela qual os djinn são apenas vinte mil? Porque alguns optam por 'mudar para o próximo mundo', como você diz?

— Alguns,— disse ele. — E nossas famílias são pequenas. Só temos filhos quando queremos - não existem acidentes entre nossa espécie ... e é por isso que não me preocupei em mencionar nenhum tipo de proteção quando fizemos amor. Não havia razão para isso.

Também não tinha sido muito preocupante para ela. Sendo escolhida, ela imaginou que estaria

protegida contra qualquer tipo de DST de djinn que existia - se isso existisse. Ela sabia que estava protegida contra uma gravidez indesejada pelo DIU, desde que Malik não tivesse algum tipo de super-esperma que tornou inúteis essas salvaguardas.

— Bem, é bom saber,— disse Leila. Ela deveria contar a Malik sobre o controle de natalidade que havia tomado? Não, melhor não mencionar isso por enquanto. Pareceu-lhe altamente improvável que eles decidissem começar uma família nos próximos meses de qualquer maneira. Não há necessidade de se apressar, não quando eles aparentemente tinham toda a eternidade pela frente.

Um pensamento horrível cruzou sua mente. E se um djinn que reivindicou um Escolhido finalmente decidisse que estava cansado da existência e bebesse o *aljar al-nawim* para se libertar? Seus Escolhidos morreriam no mesmo instante, perdendo a proteção que receberam durante todo esse tempo? Ou eles permaneceriam por algum tempo depois, até morrerem de velhice?

Nenhuma das perspectivas parecia terrivelmente atraente.

— Você não precisa se preocupar,— disse Malik em voz baixa, novamente com aquela maneira desconcertante de poder ler seus pensamentos, ou pelo menos sua expressão. — Eu nunca te abandonaria dessa maneira.

— Você tem certeza?— ela perguntou, odiando o jeito que sua voz tremia um pouco.

— Tenho certeza,— ele disse a ela. Dessa vez, ele a beijou na boca, mas com uma ternura maravilhosa que não conseguia esconder completamente a dor atrás dela. — Como eu poderia pensar em deixar este mundo, agora que tenho você?

Leila aninhou-se nos braços dele e fechou os olhos, desejando acreditar no que ele estava dizendo.

Afinal, o que mais ela poderia fazer?

O sol da manhã tocou o rosto de Malik, certo, mas não duro. Ele abriu os olhos e deu uma rápida olhada nos arredores, lembrando-se de onde estava. Este era

o quarto de Leila, com o oceano brilhando forte e limpo do lado de fora das janelas, todos os vestígios da tempestade da noite anterior agora. Ao lado dele, ela ainda dormia, virada para o lado, com os cabelos espalhados em sua glória sombria pelo branco imaculado da fronha.

Ele respirou fundo, contente. Sim, a conversa deles tinha sido mais sombria na noite anterior, mas ele ainda estava feliz com isso, contente por ter lhe contado suas próprias perdas e por ela não ter se afastado. Na sociedade djinn, por toda a aceitação externa daqueles que levavam os *aljar al-nawim*, ainda havia um preconceito tácito em relação aos que foram deixados para trás, como se de alguma forma houvesse algo de errado com eles, se seus entes queridos pudessem ir embora tão facilmente.

Não há necessidade de pensar nisso agora, no entanto. Ele estava com Leila a seu lado, e ela havia provado na noite anterior que estava disposta o suficiente para ser sua companheira, agora e para sempre. Seus corpos selaram o pacto que ele fez com

o universo quando a reivindicou como sua Escolhida. E eles apenas reafirmaram sua conexão quando acordaram nas profundezas da noite e fizeram amor novamente, rápida e urgentemente, como se vocês tivessem precisado saber com certeza que o outro ainda estava lá.

A união deles significava que precisariam deixar este lugar em breve. Com o amor seguro, eles poderiam seguir para o lar permanente e começar a viver ali. O que essa vida acarretaria, ele não estava totalmente certo; uma existência ligada ao planeta aqui na Terra seria bem diferente daquela que ele viveu no outro mundo. Ainda assim, ele supunha que os djinns de Bel-Air e seus Escolhidos encontrariam seu caminho juntos, começariam a cultivar suas próprias colheitas e a criar seus próprios animais, em vez de tirá-los dos quatro cantos do mundo. Estruturas menores seriam destruídas para dar lugar a terras agrícolas, e com os elementais da terra e os elementais da água e os elementais do ar trabalhando juntos, essa terra se tornaria muito mais fértil do que

seus habitantes anteriores jamais poderiam ter sonhado.

Ele estava sorrindo com esse pensamento, imaginando os campos verdes e as árvores pesadas de frutas, quando a voz de sua irmã invadiu sua mente.

Malik! Eu preciso de você!

O que é isso, Fátima? ele respondeu, a ansiedade já crescendo em seu coração. Ele sabia que sua irmã não teria entrado em contato com ele de tal maneira, e a uma hora tão cedo, se o assunto não fosse urgente.

É Adam, ela disse. *Meu Escolhido. Todas as manhãs, ele sai correndo, mas não voltou, mesmo que já tenha passado da hora em que normalmente faria isso.*

Você não pode senti-lo? Porque uma vez que um djinn se unia a seus Escolhidos, eles geralmente tinham alguma sensação de onde aquela pessoa poderia estar, desde que não estivesse muito longe.

Não, ela respondeu, sua voz mental soando quase como se fosse chorar. Vários de nós fomos procurá-lo, pensando que talvez ele simplesmente tivesse ultrapassado as fronteiras de nosso território e estivesse atrasado em retornar porque tinha muito mais a percorrer. Mas não vimos nenhum sinal dele, nada. Foi por isso que te procurei, Malik. Eu me sentiria muito melhor se você viesse ajudar na pesquisa.

Ele não podia culpá-la por isso; por causa da maneira da morte de seu pai, ele e Fátima tendiam a estar mais perto do que muitos irmãos djinn estariam. E, no entanto, ajudar sua irmã significaria deixar Leila sozinha aqui em casa, pois é claro que ela não poderia viajar da maneira dos djinn, a menos que ele a segurasse, e isso seria uma distração, algo que Fátima provavelmente não apreciaria. É verdade que ele poderia levar Leila e esperá-la na casa de Fátima, ou talvez na casa de um dos outros djinn e seus Escolhidos. Ela precisaria conhecê-los em breve.

Sim, isso parecia o melhor plano.

Estarei lá em breve, ele disse a Fátima. É cedo e ainda estou na cama e vou precisar me vestir. Mas não vai demorar muito.

Obrigado irmão, ela disse.

O contato terminou aí; ele não tinha certeza de como era para os outros djinn, mas quando ele falou com sua irmã dessa maneira, era quase como se ela estivesse ao lado dele. No entanto, assim que a conversa mental parou, ele perdeu o sentido da presença de Fátima .

Seria o mesmo com Leila? Ele supôs que poderia muito bem descobrir agora.

Leila, ele disse suavemente, usando sua voz interior. Querida.

Seus olhos se abriram, perplexos e talvez um pouco assustados. — Eu acabei de ouvir você em minha mente?— ela perguntou em voz alta enquanto se colocava sentada.

Sim, meu amor, ele respondeu, ainda falando mentalmente. É assim que djinn e seus Escolhidos podem falar um com o outro. Posso fazer o mesmo

com minha irmã, pois somos sangue, mas vocês são os dois únicos com quem posso conversar.

Uau, ela disse, depois fez uma pausa, sua expressão uma agradável mistura de confusão e admiração. Isso é tudo o que tenho que fazer? Apenas pense em você?

Mais ou menos. Estamos conectados agora, e é por isso que somos capazes de conversar dessa maneira. Ele hesitou, depois se obrigou a continuar. Minha irmã acabou de me pedir ajuda. Seu Escolhido está faltando e ela precisa da minha ajuda. Prometi a ela que iria procurá-la o mais rápido possível.

Oh, não - o que aconteceu?

Fátima não sabe. Tenho certeza de que é algo tão simples quanto Adam vagando muito mais longe em sua corrida matinal do que minha irmã está disposta a acreditar que ele iria, mas quanto mais de nós pudermos ajudar, mais cedo o encontraremos.

Claro que você deve ir ajudá-la.

Você deveria vir comigo. Eu não gosto de pensar em deixá-lo aqui sozinho.

Em vez de concordar que esse era um plano sensato, Leila apenas balançou a cabeça. *Por que não posso ficar aqui? Não é seguro?*

Malik sabia que era; Fátima era a única pessoa que sabia onde ficava a casa de Malibu e, portanto, Leila certamente não corria o risco de ser descoberta por djinn saqueadores. Além disso, este bairro havia sido varrido semanas atrás, e não havia motivo para aqueles que pretendiam limpar o mundo dos humanos voltarem para cá. Mesmo se o fizessem, Leila era marcado como seu Escolhido, e qualquer djinn que tentasse lhe causar dano estaria perdendo sua própria vida. Não faz sentido, não quando havia tanto esporte fácil de ser encontrado em outro lugar.

Eu acredito que é o mais seguro possível, ele respondeu. *Mas por que você não quis vir comigo?*

Eu não quero atrapalhar. Além disso, ela continuou, com um leve rubor colorindo suas bochechas, *acho que prefiro esperar para conhecer sua irmã em um dia em que eu não estava transando*

com seu irmão a maior parte da noite anterior. Me chame de antiquada.

Ele não pôde deixar de rir com essa demonstração de modéstia. *Não acho que Fátima se importaria de um jeito ou de outro, exceto por estar feliz por termos formalizado nosso relacionamento. Mas se você realmente deseja ficar -*

Sim, disse Leila. Vou tomar um café da manhã, talvez ir deitar à beira da piscina. Eu vou ficar bem. Você precisa ir ajudar sua irmã e não se preocupar comigo.

Se você tem certeza -

— Eu tenho,— disse ela em voz alta, dando-lhe um empurrão brincalhão que o levou uma polegada ou mais em direção à beira da cama. — Então vá em frente. Tenho certeza de que Fátima está esperando por você.

Essa observação foi apenas a verdade. Com algum pesar, ele saiu da cama, pois esperava - antes que Fátima o alcançasse - que ele e Leila pudessem fazer amor novamente esta manhã. Bem, eles seriam

capazes de fazê-lo em breve. Ele voltaria assim que Adam fosse encontrado e talvez fosse hora de cair na cama novamente.

Malik chamou roupas frescas para ele e se vestiu, passando os dedos pelos cabelos, na tentativa de domar um pouco. Durante esses preparativos, Leila o assistiu da cama, claramente contente em permanecer onde estava.

— Eu deixei o café indo e há ovos na geladeira e um pedaço de pão na despensa.

— Obrigado, Malik,— disse ela quando finalmente saiu de debaixo das cobertas. Ao vê-la na camisa de seda curta que ela usara na noite anterior, notando a forma como ela deslizava sobre a curva de seus seios e revelava suas longas pernas levemente musculosas, ele desejava mais do que nunca que ele pudesse ficar aqui.

Mas o dever chamava, e ele não podia ignorá-lo. Em vez disso, ele foi até Leila e a beijou brevemente, mas apaixonadamente, tentando ignorar a sensação de seu corpo pressionado contra o dele.

— Volto em breve,— prometeu, e depois se foi.

Estranho como saber que Malik não estava aqui poderia repentinamente fazer essa casa enorme parecer positivamente cavernosa. Leila tomou banho e se vestiu, depois desceu as escadas, tentando ignorar o eco do lugar sem ele. Pelo menos era um dia ensolarado e brilhante, com luz entrando por todas as janelas. Nenhuma sombra aqui, nada que ela precisasse pular.

Como Malik prometera, o café a esperava em seu prato quente. Ela se serviu de uma caneca grande e entrou na despensa para procurar o pão que ele havia mencionado. Sim, lá estava, um pesado pão de grãos múltiplos, enrolado frouxamente em uma toalha de linho.

Ela levou para o balcão e cortou algumas fatias, depois as colocou na torradeira. Como exatamente Malik era capaz de fazer com que a eletricidade funcionasse quando ele nem estava aqui, ela não sabia, mas estava definitivamente contente com isso.

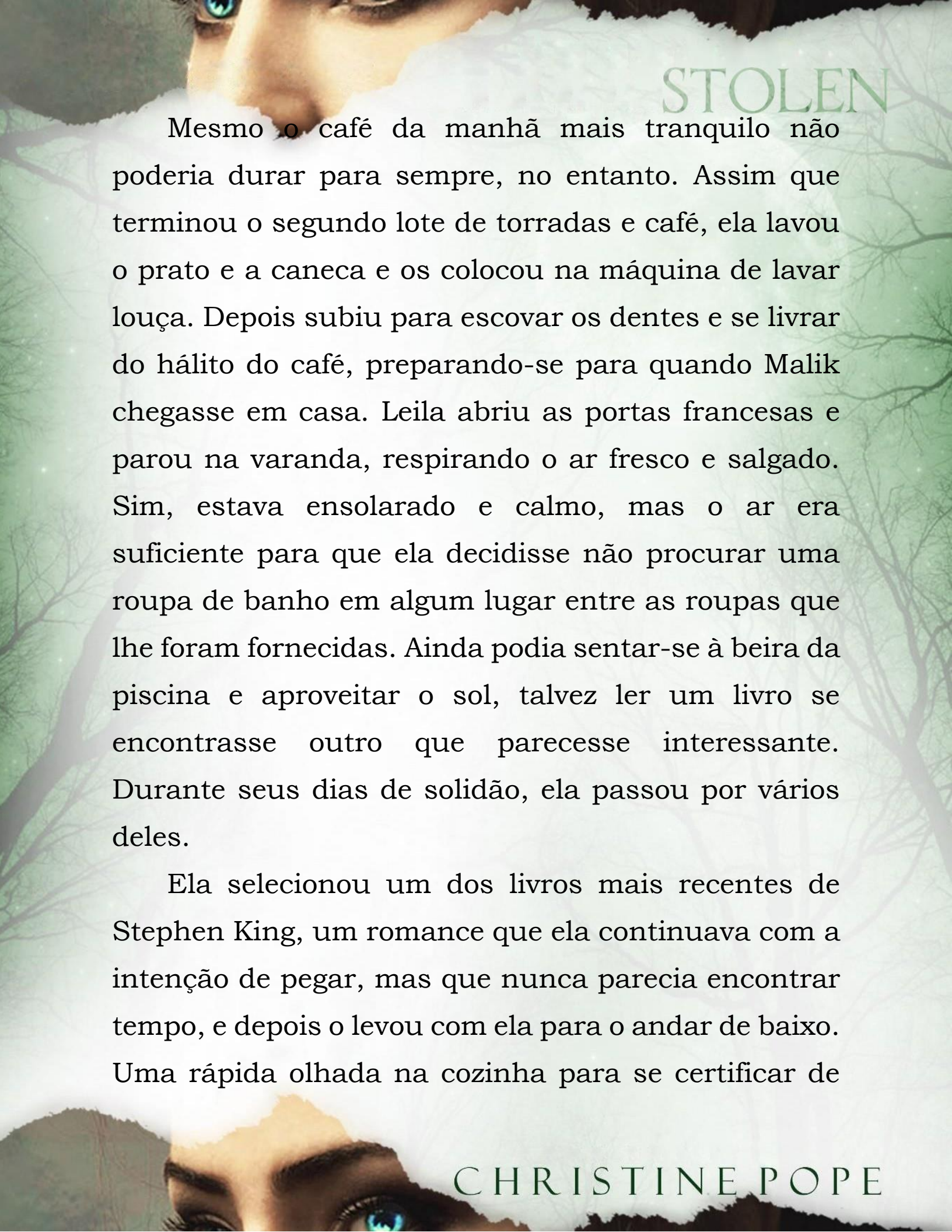
Em algum momento ela teria que perguntar como tudo aquilo funcionava.

Depois que a torrada terminou, ela a colocou em um prato e o colocou generosamente com manteiga, depois levou o prato e a caneca de café para a mesa redonda, onde ela e Malik haviam compartilhado o café da manhã vários dias antes. Naquela manhã, que parecia tão distante agora, ela ainda não tinha certeza do que planejava fazer com os djinn que a levaram a este lugar, mas o ato de amor da noite anterior parecia ter resolvido essa questão. Agora ela não podia imaginar não ir para a cama com ele, não permitindo que ele se tornasse seu amante. Eles se encaixavam tão perfeitamente juntos, estavam mais afinados do que ela já estivera com qualquer outro homem em sua vida.

Ela também apreciou que ele tinha sido honesto com ela, a deixara saber sobre algumas das tragédias em sua própria vida. Antes que ele a confiasse, ela ainda tinha dificuldade em ver o djinn como algo mais do que uma massa amorfa e indiferenciada de seres

do outro mundo, a maioria dos quais preocupada com a destruição da humanidade. Agora, porém, ela percebeu que todos eram indivíduos, cada um com suas próprias esperanças, medos e sonhos. Ainda podia odiar muitos deles pelo que haviam feito, mas tinha que reconhecer que cada um deles o fez por causa de suas próprias escolhas, suas próprias motivações.

A torrada e o café estavam tão gostosos que ela pensou que teria uma segunda rodada. Nenhum dano real nisso, especialmente porque ela não sabia quando Malik voltaria. Essa torrada pode ter que durar muito tempo, embora ela devesse sempre preparar alguns ovos, se necessário, para ajudá-la. Havia também as sobras da noite passada, agora cuidadosamente embaladas em um conjunto de tigelas Pirex com tampas de travamento. Como tudo isso aconteceu, quando ela e Malik tiveram uma transição ininterrupta do jantar para a sala de estar, Leila não sabia ao certo. Magia de Djinn, ela supôs.

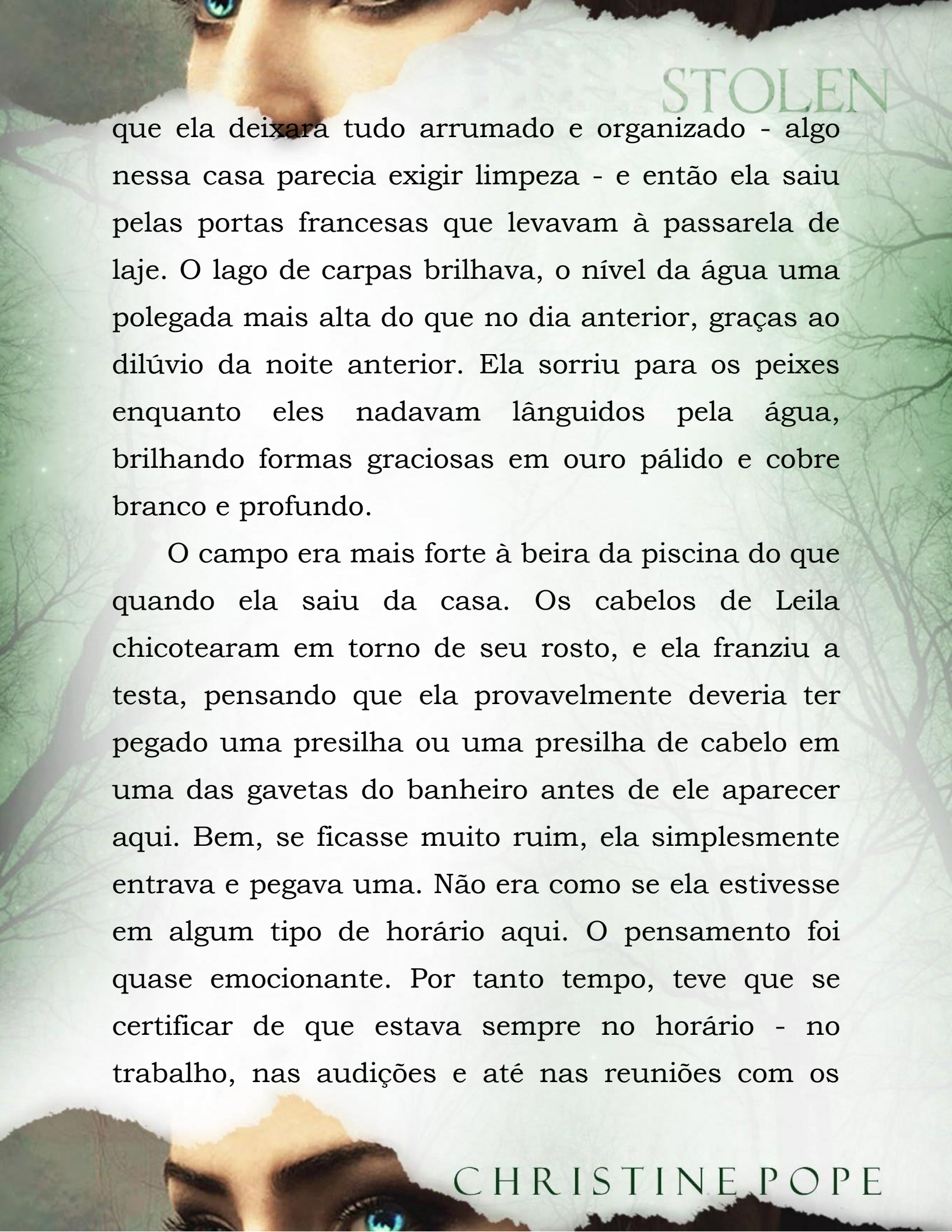


STOLEN

Mesmo o café da manhã mais tranquilo não poderia durar para sempre, no entanto. Assim que terminou o segundo lote de torradas e café, ela lavou o prato e a caneca e os colocou na máquina de lavar louça. Depois subiu para escovar os dentes e se livrar do hálito do café, preparando-se para quando Malik chegasse em casa. Leila abriu as portas francesas e parou na varanda, respirando o ar fresco e salgado. Sim, estava ensolarado e calmo, mas o ar era suficiente para que ela decidisse não procurar uma roupa de banho em algum lugar entre as roupas que lhe foram fornecidas. Ainda podia sentar-se à beira da piscina e aproveitar o sol, talvez ler um livro se encontrasse outro que parecesse interessante. Durante seus dias de solidão, ela passou por vários deles.

Ela selecionou um dos livros mais recentes de Stephen King, um romance que ela continuava com a intenção de pegar, mas que nunca parecia encontrar tempo, e depois o levou com ela para o andar de baixo. Uma rápida olhada na cozinha para se certificar de

CHRISTINE POPE



STOLEN

que ela deixara tudo arrumado e organizado - algo nessa casa parecia exigir limpeza - e então ela saiu pelas portas francesas que levavam à passarela de laje. O lago de carpas brilhava, o nível da água uma polegada mais alta do que no dia anterior, graças ao dilúvio da noite anterior. Ela sorriu para os peixes enquanto eles nadavam lânguidos pela água, brilhando formas graciosas em ouro pálido e cobre branco e profundo.

O campo era mais forte à beira da piscina do que quando ela saiu da casa. Os cabelos de Leila chicotearam em torno de seu rosto, e ela franziu a testa, pensando que ela provavelmente deveria ter pegado uma presilha ou uma presilha de cabelo em uma das gavetas do banheiro antes de ele aparecer aqui. Bem, se ficasse muito ruim, ela simplesmente entrava e pegava uma. Não era como se ela estivesse em algum tipo de horário aqui. O pensamento foi quase emocionante. Por tanto tempo, teve que se certificar de que estava sempre no horário - no trabalho, nas audições e até nas reuniões com os

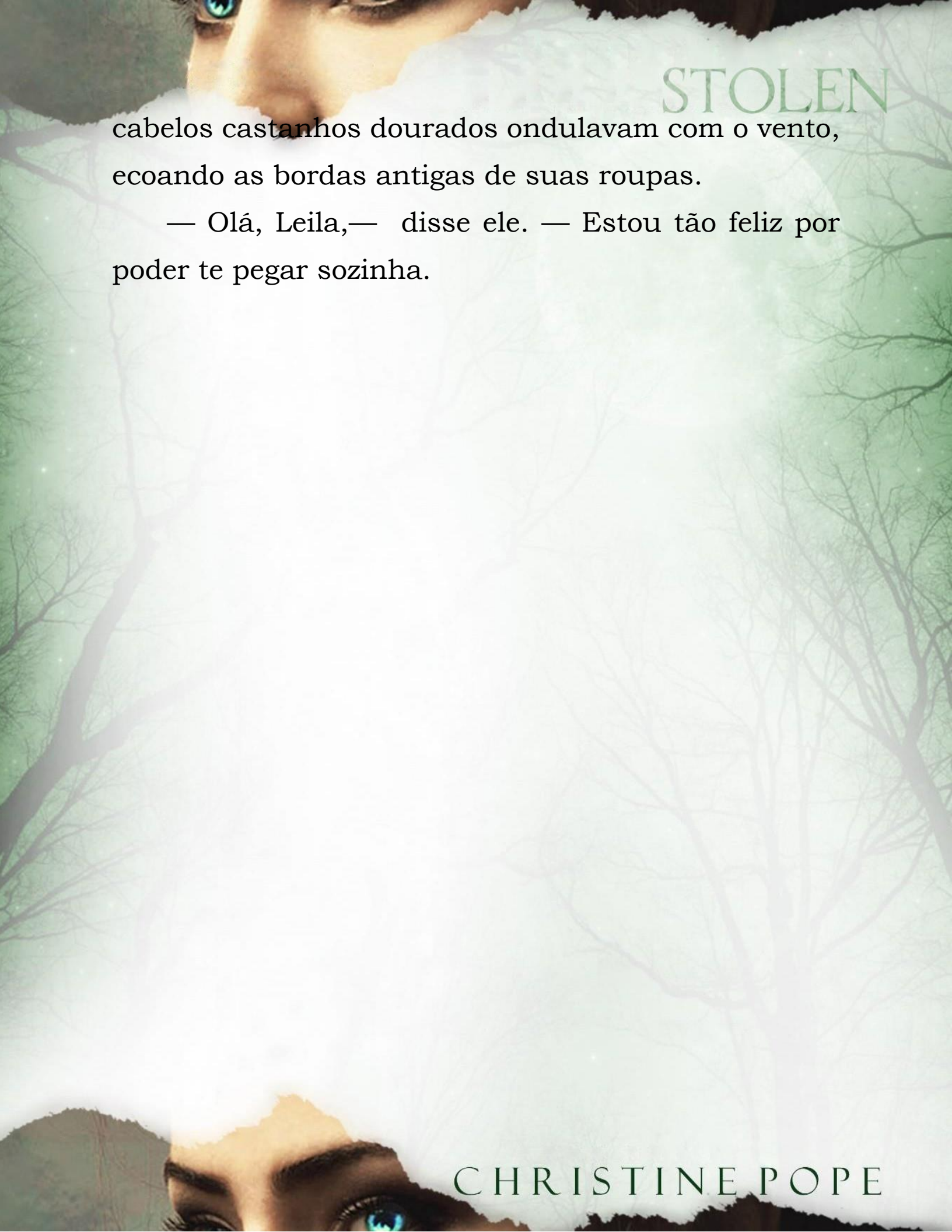
CHRISTINE POPE

amigos. E mesmo depois que o mundo acabou, sua vida havia sido regulada pelo sol, que governava quando se esconder, quando correr. Agora ela tinha toda a liberdade do mundo.

Em algum momento, ela supôs que descobriria o que fazer com ele.

Ela se sentou na mesma espreguiçadeira onde havia descansado vários dias antes e deixou o sol brilhar sobre ela. O livro estava no colo dela; ela a abriria quando estivesse pronta, mas por enquanto era bom estar aqui ao vento e à luz do sol, para deleitar - se com a sensação de bem-estar que parecia fluir para todos os membros, todas as extremidades. Ela fechou os olhos e respirou o ar salgado, e ficou maravilhada com a forma como o brilho do amor da noite anterior havia durado todo o caminho até essa manhã gloriosa.

Uma sombra apagou o sol. Leila piscou e depois ofegou. De pé sobre ela, estava um djinn alto, de túnica azul-centúria, com os olhos quase da mesma sombra brilhante de cerúleo que o céu acima. Os



STOLEN

cabelos castanhos dourados ondulavam com o vento,
ecoando as bordas antigas de suas roupas.

— Olá, Leila,— disse ele. — Estou tão feliz por
poder te pegar sozinha.

CHRISTINE POPE

Um grupo de cerca de vinte djinn estava reunido na sala de estar da mansão que Fátima havia tomado para si. Estes eram todos os elementais do ar no grupo Bel- Air, chamados aqui por seu líder, porque seriam os mais úteis na busca pela Escolhida desaparecida. Todos os djinns podiam viajar instantaneamente de um lugar para outro, e todos eles tinham a capacidade de subir ao ar quando a situação exigia, mas apenas os djinns que controlavam o ar podiam realmente voar.

Malik conhecia alguns dos djinn reunidos pelo nome, outros pela visão, mas alguns de seus rostos eram completamente desconhecidos para ele. A população djinn era muito menor que a humana - ou pelo menos como era a população humana - e ainda assim era raro um deles conhecer toda a sua espécie. Ele supôs que os anciãos deviam, pois todos os djinn estavam sob sua responsabilidade, mas por outro lado não era terrivelmente viável, mesmo considerando a longa vida de seu povo.

Fátima veio até ele, olhos escuros brilhando de preocupação. Se ela chorou, no entanto, ele não viu nenhum sinal disso em seu rosto; o kohl que rodeava seus grandes olhos era perfeito e imperturbável, assim como a mancha avermelhada que ela usava nos lábios. — Liguei para todo mundo aqui,— disse ela. — Nós esperamos apenas em você.

Ele ouviu a leve acusação em sua voz, mas optou por ignorar a repreensão e, em vez disso, disse, seu tom suave: — Vim o mais rápido que pude.

— Você não trouxe seu escolhido com você?— Fátima perguntou. — Eu pensaria que você aproveitaria esta oportunidade para ela conhecer aqueles da comunidade que não estão envolvidos na pesquisa.

Felizmente, Malik esperava um comentário como esse e, portanto, ele tinha uma resposta pronta. — Eu perguntei, mas Leila escolheu ficar em casa. Acredito que ela estava se sentindo um pouco tímida e, portanto, não queria pressioná-la. Ela terá todo o tempo do mundo para se familiarizar com todos

vocês, pois acho que estaremos nos mudando para cá muito em breve.

Essas palavras provocaram um pequeno sorriso, como se isso fosse tudo o que Fátima conseguisse reunir naquele momento. — Estou contente de ouvir isso. Bem, como não temos mais ninguém a esperar, é melhor começarmos.— Ela se afastou dele e se dirigiu ao djinn vigilante, homens e mulheres. — Todos vocês sabem a área para a qual foram designados para o seu mar. Vá em frente e veja se consegue encontrar Adam. Temo que ele possa ter caído e se machucado, pois não consigo pensar em outra razão pela qual ele não voltaria para casa agora.

O djinn reunido murmurou seu consentimento, depois foi para fora, onde se lançaram nos céus e se espalharam, todos se movendo em direções diferentes. Fátima esperou até a partida e disse: — Agora podemos participar da pesquisa.

— Como exatamente você deseja prosseguir?— ele perguntou. — Enquanto podemos piscar de um lugar para outro, se não tivermos uma boa ideia de

para onde estamos indo, poderemos acabar precisamente onde não queremos estar.

— Oh, não,— respondeu ela, afastando-se da sala para poder seguir por um longo corredor. — Tenho uma ideia melhor do que isso.

Malik a seguiu, um tanto confuso, mas se absteve de fazer qualquer pergunta. Ele supôs que descobriria o destino deles em breve.

Foi o que ele fez, pois depois de um momento ela o trouxe através de uma porta que dava para a garagem. Alojado na mais próxima das quatro baias havia um grande SUV preto de algum tipo, mas Fátima ignorou o veículo e continuou passando por ele, parando para que pudesse vislumbrar a glória automotiva diante deles.

Era muito elegante, um tom verde-ácido cintilante. A grade de boca larga estava decorada com um emblema da Mercedes-Benz, um dos poucos logotipos de carros que ele conseguia reconhecer à vista.

Ele olhou para a irmã e levantou uma sobrancelha.

— Eu não pude resistir em levar este brinquedo para mim,— disse ela. — É muito rápido.

— Tão rápido quanto os elementais procurando no céu?

— Bem, não,— ela admitiu. — Mas definitivamente mais eficiente do que nos piscar em Bel-Air e Beverly Hills.

Ele decidiu não discutir esse ponto. Sempre foram os elementais do ar que serviram como batedores, enquanto os que pertenceram aos outros três elementos lutaram no chão. Não que isso seria uma luta, é claro. Em vez disso, seria uma viagem cansada de um lugar para outro, esperando que eles encontrassem a Escolhida rebelde de Fátima em algum lugar um pouco mais perto do que mais longe.

— Não tenho certeza se vou me encaixar nessa coisa,— disse ele, duvidoso, olhando para o teto baixo do veículo.

— Oh, é maior por dentro do que parece do lado de fora,— respondeu ela. — Venha e veja. Precisamos seguir nosso caminho.

Reprimindo um suspiro, ele caminhou até o lado do passageiro do veículo e abriu a porta. Ele teve que se dobrar quase pela metade para entrar, mas de alguma forma ele conseguiu se dobrar no banco do passageiro. Felizmente, os controles que o operavam eram fáceis de localizar e ele imediatamente empurrou o banco o mais para trás possível.

Enquanto isso, Fátima fez uma entrada muito mais graciosa ao lado do carro. No entanto, ela ainda parecia bastante incongruente sentada no assento de couro, seu casaco de brocado de seda, calças de seda onduladas e braçadeiras de pulseiras douradas em contraste com o estofado preto liso. Apesar de tudo isso, ela ligou o carro com bastante naturalidade. Ele ganhou vida com um rugido baixo e grunhido que fez os cabelos da nuca de Malik quererem se levantar. Como djinn, ele comandou mais força do que os mortais podiam compreender, e, no entanto, algo

sobre o som primordial daquele motor o fez pensar que talvez entrar no carro com a irmã não fosse a ideia mais sábia.

Tarde demais, no entanto, pois Fátima imediatamente engatou o Mercedes e o retirou da garagem, manejando o veículo com muito mais habilidade do que Malik esperava. Por outro lado, embora estivessem próximos, eles não passavam todas as horas acordados juntos. Talvez ela tenha passado algum tempo aqui na Terra se apaixonando por carros velozes.

Ela virou à esquerda, indo em direção às colinas. Eles apenas diminuíram a velocidade quando ela os levou em uma curva, e Malik se viu segurando a maçaneta da porta para evitar deslizar em direção ao console central.

— Onde você aprendeu a dirigir assim?— ele perguntou.

Os olhos dela estavam fixos para a frente, observando a estrada e, ele supôs, examinando a área em busca de algum sinal de Adam. — Fiz um daqueles

cursos de direção que eles ofereciam para pessoas que queriam dirigir como um agente secreto no cinema.— Um sorriso tocou seus lábios vermelhos enquanto ela fazia outra curva em alta velocidade, fazendo Malik feliz por ele ainda não ter comido nada naquela manhã.

— Alguma razão específica para isso?

— Eu pensei que seria uma habilidade útil de ter.

Talvez fosse. Mais provavelmente, porém, Fátima procurava algo novo e novo para se divertir. Ela sempre se inclinou para atividades físicas, uma vez passou quase um ano em Buenos Aires para aprender o tango, e outra vez viveu em Gstaad a maior parte da temporada de inverno para dominar as encostas de diamantes negros lá. Malik supôs que participar de um workshop para aprender a dirigir como James Bond era o par para o curso, para usar a frase humana.

No entanto, uma vez que eles estavam viajando por algumas estradas realmente sinuosas que subiam a um pico ocidental de Hollywood Hills, Fátima

diminuiu para uma velocidade respeitável. O motor do Mercedes parecia quase ferido, como se pensasse que rastejar dessa maneira estivesse sob sua dignidade.

Eles ficaram em silêncio enquanto dirigiam, Malik estudando a beira da estrada ao lado dele, Fátima observando a passagem à sua esquerda. As casas aqui também eram enormes, mas mais difíceis de ver, pois tendiam a ficar situadas muito atrás em portões fechados, cercados por árvores.

Os dedos de Fátima bateram no volante, irritados. — Eu não sei por que Adam continua com esse ritual bobo de qualquer maneira. Eu disse a ele que, como ele é escolhido, ele sempre estará em forma e saudável como está agora e nunca ficará doente ou envelhecerá. Mas ele apenas sorriu e me disse que os velhos hábitos são difíceis. Os mortais podem ser tolos às vezes.

Malik levantou um pouco os ombros. — Eu não acho que você deveria estar muito irritada com ele. Ouvi dizer que alguns mortais costumavam correr

como uma espécie de meditação, uma maneira de se concentrar por dentro. Se ele estava acostumado a correr como um meio de limpar sua mente, então eu posso ver por que ele gostaria de continuar com isso, mesmo se não houver uma razão física real para ele precisar fazê-lo.

— Possivelmente.— No entanto, seus dedos ainda se moviam inquietos no couro embrulhado do volante, rubis e topázio brilhando à luz brilhante da manhã. — Eu sei que é apenas a preocupação que me deixou tão irritada.

— Compreendo.— Malik continuou observando o ambiente, mas não havia nada aqui para sugerir que alguém tivesse passado recentemente. Todo mundo que morava nessas casas magníficas já se foi há muito tempo, e mesmo que houvesse um ou dois sobreviventes na área, eles já teriam sido caçados. Ao contrário de outras partes do sul da Califórnia que ele observara, parecia que essas pessoas haviam morrido enquanto viviam, atrás de muros altos. Não havia

carros abandonados bloqueando a estrada, nenhum sinal de que essa rua já havia sido povoada.

Que desperdício. Um desperdício trágico, e, no entanto, ele sabia que não havia motivo para pensar no que seus colegas djinn haviam feito. Tudo o que ele podia continuar continuava, e esperava que a comunidade de djinn e Escolhido em Bel-Air - e outras comunidades como essa em outros lugares - pudesse um dia construir um mundo que fosse um sucessor digno do que havia acontecido antes.

Eles chegaram a um beco sem saída. Fátima soltou um silvo de aborrecimento entre os dentes, depois virou lentamente o carro para que fossem apontados de volta para o morro. Malik se absteve de comentar que talvez ela devesse ter consultado um mapa antes de partir. Djinn podia ver muito, mas eles não eram onipotentes. Ao contrário de seu criador, eles eram muito propensos a cometer erros.

No primeiro cruzamento que encontraram, ela virou o carro para a esquerda, indo para o oeste. Mais uma vez, Malik se perguntou se sua irmã sabia onde

ela estava indo, ou se ela estava dirigindo apenas conforme o humor a levasse, possivelmente permitindo que seus instintos guiassem o caminho deles. Pelo jeito que ela falara, parecia que ela tinha alguma ideia dos caminhos normais que seu Escolhido seguia quando ele saía correndo, mas eles já haviam sido revistados e não haviam encontrado nada.

Ela ziguezagueou quando chegaram a outro cruzamento, então foram para o sul mais uma vez, de volta aos bairros que os djinn haviam assumido.

— Você já esteve aqui antes?— ele perguntou.

— Acredito que passei uma vez enquanto prospectava casas, mas decidi que onde finalmente nos estabelecíamos era um ajuste melhor para o nosso grupo.— Um pequeno suspiro, seguido por um encolher de ombros resignado. — Na verdade, não sei para onde estou indo. Acredito que já contei a Adam dessa área antes e, por isso, pensei que poderíamos passar por aqui, apenas por precaução. Mas temo que

tudo o que estamos fazendo seja andar em círculos, sem nada para mostrar.

— É muito cedo para se desesperar,— disse Malik, esperando que ele parecesse calmo e tranquilizador. Na verdade, era muito cedo para desistir da esperança, mas ele tinha que admitir que o desaparecimento de Adam era mais do que um pouco intrigante. Para onde diabos ele poderia ter ido? E porquê? — Afinal, não temos ideia de como os outros pesquisadores estão se saindo. É muito possível que um deles já tenha localizado o seu escolhido.

— Se fosse esse o caso, ele teria me procurado,— disse Fátima. — Não estamos tão longe de casa que, se Adam tivesse sido trazido de volta para lá, ele não teria entrado em contato comigo.

Claro. Malik percebeu que deveria ter pensado nisso. Ainda assim, apenas porque Adam não havia sido encontrado nem uma hora depois do início da pesquisa, certamente não significava que ele não estivesse em algum lugar nas proximidades.

Eles viraram à esquerda, agora indo para o leste e, ao que parecia, voltando para a casa. Fátima já estava desistindo?

Então, ela parou repentinamente, cansada. Malik estendeu a mão para impedir o movimento para a frente, embora o cinto de segurança ainda o pegasse pela garganta, quase o estrangulando. — Qual é o problema?

Com uma mão trêmula, ela apontou para a frente, através do para-brisa. — O que é isso?

Ele estava andando pela calçada e não pela estrada, e ela viu o item em questão primeiro. Sentado no meio da calçada havia um objeto oblongo branco. Foi isso...?

Fátima já estava mexendo na maçaneta da porta. Antes que ele pudesse terminar o pensamento, ela estava fora do carro, deixando o Mercedes em marcha lenta enquanto avançava. Malik desabotoou o cinto de segurança e também saiu, xingando a maneira como teve que se curvar para se livrar do veículo rebaixado. Os alemães não deveriam ser altos?

A irmã dele já tinha o objeto na mão quando ele se aproximou. Com uma sensação de afundamento em algum lugar de sua barriga, ele percebeu o que era.

Um tênis de corrida branco.

Lágrimas brilhavam em seus olhos escuros enquanto ela estendia um pedaço de papel. — Isso foi anexado a ele.

Malik pegou o papel dela. Apenas uma linha estava escrita nela, com tinta preta pesada. As palavras e letras não eram inglesas, mas uma forma de sânscrito antigo que já estava morta antes de ele nascer.

— O que diz?— Sua voz tremia quando ela perguntou à pergunta, mas ela se manteve calma enquanto esperava que ele respondesse.

Ele sabia ler as palavras; ao contrário de sua irmã, ele passara grande parte de sua longa vida em atividades mais acadêmicas, e sabia ler e escrever dez idiomas vivos e tantos outros mortos. Certo então, porém, ele desejava que ele poderia alegar ignorância,

poderia dizer-lhe que ele não tinha ideia do que essas palavras em forma graciosamente realmente significaram.

— Malik!

Não fazia sentido adiar, ele sabia. Depois de respirar, ele disse a ela: — Diz: *Você o recuperará ... desde que não interfira.*

— Interferir com o quê?— ela exigiu. — O que mais diz?

— Isso é tudo,— respondeu ele, com o coração pesado. Quem quer que tivesse levado Adam, parecia que gostava de jogar. Os mortais, nisso; por sequestrar um Escolhido, por prometer danos perigosos se certas condições não forem atendidas ... tais travessuras não se encaixariam bem com os anciãos, se eles descobrissem quem estava por trás disso.

— Mas....— Fátima deixou a palavra sumir, como se tivesse percebido que qualquer protesto que fizesse seria inútil. — O que devemos fazer, se eles não derem

outras condições, se nós nem sabemos quem eles são?

— Esperamos,— disse Malik, seu tom pesado de apreensão. — Temo que não haja mais nada que possamos fazer.

Leila ficou congelada em sua poltrona, todos os seus instintos gritando para ela correr, mesmo sabendo que isso seria inútil. Ela tinha visto muitos de seus companheiros caçados e mortos para acreditar por um segundo que ela tinha alguma chance de superar um djinn.

Em vez disso, colocou o livro no colo o mais calmamente possível antes de dizer: — O que você quer?

— Tão hostil!— o estranho djinn disse. Sua aparência era desconcertante para ela, porque a maioria dos djinn que ela tinha visto até agora eram escuros como Malik, escuros como seus ancestrais no Irã. Este homem, com seus cabelos castanhos claros

e olhos azuis brilhantes, dificilmente parecia um djinn para ela.

Bem, exceto por sua perfeição externa; sua pele parecia bronzeada pelo sol, mas possivelmente esse era seu tom natural. Por mais que seu tom de pele tivesse sido alcançado, definitivamente ajudou a acentuar os músculos fortemente definidos de seu peito e estômago.

Sua aparência não era o problema aqui, no entanto. Foi assim que ele apareceu convenientemente quase assim que Malik saiu de casa.

— Desculpe,— disse ela, dizendo a si mesma que precisava ser calma se quisesse sobreviver a esse encontro. Por outro lado, se o djinn tivesse intenção de assassinato e caos, ele poderia simplesmente descer sobre ela e rasgá-la membro a membro, em vez de se preocupar em conversar. Ou talvez ele fosse o tipo de filho da puta doente que gostava de brincar com suas vítimas antes de matá-las. — Suponho que

fiquei assustada- eu realmente não estava esperando companhia. E você é...?

— Meu nome é Omar al-Tariq,— respondeu o djinn. — Malik al-Mazin e eu compartilhamos um longo conhecido.

Apesar do sol forte batendo nela, Leila sentiu como se de repente tivesse sido envolta em gelo. Omar al-Tariq? Ele era quem originalmente a queria, o djinn que só recuou quando Malik deixou claro que estava disposto a lutar por ela.

Um frio, sádico, se o que Malik dissera a ela fosse verdade. E até agora, Malik não havia lhe dado motivos para pensar que ele era um mentiroso. O exato oposto, na verdade. Ele tinha sido muito mais aberto e honesto do que ela tinha o direito de esperar.

No entanto, não havia necessidade de informar Omar que Malik já havia lhe fornecido uma descrição precisa de seu personagem. A única coisa que Leila poderia pensar em fazer era fazê-lo acreditar que não sabia nada sobre ele. Talvez assim, ela seria capaz de sobreviver a esse encontro.

Ok, namorada, ela disse a si mesma, deixando de lado o medo e fazendo o possível para mudar de direção. Ela fez isso centenas de vezes em audições, e agora sua performance pode salvar sua vida. *Hora de colocar seus sapatos de atuação.*

Ela assumiu o seu melhor sorriso um pouco confuso, inclinando a cabeça para o lado enquanto fazia isso. — Então você é amigo de Malik?

— Exatamente certo,— respondeu Omar, sorrindo para ela com dentes muito brancos. Por alguma razão, porém, o efeito foi menos comercial de pasta de dente e mais grande tubarão branco na caça. — Ele estava preocupado em deixar você aqui sozinha, e então eu me ofereci para ir vê-lo.

— Você não está ajudando a procurar o Escolhido da irmã dele?

— Eles já têm muitas pessoas para ajudar nessa tarefa,— respondeu Omar com facilidade, seu sorriso nunca vacilando. — Além disso, receio que Fátima não tenha muita utilidade para mim, não desde que tivemos um flerte há algum tempo que não terminou

tão bem. Eu queria permanecer em termos amigáveis, mas você sabe o que eles dizem sobre uma mulher desprezada.

Leila respirou fundo, lembrando a si mesma que não se atrevia a jogar esse pacote de mentiras de volta no rosto do djinn. Não até que ela sabia o que diabos ele estava fazendo, de qualquer maneira. — Oh, desculpe-me por ouvir isso,— disse ela, sabendo que devia soar como uma tola completa - que era o ponto principal. Ela havia conseguido o papel de ajudante naquele piloto de comédia porque conseguia lidar com o texto razoavelmente bem, embora tentar agir dessa maneira oito horas por dia a fizesse querer bater com a cabeça na parede. Provavelmente foi uma coisa boa que o piloto nunca pegou.

Um encolher de ombros. — Essas coisas acontecem. Como vivemos por tanto tempo, precisamos aprender a conviver harmoniosamente, mesmo quando os relacionamentos não dão certo. Receio que Fátima seja uma pessoa que guarda

rancor. A melhor coisa para eu fazer é tentar ficar fora do caminho dela.

— Você está no grupo Bel-Air?— Leila perguntou, seu tom todo confuso. — O seu escolhido está lá atrás com todo mundo?

Essa pergunta despertou uma irritação nos traços suaves de Omar, como se ele tivesse acabado de perceber que a única explicação lógica para ele fazer parte desse grupo era que ele também tinha um Escolhido escondido em algum lugar. — Sim,— respondeu ele, depois de uma hesitação tão breve que Leila duvidou que tivesse notado se não estivesse procurando. — Na verdade, ela é parte da razão pela qual eu vim aqui. Ela disse que era uma pena que você tivesse ficado aqui sozinha, porque todo mundo estava ansioso para conhecê-la. Foi por isso que me ofereci para vir aqui, para ver se você voltaria comigo.

Oh, ótimo. Leila não tinha dúvidas de que Omar queria levá-la a algum lugar, mas duvidava que estivesse em qualquer lugar perto de Bel-Air e de sua nova comunidade de djinn e Escolhidos. Se ela

recusasse, como ele reagiria? No momento, ele era todo sorrisos e gentilezas, mas ela duvidava que isso duraria muito tempo, não uma vez que ela fizesse o possível para impedir seus planos.

Provavelmente a melhor coisa a fazer era parar o tempo que pudesse. Malik não havia dito quanto tempo ele ficaria fora, mas ela tinha esperança de que a busca não levasse muito tempo. Se ele chegasse enquanto Omar ainda estivesse aqui, deveria poder expulsar o outro djinn. Pelo que Malik dissera, Omar era um valentão, não um que tinha muito estômago para confrontos físicos. Se ele tivesse corrido antes, provavelmente correria novamente.

Mais uma vez, ela inclinou a cabeça para o lado do que esperava ser uma maneira encantadora e divertida. — Oh, ele não te contou? Decidi que realmente não queria ir para Bel-Air hoje, e foi por isso que fiquei em casa. Eu pensei que estaria no caminho, com tudo o que está acontecendo e o pensamento de ter que conhecer todas essas pessoas parecia um pouco ... esmagador, eu acho.

— Mas todos eles querem *conhecê-la*, — respondeu Omar, com o tom que ele provavelmente achava agradável. Infelizmente para ele, Leila ouviu a impaciência por trás disso e sabia que não estava muito feliz por ser contradito.

Que pena. Ela riu um pouco e depois se levantou da espreguiçadeira. Obviamente, Omar deu um passo atrás para permitir que seu quarto se levantasse, mas ela não confiava naquele pequeno show de cavalaria. Ele ainda estava perto o suficiente para agarrá-la, se quisesse.

Para seu alívio, porém, ele não se mexeu, apenas ficou lá, olhando-a e claramente esperando por algum tipo de resposta.

— Oh, eu sei, — disse ela. — E eu quero conhecê-los em algum momento. Hoje simplesmente não parecia o melhor momento. Todos ficariam distraídos procurando Adam. A propósito, há alguma palavra nisso?.

— Não que eu tenha ouvido, — respondeu Omar, sua voz um pouco tensa. Seu olhar se voltou para a

casa, como se temesse que Malik estivesse voltando para casa a qualquer momento.

Com alguma sorte, ele seria. No entanto, Leila sabia que não podia confiar na sorte para fazê-la passar por isso. Seu corpo ficou tenso quando ela percebeu que teria que fazer o que pudesse para manter Omar ocupado até que seu djinn retornasse.

— Oh, uau, isso tem que ser péssimo para Fátima.— Ela olhou brevemente para o céu, como se estivesse observando a posição do sol, e disse. — Esta ficando muito quente para mim aqui fora. Você quer entrar? Posso pegar um copo de água ou um chá gelado ou algo assim?.

A boca de Omar afinou. Ela poderia dizer que o colocaria imediatamente - se ele recusasse, na melhor das hipóteses, pareceria rude. Na pior das hipóteses, sua recusa a faria pensar por que ele não estava disposto a aceitar sua hospitalidade se ele realmente viesse aqui para vê-la como um favor a seu — amigo.

Desta vez, a pausa foi mais perceptível, mas ele disse. — Claro. Algo para beber seria uma boa ideia. É um dia bastante quente para esta época do ano.

Tão casualmente quanto pôde, Leila se inclinou para recuperar seu livro descartado. — Por aqui,— disse ela quando começou a caminhar em direção à casa, em direção às grandes portas de vidro que se abriam no quintal.

Dessa vez, Omar não hesitou. De qualquer maneira, ele a estava seguindo um pouco demais, como se quisesse ter certeza de que ela não entrasse na casa e trancasse a porta contra ele. Novamente, isso não o atrasaria por muito tempo, mas era apenas mais uma complicação com a qual ele provavelmente não tinha vontade de lidar.

Mais do que tudo, ela esperava ver a forma alta de Malik enquanto se dirigia para a cozinha, mas não tinha tanto lucro. A casa estava quase dolorosamente vazia, seus passos no chão de travertino muito altos, ecoando no teto de seis metros. Ainda assim, ela sabia que tinha que agir como se nada fosse estranho nessa

visita, que nada na presença de Omar fosse algo muito incomum.

Pelo menos havia uma jarra de chá gelado na geladeira. Malik deve ter conjurado isso lá, talvez pensando que ela iria sentar lá fora em algum momento e gostaria de uma bebida gelada para mantê-la hidratada. Esse era exatamente o tipo de figura pensativa que ele faria.

Agora, se ele pudesse fornecer mais evidências de sua consideração, voltando para casa para garantir que ela estava bem ...

Ciente do olhar azul brilhante de Omar, ela foi até um dos armários e o abriu. Não há copos lá, apenas uma variedade de taças. — Opa,— disse ela, fechando a porta do armário. — Ainda não descobri onde tudo está localizado nesta cozinha. É maior que o meu primeiro apartamento!.

— É bastante grande,— concordou o djinn, embora seus olhos se estreitassem um pouco, um sinal de que ele não estava muito emocionado com o atraso.

O próximo armário que ela abriu mostrou os copos que procurava e pegou dois deles, depois foi à geladeira pegar a jarra de chá gelado. Enquanto enchia os dois copos, ela disse. — Seu escolhido é de Los Angeles? Foi o que Malik me disse: você está aqui porque escolheu alguém da área.

Mais uma vez, ela viu aquele lampejo de irritação, indo e vindo tão rapidamente que a maioria das pessoas provavelmente nunca perceberia. Mas parte da atuação estava se treinando para observar as expressões de outras pessoas, suas reações, e então Leila estava bastante certa sobre o que acabara de ver. Omar ficou irritado porque ela o forçou a inventar outra mentira. No entanto, ele respondeu sem perder o ritmo: — Sim, de Santa Mônica.

Oh. Ela vai sentir falta da praia, morando em Bel-Air?

— Ela ainda pode visitar o oceano. Bel-Air é a nossa nova base, mas ainda podemos visitar onde quisermos, desde que o local não tenha sido solicitado por outro djinn. Não podemos nos estabelecer em

outro lugar, é verdade. No entanto, ainda podemos ir e vir principalmente como quisermos.

Interessante. Isso era mesmo verdade? Malik não parecia preocupado em levá-la a Irvine, então talvez Omar estivesse dizendo a verdade agora. Ela teria que perguntar a Malik quando o visse novamente.

Com alguma sorte, isso seria muito em breve agora.

Ela pegou um dos copos de chá gelado e foi até Omar, depois entregou a ele. Ele a pegou, tomando cuidado para não tocar seus dedos. Por que, ela não estava exatamente exposta, embora talvez sua reticência tenha mais a ver com não querer dar uma gorjeta em sua mão cedo do que por qualquer respeito por seu espaço pessoal.

— É ótimo ouvir isso,— disse ela. — Não que eu fosse realmente uma pessoa de praia antes— - ela acenou com a mão vaga na direção geral do centro de Los Angeles - — mas eu gostei de estar aqui, estar perto da água.

— Você gosta do oceano?

— Bem, como eu disse, nunca cheguei perto demais. Mesmo onde eu cresci em Irvine, ainda estávamos a cerca de vinte minutos. Mas é legal - o som das ondas é realmente reconfortante.

Leila percebeu que estava balbuciando como uma idiota, mas talvez isso fosse uma coisa boa. Por um lado, ela estava gastando tempo, o que significava que a chance de Malik voltar para casa logo aumentava. Além disso, se Omar pensasse que ela era pouco mais do que um rosto bonito com um cérebro insípido por trás, ele não teria motivos para suspeitar que ela estava fazendo tudo o que podia para ficar parada.

— Meu elemento é o ar, mas também acho reconfortante,— disse Omar. Ele tomou um gole de seu chá gelado e deu um passo em sua direção. — Talvez devêssemos sair e dar um passeio. Esta casa tem acesso à praia?.

Claro que sim; ela e Malik haviam usado aquela longa escada no dia anterior para descer até a costa. Não que Omar realmente precisasse as escadas, já que ele sempre podia piscar para a praia.

— Acho que sim,— respondeu ela, inclinando a cabeça para o lado. — A propriedade é tão grande que ainda não a conheço muito bem, mas pensei ter visto algumas escadas descendo em algum lugar.

— É bom saber.— Outro passo mais perto, ainda com aquele sorriso de tubarão. — Por que você não me mostra?

Um calafrio percorreu a espinha de Leila, mas ela colocou o que esperava ser um sorriso inocente e disse: — Você não terminou seu chá -

— Ele estará esperando por mim quando voltarmos.

— EU...

Ela não teve a chance de dizer nada além disso, porque, no instante seguinte, Omar soltou seu copo de chá, que se espatifou contra o chão de travertino, enviando cacos de vidro e gelo por toda parte. Um líquido frio espirrou nos dedos dos pés nus, mesmo quando seus braços a envolveram, puxando-a contra ele. Um suspiro chocado escapou de seus lábios, mas



STOLEN

antes que ela pudesse protestar, a cozinha
desapareceu ao seu redor e eles se foram.

CHRISTINE POPE

Os outros djinns foram enviados para casa para ficar com os Escolhidos. Fátima estava sentada em um dos sofás estofados de veludo na sala de estar da casa que dividia com Adam, a fatídica nota ainda agarrada em uma mão, mesmo que ela não pudesse ler uma palavra.

— Quem você sabe quem poderia ter escrito isso?

— Não tenho certeza.— Malik se viu cheio de energia nervosa demais para se sentar e ficou parado junto à lareira de mármore da sala, olhando sombriamente para o quintal. De um lado, uma fonte tocava, água brilhante espirrando à luz do sol, e ainda assim ele pensava que nunca tinha visto uma cena mais sombria. — Muitos de nós podemos ler e escrever os idiomas antigos. Se você deseja restringir isso a um pequeno grupo de suspeitos, temo que fique desapontado.

— Mas ainda assim, nem todo mundo pode escrever em sânscrito antigo.

— Não,— Malik admitiu. — Mas quando você tem três ou quatro mil pessoas que pode, você ainda tem muitos candidatos possíveis. Tem que haver algo mais.

Fátima virou a nota nas mãos, como se esperasse encontrar alguma evidência incriminadora no próprio jornal. Infelizmente, a folha que ela segurava era indescritível ao extremo, o tipo de mortal liso de papel branco que uma vez usara em suas impressoras de computador e copiava iMac. — Tudo bem, se o uso do sânscrito não for suficiente por si só para destacar alguém, então vamos pensar. Quem no mundo teria ressentimento contra mim e Adam?.

— Um ex-amante, talvez?— Malik se aventurou, embora soubesse que a sugestão não era muito provável. Ela sempre teve o cuidado de se separar amigavelmente de seus parceiros românticos, sem ter um sentimento duro de ambos os lados.

A irmã dele parecia ter a mesma ideia, pois soltou um suspiro irritado e disse. — Não, claro que não. Ninguém ficou tão irremediavelmente apaixonado por

mim que se esforçaram tanto por vingança, especialmente sabendo que derrubariam a ira dos anciões agindo dessa maneira.

Malik pensara o mesmo. Muito bem, não um ex-amante, mas talvez alguém que tivesse razão de provar. Embora os outros djinn tenham concordado de má vontade com os desejos dos anciãos quando se tratava de salvar um grupo simbólico de Escolhidos, eles ainda não estavam felizes que algum mortal tivesse permissão para continuar respirando. Possivelmente quem quer que tenha sequestrado Adam, achava que valia a pena arriscar a ira dos anciões para roubar o líder da comunidade Escolhida da Bel-Air, embora Malik acreditasse que esse golpe seria muito ruim para eles. Os anciãos preferiam ficar de fora dos assuntos do dia-a-dia dos djinn, mas se fossem cruzados, seriam inimigos implacáveis.

Porque ele tinha poucas palavras de conforto para dar, Malik ofereceu as únicas que ele conseguia pensar naquele momento. — Pelo menos eles

deixaram uma nota, o que significa que estão dispostos a negociar.

— Uma nota tão crítica quanto eles— — respondeu Fátima, jogando o pedaço de papel agora amassado na superfície brilhante de vidro da mesa de café. — Ajudaria se eles tivessem nos dito precisamente o que eles não querem que interfiram!

— Eu concordo,— disse Malik. Ele se aproximou do sofá e sentou-se ao lado de sua irmã, pegou uma das mãos dela. — Mas se eles estão estabelecendo condições, parece-me que eles voltarão a entrar em contato em breve com mais instruções. Enquanto isso, acho melhor procurarmos os mais velhos.

Em vez de concordar com ele, Fátima pareceu totalmente alarmada com essa sugestão. Ela agarrou a mão dele e estalou. — Acho que pode ser a pior coisa possível que podemos fazer! Certamente quem tomou Adam considerará uma ação uma interferência desde o início.

Talvez ela tivesse razão. Embora, se eles não pudessem levar o problema aos mais velhos, tinham

muito poucas opções. — O que você propõe que façamos, Fátima? Apenas sentar e esperar?.

— Sim, se é isso que esses sequestradores querem,— respondeu ela. — Eu não gosto mais do que você, mas que escolha temos?.

Malik soltou um suspiro e passou a mão pelos cabelos, terminando o dano que o vento já havia causado. Ele odiava se sentir tão frustrado, como se não houvesse absolutamente nada que ele pudesse fazer para ajudar sua irmã. E, no entanto ... essa era a situação atual deles. Até os sequestradores fazerem algum tipo de contato novamente, eles não tinham nada para continuar. Fátima havia dito que ela não podia alcançar Adam com seus pensamentos, o que significava que ele tinha sido retirado do alcance. Com djinn envolvido, ele poderia ter sido removido para qualquer um dos quatro cantos do mundo. Malik temia que houvesse muitos djinn que estariam dispostos a proteger Adam de qualquer um que tentasse procurar sua localização. Sim, aqueles que participaram desse subterfúgio podem estar correndo

risco de retaliação dos mais velhos, mas os mais velhos, apesar de fortes, não eram onipotentes. Eles não podiam ver tudo, ainda estavam em seu palácio no outro mundo, tanto quanto ele sabia. E ele imaginou que provavelmente houvesse muitos djinn que estariam dispostos a arriscar a ira dos anciãos, a fim de promover alguma forma de vingança contra um humano indefeso.

— Não temos escolha,— disse ele, com palavras pesadas de resignação. — Mas se for esse o caso, eu devo voltar para casa em Leila. Eu não posso te fazer mais bem aqui, e me sentiria melhor se soubesse que ela estava bem.

— Por que ela não deveria estar?

— Algumas horas atrás, eu teria dito que não havia razão para não se preocupar. Mas agora....— Malik parou ali, sabendo que não havia sentido em pedir emprestado problemas. Afinal, o paradeiro de Adam era de conhecimento público entre os djinn, especialmente com o modo como ele corria todas as

manhãs, uma figura muito visível nas ruas vazias de Bel-Air.

Mas ninguém, exceto Fátima, sabia onde moravam o irmão e o Escolhido. Malik sabia que podia confiar em sua irmã com sua vida, o que significava que Leila estava bastante segura. Ainda assim, aquela sensação insignificante no fundo de sua mente só estava ficando mais forte. Ele precisava fugir daqui.

— Muito bem,— disse Fátima, parecendo resignada. — Você está certo - há pouco que você pode fazer aqui no momento, exceto me fazer companhia e me impedir de ter meus medos continuando a perseguir um ao outro no meu cérebro, como gatos atrás de ratos. Mas há muitos outros aqui em nossa comunidade que ficariam felizes em fazer o mesmo por mim.— Ela se levantou do sofá e acrescentou. — Continue Malik. Eu sei que você não ficará contente até ter se assegurado da segurança do seu escolhido.

— Obrigado, irmã,— disse ele, levantando-se também. Ele se inclinou e a beijou na bochecha. — Entre em contato comigo assim que ouvir alguma coisa.

Ela assentiu. Seus olhos escuros tinham um brilho suspeito, mas Malik sabia que ela não permitiria que nenhuma dessas lágrimas caísse na presença dele, pois nunca havia sido o tipo de mulher que tornou pública sua dor. — Eu vou.

Depois de lhe oferecer um sorriso encorajador, ele se afastou da casa dela, de volta à mansão em Malibu. Como o dia estava tão bom, ele foi direto para o pátio à beira da piscina, pensando que Leila estava do lado de fora, aproveitando o sol. Mas o pátio estava vazio, embora ele notasse que uma das espreguiçadeiras havia mudado um pouco, fazendo-o pensar que ela estivera aqui antes. Talvez ela tivesse decidido que tinha tomado bastante sol e ido para dentro de casa.

Ele não se deu ao trabalho de subir o caminho que levava à casa. Em vez disso, ele piscou para a sala de estar. Os sofás eram macios e luxuosos, um bom

lugar para se levantar e ler. No entanto, a sala estava vazia. Franzindo a testa, ele gritou: — Leila!

Nenhuma resposta, o que não significava necessariamente nada. Se ela deu um mergulho na piscina, era muito possível que ela subisse para o quarto depois para tomar um banho e lavar o cloro.

Mas não havia sinal dela no banheiro. As toalhas no rack ainda estavam levemente úmidas do chuveiro que ela tomara mais cedo naquela manhã, mas se elas tivessem sido usadas recentemente, teriam ficado muito mais molhadas.

O opulento cinema em miniatura na ala leste da casa também estava vazio. Lutando contra uma crescente apreensão, ele voltou para a cozinha. Ele supôs que era possível que ela tivesse entrado lá para fazer um lanche, mas se fosse esse o caso, ela certamente o ouviria chamar seu nome.

Quando ele entrou na sala, ele parou morto, um medo frio enchendo seu coração. Espalhados no chão, não muito longe da geladeira, havia pedaços de vidro e poças de líquido que ele pensava serem

derramados chá gelado. Sentado no balcão em frente à geladeira havia um copo quase cheio de chá, parecendo que apenas alguns goles haviam sido tomados.

Dois copos? Será que ela largou o de alguma forma e depois buscou outro? Talvez, mas Leila nunca teria deixado essa bagunça para trás. Ela teria limpado o copo quebrado e o chá derramado, e então se pegou outra.

O que significava ... o que? Que alguém mais esteve aqui? Malik não queria pensar que isso era possível, mas não conseguiu outra explicação razoável. Ela deve ter sido roubada enquanto ele estava tentando ajudar sua irmã.

As palavras daquela nota enigmática voltaram para ele, palavras que agora tinham um significado ainda mais sinistro.

Você o recuperará ... desde que não interfira.

Agora, os termos dessa — interferência — estavam ficando dolorosamente claros ...

A luz do sol brilhava em seus olhos. Leila piscou, então se afastou dos braços brutalmente fortes que a seguravam, esquecendo em sua fúria que ela deveria estar agindo de forma elegante, confusa e completamente inofensiva.

— Que *diabos?*— Ela cuspiu.

Omar ficou a um passo dela, parecendo incrivelmente convencido. Ela desejou poder estender a mão e limpar aquele sorriso desagradável no rosto dele, mas sabia que suas chances de sair à frente em uma briga física com um djinn eram basicamente nulas.

— Sinto muito por isso,— disse ele, sem parecer coito. — Eu não conseguia pensar em uma maneira de explicar enquanto estávamos lá na casa de Malik, então pensei em trazer você aqui.

— E onde é aqui?— ela exigiu, dando uma rápida olhada no quarto onde eles estavam. Suavemente moderno, com sofás de cor creme e piso de madeira clara e móveis de madeira igualmente clara. Resumos caros na parede, incluindo um acima da enorme

lareira angular de gesso em uma extremidade do espaço. As portas francesas estavam abertas, deixando entrar a brisa do mar. Pelo que ela percebeu, a casa chegou até a praia, com um amplo deck a única coisa que a separava de uma extensão branca e vazia de areia.

O que não lhe dizia muito. Havia quilômetros e quilômetros de praias no sul da Califórnia, desde San Diego até Santa Barbara. Talvez alguém que conhecesse o setor imobiliário melhor do que ela fosse capaz de olhar para a casa e a praia do lado de fora e adivinhar qual era a localização deles, mas como Leila nunca esteve em posição de possuir uma propriedade à beira-mar, ela teve bastante não faço ideia de onde eles estavam.

Se eles ainda estivessem na Califórnia. Poderia ser a Flórida, pelo que sabia, mas ela não pensava assim. Não estava quase úmido o suficiente.

— Este é ... um lugar seguro,— disse Omar. — Nós podemos falar aqui.

— Isso não me diz nada.

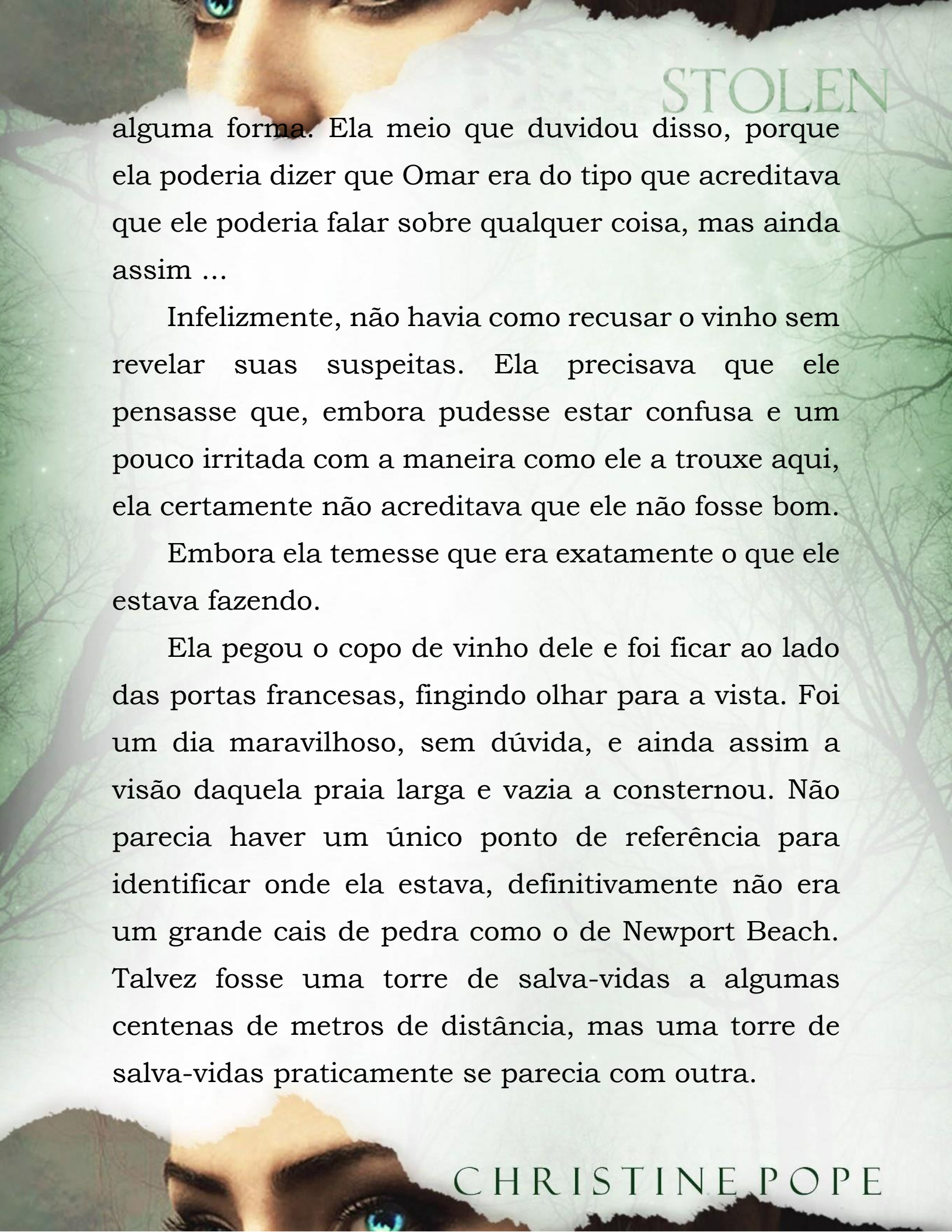
O sorriso dele desapareceu um pouco. — Isso diz que você está segura. Por favor, sente-se.

Ele apontou para um dos sofás. Leila hesitou por um segundo, desejando poder lhe dizer exatamente o que ele poderia fazer com seu — lugar seguro.— Infelizmente, ela sabia que não tinha muito poder de barganha aqui. Melhor voltar gradualmente e ver o que ele tinha a dizer. Talvez ele baixasse a guarda o suficiente para oferecer informações que ela poderia usar para descobrir uma fuga.

— Tudo bem,— disse ela com um suspiro. — Mas, sério, Omar, se você quisesse conversar, poderia ter dito alguma coisa em vez de assustar uma garota com metade do juízo.

— Me desculpe sobre isso.— Ele estendeu as duas mãos e um par de copos apareceu em suas mãos, ambos cheios mais da metade com vinho amarelo pálido. — Talvez isso ajude a acalmar seus nervos.

— Oh, uau, obrigado,— disse ela, rezando interiormente para que o vinho não fosse drogado de



STOLEN

alguma forma. Ela meio que duvidou disso, porque ela poderia dizer que Omar era do tipo que acreditava que ele poderia falar sobre qualquer coisa, mas ainda assim ...

Infelizmente, não havia como recusar o vinho sem revelar suas suspeitas. Ela precisava que ele pensasse que, embora pudesse estar confusa e um pouco irritada com a maneira como ele a trouxe aqui, ela certamente não acreditava que ele não fosse bom.

Embora ela temesse que era exatamente o que ele estava fazendo.

Ela pegou o copo de vinho dele e foi ficar ao lado das portas francesas, fingindo olhar para a vista. Foi um dia maravilhoso, sem dúvida, e ainda assim a visão daquela praia larga e vazia a consternou. Não parecia haver um único ponto de referência para identificar onde ela estava, definitivamente não era um grande cais de pedra como o de Newport Beach. Talvez fosse uma torre de salva-vidas a algumas centenas de metros de distância, mas uma torre de salva-vidas praticamente se parecia com outra.

CHRISTINE POPE

Omar se aproximou e ficou perto dela, embora não tão perto que pudesse acusá-lo de ocupar seu espaço pessoal. Mas ele estava definitivamente perto o suficiente para alcançá-la e agarrá-la se ela tentasse fugir.

Sem medo. Ela sabia que sua fuga não podia confiar em algo tão simples e óbvio. Naquele momento, ela realmente não conseguia pensar em como poderia se afastar dele, mas o mais importante era não dar uma gorjeta na mão, continuar fazendo-o pensar que ela era completamente inofensiva.

— Excelente vista,— ela comentou enquanto levava o copo de vinho aos lábios e tomava um gole. Chardonnay, um pouco amanteigado e cor de carvalho para o seu gosto, mas sabia que não devia criticar. Pelo menos ela não conseguia detectar nada de especial sobre o vinho, nada que parecesse sinalizar que havia sido medicado de alguma maneira. Por outro lado, drogas djinn ou venenos seriam detectáveis para um humano?

Ainda havia tanta coisa que ela não sabia.

— Estou feliz que você gostou,— disse Omar. — Eu acho algo de fuligem no som do oceano, assim como o seu Malik.— O sorriso que ele usava desapareceu então, e ele assumiu uma expressão de alguma preocupação, que Leila imaginou ser claramente falsa. — Mas temo que seja sobre Malik que preciso falar com você.

— Oh?— ela patinou, tentando parecer inocentemente confusa. — Ele está bem? Aconteceu alguma coisa enquanto ele procurava por Adam?.

— Não, de jeito nenhum. Até onde eu sei, Malik está bem. No entanto, percebi hoje quando o vi que não podia permitir que isso continuasse. Não pareceria certo.

Ele quase parecia sincero. O problema era que ele provavelmente não sabia que estava lidando com alguém que passava muito tempo com atores, cujo detector de besteira era bastante refinado. Leila tinha que esperar que o dele não estivesse tão bem sintonizado, porque sabia que a única maneira de sobreviver a isso era fazer algumas coisas sérias.

— O que é isso?— ela perguntou, permitindo que um leve tom de alarme entrasse em sua voz. — O que você não pode continuar?

— Você e Malik. Você vê, você era minha escolha original, Leila. Eu sabia desde o início que você deveria ser minha escolhida. Mas Malik interferiu, e eu recuei porque não queria lutar com ele. Já havia violência suficiente, morte suficiente.

Os brilhantes olhos azuis de Omar procuraram os dela quando ele proferiu esse pequeno discurso. Quase tinha o anel da verdade, mas isso era apenas porque partes dele eram de fato verdadeiras. Mas nem todos. Não as partes importantes, a mais importante das quais era o seu papel nessa coisa toda. Agora que se unira a Malik, ela sabia, de maneira instintiva, que ele era o único com quem ela sempre deveria estar.

Ela deixou os olhos se arregalarem em falsa surpresa. — Oh meu Deus. Eu não fazia ideia.

— Claro que não, porque Malik fez questão de mentir para você desde o momento em que você se conheceu.

— Mas... — Leila deixou a palavra desaparecer e depois balançou a cabeça antes de tomar outro gole de chardonnay. — Você não me disse que tinha uma Escolhida?

— Eu lhe disse isso porque, caso contrário, sabia que você se perguntaria por que eu estava morando na comunidade de Bel-Air, mas não tinha parceiro humano. — Ele deu de ombros e desviou o olhar dela para as areias brancas além do convés. A luz do sol brilhava quente e dourada em seus cabelos castanhos entremeados. — Eles tiveram pena de mim, porque sabiam que eu não podia gastar meu tempo entre os djinn que estão fazendo tudo o que podem para livrar o mundo dos humanos. O que eles estão fazendo é um anátema para mim. Então, eu moro com os djinn Bel-Air e seus escolhidos, embora sozinhos.

— Eu sinto muito. — Ela deveria estender a mão e tocar o braço dele? Não, isso não parecia certo. Mesmo que precisasse fingir que simpatizava com a situação de Omar, esse tipo de contato físico poderia parecer forçado. Além disso, quanto mais ela pudesse

adiar tocá-lo novamente, melhor. — Eu não fazia ideia.

— Bem, agora você faz. Por isso te trouxe aqui. Você precisava da chance de ouvir a verdade em um lugar onde Malik não poderia me impedir de contar.

— Eu - eu não tenho certeza do que você espera de mim, Omar.— Lá. Ela colocou a quantidade certa de tremor em sua voz ... ou pelo menos, ela esperava que tivesse.

— Espero?— Seus ombros se levantaram novamente e ele se afastou das portas francesas para poder encará-la diretamente. — Não tenho certeza se espero algo. Queria lhe dar a verdade para que você pudesse decidir o que fazer com ela.

— Eu não sei!— ela atirou de volta para ele. Talvez essa explosão tivesse soado melodramática, mas Leila já sabia que Omar era um dos grandes gestos. Uma resposta moderada não o agradaria. Ela se afastou das portas francesas e foi até um dos sofás, onde se sentou e colocou a taça de vinho na mesa de café para poder juntar os dedos, depois olhou para

cima e lançou um olhar suplicante. — Eu mal tinha me acostumado com a ideia de estar com Malik. Mas agora você está me dizendo que estarmos juntos era uma mentira?.

— Talvez não seja uma mentira completa,— respondeu Omã. Ele se aproximou dela, mas não se sentou e, em vez disso, permaneceu em pé a cerca de um pé do sofá. — Claro que ele também queria você, ou ele não teria roubado você de mim em primeiro lugar. Mas suponho que ele tenha mentido por omissão. Ele não tinha nenhum desejo real de escolher um escolhido, mas quando teve a chance de me frustrar, estava ansioso demais para entrar.

Mais uma vez, um pouquinho de verdade misturado com todas as mentiras. Porque Malik admitiu que a princípio ele não tinha certeza de que queria escolher uma Escolhida, e ele só interveio quando soube que não podia permitir que ela fosse reivindicada por Omar. Ele a estava protegendo, não tentando roubá-la.

Leila mordeu o lábio, o olhar evitando os djinns. Ela esperava que ele visse o gesto como um de vulnerabilidade e confusão, enquanto na realidade ela tentava desesperadamente encontrar a melhor resposta a essa aparente — revelação.

Para perder tempo, ela bebeu um pouco mais de seu vinho. Ela não tinha comido muito naquele dia, e então já podia sentir um pequeno zumbido chegando. Ela precisava ter cuidado, ou poderia acabar com problemas piores do que já estava. Se alguma situação já exigia uma cabeça clara, era isso.

Omar falou novamente. — Eu sei que isso deve ser difícil para você. Acredite, eu não queria compor as tragédias que você já sofreu. Mas também não seria certo eu ficar de pé e permitir que um homem mau como Malik levasse alguém tão boa e pura quanto você.

Essas palavras a fizeram querer rir. Boa e pura? Para esconder sua reação, ela respirou fundo e fez o possível para parecer preocupada e confusa, e talvez um pouco fraca e trágica. Se a performance era digna

de Oscar ou não, ela não sabia. Por outro lado, não precisava ser o material Arcade meu prêmio. Só tinha que enganar o djinn que estava lá e a observava.

— Ele - ele não parecia mau para mim,— ela objetou, sabendo que estava assumindo um risco calculado. No entanto, ela imaginou que não pareceria muito realista para ela não fazer pelo menos um protesto simbólico quando se tratava de defender Malik. Omar tinha que saber que os dois eram íntimos, ou, se não tivesse certeza, provavelmente teria feito um palpite. — Na verdade, ele foi muito gentil comigo, muito atencioso.

— Claro que ele faria dessa forma,— Omar respondeu, seu paciente tom, quase indulgente. — Ele gostaria de fazer você pensar que ele tinha apenas sua felicidade, seu bem-estar, em mente. Conheço Malik al-Mazin há muito tempo. Ele é muito bom em ser charmoso quando deseja. Mas seu único objetivo era fazer você se apaixonar por ele, para que ele pudesse praticar seu próprio esporte mais tarde, quando brincasse de partir seu coração.

Um pequeno suspiro escapou de seus lábios e ela disse: — Não acredito nisso.

— Você não quer acreditar. Essas são duas coisas muito diferentes.

Com uma mão que tremia um pouco, ela pegou seu copo de vinho e deu um grande gole. *Toque agradável, Leila*, ela disse a si mesma, orgulhosa da maneira como ela conseguiu provocar o tremor na hora. *Mas muitos goles desse tipo e você realmente sentirá isso.*

De certa forma, ela quase podia admirar a técnica de Omar. Malik disse a ela o que procurar, e então ela sabia que não tinha chance de se apaixonar pelas mentiras dos outros djinn. Ainda assim, mais uma vez ele estava pegando sua própria verdade e usando -a contra ela, projetando seus próprios métodos nefastos em Malik. Tudo parecia tão plausível porque era verdade ... se aplicado ao próprio Omar.

— Eu preciso de algum tempo para resolver isso,— disse ela. — Está tudo bem se eu andar na praia um pouco?

— Certamente,— ele respondeu com um sorriso.

Essa resposta disse a Leila que não havia ninguém por perto que pudesse ajudá-la. Então, novamente, quem seria? A maior parte da humanidade estava morta, e certamente nenhum djinn se importaria muito com seu destino.

Bem, exceto Malik. Mas se ele tivesse a menor ideia de onde ela estava, ele já teria se apressado aqui para resgatá-la e trouxe com ele a luta que Omar havia feito muito para evitar.

O que significava que ela provavelmente precisava trabalhar para se resgatar ...

— Eu não entendo,— disse Fátima, olhando para o irmão. — Por que alguém tiraria Leila de você?

— Claramente, como um peão de algum tipo,— respondeu Malik. Ele já passara a raiva, gritando com o universo - ou pelo menos nos cômodos vazios da casa que dividia com Leila - e agora sentia-se cansado e estranhamente vazio, como se uma parte essencial de si mesma tivesse sido retirada. só agora estava começando a perceber isso. — Eu tenho que acreditar que o desaparecimento de Adam e seu sequestro estão conectados de alguma forma.

— Você tem certeza de que ela foi sequestrada?

Malik quis responder que não sabia o que mais poderia ser, com aquele copo quebrado no chão e todo o traço de seu escolhido desaparecido. Ao olhar para o rosto cansado de sua irmã, porém, ele controlou sua impaciência. Ela também estava sofrendo, e desabafar sua raiva e frustração por ela não faria bem a nenhum deles.

— Não consigo pensar no que mais poderia ter acontecido. Leila não deixaria tanta bagunça para trás, e havia o segundo copo, o que ainda estava sentado na bancada. Tenho quase certeza de que ela tinha alguém com ela.

— É aqui que seria bom ter parte da sociedade mortal ainda funcionando,— disse Fátima, com expressão pensativa. — Eles não tinham policiais que procuravam impressões digitais ou pedaços de cabelo, esse tipo de coisa?

— Sim, eles fizeram,— respondeu Malik, as palavras surgindo lentamente quando uma ideia começou a surgir. Não, ele não era um cientista forense - ele não saberia o que fazer com uma mecha de cabelo, mesmo que encontrasse um que não se parecesse com o de Leila - mas deveria ser fácil verificar as impressões digitais no vidro que havia sido deixado para trás . Se eles fossem grandes demais para pertencer ao seu escolhido, ele saberia com certeza que alguém havia estado lá. Mesmo se eles pertencerem a Leila, pelo menos ele saberia que

ela estava segurando aquele copo e poderia deixar de lado a teoria do sequestro. Não pela primeira vez, ele se irritou com as limitações de seu povo, que eles não tinham como rastrear um ao outro, a menos que fossem relações de sangue. — Acredito que posso utilizar alguma tecnologia humana para obter um pouco mais de informação. Obrigado, Fátima, pela sugestão.

— Não tenho certeza se sugeri muita coisa,— protestou ela, mas ele sorriu e se inclinou para lhe dar um beijo rápido na bochecha.

— Ah, sim, você sabia, mesmo que não estivesse ciente disso na época. Agora devo ir para que eu possa seguir com essa ideia, mas é claro que você deve me procurar se algo mudar.

Seus grandes olhos escuros olhavam para ele, cercados por sombras e kohl. — Temo que nada mude, mas sim, eu vou deixar você saber.

Ele não se deu ao trabalho de lhe dar um sorriso tranquilizador - eles se conheciam muito bem para isso - mas ele inclinou a cabeça na direção dela antes

de se afastar da casa dela, para um lugar que ele tinha visto, mas nunca teve necessidade de fazê-lo. visite antes disso.

A delegacia de Beverly Hills.

Era um edifício bastante impressionante, dada a sua função anterior. Mas, então, ele supôs que em uma área de luxo como essa, os moradores queriam que todas as suas estruturas públicas se encaixassem, para dar uma impressão de riqueza.

As portas da frente não estavam trancadas. De fato, um deles estava entreaberto, de modo que algumas folhas caídas haviam soprado para dentro. A visão fez Malik levantar uma sobrancelha. Não havia muito que ele temesse e, portanto, não chegou imediatamente à conclusão de que alguém poderia estar escondido por dentro. Não, ele supôs que, durante as últimas horas do Heat, alguém na delegacia havia permitido que qualquer prisioneiro sobrevivente nas celas se libertasse, em vez de perecer sozinho e trancado. Teria sido um ato final de compaixão, embora fútil. Por outro lado, talvez um

dos homens ou mulheres que estavam trancados aqui estivesse imune.

De certa forma, essa possibilidade era ainda pior. Eles não teriam sobrevivido por muito tempo do lado de fora, não com tantos djinn caçando alguém que sobrevivesse à febre.

Ele abriu a porta todo o caminho e entrou no saguão. Aqui estavam algumas pilhas de onipresente poeira cinza, algumas delas bastante desarrumadas pela corrente de ar que entrara pela porta da frente habilmente aberta. Como havia pouco mais que ele podia fazer, ele os ignorou e parou perto da recepção para ler o diretório na caixa de vidro de um lado. Forense estava no segundo andar.

Sem eletricidade, e sem ter ideia de onde estava indo, Malik foi forçado a subir as escadas, mas não se importou. Estar ocupado com algum tipo de atividade física, mesmo algo tão mundano como subir um lance de escadas, permitiu que ele pensasse que estava realmente fazendo algo para ajudar Leila, em vez de

simplesmente ficar em casa e se afogar em preocupação.

O laboratório forense ficava no final do corredor. Essa porta estava trancada e já havia sido acessada por algum tipo de sistema de cartão-chave, mas tudo o que ele precisava fazer era colocar os dedos na trava para que a porta se abrisse diante dele. A escuridão o cumprimentou, então ele tocou um interruptor de luz e desejou que as feias lâmpadas fluorescentes no alto ganhassem vida pela primeira vez em quase dois meses.

De um lado, havia um laboratório, equipado com microscópios e muitos outros equipamentos que ele não conseguia identificar. No entanto, ele estava aqui para uma coisa específica e, portanto, ignorou o laboratório e foi procurar a sala de suprimentos.

Que ele encontrou no final do corredor, na última porta à esquerda. Também estava trancado, mas aberto para ele com apenas um toque. Dentro havia várias prateleiras e armários, todos estocados com todo tipo de suprimentos misteriosos. Enquanto

examinava as ofertas, seu olhar se voltou para o item que procurava, uma caixa de metal claramente etiquetada.

Kit de impressão digital.

Ele estendeu a mão e pegou, depois olhou em volta. Talvez houvesse outros itens aqui que ele pudesse usar em algum momento, mas por enquanto era melhor arquivá-los para referência futura.

Um piscar de olhos, e ele estava de volta à cozinha da casa do Mali. O copo ainda esperava na bancada, e os pedaços do outro copo ainda estavam espalhados no chão, embora o chá derramado tivesse começado a secar.

Com a boca fechada, Malik abriu o kit de impressões digitais e puxou um pequeno recipiente de pó escuro. Embora ele nunca tivesse usado uma coisa dessas antes em sua vida, ele havia observado dramas de televisão suficientes para achar que poderia atrapalhar o processo. Depois de desapertar a tampa, ele borrifou um pouco do conteúdo sobre a superfície do vidro, tomando cuidado para segurá-lo

pelo lábio. Se ele estivesse pensando, teria conseguido algumas luvas de látex para evitar deixar suas próprias impressões para trás, mas era tarde demais para isso.

Em seguida veio o pincel. Ele começou a limpar o pó e ficou satisfeito ao ver uma série de pequenas impressões digitais ao redor do centro do copo. Em seguida, ele pegou a fita que havia sido fornecida no kit e a colocou cuidadosamente em cima de uma das impressões, levantando-a da superfície do vidro. Depois de segurar um de seus próprios dedos na impressão para comparar tamanhos, ele estava quase certo de que essas impressões haviam sido deixadas para trás por Leila. Eles pareciam pequenos demais para um homem. Ou melhor, embora um homem mortal de baixa estatura possa ter deixado essas impressões para trás, Malik sabia que nunca poderia ter vindo de um djinn.

Parecia claro o suficiente que Leila segurara esse copo. Mas e o outro, o que havia quebrado no chão?

Ele se agachou e olhou mais de perto as peças espalhadas pelo título. Havia vários pelo menos uma polegada de diâmetro; por sorte, o copo não se quebrara em pó. Cautelosamente, ele pegou a maior peça e a levantou para poder colocá-la no balcão. Uma poeira rápida com o pó da impressão digital, outro batedor de pincel e elevação da fita e, com certeza, outra impressão foi revelada para sua inspeção.

Infelizmente, este parecia ter o mesmo tamanho das impressões que ele havia anotado no vidro inquebrável, o que significava que Leila devia ter segurado esse também. Talvez a teoria de que ela tivesse deixado cair o primeiro copo e depois o substituído pelo segundo estivesse correta, afinal. Mas certamente se a explicação fosse tão inócua, ela ainda estaria em algum lugar no local. Um único copo caído não seria suficiente para fazê-la se esconder.

Uma carranca puxando sua testa, ele se inclinou novamente para recuperar outro pedaço de vidro quebrado, este um pouco menor que o primeiro. Mais uma vez, ele passou pelo ritual de tirar o pó da peça

e gravá-la, sem realmente esperar encontrar muita coisa.

Mas lá estava - outro imóvel, muito maior que o primeiro. Quando Malik segurou seu próprio polegar ao lado dele, eles eram quase idênticos em tamanho. Parecia óbvio o suficiente que um homem - ou um djinn - perto de sua estatura havia segurado esse copo em algum momento.

A impressão não era dele, no entanto. Olhando mais de perto a gravura, ele pôde ver que ela possuía um padrão distinto de dupla espiral, enquanto seu polegar possuía apenas uma.

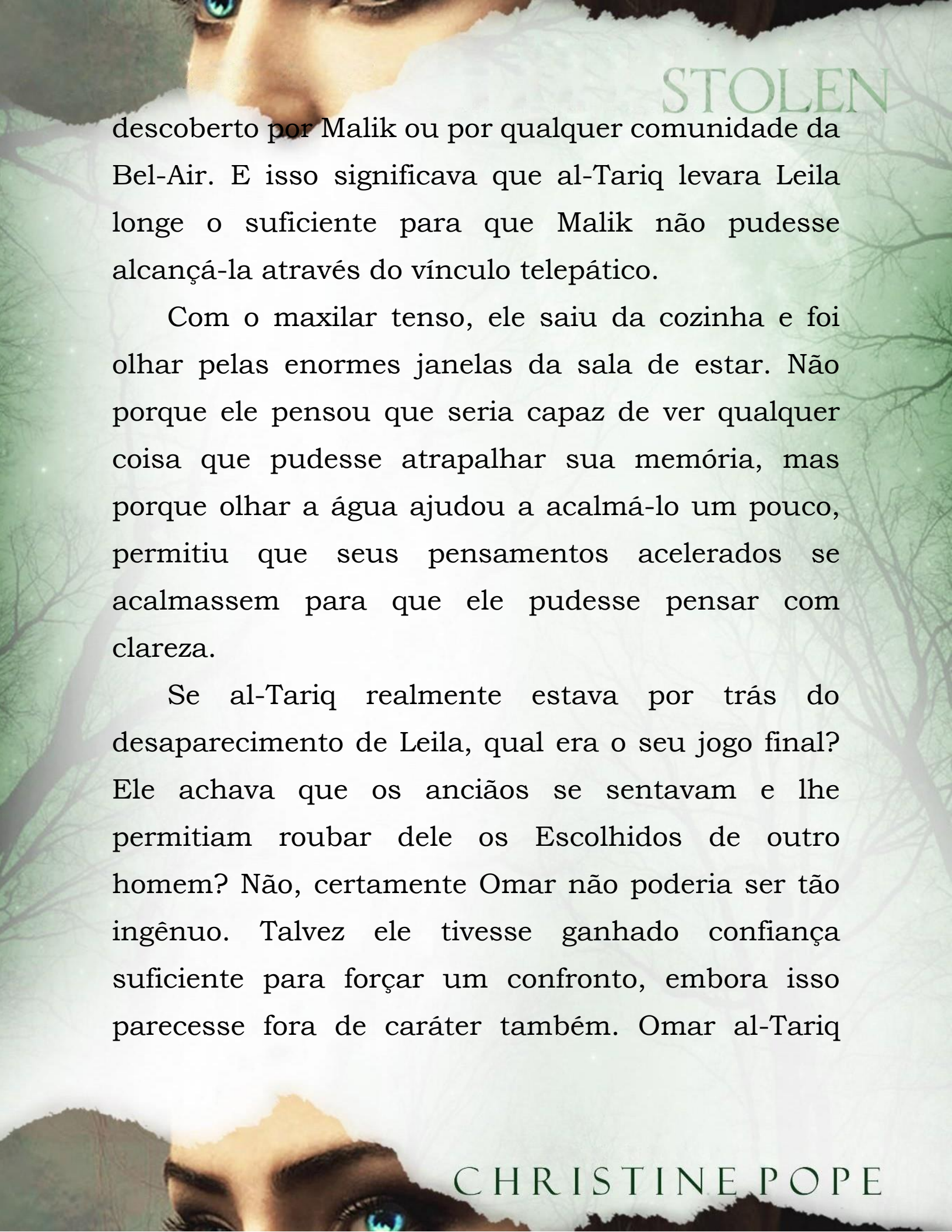
Alguém mais estava definitivamente aqui. E porque tão poucos homens mortais ainda respiravam na metrópole que um dia haviam chamado a Cidade dos Anjos, Malik estava quase certo de que a impressão devia ter sido deixada para trás por um djinn.

A raiva brilhou nele ao pensar em algum outro elemental entrando nesta casa e levando Leila embora. Ele supôs que deveria estar contente por pelo

menos não ter visto sinais de violência, nenhuma indicação de que houve uma luta durante o sequestro dela, pois o pensamento de que ela foi ferida de alguma forma o fez sofrer com medo e preocupação frustrados. No entanto, ele não podia ignorar o fato óbvio de que alguém tinha vindo aqui com o propósito expresso de sequestrá-la.

Seus pensamentos foram imediatamente para Omar al-Tariq, pois Malik não conseguia pensar em mais ninguém que guardasse rancor contra ele ... ou que demonstrasse interesse em Leila. Ele era certamente o suspeito mais provável.

O problema era que Malik não tinha ideia de onde poderia encontrar Omar. O outro djinn tinha se esforçado para evitar seu ex-adversário, o que combinava muito bem com Malik. Ele não queria cruzar o caminho com al-Tariq. Agora, porém, era de vital importância descobrir onde ele estava escondido. Nenhum lugar por aqui, provavelmente; o elementar do ar se certificaria de montar sua base de operações em um local que não pudesse ser facilmente



STOLEN

descoberto por Malik ou por qualquer comunidade da Bel-Air. E isso significava que al-Tariq levaria Leila longe o suficiente para que Malik não pudesse alcançá-la através do vínculo telepático.

Com o maxilar tenso, ele saiu da cozinha e foi olhar pelas enormes janelas da sala de estar. Não porque ele pensou que seria capaz de ver qualquer coisa que pudesse atrapalhar sua memória, mas porque olhar a água ajudou a acalmá-lo um pouco, permitiu que seus pensamentos acelerados se acalmassem para que ele pudesse pensar com clareza.

Se al-Tariq realmente estava por trás do desaparecimento de Leila, qual era o seu jogo final? Ele achava que os anciãos se sentavam e lhe permitiam roubar dele os Escolhidos de outro homem? Não, certamente Omar não poderia ser tão ingênuo. Talvez ele tivesse ganhado confiança suficiente para forçar um confronto, embora isso parecesse fora de caráter também. Omar al-Tariq

CHRISTINE POPE

nunca havia enfrentado uma luta da qual não gostasse de fugir.

Então o que? Isso tudo era um esquema elaborado para torturá-lo? Malik não deixou passar o outro djinn, pois sabia muito bem o quanto Omar se deleitava com a crueldade, casual ou não. De fato, suas torturas mentais já enviaram uma adorável djinn para beber o *aljar al-nawim*, a fim de se libertar de seus abusos. Sim, ele pensou que podia ver como Al-Tariq poderia atormentar seu inimigo roubando a mulher que amava, apenas para matá-la no final. Então ele teria sua própria forma de vingança. Os anciãos o puniriam, mas não era a maneira deles de matar os transgressores. Em vez disso, aqueles que violaram a lei de alguma forma foram banidos para os círculos externos, uma paisagem infernal onde até um djinn seria difícil de sobreviver, e um humano que pereceria em instantes.

Algumas horas ou dias de tortura mesquinha valeram a pena enfrentar uma consequência tão terrível? É claro que Malik nunca diria isso em voz

alta, mas ele acreditava há muito tempo que Omar al-Tariq não era inteiramente o mesmo, pelo menos não da maneira como os seres racionais mediam essas coisas. Conseguir alguma forma de vingança pode ser suficiente para ele, mesmo que isso signifique que ele pagaria por essa vingança, passando o resto de seus dias nos círculos externos.

O medo doentio surgiu no coração de Malik, mas ele o afastou o melhor que pôde. O pânico não ajudaria Leila. Ele precisava encontrar uma maneira de localizá-la.

E ele pensou que poderia saber a quem perguntar.

O vento atingiu seus cabelos, selvagens e salgados, e Leila respirou fundo, esperando que o sabor fresco ajudasse a dar-lhe a coragem necessária para enfrentar seu futuro imediato. Embora estivesse de costas para ele agora, ela pensou poder sentir Omar observando-a enquanto caminhava ao longo da linha da água. Ele permaneceu em pé nas portas

francesas abertas, permitindo-lhe liberdade suficiente para vir até a beira da água e fingir estar profundamente pensativo.

Na verdade, ela não estava fingindo. Ela estava pensando ... duro. Só que ela não estava pensando em tudo o que os djinn lhe disseram, porque sabia que era tudo mentira. Não, ela estava se perguntando como diabos ela poderia conseguir sair dessa bagunça.

Casas grandes como a que ele levara para seu esconderijo clandestino marcharam pela areia, todas claramente vazias. Não havia ninguém aqui que pudesse ajudá-la. Ela estava doida, e era isso. Sem armas, e agora ela sentia profundamente a perda de seu 45, o que ela deixara para trás quando teve que fugir de seu esconderijo no porão quase uma semana antes. Engraçado como o desejo de uma arma agora parecia a coisa mais natural do mundo, quando alguns meses antes ela mal sabia como atirar em uma. Ela fora ao campo uma vez com um amigo para poder se familiarizar com a forma de segurar uma

pistola sem parecer uma completa idiota enquanto fazia o teste para participar de um programa de ação e aventura, mas essa era a extensão dela. conhecimento ... até o calor chegar.

Também não conseguiu a parte maldita, pensou ela, curvando-se para pegar o que pensava ser uma concha, mas que acabou sendo apenas uma rocha brilhante. A saia que ela usava não tinha bolsos, então ela largou a pedra e continuou andando - mas não muito rápido. Não queria alarmar Omar ou fazê-lo pensar que estava tentando dar um tempo. Sim, em algum momento ela tentaria escapar, mas agora não era a hora. Apesar do pânico que estava dentro dela, pronto para atacar quando ela menos quisesse, ela sabia que tinha que planejar.

Tudo bem, casas por toda parte, mas nenhum lugar real para se esconder. Esta praia era aberta, plana e nivelada. Não é de admirar que tenha sido tão fortemente desenvolvido. Mas talvez dentro das garagens anexadas àquelas casas houvesse carros deixados para trás pelas pessoas que moravam lá.

Provavelmente não seria tão difícil encontrar as chaves, supondo que seus proprietários tivessem morrido em suas casas.

Um carro começaria depois de ficar sem uso por quase dois meses? Leila tinha que esperar; a tecnologia da bateria ficou muito boa antes do fim do mundo. Se um carro poderia ou não superar um djinn era uma proposta totalmente diferente, mas se as estrelas se alinhassem e a oportunidade se apresentasse, ela ainda se arriscaria. O grupo de sobreviventes com quem ela viajou havia evitado usar qualquer tipo de veículo motorizado, porque eles costumavam ser barulhentos e atraíam atenção, e também porque muitas ruas ainda estavam cheias de carros abandonados. Teria sido muito fácil ficar preso em um beco sem saída. A mesma coisa poderia acontecer aqui, ela supôs, mas pode valer a pena o risco.

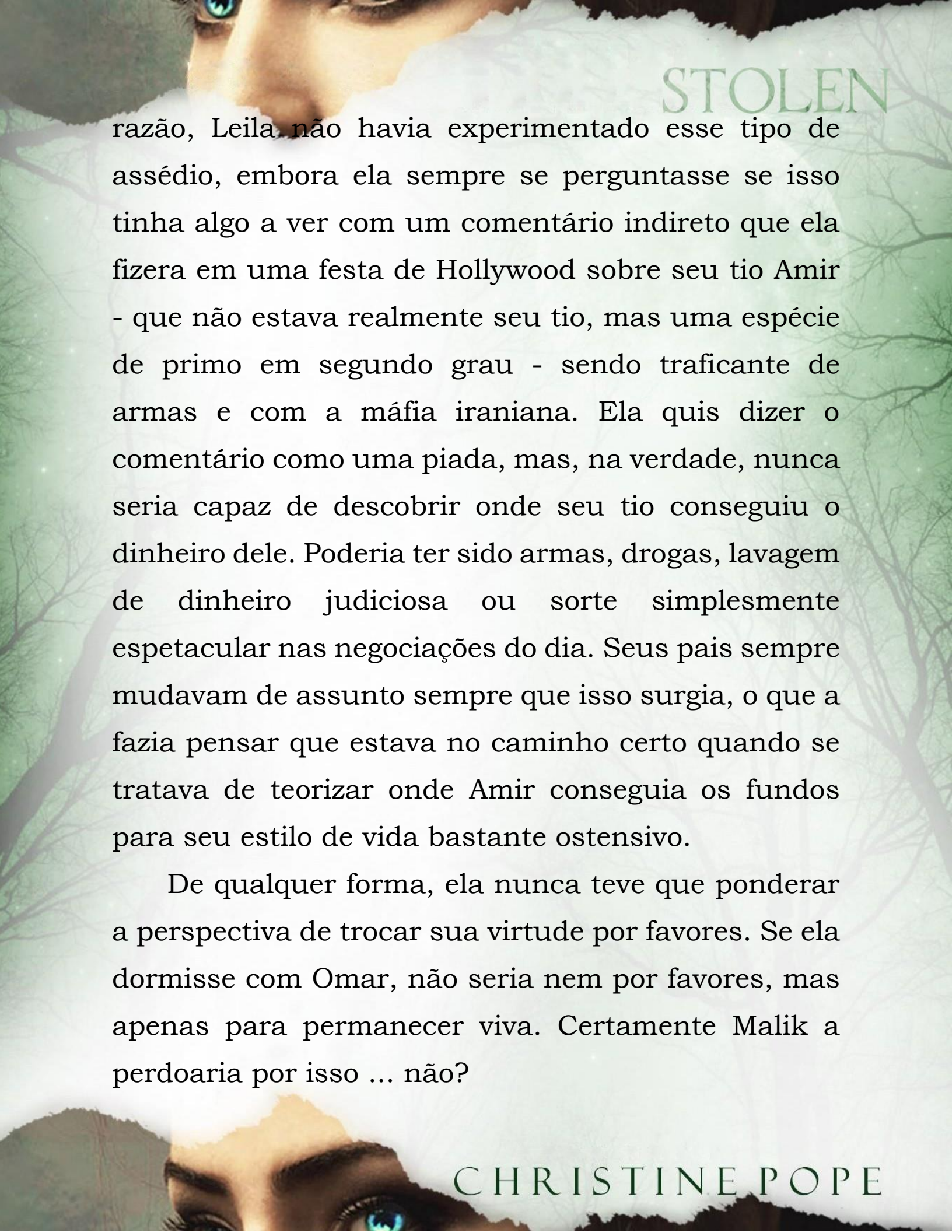
Ela meio que se virou para a casa, depois levantou a mão em um aceno e sorriu para Omar. Ele sorriu de volta, piscando ao sol.

Desgraçado.

Mas ela teve que manter o ato de que estava ponderando seriamente se estava com ele, que acreditava em algum nível que ele era o mocinho. Até onde ela teria que levar essa farsa, ela não tinha certeza.

E se ela quisesse beijá-lo? Deus não permita, durma com ele?

Seus pensamentos não queriam ir para lá, mas, apesar de seu medo e nojo, ela sabia que tinha que se fazer considerar a situação friamente. Ir para a cama com alguém que você odiava ainda era melhor do que morrer. Ou pelo menos, ela tinha que pensar que era. Ela tinha ouvido muitas histórias de horror de amigos sobre o chamado — teste do sofá, — sobre as ameaças sutis e não tão sutis e coerção usados para obter bonito, mulheres desesperadas na cama em troca de supostos favores, independente do que significava dar-lhes as peças diretamente, ou simplesmente atraí-las juntamente com a conversa sobre marcar uma reunião com as — pessoas certas. — Por alguma

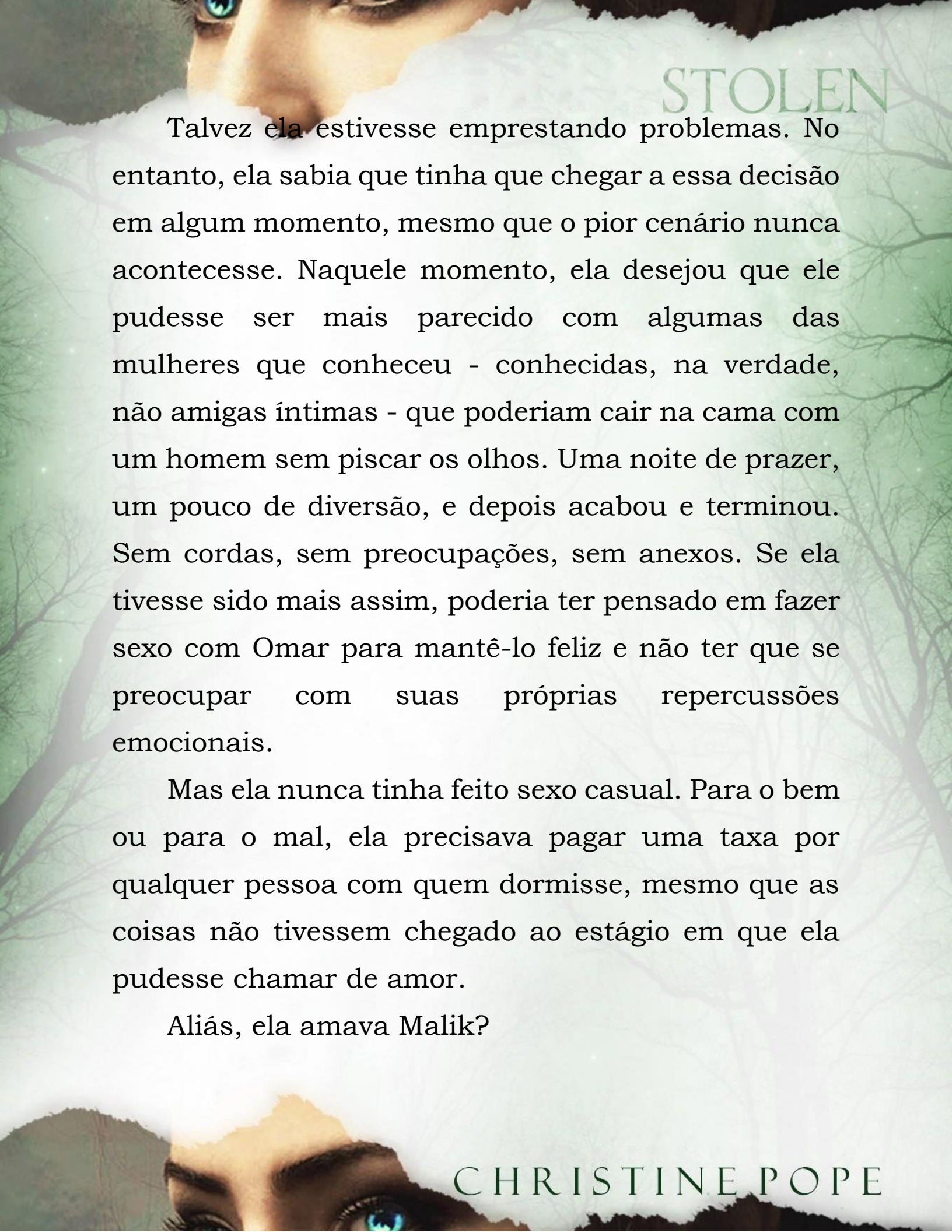


STOLEN

razão, Leila não havia experimentado esse tipo de assédio, embora ela sempre se perguntasse se isso tinha algo a ver com um comentário indireto que ela fizera em uma festa de Hollywood sobre seu tio Amir - que não estava realmente seu tio, mas uma espécie de primo em segundo grau - sendo traficante de armas e com a máfia iraniana. Ela quis dizer o comentário como uma piada, mas, na verdade, nunca seria capaz de descobrir onde seu tio conseguiu o dinheiro dele. Poderia ter sido armas, drogas, lavagem de dinheiro judiciosa ou sorte simplesmente espetacular nas negociações do dia. Seus pais sempre mudavam de assunto sempre que isso surgia, o que a fazia pensar que estava no caminho certo quando se tratava de teorizar onde Amir conseguia os fundos para seu estilo de vida bastante ostensivo.

De qualquer forma, ela nunca teve que ponderar a perspectiva de trocar sua virtude por favores. Se ela dormisse com Omar, não seria nem por favores, mas apenas para permanecer viva. Certamente Malik a perdoaria por isso ... não?

CHRISTINE POPE



STOLEN

Talvez ela estivesse emprestando problemas. No entanto, ela sabia que tinha que chegar a essa decisão em algum momento, mesmo que o pior cenário nunca acontecesse. Naquele momento, ela desejou que ele pudesse ser mais parecido com algumas das mulheres que conheceu - conhecidas, na verdade, não amigas íntimas - que poderiam cair na cama com um homem sem piscar os olhos. Uma noite de prazer, um pouco de diversão, e depois acabou e terminou. Sem cordas, sem preocupações, sem anexos. Se ela tivesse sido mais assim, poderia ter pensado em fazer sexo com Omar para mantê-lo feliz e não ter que se preocupar com suas próprias repercussões emocionais.

Mas ela nunca tinha feito sexo casual. Para o bem ou para o mal, ela precisava pagar uma taxa por qualquer pessoa com quem dormisse, mesmo que as coisas não tivessem chegado ao estágio em que ela pudesse chamar de amor.

Aliás, ela amava Malik?

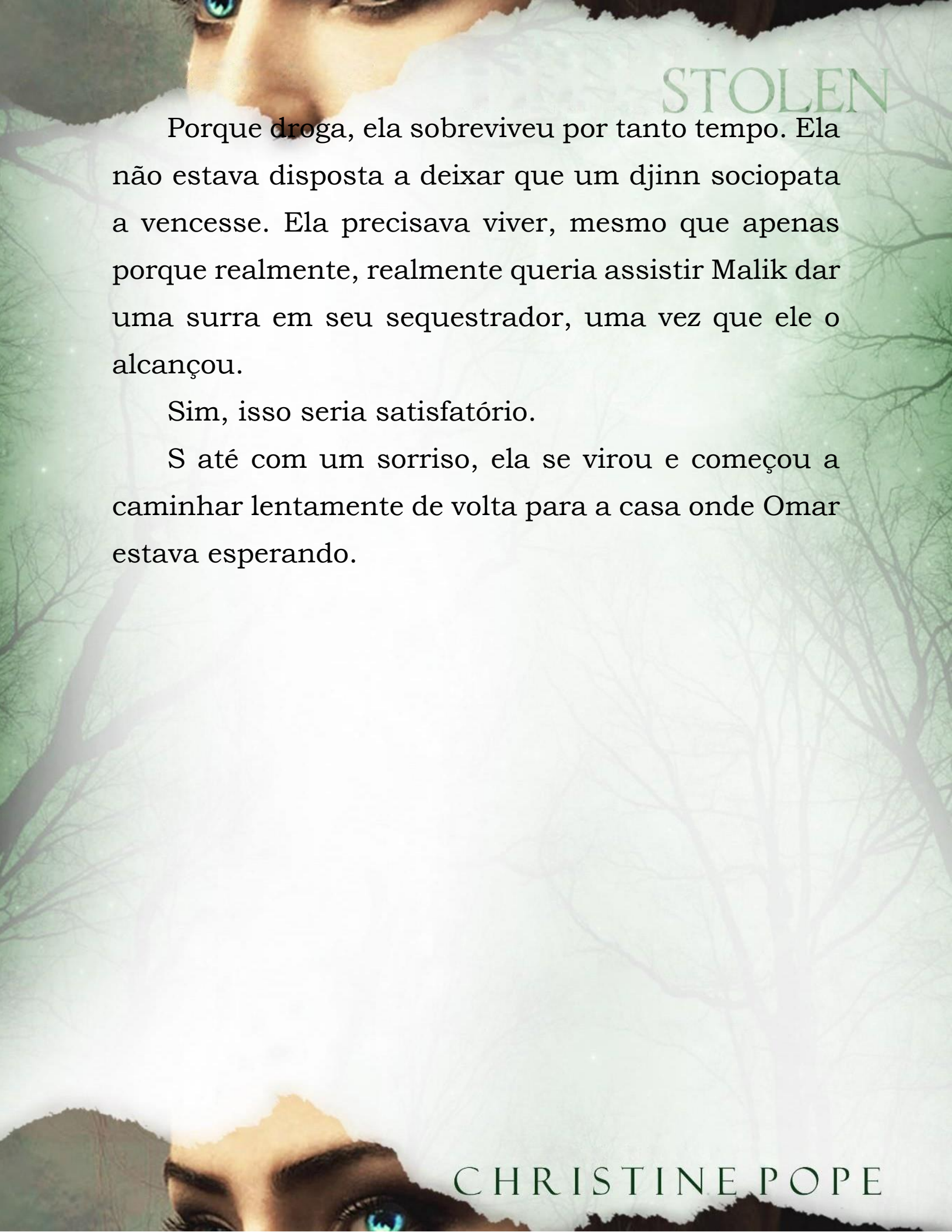
CHRISTINE POPE

Essa é uma pergunta infernal, ela pensou, movendo-se em direção à água para poder deixar que algumas das ondas subissem e formigassem seus dedos dos pés. Aquela água estava malditamente fria, dizendo que ela ainda devia estar em algum lugar da Califórnia. Teria sido muito mais quente na Flórida ou em um dos Estados do Golfo ... ou no Havaí.

Como você pode amar alguém que você conhece há apenas uma semana?

Talvez não fosse amor, mas definitivamente era alguma coisa. Ela sabia que nunca tinha conhecido alguém como Malik al-Mazin antes, e mesmo estando longe dele por tanto tempo a fez doer com sua ausência. Ou o sentimento desconfortável na boca do estômago era apenas medo de estar aqui sozinho com Omar?

Por um longo momento, ela ficou lá na areia, sentindo a água fria mal beijar os dedos dos pés. Muito em breve ela teria que se virar e voltar em sua direção, colocar uma cara falsa mais uma vez e fazer o que fosse necessário para sobreviver.



STOLEN

Porque droga, ela sobreviveu por tanto tempo. Ela não estava disposta a deixar que um djinn sociopata a vencesse. Ela precisava viver, mesmo que apenas porque realmente, realmente queria assistir Malik dar uma surra em seu sequestrador, uma vez que ele o alcançou.

Sim, isso seria satisfatório.

S até com um sorriso, ela se virou e começou a caminhar lentamente de volta para a casa onde Omar estava esperando.

CHRISTINE POPE

A cobertura era impressionante, situada no topo de um prédio recentemente construído no centro de Los Angeles. Dali, podia-se ver todo o caminho até o Oceano Pacífico quando estava no lado oeste do enorme apartamento, enquanto as janelas que davam para o leste mostravam as montanhas de San Gabriel, agora com um leve pó de neve da última tempestade que passou. através. Malik duvidava que a neve durasse muito, não com as temperaturas amenas que se seguiram.

Era exatamente o tipo de lugar que ele esperava encontrar Amaal al-Tariq, irmão mais novo de Omar.

Não que rastrear os outros djinn tenha sido precisamente fácil. Amaal não era quem havia escolhido um escolhido, então ele não pôde ser encontrado em nenhum dos assentamentos humano / djinn que surgiram depois que o Calor fez seu trabalho terrível. No entanto, ele havia sido visto na área de Los Angeles por um djinn de Bel-Air, que havia ido ao centro da cidade para recuperar alguns

objetos pessoais para sua Escolhida no apartamento dela lá.

Malik não conhecia Amaal, mas ele já conhecia o suficiente para saber que, se estivesse frequentando a região, o faria de um esconderijo que se adequava ao seu gosto particular, que sempre tendia ao luxo. Seu palácio no outro mundo tinha sido bastante luxuoso e muito maior do que ele realmente precisava, pois morava sozinho e não tinha parceiro ou filhos. De fato, Malik se perguntou se o outro djinn havia experimentado alguma ambivalência por ter que deixar uma morada tão magnífica para trás, mesmo que a Terra fosse muito mais atraente em quase todos os outros modos mensuráveis.

Por outro lado, essa visão poderia compensar muitas coisas.

Amaal veio na direção de Malik agora, um martini nas duas mãos. Não é exatamente a bebida alcoólica preferida de Malik - e, ele adivinhou, também a de Amaal. Não, ele provavelmente escolheu os martinis porque os copos angulares e o líquido transparente

que eles mantinham se adequavam à estética da cobertura melhor do que alguns copos de vinho poderiam ter. A habitação era de arestas, rígida, masculina, com piso de mármore preto e móveis de aço e vidro. Até as telas que adornavam as paredes brancas puras eram frias e frias, feitas em tons de preto, cinza e azul escuro.

Porque ele tinha coisas mais importantes para gastar sua energia do que discutir sobre a escolha de bebida de seu anfitrião, Malik aceitou o martini. Depois de olhar ao redor da cobertura, ele disse: — É aqui que os anciãos o instalaram?

— Ah, não,— respondeu Amaal. Ele tomou um gole de sua própria bebida e acrescentou: — É um lugar a leste daqui, no sopé de uma cordilheira. Belo país, se não exatamente ao meu gosto. Não tenho muita certeza do que quero construir lá e, portanto, estou fazendo minha residência temporária aqui.

Ah. Malik não tinha muita certeza do que fazer com esse comentário. Cada djinn que não estava entre os mil recebeu seu próprio terreno para fazer o

que quisesse. Ele não parou para considerar o que os anciãos poderiam fazer se o djinn que recebesse um certo território não estivesse particularmente ansioso para se estabelecer ali. Era perfeitamente possível que eles não fizessem nada. Se ninguém mais tivesse recebido o centro de Los Angeles para morar, então não havia motivo para se preocupar com a maneira como ele parecia estar negligenciando a terra que lhe fora concedida, pois não haveria ninguém para contestar a presença de Amaal aqui.

Amar tomou um gole de seu martini novamente, observando Malik com divertidos olhos azuis. Na aparência, ele se parecia com o irmão mais velho, com os mesmos olhos brilhantes do céu e a pele aquecida pelo sol, embora o cabelo de Amaal fosse muito mais escuro. Quando ele falou, seu tom era igualmente divertido. — Venha, Malik. Eu não acho que você veio aqui para discutir imóveis. O que é que você quer?

Essa pergunta não foi inesperada. Embora Amaal e Malik não fossem inimigos abertos - Amaal fez o que pôde para se distanciar das travessuras questionáveis

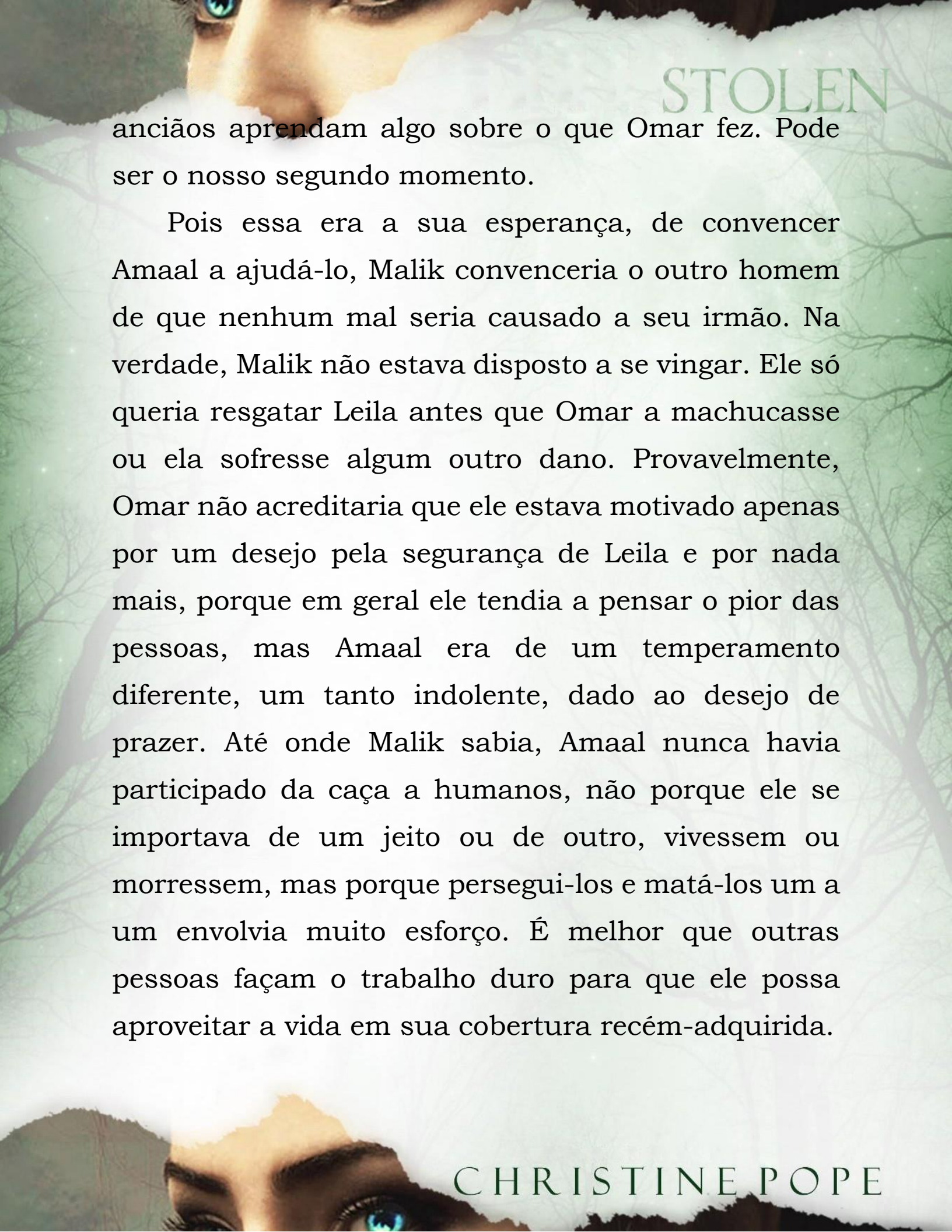
de seu irmão - ainda era estranho que Malik o procurasse, a menos que ele tivesse uma razão muito específica em mente. — Temo que seu irmão tenha pegado o meu escolhido,— respondeu ele, sem se preocupar em suavizar as palavras. Amaal precisava saber o que Omar havia feito.

Amaal não piscou. — Você está brincando.

— Receio não ser.

Outro gole de martini, um maior desta vez. — Meu irmão pode ser precipitado às vezes, mas não posso acreditar que ele faria algo tão louco. Certamente ele deve saber que os anciãos não vão ignorar uma violação tão óbvia de sua autoridade.

Malik temia que Omar soubesse disso muito bem e ainda não se importasse. Foi a imprudência do outro djinn que o preocupou mais, pois ele sabia que isso aumentava o perigo de Leila. — Gostaria de acreditar na mesma coisa, Amaal, mas Leila está desaparecida e não conheço mais ninguém do que seu irmão que a teria roubado. Se eu puder localizá-la, então talvez eu possa parar tudo isso antes que os



STOLEN

anciãos aprendam algo sobre o que Omar fez. Pode ser o nosso segundo momento.

Pois essa era a sua esperança, de convencer Amaal a ajudá-lo, Malik convenceria o outro homem de que nenhum mal seria causado a seu irmão. Na verdade, Malik não estava disposto a se vingar. Ele só queria resgatar Leila antes que Omar a machucasse ou ela sofresse algum outro dano. Provavelmente, Omar não acreditaria que ele estava motivado apenas por um desejo pela segurança de Leila e por nada mais, porque em geral ele tendia a pensar o pior das pessoas, mas Amaal era de um temperamento diferente, um tanto indolente, dado ao desejo de prazer. Até onde Malik sabia, Amaal nunca havia participado da caça a humanos, não porque ele se importava de um jeito ou de outro, vivessem ou morressem, mas porque persegui-los e matá-los um a um envolvia muito esforço. É melhor que outras pessoas façam o trabalho duro para que ele possa aproveitar a vida em sua cobertura recém-adquirida.

CHRISTINE POPE

Uma das sobancelhas de Amaal se levantou, mas, caso contrário, ele não pareceu reagir à proposta de Malik, exceto para dizer: — Sua oferta pressupõe que eu sei até onde meu irmão está. Nós não falamos há meses, não muito antes do calor ser solto na população humana. Temo que possa ser de pouca ajuda para você.

Droga. Malik temia uma resposta como essa. Não era tão incomum que os irmãos djinn fiquem fora de contato um com o outro por longos períodos de tempo, simplesmente porque em uma raça de vida tão longa quanto a deles, o que pode parecer a um mortal uma ausência prolongada seria apenas um dia ou mais para um djinn. Alguns meses realmente não eram muito para falar ... a menos que alguns meses envolvessem eventos que mudam a vida, como o Heat e o djinn, começando a se estabelecer aqui na Terra.

— Você não tem ideia de onde suas novas terras estão localizadas?

— Não,— disse Amaal. — Assim como ele também não sabe onde estão os meus. Não achamos

isso muito importante, pois sabíamos que poderíamos nos reconectar sempre que quiséssemos, apenas chamando um ao outro através das milhas. Eu gostaria de poder lhe dar melhores informações, Malik. Deve ser muito difícil fazer com que seu Escolhido desapareça dessa maneira, e se eu soubesse onde estava Omar, eu o enviaria para vê-lo - se por nenhuma outra razão a não ser limpar o nome dele, pois ainda acho difícil acreditar que ele faria algo tão precipitado que roubaria sua mulher de você. Mas não tenho nada a oferecer em termos de localização de meu irmão.

Pela primeira vez, Malik levou o martini aos lábios e se permitiu engolir o líquido áspero. O gosto o fez querer estremecer, mas ele forçou a reação. Pelo menos ele podia sentir o álcool quando atingia seu estômago, fazendo-o experimentar uma breve explosão de calor. — Lamento ouvir isso, Amaal. Você sabe por que eu tive que perguntar.

— Claro.— Um encolher de ombros, que fazia a luz do sol da tarde atravessar as janelas brilhando ao

longo das vestes cor de cobre que ele usava. Elementar do fogo, ele tendia a se vestir com aquelas cores quentes, assim como Malik preferia os azuis e verdes do mar. — E se Omar aparecer, vou me perguntar se ele tem o seu escolhido.

— Duvido que ele lhe dê uma resposta honesta,— comentou Malik.

— Talvez não. Mas gosto de me lisonjear que seria capaz de dizer se ele o fez.— Amaal se moveu em direção à janela, olhando as ruas vazias, uns cinquenta andares abaixo. Talvez ele se perguntasse como teriam sido quando estavam cheios de carros correndo, e como essas calçadas deviam ter aparecido para o ocupante anterior dessa cobertura quando ainda estavam cheias de pessoas se apressando em suas tarefas diárias.

Ou talvez não. Amaal nunca parecia muito preocupado com alguém que não fosse ele mesmo. Dessa forma, ele era um pouco como seu irmão, embora sem a malícia.

— Eu tomei bastante do seu tempo,— disse Malik. — Se você vir ou ouvir alguma coisa, pode entrar em contato comigo ou com minha irmã Fátima, que agora está encarregada do acordo de Bel-Air.

— Ah, a adorável Fátima.— Amaal ficou quieto por um momento, como se recordasse a última vez que a vira. — Ela era muito boa para o meu irmão, embora eu deva confessar que fiquei bastante surpreso ao saber que ela havia escolhido um Escolhido.

Com um tom curto, Malik respondeu: — Vamos, *ela* sempre teve um coração bondoso.

Amaal ergueu uma sobrancelha novamente, percebendo claramente a implicação. Ele soltou uma risada não muito convincente e disse: — Isso é verdade. Dê-lhe meus cumprimentos.

— Eu devo. Tenha um bom dia, Amaal.

Enquanto o outro djinn se curvava, Malik se afastou da cobertura, de volta à mansão em Malibu. O calor de seus altos tetos com vigas de madeira e átrio interno era um contraste abrupto à cobertura de

Amaal, friamente decorada, o suficiente para fazer Malik respirar fundo e perceber que ele estava feliz por estar aqui, mesmo sabendo que Leila se fora.

Não por muito mais tempo, se eu tenho algo a fazer sobre isso, ele pensou, embora soubesse que não estava mais perto de descobrir a localização dela do que quando estava saindo para falar com Amaal.

Algo nessa conversa não parecia muito verdade, agora que Malik parou para pensar sobre isso. Amaal e Omar não eram tão próximos quanto Malik de sua própria irmã, mas ainda haviam passado muito tempo juntos, possivelmente porque o palácio de Amaal era muito mais luxuoso que o de Omar. Malik supôs que era concebível que eles não tivessem falado por meses, é verdade. No entanto, não era muito provável; sua espécie tendia a ser criaturas solitárias, mas, apesar disso - ou talvez por causa disso - eles frequentemente se comunicavam com os membros de sua família, mesmo que apenas pelo pensamento e não pessoalmente.

O que significava que Amaal provavelmente estava mentindo. Malik nem tinha certeza se poderia culpar o outro djinn por fazê-lo. Laços de sangue tendiam a contar mais do que qualquer tipo de lealdade a outros djinn, ou a uma mulher mortal que Amaal não conhecia.

Então, talvez Amaal não contasse a Malik imediatamente onde Leila estava sendo mantida.

Isso não significava que Malik não seria capaz de localizá-la no final ... mesmo se ele não tivesse ideia de como fazê-lo.

— Eu pensei que você poderia ficar aqui,— disse Omar, abrindo uma porta para revelar um quarto grande mobiliado com mais peças de madeira clara que Leila tinha visto na sala de estar. Uma capa de edredom em um azul suave da Tiffany cobria a cama queen-size, e ela podia ver uma casa *de* banho bem desapontada pela porta parcialmente aberta do outro lado da sala. Não, não era a suíte master - ao contrário de Malik, Omar provavelmente não era do

tipo que oferecia o melhor quarto a ninguém além de si mesmo - mas ainda era adorável. E, ela pensou com alívio, claramente não era o mesmo quarto em que o djinn estava dormindo, o que funcionava para ela. Pelo menos ele não estava propondo que eles se calassem imediatamente.

— É muito bom,— ela respondeu.

— Boa. Eu esperava que você pensasse isso. Ele passou por ela no espaço, indo em direção a outra porta, uma que se abria para um closet. Não estava vazio, mas tinha um conjunto decente de roupas penduradas nas prateleiras. — Aqui estão algumas mudas de roupa e o banheiro tem muitos produtos de higiene pessoal.— Omar fez uma pausa e acrescentou: — Eu queria tornar as coisas mais confortáveis para você aqui ... se, é claro, você pretende ficar.

Por que Malik fez a mesma coisa por ela, apenas pareceu atencioso, enquanto Omar lhe fornecia um guarda-roupa e artigos de banheiro pareciam positivamente assustadores, como se ele estivesse

especulando sobre o tamanho da roupa de baixo que ela usava e se ela era uma garota do tipo maxi-pad ou tampão?

Leila reprimiu um arrepio e, em vez disso, fez o possível para sorrir em gratidão. Então ela disse. — Estou feliz que você me deu um tempo para pensar. E bem, ainda não sei exatamente o que devo fazer. Mas percebi que dei uma chance a Malik sem parar para pensar muito sobre isso. Suponho que estou tentando dizer que também preciso lhe dar uma chance. Apenas ... tente ser paciente comigo, ok?.

— Eu entendo completamente,— respondeu Omar, dando-lhe outro de seus sorrisos oleosos. — Enquanto isso, está chegando ao anoitecer e, portanto, devemos pensar em ter algo para comer. Espero que você não se importe de sentar comigo para jantar.

— Não, isso parece ótimo.— Na verdade, parecia o completo oposto de ótimo, mas Leila sabia que não podia recusá-lo exatamente. Seria difícil permanecer civilizado, especialmente quando ela pensasse nas

refeições adoráveis que ela e Malik haviam compartilhado, e ainda assim ela sabia que tinha que se comportar bem por enquanto. Ela tinha que fingir que estava feliz por estar com Omar, teria que comer a comida que ele lhe dava e beber o vinho. Pelo menos ela estava um pouco menos preocupada com ele tentando drogá-la; ele poderia ter feito isso com o copo de chardonnay, mas ele não havia fornecido antes, mas nada de adversário aconteceu como resultado de beber o vinho. — Eu me ofereceria para ajudar, mas Malik já me mostrou como você prepara uma refeição, então eu sei que você realmente não precisa de um assistente.

Os olhos de Omar se estreitaram um pouco à menção de Malik, mas ele apenas disse suavemente: — Isso é verdade. No entanto, isso não significa que eu não gostaria de tê-la lá enquanto preparo as coisas. Venha comigo.

Ele a levou para fora do quarto e desceu as escadas. Esta casa era grande, embora nem perto da metragem quadrada da casa de Malibu que ela estava

compartilhando com Malik. Que pena, porque parecia que seria mais fácil evitar Omar se o local fosse um pouco maior. Mas então, se ela se tornasse óbvia demais em tentar evitá-lo, ele saberia em um piscar de olhos que cada sorriso que ela oferecia, cada palavra de entendimento era uma mentira completa.

Tudo o que ela podia fazer era manter o ato o máximo de tempo possível, e torcer para que Malik a encontrasse e a afastasse desse lugar, ou que ela descobrisse uma maneira de escapar.

A cozinha era grande, mas não tão cavernosa quanto a da casa de Malibu, onde Malik fizera o café da manhã. Omar apontou onde os pratos e os copos estavam guardados em seus armários separados, depois sugeriu que ela pudesse pôr a mesa se quisesse ajudar. Leila concordou ansiosamente, principalmente porque dessa maneira ela poderia ficar fora de sua presença imediata por alguns minutos. Mesmo assim, ela não pôde deixar de experimentar uma onda de ressentimento ao levar a louça para a sala de jantar. Omar poderia ter

resolvido tudo isso com um estalar de dedos, mas não o fez. Muito provavelmente ele queria ver se ela discutia com ele sobre a realização dessa tarefa e, como ela não o havia feito, humildemente, arrumando a mesa conforme ele solicitava, ele agora saberia que ela provavelmente cumpriria sua ordem.

Sonhe, pensou ela, depois de um pouco de busca, encontrou tapetes e guardanapos de pano e talheres escondidos em uma gaveta no aparador da sala de jantar, depois os colocou na mesa. *Só estou fazendo isso, para que você pense que estou cooperando. Se você realmente me conhecesse, saberia que piada é essa.*

Mas ele não a conhecia. Caso contrário, ele teria percebido o ato do ditz, teria percebido que ela estava apenas dizendo o que ele queria ouvir para se manter viva. Claramente, quando ele a selecionou como sua Escolhida, ele apenas considerou sua aparência. Ele não tinha poupado um pensamento sobre a mulher por trás do rosto e, obviamente, não estava prestando atenção em quem ele realmente era.

Tudo bem por ela. Leila queria que ele fosse enganado. Dessa forma, ele não veria isso acontecer quando ela saísse daqui, de um jeito ou de outro.

A mesa da sala de jantar era longa, com espaço para uma dúzia de pessoas. Por mais que ela preferisse colocar os talheres nas extremidades opostas da mesa para poder sentar-se o mais longe possível dele, sabia que esse tipo de manobra provavelmente não daria muito certo com Omar. Em vez disso, ela colocou um lugar no final da mesa e o outro à esquerda, sabendo que o djinn iria querer fingir que ele era o dono da casa e sentar à cabeceira da mesa.

Ele saiu para examinar o que ela estava fazendo, depois assentiu em aprovação. — Tudo isso parece muito bom.

Por mais que ela não quisesse estar aqui, Leila tinha que concordar com a observação de Omar. Uma grande paisagem marítima cobria uma parede, e a parede oposta não era de fato uma parede, mas um banco de janelas com portas francesas colocadas

nelas, oferecendo uma visão quase ininterrupta do oceano. Agora, com o pôr do sol e enviando uma labareda de luz dourada para dentro da sala, era realmente espetacular. É claro que o pôr-do-sol seria tão bonito quando visto da casa de Malibu, mas ela sabia que não deveria apontar esse fato em particular.

Uma estalo da mão dele, e a mesa ficou subitamente cheia de pratos, o tipo de banquete que ela poderia ter feito na casa dos avós - espetinho de carneiro, legumes assados e tigelas grandes cheias de arroz perfumado. É verdade que ela havia desistido de cordeiro anos atrás, mas Leila duvidava que Omar se importasse em ouvir por que ela não incluía mais cordeiro e vitela em sua dieta, especialmente porque duvidava que ele respeitasse os escrúpulos que a fizeram excluir esses alimentos. de suas refeições.

— Isso cheira muito bem,— ela disse, esperando interiormente que ela fosse capaz de comer pelo menos algumas mordidas no cordeiro. Alguns dias atrás, ela podia não ter hesitado, estava com tanta fome, mas agora que não precisava se preocupar em

mexer em cada mordida que passava em sua boca, todas as velhas objeções voltaram.

— Eu acho que você vai gostar.— Um jarro apareceu na mesa também, e Leila não conseguiu impedir sua boca de se apertar enquanto olhava para ela. Vinho decantado significava problemas, em seu livro. Se ela não podia vê-lo sendo derramado diretamente da garrafa, tinha todos os motivos para suspeitar que poderia ter sido adulterada. Infelizmente, ela não estava em posição de reclamar. Talvez notando sua hesitação, Omar continuou. — Vá em frente, sente-se. Não há necessidade de você continuar pairando assim.

Leila não sabia que estava pairando, mas não se incomodou em protestar. Forçando um sorriso nos lábios, ela tomou a cadeira à esquerda do djinn e sentou-se, depois cuidadosamente espalhou o guardanapo sobre o colo. Omar ficou em pé por um momento, ostensivamente para derramar um pouco de vinho no copo dele e depois no dela. No entanto, Leila não pôde deixar de se perguntar se ele também

continuaría de pé para que ele pudesse apontar o quanto ele era mais alto que ela, como ele pairava sobre ela.

Vá em frente e jogue seus pequenos jogos de poder, ela pensou enquanto Omar finalmente se sentava. Você acha que eu não vejo direito através deles?

Mesmo quando o pensamento desdenhoso passou por sua mente, ela não pôde deixar de se perguntar se teria sido tão rápida em entender o jogo de Omar se Malik já não a tivesse avisado sobre os problemas psicológicos dos outros djinn. Ela queria pensar assim, porque Deus só sabia que Hollywood tinha sido um centro de jogos mentais em uma escala verdadeiramente olímpica, mas....

— Para dar uma chance às coisas,— disse Omar, erguendo o copo e forçando Leila a levantar o dela também.

— Para dar uma chance às coisas,— ela ecoou, refletindo interiormente que a torrada dele poderia ter

vários significados diferentes, dependendo de como você olhava.

Momento da verdade. Leila respirou fundo, rezou para os deuses que estivessem ouvindo que o vinho não estava drogado e depois se permitiu um pequeno gole. Parecia provar tudo bem, mas isso não significava necessariamente nada.

Omar bebeu também e sentiu-se relaxar um pouco. Ele poderia ter consumido o vinho, mas Leila duvidava que ele pudesse beber da mesma garrafa e não seria afetado. Por outro lado, ela não sabia muito sobre fisiologia dos djinn. Ela supôs que não estava fora dos limites da possibilidade que um deles pudesse consumir drogas ou venenos que parariam um humano em suas trilhas e ainda não seriam afetados.

Deixando de lado suas preocupações, ela teve que admitir que o vinho era muito bom. Ela não conseguiu identificá-lo, exceto que tinha quase certeza de que era provavelmente uma mistura de Rhone de algum

tipo, uma boa combinação para o cordeiro e os legumes.

— Eu gosto disso,— disse ela com um sorriso.

— Bom,— respondeu Omar. — Tentei escolher algo que achei que você gostaria. Se me é permitido?

Pelo menos ele fez a ela a cortesia de servir um pouco de comida para ela - um espetinho de carneiro, uma porção saudável de legumes, uma pilha de arroz um pouco menor.

Com medo de engordar, Omar? Leila pensou com alguma diversão enquanto pegava o prato de volta. Enquanto ela assistia seu peso recuar antes que o mundo mudasse, isso se tornava mais por hábito do que porque ela realmente precisava. De qualquer forma, ela não pôde deixar de contrastar o comportamento dele com a maneira como Malik a tratara, como ele se certificou de que ela comesse bastante, sem parecer se importar com as calorias envolvidas.

— Obrigada ,— disse ela, depois observou enquanto ele se dava muito mais comida do que lhe

dera. O que foi bom. Estar na companhia dele era muito bom para matar o apetite, e ela sabia que teria que se forçar a comer até a parte modesta do prato. O que ela realmente queria era empurrar a cadeira para longe da mesa e se esconder na sala que havia sido fornecida para ela, mas ela imaginou que a ideia não era para iniciantes.

Em vez disso, levou uma garfada de legumes à boca e os comeu com o que esperava parecer um apetite decente. Omar pareceu satisfeito com isso - ou talvez ele estivesse apenas feliz por ela ter ido buscar os vegetais primeiro - porque ele sorriu para ela antes de começar a espetar um pedaço de cordeiro com o garfo. Os dois comeram em silêncio por um momento.

Então ele disse: — Eu espero que você vai ver que eu quero dizer nenhum dano - na verdade, o oposto. É angustiante saber que Malik fez o possível para virar você contra mim.

Ele não se incomodou em perder tempo. Duvido que ele tenha poupado dois pensamentos por você. Essas palavras passaram pela mente de Leila, embora

ela soubesse que não devia dizê-las em voz alta. Ela deu de ombros de imediato. — Oh, eu já posso dizer que ele não estava sendo sincero. Você não passou de um cavalheiro para mim.

Omar abriu a boca para falar, mas o que ele pretendia dizer foi abruptamente cortado por um estranho apito de ar, seguido pelo aparecimento na sala de jantar de outro djinn. Seus traços eram parecidos com os de Omar, e Leila imaginou que ele devia ser da família, embora esse novo djinn tivesse cabelos mais escuros e sua aparência mostrasse algo da dureza de Omar.

Claramente, esse visitante não era esperado, porque Omar realmente se levantou, seus olhos se estreitaram com raiva. — Amaal, o que você está fazendo aqui?.

— Ora, irmão, você não parece satisfeito em me ver.— O recém-chegado olhou para Leila e deu-lhe um olhar avaliador, seguido por um sorriso rápido. — Embora eu possa entender por que você não gostaria de ser interrompido.

Em vez de ficar irritada com o que aconteceu, Leila teve que fazer o possível para reprimir um sorriso. Não havia nada malicioso em seu sorriso, apenas um flash de apreciação. Embora os olhos de Amaal fossem da mesma tonalidade que os de seu irmão, eles eram amigáveis e abertos, quase provocadores, em vez de frios e agudos.

— A que devo a honra dessa interrupção?— Omar indagou, claramente não emocionado pela presença de seu irmão.

— Um certo ... assunto ... surgiu. Achei melhor falar com você.

Qualquer que fosse esse — assunto,— chamou a atenção de Omar. Ele deu uma breve olhada exasperada para a comida na mesa, seu copo cheio de vinho. Então ele disse: — Minhas desculpas, Leila, mas devo falar com meu irmão. Talvez seja melhor você levar seu prato para o seu quarto.

— Eu — ela começou, depois fez uma pausa, sabendo que Omar cortaria quaisquer protestos. — Hum, claro. Me dê um segundo.—

Um tanto sem jeito, ela empilhou os talheres em cima do prato, depois pegou um guardanapo e sua taça de vinho. Os dois djinn ficaram em silêncio quando ela saiu da sala e seguiu pelo corredor até a escada. Ela tinha a sensação de que eles não diriam mais nada um ao outro até que ela estivesse fora do alcance da voz.

Não que ela tivesse a intenção de ir mansamente para o quarto e terminar a comida. Quando chegou ao patamar da escada, pousou cuidadosamente o prato, embora mantivesse o copo de vinho na mão. Quando ela estava no colegial, ela havia feito a mesma coisa quando queria ouvir as conversas de adultos que seus pais não queriam que ela ouvisse.

Se Omar a pegasse ...

Não, ela não pensaria nisso. Aquelas botas que ele usava faziam barulho suficiente no chão de ladrilhos, para que ela provavelmente pudesse ouvi-lo se aproximar da escada assim que ele terminasse de conversar com Amaal. A menos que ele decidisse se piscar no quarto dela.

Ela tomou um gole rápido de vinho e se esforçou para captar o fio da conversa. Ambos os djinn tinham vozes profundas o suficiente para serem bem-sucedidos, mas às vezes eram quase profundos demais e se perdiam em estrondos ininteligíveis.

.— .. sabe alguma coisa.— Aquele era Amaal, mais barítono que baixo.

— O que não me surpreende.— Omar, parecendo despreocupado. — Afinal, eu sou o suspeito mais provável. Mas ele tem algo mais do que ...?.

Leila não conseguiu entender a última palavra, embora tenha adivinhado que provavelmente eram — suspeitas.— O que fazia sentido. Malik não era estúpido. Omar deve ter sido sua primeira escolha quando se tratava de descobrir quem fugiu com seu escolhido.

— Não,— disse Amaal. — Ele pensou que eu poderia saber onde você estava. Eu disse que não.

— E ... acreditou em você?

— ...duvido. Mas ele não tem como encontrar este lugar. Mesmo assim, pensei ... avisar.

— E eu agradeço ... por isso.— Uma longa pausa, durante a qual Leila mal ousou respirar. Os irmãos haviam terminado a conversa? Provavelmente, Omar fez uma breve pausa para beber um pouco de vinho.

— As coisas ... estão indo bem. Mas ... mais tempo.

— Compreendo. Se eu aprender alguma coisa ... você sabe.

— Eu ... você vai.

Depois disso veio um silêncio prolongado. Com um sobressalto, Leila percebeu que a conversa provavelmente terminara. Ela pegou o prato e correu pelo corredor até o quarto, depois colocou o copo de vinho e o prato em uma das mesinhas de cabeceira. Ela estava apenas colocando uma garfada de arroz na boca quando uma batida bateu no batente da porta - apenas uma cortesia, já que a porta ainda estava aberta.

Omar olhou para dentro e sorriu levemente quando a viu comer sua refeição. — Ele se foi. Você pode descer agora, para que possamos terminar nossa refeição juntos.

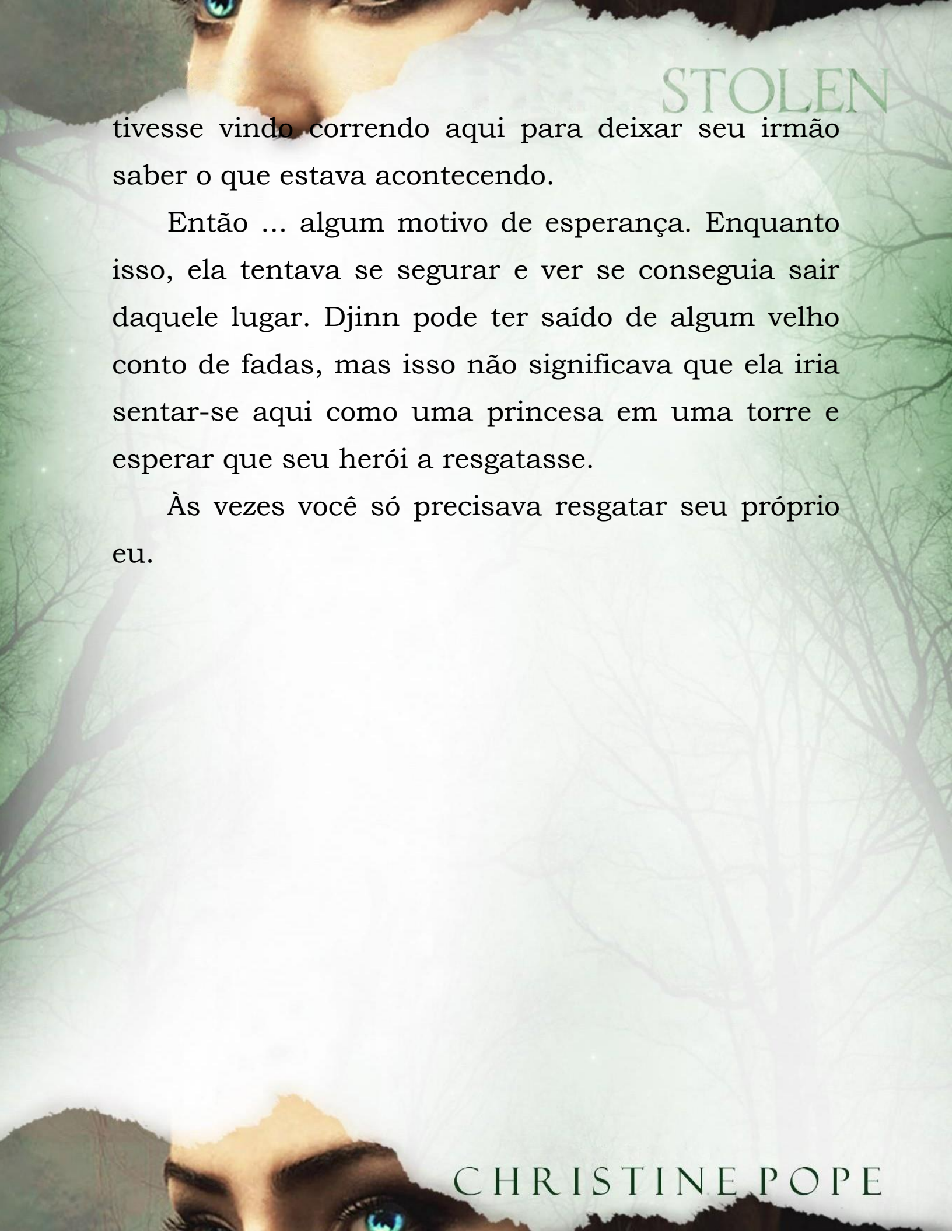
— O meu está ficando um pouco frio — ela começou, mas ele deu de ombros.

— Não importa. Eu posso esquentá-lo quando estamos sentados à mesa.

Ela viu Malik fazer a mesma coisa, embora tenha decidido que provavelmente era melhor não mencionar isso. — Oh, ótimo. Só um segundo, então.— Mais uma vez, juntou o prato e a taça de vinho e foi encontrar Omar na porta. — Estou feliz por ainda podermos jantar. Está tudo bem?.

— Oh, sim, está tudo bem. Venha comigo.

Leila o seguiu escada abaixo, a mente trabalhando furiosamente. Amaal claramente viera aqui para avisar seu irmão, então agora Omar estaria ainda mais em guarda. No entanto, também parecia que Malik não tinha como rastreá-la aqui. Ele disse uma vez que os djinn não eram onipotentes ou oniscientes, e a situação atual parecia confirmar essa afirmação. Mas ela não se deixou perder a esperança. Se não havia absolutamente nenhuma chance de Malik encontrá-la, então ele duvidava que Amaal



STOLEN

tivesse vindo correndo aqui para deixar seu irmão saber o que estava acontecendo.

Então ... algum motivo de esperança. Enquanto isso, ela tentava se segurar e ver se conseguia sair daquele lugar. Djinn pode ter saído de algum velho conto de fadas, mas isso não significava que ela iria sentar-se aqui como uma princesa em uma torre e esperar que seu herói a resgatasse.

Às vezes você só precisava resgatar seu próprio eu.

CHRISTINE POPE

QUATORZE

Malik convidou Fátima para jantar na casa de Malibu, em parte porque ele odiava a ideia de ter que se sentar para comer sozinho, e também porque sabia que sua irmã estava em uma situação semelhante, que a própria Escolhida também se foi. Ele achou melhor que os dois estivessem juntos para que pudessem se compadecer. De qualquer forma, não era saudável para ela se sentar sozinha em sua grande casa vazia e esperar por notícias sobre Adam, palavras que talvez nunca chegassem. Se, por alguma graça de Deus, surgisse um novo desenvolvimento, os djinn na comunidade de Bel-Air poderiam alcançá-la e fazê-la voltar para casa rapidamente.

Ela parecia ter reconhecido o convite para o jantar, e fez o possível para ser animada enquanto comiam a comida e bebiam um pouco de vinho e tentavam discutir tudo, exceto os sequestros de seus respectivos parceiros. Mas então seu olhar se volta para as cadeiras vazias da mesa e ela solta um pequeno suspiro. — Foi bom da sua parte me chamar

aqui, Malik,— disse ela. — Se pudéssemos ser nós quatro sentados nesta mesa, e não se preocupar com o destino daqueles que amamos.

Ele não podia concordar mais com ela. Com alguma sorte, o cenário feliz que ela acabara de descrever se tornaria realidade mais cedo ou mais tarde. — Sim, isso tornaria um tempo muito mais feliz. As horas se prolongam quando estamos separados de nossos Escolhidos, mas tento me lembrar de que não faz tanto tempo e, certamente, não é o suficiente para abrir mão da esperança.

— Você aprendeu alguma coisa?— Perguntou Fátima, copo de vinho a meio caminho dos lábios.

— Não tanto quanto eu gostaria. Fiz uma visita ao irmão de Omar, Amaal, que não ofereceu nada com o qual eu pudesse trabalhar.

— Mesmo que ele saiba alguma coisa, duvido que ele a compartilhe com você.

Malik assentiu; ele não podia discutir com a avaliação de sua irmã sobre a situação, não quando ele próprio pensava a mesma coisa. — Não, e acho

que foi tolice da minha parte acreditar no contrário. Amaal - ao contrário de seu irmão - não é um homem mau, mas também não faria nada que julgasse prejudicar Omar ou correr o risco de levar suas atividades ao conhecimento dos anciãos. Sem dúvida, ele deseja não ter nada a ver com nenhum de nós, e está um pouco zangado com o irmão por ter arrastado ele para dentro dele. Receio que essa irritação não seja suficiente para trair a confiança de Omar.

— Não,— disse Fátima. — Não posso afirmar que conheço bem Amaal, mas sua vida sempre foi tão fácil quanto ele conseguiu. Complicações não combinam com ele.

Malik deu um sorriso irônico e tomou um gole de seu próprio vinho. — Essa é apenas a verdade. De certa forma, seria mais fácil se fôssemos todos mortais - então eu poderia simplesmente espreitar perto da residência de Amaal e segui-lo na próxima vez que ele partisse. Esse tipo de esquema parece funcionar bem o suficiente nos filmes e programas de

televisão que eu já vi, mas, infelizmente, não me serve de nada quando se trata de seguir um djinn.

Uma pequena risada quando Fátima pousou o copo de vinho. — Você está correto nisso. Sempre foi fácil escaparmos se não queremos ser encontrados. Contudo....— Suas palavras sumiram e suas sobrancelhas elegantemente arqueadas se uniram em uma pequena carranca.

— 'Contudo'?— Malik a levou. Sua irmã sabia algo que ele não sabia?

— Oh, não poderia ser nada.— Ela acenou com a mão. — É só que eu lembro como Yasir, de quem me separei há várias décadas, disse que havia descoberto uma maneira de rastrear os movimentos de um djinn. Eu não prestei tanta atenção na época, porque Yasir estava sempre procurando algo, sempre se intrometendo em feitiços e encantos.

Apesar de toda a demissão de Fátima, Malik não pôde impedir que uma onda de esperança o atravessasse. Se seu ex-amante realmente tivesse uma maneira de rastrear um djinn.... Tentando

manter a voz calma, ele perguntou: — Você sabe onde está Yasir agora?.

— Oh, sim,— ela respondeu. — Ele é um dos mil e está estabelecido com o grupo em San Diego. O escolhido dele era uma estudante de graduação em uma das universidades de lá, acredito. Uma pequena risada e ela acrescentou: — Isso não me surpreende nada. Eu posso ver como Yasir gostaria de uma mulher aprendendo ao seu lado, pois, como eu disse, ele tinha uma tendência científica muito parecida com a dos outros.

— Eu preciso falar com ele,— disse Malik, e começou a se levantar da mesa.

Fátima imediatamente colocou a mão no pulso, impedindo-o de se mover mais. — Entendo por que você gostaria de conversar com Yasir, se ele pode ajudá-lo, mas você não pode terminar sua refeição primeiro?.

Malik lhe ofereceu um sorriso tímido, depois se recostou na cadeira. — Minhas desculpas, irmã. Meu entusiasmo tomou conta de mim.

Ela levantou um pouco os ombros e disse: — Tudo bem. Compreendo. De fato, apesar da minha preocupação com Adam, eu teria dito para você esperar até a manhã seguinte, pois a hora do jantar não é a melhor hora para se intrometer em estranhos. Mas duvido que você tivesse me ouvido.

— Não, eu não podia esperar tanto tempo.— Até os poucos minutos necessários para consumir o resto da refeição pareciam terrivelmente longos. Ainda assim, seria melhor esperar um pouco. Pelo que sabia, esse Yasir também estaria jantando e não gostaria de ser interrompido. — Só terei que esperar que ele não se importe com a presença de um convidado não convidado nesta noite.

— Depois de explicar por que você precisa falar com ele, ele provavelmente entenderá. Yasir não é do tipo que se preocupa com convenções.

Isso foi bom de ouvir. Embora ele e Fátima estivessem próximos o suficiente, o assunto de seus amantes - passado e presente - era algo que geralmente evitavam. Ela claramente não tinha sido

suficientemente apaixonada por nenhum deles para iniciar uma família e, portanto, Malik nunca a pressionou por mais informações do que estava disposta a dar livremente. Ele se perguntou por que ela não achara Yasir adequada para um relacionamento de longo prazo, já que os poucos boatos que ela deixara cair durante essa conversa pareciam indicar que a personalidade dele era muito mais amigável do que a de Omar, mas ele supunha que isso não era da sua conta. , ou.

— E você sabe a localização do assentamento de San Diego?

— Sim,— respondeu Fátima. — São as informações que os idosos compartilharam com todos nós que liderariam esses grupos, para o caso de termos motivos para entrar em contato. Eles estão em um lugar chamado La Jolla. Eu posso mostrar para você em um mapa.

— Obrigado, irmã.— Essa informação tornaria sua jornada muito mais fácil. A pousada do DJ podia viajar para lugares que nunca haviam sido ou visto,

mas era um processo tedioso que envolvia — piscar — até o ponto mais distante da linha de visão, e depois dar outro pulo a partir daí, e assim por diante. Certamente era mais rápido do que andar, andar de cavalo ou mesmo usar um carro, embora isso fosse tudo o que se poderia dizer sobre esse modo específico de viagem.

Mas se Fátima tivesse um mapa que ela pudesse lhe mostrar, ele poderia se enviar diretamente para esse local de La Jolla, que deve estar em algum lugar nos arredores de San Diego, embora nunca tivesse ouvido falar antes. Com alguma sorte, Yasir estaria trabalhando em seu feitiço de rastreamento desde que se separara de Fátima e, esperançosamente, já o havia aperfeiçoado.

Se não, bem, Malik teria perdido algum tempo, e não dobrando mais. Sem outras boas pistas a seguir, ele não saberia o que fazer com esse tempo de qualquer maneira.

Ele comeu rapidamente, enquanto Fátima o observava com uma expressão meio divertida em suas

feições, como se ela soubesse exatamente por que ele estava correndo no jantar. Pelo menos ela não o provocava por causa de seu comportamento, pois é claro que também servia a seu propósito que a viagem a La Jolla fosse frutífera.

Em breve, ambos estavam terminados. Ele acenou com a mão para limpar a louça e depois a acompanhou até sua casa em Bel-Air, para que ela pudesse mostrar a localização de La Jolla no mapa. Sim, lá estava - cerca de 24 quilômetros ao norte do que havia sido a área do centro de San Diego e diretamente no litoral, com uma grande baía e uma área de floresta ao norte. Parecia uma boa localização; ele conseguia entender por que aquele grupo particular de djinn havia se estabelecido lá.

— E aqui é a casa de Yasir,— disse ela, traçando o dedo no mapa até uma rua ao lado de um penhasco com vista para a praia, claramente uma localização privilegiada.

— Perfeito. Isso será fácil de encontrar.

Então ele estava beijando Fátima na bochecha e prometendo que ele viria e relataria o que encontrou. Ela tocou o braço dele brevemente e disse: — Boa sorte, irmão.

Boa sorte, de fato. Ele poderia usar um pouco disso agora. A cada momento que passava, ele temia que algo terrível pudesse estar acontecendo com Leila, algo que ele era impotente para impedir. Se Omar lhe causasse algum mal, Malik sabia que nunca se perdoaria por seu descuido em deixá-la sozinha.

O escritório da casa de Bel-Air em Fátima desapareceu e, no momento seguinte, Malik ficou em uma calçada em frente a uma grande casa de estilo espanhol, de dois andares e ampla, cercada por palmeiras e canteiros de flores. Luzes brilhavam na maioria das janelas, dizendo a Malik que seus atuais moradores deveriam estar em casa. Por outro lado, onde mais eles estariam a essa hora da noite?

Lâmpadas solares alinhavam-se na passarela de arenito avermelhado, guiando-o até a porta da frente. Uma vez lá, ele hesitou por um momento, imaginando

se essa missão era tão contida quanto de repente parecia. Mas não, ele estava fazendo isso por Leila ... e por Adam. Fátima havia lhe dito que Yasir poderia ajudar. Seria tolice vomitar as mãos e ir embora agora.

Mandíbula cerrada, Malik bateu na porta. Por um momento, não houve resposta, e então ela se abriu, e um djinn que ele nunca tinha visto antes o encarou com alguma confusão.

Antes que o momento se tornasse constrangedor, Malik disse: — Sou o irmão de Fátima, Malik al-Mazin. Você é Yasir al-Barak?.

O djinn piscou novamente, embora desta vez mais em compreensão. Seus olhos eram cinzentos, um tom incomum para um djinn, e ele tinha cabelos castanhos escuros que ele usava puxados para trás em um rabo de cavalo, também um tanto incomum, uma vez que os homens djinn tendiam a deixar os cabelos soltos. — Sim, eu sou Yasir. Venha para dentro. Como está Fátima?

— Muito bem,— respondeu Malik educadamente. Qualquer que fosse a razão de sua irmã não ter continuado sua associação com esse homem, não parecia que eles se separaram em termos ruins. Isso deve facilitar a solicitação de um favor.

— Ela é a líder da comunidade Bel-Air agora, não é?— Yasir perguntou enquanto conduzia Malik para dentro da casa, que parecia calorosa e acolhedora, com paredes em tons de pergaminho e azulejos espanhóis no chão.

— Sim ela é.

De outros lugares da casa, veio o zumbido baixo de vozes. Yasir olhou para o corredor e disse: — Minha escolhida, Radha. Ela está assistindo um filme.

Essa parecia ser a maneira de Yasir deixar Malik saber que eles provavelmente não seriam perturbados no futuro próximo. — Ah. Quero me desculpar por me intrometer na sua noite, mas Fátima me disse algo que me fez pensar que você poderia oferecer alguma ajuda.

— Assistência com o quê?— Felizmente, o outro djinn parecia mais curioso do que qualquer outra coisa, e nem um pouco preocupado por ter algo que ele nunca havia encontrado de repente aparecer à sua porta.

— Minha escolhida, Leila, e o escolhido de Fátima, Adam, desapareceram recentemente. Tenho minhas suspeitas sobre quem pode estar envolvido, mas temo que, sem poder seguir o possível suspeito, não consiga provar minha hipótese.

— Ah.— Yasir estendeu a mão para esfregar o queixo, que estava coberto por uma barba bem aparada. — Fátima falou sobre o meu feitiço de rastreamento?

— Ela mencionou que você estava trabalhando em algo assim, sim.

— Eu não faço nada com isso há um tempo,— disse o djinn, acrescentando, como se tivesse visto o rosto de Malik cair, — mas apenas porque funcionou bem o suficiente e não tenho razão para usá-lo.

— Mas funcionou.

— Ai sim. — Yasir parou por um momento, dando uma olhada em Malik. — Posso perguntar em quem você pretende usá-lo?

— Prefiro não dizer, — respondeu Malik. — Tudo o que tenho são suspeitas e não desejo citar nomes até ter certeza. No entanto, não há ninguém na sua comunidade aqui.

Yasir riu. — Não, eu não estava pensando nisso, de jeito nenhum. Todos estão presentes e são responsáveis, e não temos escolhidos extras nos visitando. — A expressão dele ficou séria e continuou: — Lamento saber que o seu próprio Escolhido está desaparecido e o de Fátima também. Isso é um assunto grave. Mas venha comigo - eu vou levá-lo para minha sala de trabalho.

Ele acenou com uma mão, indicando que Malik deveria segui-lo para fora da sala onde eles estavam conversando e por um corredor que passava pela sala da família. Lá, uma jovem e bonita mulher com cabelos loiros estava deitada no sofá, assistindo algo na grande televisão de tela plana que dominava a

parede oposta. Ela lançou um olhar curioso na direção deles, mas não falou, aparentemente contente em deixar Yasir explicar as coisas para ela quando ele estava conversando com seu convidado.

Pela cozinha e depois por outro corredor curto, que terminava em uma porta que se abria na garagem. Era grande, com espaço para quatro carros, embora uma seção provasse ser exatamente o que Yasir dissera ser - claramente sua sala de trabalho, com uma grande mesa de um lado e um armário de metal cheio de ferramentas e caixas de vários objetos Malik não conseguiu identificar. Ele nunca teve muita inclinação mecânica e, portanto, não estava familiarizado com aparelhos mortais.

Yasir foi à bancada e abriu uma das gavetas do armário de metal que ficava ao lado. De dentro, ele extraiu o que parecia ser uma bússola de algum tipo, junto com uma pequena bolsa de couro.

— O princípio é bastante básico, realmente,— disse ele, segurando a compra, que era de latão brilhante com um padrão fino gravado em sua caixa.

— As bússolas apontam para o norte e são pouco mais que ímãs, puxando em direção ao campo magnético da Terra. Nesta sacola há um pó que fiz ao preencher vários pequenos ímãs. Polvilhe o pó na porta da pessoa que você deseja rastrear. Ele grudará nos sapatos deles, e a bússola o indicará na direção em que eles foram - e continuará a fazê-lo até que você os alcance.

— Isso parece bastante simples,— disse Malik, já pensando em como poderia colocar o pó na entrada da cobertura de Amaal.

— Isto é.— Yasir virou a bússola na palma da mão. — Demorou algum tempo para descobrir como encantar a bússola para que ela sempre apontasse para os registros, mas uma vez que resolvi parte do problema, o feitiço funcionou sem falhas. — Aqui— - ele disse, depois entregou o objeto redondo de metal a Malik. — Tome cuidado, pois é o único que tenho. Eu provavelmente poderia fazer outro se necessário, mas como tenho pouca necessidade. Ainda assim, prefiro que seja mantido seguro.

— Terei cuidado,— prometeu Malik. A carcaça de latão estava quente contra sua pele, mas talvez fosse apenas porque Yasir havia segurado o aparelho recentemente. Certamente não parecia mágico de forma alguma, o que Malik supôs que era o melhor. A maioria dos djinn não se interessava por esse tipo de magia, já que os poderes nativos que possuíam eram suficientes para vê-los em quase qualquer situação. Ele teve que admitir que estava um pouco desconfortável em trabalhar com esse tipo de objeto encantado. Mas ele faria o que fosse necessário para resgatar Leila.

— E o pó.— Yasir deu a bolsa a Malik, que passou os cordões por cima do pulso. — Use o quanto for necessário, pois isso é mais fácil para mim.

— Espero não precisar usar muito. Eu tenho apenas uma pessoa para rastrear, e se isso funcionar como você diz

— Sim. Será.

— Bem, então, apenas uma pequena quantidade deve fazer o truque.

Yasir assentiu, seus traços repentinamente graves. — Espero que sim, por você. Não consigo imaginar perder meu escolhido.

Perder Leila era algo que Malik desejava poder ter permanecido apenas um produto de seus pesadelos mais sombrios. Infelizmente, Omar al-Tariq fez do seu desaparecimento uma realidade muito perturbadora.

— Ela será recuperada,— disse Malik, esperando que ele parecesse confiante, em vez de preocupado que tudo isso pudesse ser inútil. Era perfeitamente possível que Amaal não tivesse tido contato recente com seu irmão, e assim Malik estaria rastreando um homem inocente. Mas ele tinha que saber. Ele tinha que ter certeza. — E o responsável por roubá-la de mim será punido.

— Da sua boca aos ouvidos de Deus,— respondeu Yasir, usando a frase humana.

— Obrigado por isso. Se alguma vez eu tiver a chance de retribuir o favor

— Não é nada. Fico feliz que isso possa ser útil para alguém.

Malik sorriu em gratidão. — A paz esteja com você, então.

— E com você.

Ele se afastou ..., mas não foi para casa. Não, ele foi em direção ao centro da cidade, onde ficava a cobertura emprestada de Amaal.

Ele tinha algum reconhecimento a fazer.

O jantar não foi tão torturante quanto Leila havia preocupado, principalmente porque Omar parecia preocupado, não tão concentrado em tentar encantá-la quanto ela temia. Ela fez sua parte conversando sobre a praia, o clima e perguntando como ele havia decidido sobre esta casa.

— Isso me agradou,— disse ele antes de tomar outro gole de vinho. — Não sei dizer exatamente o porquê - suponho que foram os tetos altos e todas as janelas. Afinal, sou uma criatura do ar e, por isso, sou atraído a lugares com esse tipo de espaço e brilho.

— É lindo.— Ela bebeu um pouco de vinho também, mas em goles menores que os de Omar,

pequenos goles que não eram muito mais que um gosto. O vinho não a afetava da mesma maneira que as coisas difíceis, graças a Deus, e ainda assim ela não queria ser burra com isso. Ela não achava que poderia ficar bêbada o suficiente para realmente acolher as atenções desse djinn, mas não fazia sentido perder nenhum tipo de controle. Depois de pousar o copo, ela disse: — Esse era seu irmão?

A mandíbula de Omar endureceu um pouco. — Sim. Amaal.

— Está tudo bem?

— Sim,— respondeu Omar, ainda com a mesma tensão na linha da mandíbula e no pescoço, então parecia que ele tinha que trabalhar duro para forçar a sílaba. No entanto, seu tom era suave o suficiente enquanto ele prosseguia: — Ele só queria me consultar sobre assuntos importantes.

Ela deveria empurrá-lo ou deixá-lo ir? Leila decidiu que parecia mais fora do personagem não responder, então ela disse: — Não pareceu menor.

Um suspiro, e Omar serviu-se de um notavelmente maior gole de vinho. Leila ficou tensa, imaginando se tinha feito a escolha errada, continuando a comentar a visita de Amaal, e o que faria se Omar decidisse retaliar contra ela de alguma forma.

Mas, aparentemente, ele ainda estava mais interessado em falar com calma nas calças dela do que em qualquer peça de poder, porque ele disse: — Amaal tende a ser excessivamente dramático. Embora a situação pareça importante para ele, não tem consequências reais. Os anciãos deram a ele terras para se estabelecer, mas ele não se importa muito com eles e já se instalou em outro lugar. Ele precisava ter certeza de que não o puniriam de alguma forma por não seguirem seus desejos.

— Eles fariam isso?— Leila perguntou, genuinamente curiosa. Parecia que esses anciãos tinham muito poder, considerando tudo. Afinal, eles conseguiram, de alguma maneira, fazer com que os

radicais jogassem bem e se afastassem dos Escolhidos dos outros djinns.

— Duvido que eles gastariam energia para intervir.— Omar colocou mais um pouco de arroz no prato e depois acrescentou outro kebab. Claramente, ele não estava muito preocupado com sua cintura. — Oh, suponho que em algum momento um deles possa ir falar com ele, que ele saiba que precisa morar onde estão localizadas suas terras, mas não vejo isso acontecendo tão cedo. Até que o mundo seja completamente limpo, eles têm coisas mais importantes com que se preocupar.

O vinho que Leila acabara de engolir parecia alojar-se em algum lugar do esôfago. Omar havia falado tão casualmente dessa — limpeza,— como se não importasse nada para ele que os seres humanos estivessem morrendo agora nas mãos de seus colegas djinn. Mas então, ele provavelmente não se importava de um jeito ou de outro. Ele só a escolheu porque queria que um humano a atormentasse. Mantê-la

viva para que ele pudesse abusá-la melhor do que matá-la imediatamente?

Não é verdade, exceto que prolongar sua tortura pode oferecer mais oportunidades de fuga. Como seu pai gostava de dizer, *onde há vida, há esperança*.

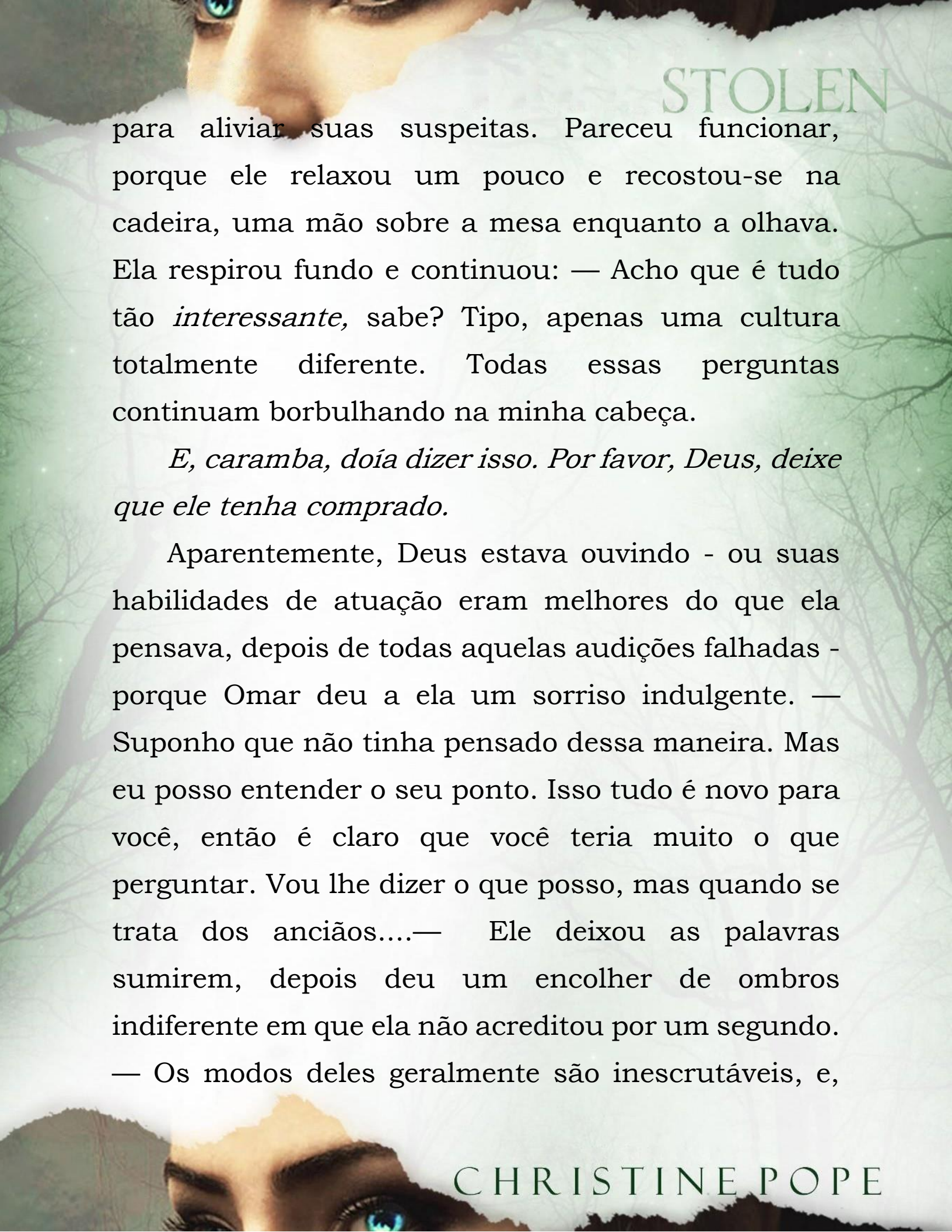
Mas Leila sabia que não podia permitir que Omar visse como estava chateada. Embora o pensamento de comer qualquer outra coisa tenha feito seu estômago revirar, ela forçou um pedaço de cordeiro e outro gole de vinho antes de perguntar: — Os anciãos estão envolvidos na limpeza?

— Não. Não diretamente, de qualquer maneira. Suponho que tais atividades estariam abaixo de sua dignidade. É mais que eles querem que tudo acabe para que a verdadeira instalação, por assim dizer, possa começar.

— Então eles vão morar aqui também?

Essa pergunta provocou um olhar frio e de lado.
— Você faz muitas perguntas, Leila.

— Desculpe,— ela disse rapidamente, depois deu uma risadinha nervosa, cuidadosamente calibrada



STOLEN

para aliviar suas suspeitas. Pareceu funcionar, porque ele relaxou um pouco e recostou-se na cadeira, uma mão sobre a mesa enquanto a olhava. Ela respirou fundo e continuou: — Acho que é tudo tão *interessante*, sabe? Tipo, apenas uma cultura totalmente diferente. Todas essas perguntas continuam borbulhando na minha cabeça.

E, caramba, doía dizer isso. Por favor, Deus, deixe que ele tenha comprado.

Aparentemente, Deus estava ouvindo - ou suas habilidades de atuação eram melhores do que ela pensava, depois de todas aquelas audições falhadas - porque Omar deu a ela um sorriso indulgente. — Suponho que não tinha pensado dessa maneira. Mas eu posso entender o seu ponto. Isso tudo é novo para você, então é claro que você teria muito o que perguntar. Vou lhe dizer o que posso, mas quando se trata dos anciãos....— Ele deixou as palavras sumirem, depois deu um encolher de ombros indiferente em que ela não acreditou por um segundo. — Os modos deles geralmente são inescrutáveis, e,

CHRISTINE POPE

portanto, não posso realmente dizer com nenhuma autoridade o que leva a suas decisões e suas motivações. Eles alegam governar com uma mão leve, o que eu suponho que seja verdade o suficiente, pois eles não tendem a interferir em nossas vidas cotidianas. E foi por isso que disse a Amaal que ele não tinha nada com que se preocupar.

Bem, isso era algo, ela supôs, embora naquele momento Leila tivesse preferido um pouco mais na maneira de governar de maneira prática. Uma abordagem de *laissez-faire* funcionou bem quando todos se comportaram e não infringiram as regras, mas seria bom acreditar que os anciãos desceriam do outro mundo e infligiriam sérios chutes em Omar assim que encontrassem descobrir o que ele estava fazendo. Malik fez parecer que eles dispensariam a justiça uma vez que tivessem evidências de irregularidades. Infelizmente, alguém tinha que apresentar essa evidência a eles - não parecia que eles pretendiam se esforçar para encontrar por si mesmos.

— Parece uma coisa boba para eles se preocupar,— disse Leila. — Se Amaal não está incomodando ninguém, o que importa onde ele está morando?.

— Precisamente.— Omar parecia ter notado que ela não comia nada por alguns momentos, porque perguntou: — Você terminou?

— Sim,— disse ela, aliviada por ele não esperar que ela continuasse a comer. Estava ficando cada vez mais difícil enfiar a comida na garganta dela.

— Bem então.— Ele acenou com a mão e o prato dela desapareceu, assim como o dele. Os copos de vinho, no entanto, permaneceram. Felizmente, Omar parecia mais interessado em encher seu próprio copo do que em cuidar do dela, embora possivelmente isso acontecesse porque ela ainda mal havia tocado o copo. — Vamos sair e assistir o último pôr do sol, não é?

Leila não sabia se essa era uma ideia particularmente boa, mas também imaginou que qualquer rebaixamento seria recebido com alguma

hostilidade... e possivelmente suspeita. — Claro, — disse ela. — Desde que você pense que não fará muito frio.

Outro aceno negligente da mão dele, e desta vez um xale de pashmina macio e quente em um tom vermelho escuro para combinar com a saia apareceu, envolvendo-se em volta dos ombros. Ela não pôde deixar de surpreender um pouco, mas depois riu.

— Bem, isso é útil, — comentou ela, depois lançou um rápido olhar para Omar, para o roupão aberto que ele usava. — Djinn não fica frio?

— Se as condições forem extremas o suficiente, — respondeu ele, levantando-se da cadeira. — Mas não tenho nada a temer com o clima fora desta casa.

Como não parecia que ela seria capaz de parar por mais tempo sem parecer dolorosamente óbvia, ela se levantou também. Omar se aproximou e a pegou pelo braço, guiando-a para fora da sala de jantar e pelas portas francesas para que pudessem ficar no convés. Ela desejou poder ter puxado seu braço de suas mãos, mas esse tipo de comportamento

certamente invocaria sua ira. Em vez disso, ela respirou fundo e disse a si mesma para fingir que tudo isso era uma audição, que nada disso era real. Não seria a primeira vez que ela tinha que agir contra alguém que ela não gostava. Se ela tivesse conseguido passar por isso antes, poderia fazer a mesma coisa agora.

Tudo bem, as apostas eram muito mais altas agora, mas ela achava que provavelmente era melhor não insistir nesse aspecto específico da situação. Se ela se permitisse realmente pensar no que estava acontecendo aqui, sabia que o pânico aumentaria e a dominaria. Ela não podia deixar isso acontecer. Ela precisava esperar, não importa o quê, então Malik teria tempo suficiente para encontrá-la.

O vento do oceano era frio e forte. O xale que Omar lhe ajudara um pouco, mas ela ainda podia sentir o ar frio penetrando a saia de seda e a blusa de malha fina que usava, e os dedos dos pés nas sandálias de miçangas estavam quase dormentes. Bem, isso passaria. As condições eram

desconfortáveis, mas não era como se ela estivesse do lado de fora em temperaturas abaixo de zero ou algo assim.

Para o oeste, apenas um brilho meditativo permanecia no horizonte. O céu estava limpo, transformando-se em uma profunda sombra de safira. Mais uma vez, Leila ficou impressionada com o quão sozinha eles estavam aqui, como a casa atrás deles era a única fonte de luz, flutuando como um diamante em uma cama de veludo azul profundo.

Se ela estivesse aqui com Malik, poderia ter se confortado com a presença dele, sabendo que estava segura com ele. Mas ele era Deus, sabe quantas milhas de distância, e ela ainda não sabia o que Omar pretendia para ela.

— É realmente bonito,— disse ela, mantendo o olhar fixo na faixa fraca de luz laranja que ficava no Oeste. Ela achou que era mais seguro.

— Você é linda,— disse Omar. Ele se aproximou dela, pegou uma mecha do cabelo chicoteado pelo vento e passou-o pelos dedos.

De outra pessoa, isso poderia ter sido uma carícia. Como era, ela só conseguia pensar em como seria fácil para ele puxar seu cabelo, usá-lo como um meio de puxá-la em sua direção.

— Oh, uau ... hum, muito obrigada,— ela respondeu, deixando as palavras gaguejarem um pouco. Na verdade, não era tão difícil, já que seus dentes queriam afastar-se do frio de qualquer maneira.

— Não é um elogio ocioso.— A voz de Omar diminuiu, tornou-se mais íntima, quase carinhosa. — Você é excelente, Leila Donovan. Todos os escolhidos são atraentes, mas você é outra coisa, uma joia rara. Por que mais você acha que Malik al- Mazin e eu nos desafiáramos a ser seu protetor?.

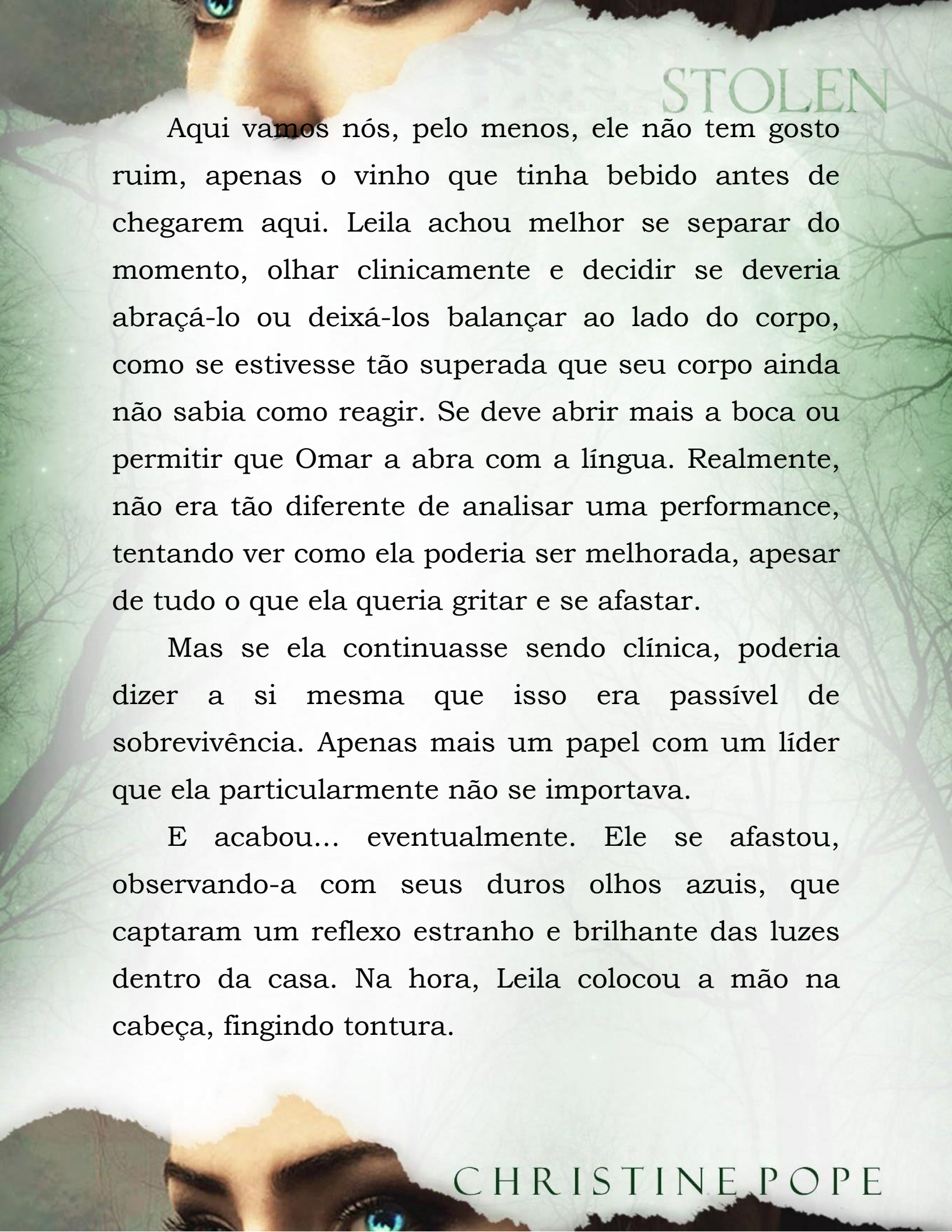
Ela sentiu então - aquela qualidade estranha e nebulosa de seu foco, a sensação de que parte de sua mente não era completamente dela. O glamour, Malik havia chamado. Ele tentou usá-lo quando se conheceram, mas apenas para acalmar o medo dela, não para curvá-la à sua vontade. Dessa vez, porém,

ela sabia exatamente por que Omar havia empregado aquela peça específica de magia djinn. Ele não queria dar a ela a chance de escolhê-lo. Não, ele queria ter certeza de que ela não tivesse escolha a não ser se tornar dele.

No fundo, sua alma se rebelou. E, no entanto, sabia que se o desafiasse abertamente, ele retaliaria. Que forma essa retaliação poderia tomar, ela não sabia - ela não queria saber. Melhor dar a ele um pouco do que ele queria, e esperar que ele estivesse disposto a esperar o resto.

— Eu — ela começou, depois parou, como se não soubesse o que pretendia dizer. Em vez disso, ela olhou para ele com o que esperava serem olhos vidrados. Ela precisava desesperadamente que ele pensasse que a tristeza havia trabalhado nela.

Aparentemente, ele o fez, porque no momento seguinte ele se inclinou e pressionou a boca contra a dela com força. De fato, ele a atacou com tanta força que ela se viu empurrada para trás alguns passos, até que seu corpo tocou as portas de vidro.



STOLEN

Aqui vamos nós, pelo menos, ele não tem gosto ruim, apenas o vinho que tinha bebido antes de chegarem aqui. Leila achou melhor se separar do momento, olhar clinicamente e decidir se deveria abraçá-lo ou deixá-los balançar ao lado do corpo, como se estivesse tão superada que seu corpo ainda não sabia como reagir. Se deve abrir mais a boca ou permitir que Omar a abra com a língua. Realmente, não era tão diferente de analisar uma performance, tentando ver como ela poderia ser melhorada, apesar de tudo o que ela queria gritar e se afastar.

Mas se ela continuasse sendo clínica, poderia dizer a si mesma que isso era passível de sobrevivência. Apenas mais um papel com um líder que ela particularmente não se importava.

E acabou... eventualmente. Ele se afastou, observando-a com seus duros olhos azuis, que captaram um reflexo estranho e brilhante das luzes dentro da casa. Na hora, Leila colocou a mão na cabeça, fingindo tontura.

CHRISTINE POPE

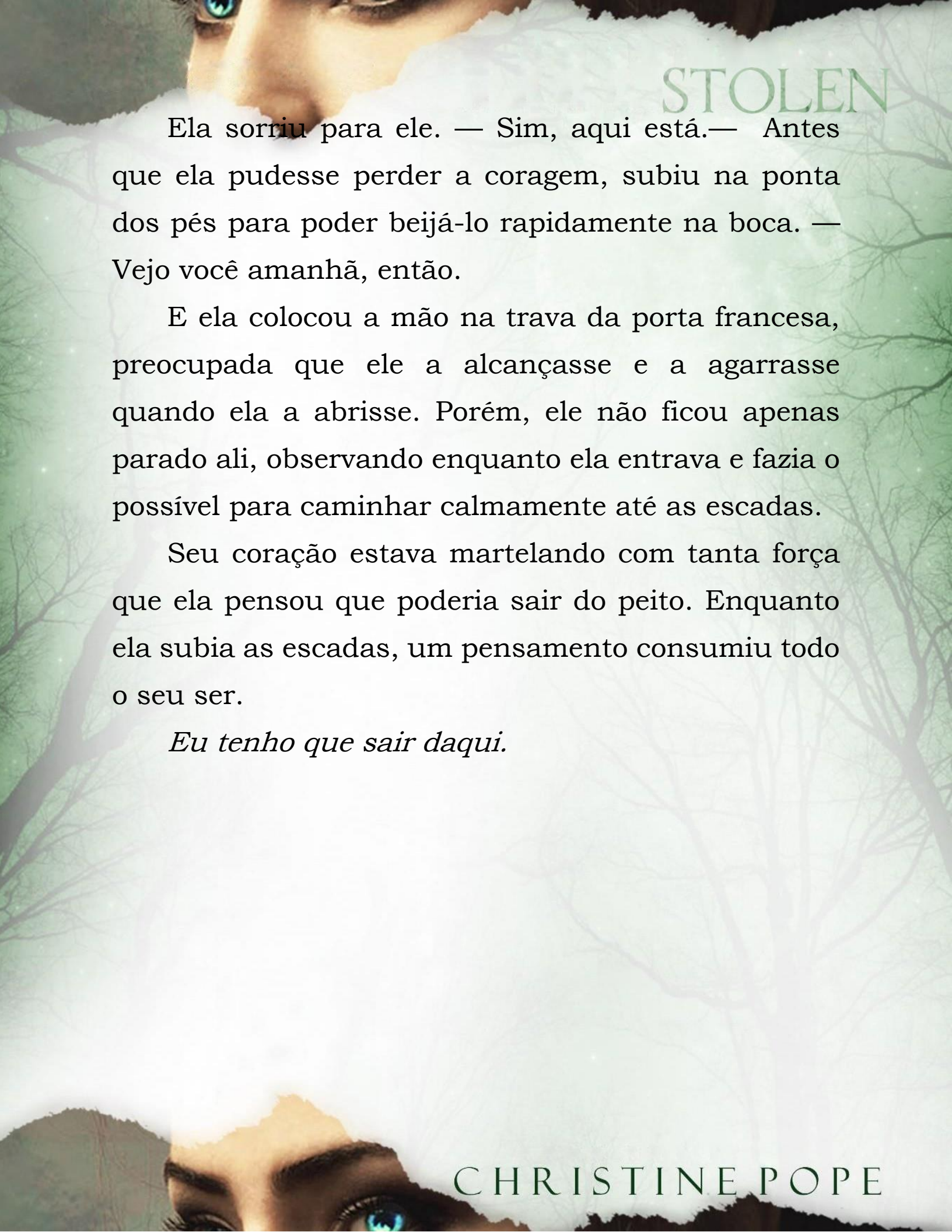
— Oh ... uau,— ela ofegou. — Eu não esperava isso.

— Você se importou?

— Não - não,— ela respondeu. — Foi - estava tudo bem. Mais do que bem— acrescentou ela às pressas ao ver o modo como os olhos do djinn começaram a se estreitar com o que ele aparentemente considerava elogios fracos. — Mas eu me sinto tão estranha. Meio tonta.— Para enfatizar suas palavras, ela apoiou uma mão contra as vidraças da porta francesa. — Eu acho - eu acho que preciso subir as escadas. Tudo bem?

Uma longa pausa, durante a qual Leila sentiu seu coração começar a bater mais forte. E se ele não a deixasse escapar? E se ele jogasse a tristeza nela novamente, a fim de empurrá-la para a cama? Ela tentou se proteger contra essa possibilidade, mas agora com isso aparecendo ...

Então Omar disse: — Está tudo bem. Você teve um longo dia. E sempre há amanhã, não é?.



STOLEN

Ela sorriu para ele. — Sim, aqui está.— Antes que ela pudesse perder a coragem, subiu na ponta dos pés para poder beijá-lo rapidamente na boca. — Vejo você amanhã, então.

E ela colocou a mão na trava da porta francesa, preocupada que ele a alcançasse e a agarrasse quando ela a abrisse. Porém, ele não ficou apenas parado ali, observando enquanto ela entrava e fazia o possível para caminhar calmamente até as escadas.

Seu coração estava martelando com tanta força que ela pensou que poderia sair do peito. Enquanto ela subia as escadas, um pensamento consumiu todo o seu ser.

Eu tenho que sair daqui.

CHRISTINE POPE

QUINZE

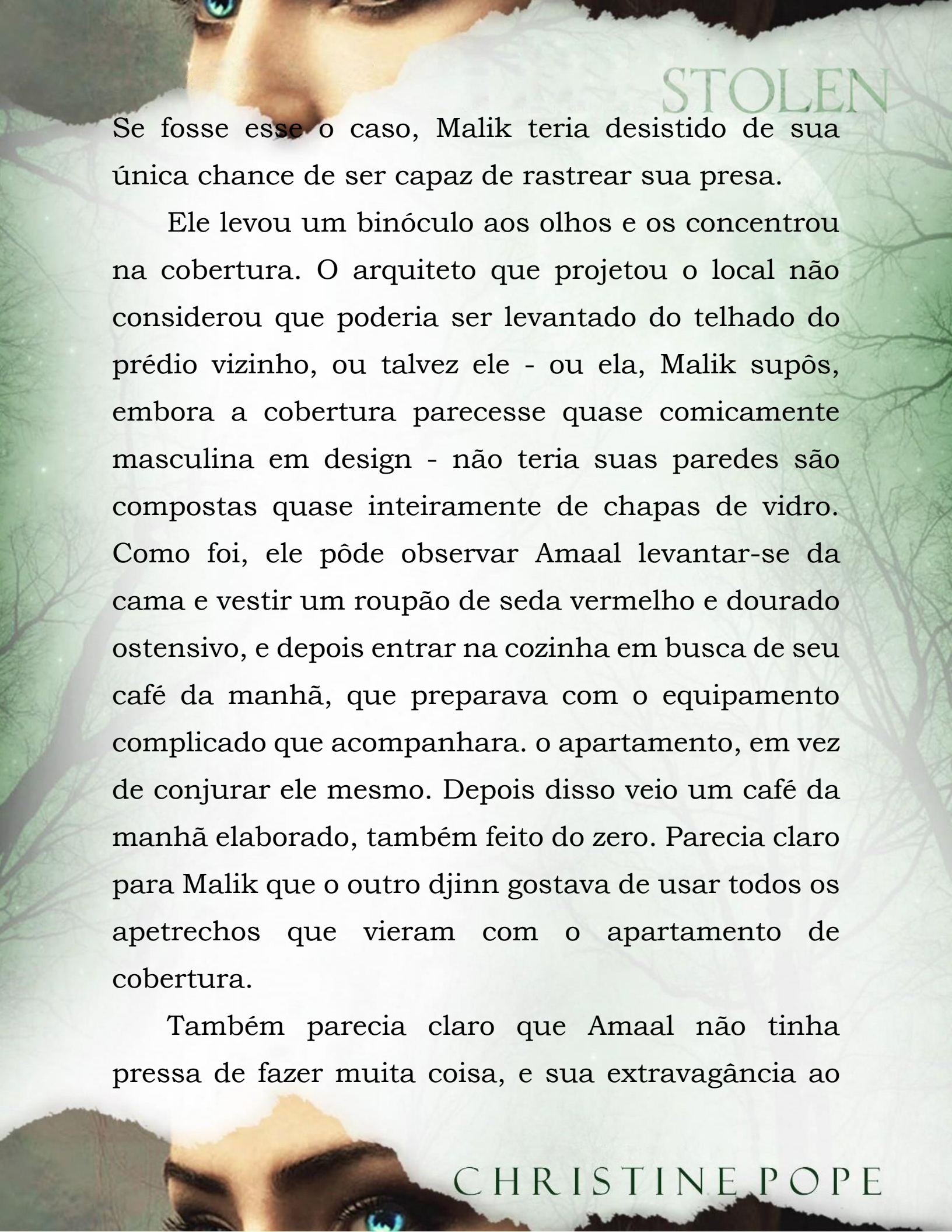
Na manhã seguinte , Malik viajou para o centro de Los Angeles. Não é muito cedo, porque ele sabia que Amaal não era muito madrugador. Na verdade, seu maior medo era que Amaal não tivesse motivos para deixar sua cobertura hoje, que ficaria o tempo todo escondido na luxuosa e luxuosa residência que havia tomado por conta própria.

Bem, se isso acontecesse, Malik retornaria no dia seguinte. E o próximo, mesmo que o pensamento de ter que esperar tanto tempo parecesse matá-lo. Mais cedo ou mais tarde, Amaal al-Tariq teria que se aventurar. E se não o fizesse, Malik inventaria algum tipo de ardil para convencer o outro djinn a deixar sua casa. Naquele momento, Malik prometeu a si mesmo que faria o que fosse necessário para rastrear o fogo elementar até o esconderijo de seu irmão.

A outra dificuldade seria colocar o pó nos sapatos de Amaal. Djinn não eram como mortais; na maioria dos casos, eles não tinham motivos para atravessar o limiar de suas casas, não quando podiam piscar para

fora de um local sem pensar duas vezes. Portanto, esgueirar-se pelo piso superior do prédio e borrifar a substância magnética no tapete em frente à porta da cobertura não faria muito bem. Malik teria que entrar na cobertura e espalhar o pó sem ser pego. Logisticamente, isso não deveria ter sido tão difícil, simplesmente porque Malik também podia piscar por dentro. Esse tipo de comportamento foi considerado muito rude entre o seu povo, a menos que a permissão fosse explicitamente concedida para entrar na residência de alguém. Ainda assim, ele pouco se importava com convenções no momento. Não era uma ligação social, mas sua única chance de localizar Leila.

Enquanto espreitava em cima do arranha-céu em frente ao prédio onde ficava a cobertura de Amaal, Malik pensou brevemente em esperar o outro djinn sair para que ele pudesse entrar na cobertura sem medo de ser detectado. Ele imediatamente abandonou essa noção, no entanto, qual o motivo da partida de Amaal para ir ao esconderijo de seu irmão?



STOLEN

Se fosse esse o caso, Malik teria desistido de sua única chance de ser capaz de rastrear sua presa.

Ele levou um binóculo aos olhos e os concentrou na cobertura. O arquiteto que projetou o local não considerou que poderia ser levantado do telhado do prédio vizinho, ou talvez ele - ou ela, Malik supôs, embora a cobertura parecesse quase comicamente masculina em design - não teria suas paredes são compostas quase inteiramente de chapas de vidro. Como foi, ele pôde observar Amaal levantar-se da cama e vestir um roupão de seda vermelho e dourado ostensivo, e depois entrar na cozinha em busca de seu café da manhã, que preparava com o equipamento complicado que acompanhara. o apartamento, em vez de conjurar ele mesmo. Depois disso veio um café da manhã elaborado, também feito do zero. Parecia claro para Malik que o outro djinn gostava de usar todos os apetrechos que vieram com o apartamento de cobertura.

Também parecia claro que Amaal não tinha pressa de fazer muita coisa, e sua extravagância ao

CHRISTINE POPE

perder tempo fez Malik querer cerrar os dentes em frustração. No entanto, como havia pouco que ele podia fazer, exceto vigiar e esperar, disse a si mesmo que a paciência era frequentemente recompensada e que certamente não tinha o luxo de poder ir embora.

Por fim, Amaal voltou para o quarto e desapareceu no banheiro anexo - que, felizmente, não tinha paredes de vidro.

Essa parecia ser a sua abertura. Malik não conseguia pensar em um momento melhor para se infiltrar no apartamento do que enquanto Amaal tomava banho, especialmente porque ele provavelmente transformaria isso em um evento tão importante quanto preparar uma xícara de café ou cozinhar uma omelete. Depois de pendurar o binóculo pela alça em volta do pescoço, ele piscou para dentro do apartamento, depois derramou às pressas algumas das limas magnéticas no chão do lado de fora da porta do quarto e novamente na cozinha. Como o anel de flu era de mármore preto com veios

cinza pálido, o cinza opaco do material em pó não aparecia muito mal.

Além disso, quem ficaria olhando para o chão quando tivesse aquela vista espetacular do lado de fora das janelas?

Malik piscou para si mesmo assim que ele ouviu a água no banheiro principal ser desligada. Mais uma vez espreitando pelas enormes pilhas de ar condicionado em cima do arranha-céu vizinho, ele trouxe os binóculos aos olhos. Ainda não havia sinal de Amaal, mas ele provavelmente gastou uma quantidade excessiva de tempo se acomodando, assim como fez todo o resto.

Eventualmente, no entanto, ele emergiu da suíte master, hoje em roupões em um tom escuro de tijolo vermelho. Ele andou a passos largos sobre as limalhas que Malik havia deixado para trás e depois foi para a cozinha se servir de outra xícara de café, aumentando assim o pó magnético que já havia se acumulado no fundo de suas botas. Por alguns momentos excruciantes, ele só ficou lá, tomando café

e olhando meditativamente para longe, embora Malik não tivesse ideia. Então Amaal pousou a caneca que estava segurando e rapidamente piscou para fora da vista.

A bússola, que estava no bolso das vestes de Malik esse tempo todo, começou a vibrar. Apressadamente, ele o puxou e viu que a pequena agulha vermelha estava apontando para o leste.

Leste era.

Ele deu um pequeno pulo no início, no mesmo bairro onde ele finalmente localizou Leila, já que sabia disso. Uma rápida olhada na bússola lhe disse que a agulha ainda estava apontando para o leste, tão claramente que Amaal havia viajado mais longe do que isso.

O próximo salto o levou a Pasadena, onde ele perdeu completamente a trilha de Leila por um tempo, graças à maneira como ela e seus companheiros sobreviventes se refugiaram nos túneis de vapor sob Caltech. Teria sido uma simetria estranha que a trouxe de volta aqui, mas outra

pesquisa apressada da área lhe disse que estava completamente vazia de alguém, humano ou djinn. Além disso, havia a agulha na bússola, ainda o puxando para o leste.

Isso o levou a um território inexplorado. O melhor que ele podia fazer era viajar para a rodovia e, em seguida, usar sua ampla extensão para ocupar grandes pedaços de distância, transportando-se para o ponto mais distante que podia ver, parando para se orientar e consultar a bússola, e depois viajando por outro três ou quatro milhas em um piscar de olhos.

Logo ele estava muito longe do interior, com a cordilheira de San Bernardino cada vez mais próxima. Era para onde Omar havia levado Leila? De certa forma, trazê-la para um lugar tão remoto fazia muito sentido, pois o único djinn por aqui seria aquele a quem foram concedidas terras nesta área, e assim eles seriam espalhados amplamente.

Montanhas eram bons esconderijos.

Seu próximo salto foi mais curto, pois a essa altura ele foi forçado a deixar a rodovia e seguir por

uma rodovia menor de duas pistas que subia as colinas. Porque ele só podia ver uma milha ou mais à frente, era o máximo que ele podia viajar a cada piscar de olhos. Pelo menos a bússola continuou a apontar tranquilizadamente para o leste, dizendo que ele ainda estava a caminho.

Se Yasir estava dizendo a verdade sobre a eficácia de seu feitiço, é isso.

Malik saltou de novo, dessa vez por uma estrada particular que se ramificava na estrada, que a essa altura era apenas uma pista em qualquer direção. Pinheiros, carvalhos e plátanos se amontoavam dos dois lados, mas a estrada particular estava em boa forma para uma área tão remota, coberta de cascalho fino que não parecia ter sido perturbado por algum tempo.

A piscada final o levou ao fim da pista, que se abriu em uma grande clareira dominada por um amplo e robusto uso de uma base de pedra elevada, com beirais afiados e uma parede de janelas de um lado e uma varanda profunda na o outro.

De pé naquela varanda estava Amaal al-Tariq.

Seus olhos se arregalaram em alarme quando avistou o visitante, mas Malik não deu tempo para reagir, piscando imediatamente para a varanda para que ele pudesse alcançar e agarrar o outro djinn pelos dois braços, empurrando-o contra a porta da frente.

— Onde ela está?

— Onde está quem?— Amaal respondeu, parecendo mais confuso do que qualquer outra coisa.

— Leila!— Malik se encolheu. Ele era uma polegada ou mais alta que o elemento fogo, e ele se levantou a toda a sua altura, rezando para parecer ameaçador o suficiente para que Amaal se sentisse compelido a responder.

Apesar dessa manobra, Amaal apenas balançou a cabeça. — Eu não sei do que você está falando!

Malik apertou seu aperto. — Eu acho que você faz. E acho melhor você me dizer ... a menos que queira se explicar aos anciãos.

Amaal empalideceu um pouco. Talvez a ameaça de Malik tivesse funcionado, ou talvez fosse

simplesmente porque o djinn não conseguia descobrir como Malik conseguiu rastreá-lo aqui, e então ele decidiu que correr não faria muito bem. Seja qual for o caso, ele deixou escapar: — Ela não está aqui. Ela nunca esteve aqui.

Os dedos de Malik se apertaram nos braços de Amaal. — Você está mentindo.

— Não, eu realmente não sou. Esta é a minha casa - a casa e a terra que os anciãos me deram. Omar não a trouxe aqui. Teria sido fácil demais para eles descobrirem.

Após um breve exame, essa parecia uma explicação plausível. — Então, onde eles estão?

— Em uma casa que ele ocupou em Pacific Beach. É o norte de San Diego— - acrescentou Amaal, prestativo, como se esperasse que sua cooperação continuada pudesse ajudar a dissuadir Malik de quebrá-lo sobre o joelho como um broto.

Na verdade, esse feito em particular pode ser bastante difícil de realizar. Amaal não era tão

musculoso quanto Malik, mas estava longe de ser magricela.

Praia do Pacífico. Norte de San Diego. Ele provavelmente estava muito perto da casa em questão na noite passada, quando foi visitar Yasir, nunca sabendo que a mulher que amava estava sendo mantida a poucos passos de distância. Por que Omar havia morado em uma casa tão perto da comunidade de Escolhidos e djinn em La Jolla, Malik não sabia ao certo. Muito possivelmente, era apenas o jeito dele de enfiar o nariz naqueles que escolheram seguir as regras. Suas chances de descoberta não eram tão grandes, porque os habitantes dessas comunidades geralmente não viajavam muito longe. Talvez os riscos potenciais envolvidos tivessem tornado a situação muito mais emocionante para Omar, a possibilidade de descoberta dando a suas atividades ilícitas um recorte extra de excitação.

A situação era tão absurda que Malik queria rir. No entanto, ele decidiu que era melhor não desperdiçar sua energia.

— Onde em Pacific Beach?

— Perto da Mission Boulevard e de alguma rua lateral - não me lembro como se chama. Há uma fila de casas, no entanto. Se você for muito longe para o norte, encontrará um restaurante.— Amaal fez uma careta e acrescentou: — Você pode deixar ir agora. Você tem as informações que queria.

Lentamente, Malik soltou o bíceps de Amaal. — É melhor você estar me dizendo a verdade.

— Eu sou.— O outro djinn deu de ombros, fazendo o possível para parecer indiferente. — Tentei avisar Omar que isso não terminaria bem, mas ele nunca me escuta.

— Não, nem para mais ninguém, pelo que pude dizer.— Malik se virou, preparando-se para voltar para a casa de Malibu, onde poderia consultar um mapa e seguir seu caminho, mas a voz de Amaal o deteve.

— Como você fez isso?

— Fazer o que?

— Encontre-me aqui. Ninguém sabe sobre esse lugar.

Malik deu um sorriso sombrio. — Eu tive uma ajuda mágica. No futuro, porém, você deve pensar duas vezes em ajudar e favorecer um sequestrador. Os anciãos não ficarão felizes com o que você fez.

Ele elevou os ombros. — Talvez não. Eu acho que a maior parte da ira deles estará focada no meu irmão, no entanto.

Essa foi provavelmente uma avaliação precisa da situação. No entanto, Malik não teve mais tempo de sobra para Amaal, ou se preocupar com seu possível castigo.

Leila estava esperando, em uma casa em Pacific Beach.

Para sua surpresa, ela dormiu muito melhor do que esperava. Possivelmente isso foi por causa do murmúrio das ondas a poucos metros da casa, ou talvez fosse apenas porque ela estava tão malditamente vermelha. Além disso, se Omar tivesse

decidido vir para o quarto dela e forçar-se, não havia muito o que ela pudesse ter feito.

Feche os olhos e pense no apocalipse.

Leila estremeceu, depois se levantou da cama e ficou em silêncio por um momento, ouvindo os sons da casa ao seu redor. Havia o rugido sempre presente das ondas, é claro, e o grito das gaivotas. Mas então ela também ouviu um barulho vindo da direção da cozinha. Omar, ela adivinhou, fazendo café ou café da manhã. Ou melhor, usando seus poderes para conjurar ovos beneditinos ou o que você tem.

De qualquer forma, parecia que ele estava ocupado no momento. Ela foi ao banheiro e vasculhou as gavetas, finalmente localizando um clipe que ela poderia usar para tirar o cabelo do cabelo. Desde que ela lavou a roupa no dia anterior, não havia sentido em perder tempo hoje.

Além disso, quanto menos tempo ela estivesse nua e vulnerável no chuveiro, melhor.

Ela saiu em menos de cinco minutos. Toalha a envolveu, Leila voltou para o quarto e localizou

roupas íntimas limpas em uma das gavetas da cômoda, um sutiã novo em outra. As roupas que Omar selecionou para ela devem ter sido roupas de djinn - jaquetas compridas em brocados sumptuosos, para serem usadas em blusas de algodão largas em sedas de peso mais leve. Bonito, mas não muito prático ... e nem os chinelos de joias que os acompanhavam.

Ainda assim, calças largas de seda provavelmente eram marginalmente melhores para tentativas de fuga do que saias longas e esvoaçantes. Agora que o sol estava brilhando, alegre e aparentemente sem se importar com o fato de o mundo ter mudado de mãos nos últimos meses, ela pôde ver mais uma vez o quão perto as casas naquele trecho da orla da praia estavam próximas. Na verdade, ela achava bastante provável que pudesse saltar de um telhado para outro, se a oportunidade surgisse.

Por outro lado, ela nunca fora muito boa em altura. Ela provavelmente deveria criar uma rota de fuga alternativa.

— Leila! — A voz de Omar subiu as escadas, alta, imponente. — Você está acordada? Eu ouvi a água correndo.

Ela foi até a porta e a abriu. — Sim, estou acordada. Vou descer em um momento.

— Boa.

Não havia tempo para se maquiar - se Omar tinha fornecido -, mas talvez fosse melhor assim. Ele podia vê-la sem uma pitada de rímel ou brilho labial e depois decidir por si mesmo se ela era realmente tão bonita quanto ele alegava que era.

Respirando fundo, ela se obrigou a descer as escadas. A luz do sol penetrava pelas janelas, e o Oceano Pacífico era profundo, azul profundo, coberto de geadas de açúcar.

Apesar de sua situação atual terrível, Leila podia sentir seu ânimo se animar. Era difícil sentir-se muito severa em uma manhã como essa. Certamente Omar não tentaria nada com o sol brilhando tão intensamente. Era difícil escapar da luz assim. O tipo

de coisa que ele provavelmente planejara era muito melhor realizado no escuro.

Ela passou pela sala de jantar e viu que a mesa estava tão limpa e vazia quanto a deixara na noite anterior. Aparentemente, o — anfitrião— dela oferece um ambiente muito elevado para o café da manhã. Quando ela entrou na cozinha, ela viu que seu palpite estava certo, porque dois lugares foram colocados na ilha no meio da sala. Omar estava junto ao balcão, derramando café em alguns minutos. Sem se virar, ele disse: — Bom dia.

— Bom dia,— respondeu ela, esperando parecer animada e ansiosa por um dia com ele, quando na verdade o exato oposto era verdade. Qual foi a melhor maneira de jogar isso? Eles trocaram um beijo - ou pelo menos, ele o forçou -, então o relacionamento deles mudou sutilmente. Provavelmente, a coisa mais inteligente a fazer era ser amigável, mas também agir um pouco estranho e envergonhado, como se ela não soubesse o que fazer depois de compartilhar essa intimidade com ele.

Omar veio até ela, canecas em cada mão. — Eu presumi que você iria querer um café.

— Morrendo por alguns, na verdade,— respondeu ela, empregando um sorriso hesitante, um breve olhar para baixo, sugerindo que estava tendo dificuldade em encontrar os olhos dele.

Ele não sorriu exatamente, mas ela detectou uma contração em um canto da boca, um brilho naqueles brilhantes olhos azuis. Ah, sim, ele notou a reação dela e pareceu estar satisfeito com isso.

Boa. Ela queria que ele pensasse que tinha se amolecido com ele, ao mesmo tempo em que estava confuso com o que deveria fazer sobre sua transferência de afeto. Ela levou o café aos lábios e soprou suavemente. Omar não perguntou se ela queria creme ou açúcar; o café era preto, do jeito que ela gostava, mas é claro que ele não sabia disso.

Arrogante. Felizmente, ela tinha muita experiência em lidar com homens arrogantes.

— Está um dia lindo,— ela ofereceu.

Seu olhar se voltou para a janela e depois voltou para ela. — Sim. Talvez possamos caminhar na praia depois do café da manhã.

— Parece uma ótima ideia.

Um aceno que parecia indicar que ele estava satisfeito com a aparente aceitação dela da situação.

— Você dormiu bem?

— Como um bebê. O som do oceano é tão reconfortante, sabia? Eu costumava ter um daqueles geradores de ruído branco que pareciam ondas, mas não é a mesma coisa.

— Então, estou feliz por ter escolhido um lugar onde você possa apreciar o som das ondas.— Ele largou a caneca e estalou os dedos. Imediatamente, um conjunto de pratos apareceu nos jogos americanos que ele colocou na terra, ambos amontoados com ovos, frutas e torradas. — Acredito que esse é o tipo de comida que seu pessoal gostava de comer para quebrar o jejum.

— Oh, sim - isso parece ótimo.— Sorrindo para ele, ela pegou sua caneca e foi até a ilha, depois pegou

um banco e sentou-se. Ele o seguiu, sentando-se ao lado dela.

Hoje ele usava uma túnica em um tom azul profundo de cobalto, enfeitada em prata. Isso destacou a cor dos olhos dele, mas Leila não se importava muito com isso. O que ela se importava era como ele havia habilmente manobrado sua longa túnica para fora do caminho enquanto se sentava no banquinho, a graça descuidada com a qual ele se movia. As pernas dele eram muito mais longas que as dela; não exigiria muito esforço para alcançá-la.

E isso nem contava como os djinn podiam piscar de um lugar para outro, e o modo como alguns deles podiam voar, como enormes aves de rapina. Omar era um elemental do ar e, portanto, ele deve ter essa capacidade. Ele estaria nela como um falcão voando sobre um rato.

Tem que haver alguma maneira, ela pensou ferozmente. *Só não pensei nisso ainda.*

— Isso é ótimo,— disse ela, depois de comer alguns ovos. — É muito mais fácil quando você pode

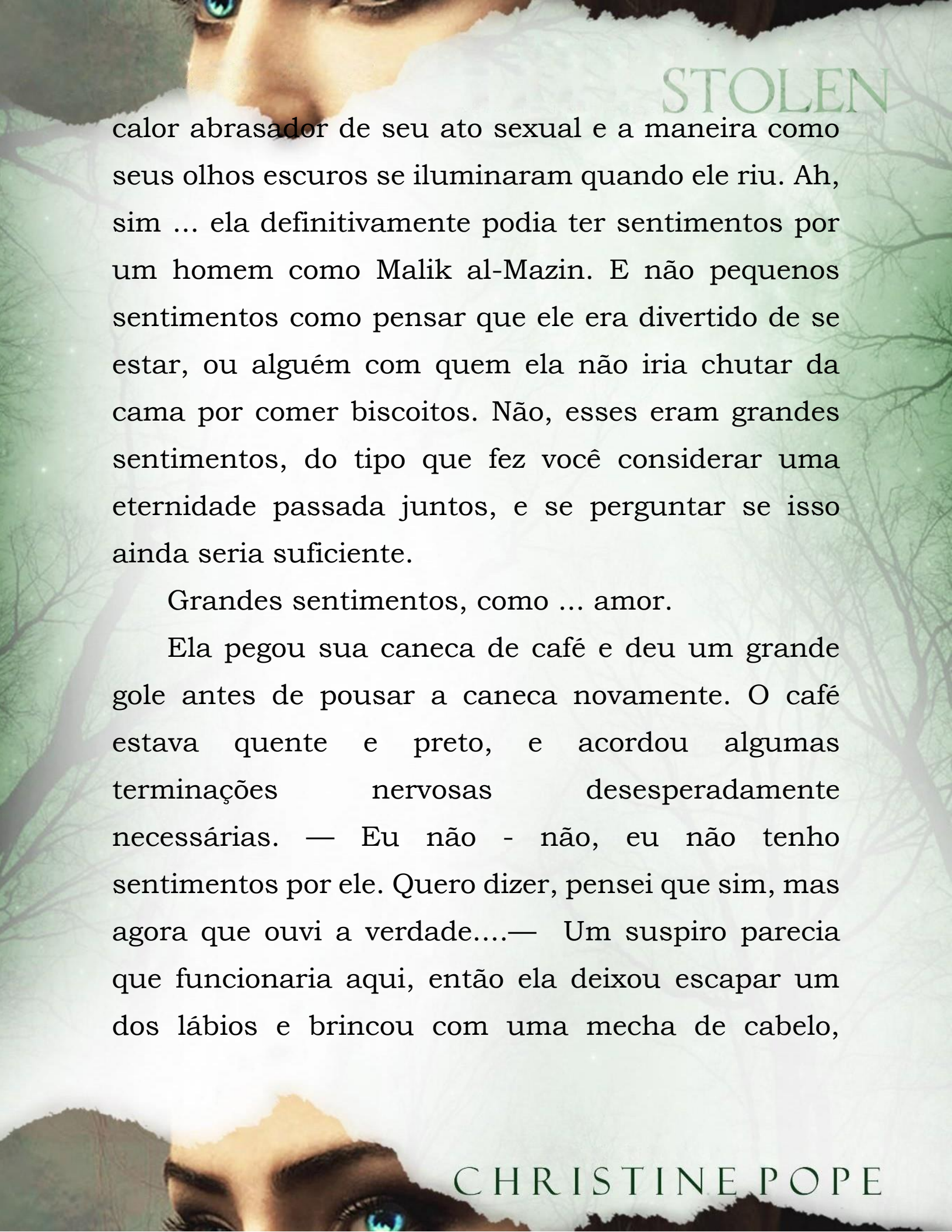
simplesmente estalar os dedos e conseguir qualquer coisa que queira comer.

— Isso tende a simplificar as coisas,— respondeu Omar. Ele bebeu um pouco de café e pousou a caneca de volta. — Você pensou no que discutimos ontem à noite?

— Eu — Ela parou lá e fingiu olhar pela janela. A cozinha dava para um pequeno pátio fechado, exuberante com cestos pendurados de fúcsia e petúnias. Considerando os pequenos lotes que essas casas de praia ocupavam, ela imaginou que o pátio fosse o único — quintal— que este lugar possuía. — Eu fiz um pouco. Quero dizer, ainda não tenho certeza do que pensar.—

— Pense apenas na verdade da questão,— ele disse suavemente. — Quero o melhor para você e Malik al-Mazin não. Tudo o que ele lhe disse era uma mentira. Certamente você não pode ter sentimentos por um homem assim.

Leila pensou na maneira gentil como Malik a sustentava, em sua franqueza, em sua compaixão. O

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. The image is partially obscured by a torn paper effect at the top and bottom. The background is a soft green color with faint, dark green outlines of trees or foliage.

STOLEN

calor abrasador de seu ato sexual e a maneira como seus olhos escuros se iluminaram quando ele riu. Ah, sim ... ela definitivamente podia ter sentimentos por um homem como Malik al-Mazin. E não pequenos sentimentos como pensar que ele era divertido de se estar, ou alguém com quem ela não iria chutar da cama por comer biscoitos. Não, esses eram grandes sentimentos, do tipo que fez você considerar uma eternidade passada juntos, e se perguntar se isso ainda seria suficiente.

Grandes sentimentos, como ... amor.

Ela pegou sua caneca de café e deu um grande gole antes de pousar a caneca novamente. O café estava quente e preto, e acordou algumas terminações nervosas desesperadamente necessárias. — Eu não - não, eu não tenho sentimentos por ele. Quero dizer, pensei que sim, mas agora que ouvi a verdade....— Um suspiro parecia que funcionaria aqui, então ela deixou escapar um dos lábios e brincou com uma mecha de cabelo,

CHRISTINE POPE

envolvendo-a em torno de um dedo. — Isso é difícil, Omar. Quando você me beijou ontem à noite....

Suas sobrancelhas se uniram quando seus olhos azuis assumiram uma luz dura e faminta. — Sim?

— Eu... eu não achei que reagiria assim. Eu realmente não sou o tipo de pessoa que costumava ir de um homem para outro. Mas você me fez sentir....

— Sente o que, Leila?.

Ele queria beijá-la novamente. Ela tinha visto aquele olhar em muitos rostos antes. A questão era: ela se atreveu a deixá-lo? A última coisa que ela queria era que ele insistisse mais no assunto do que ela estava disposta a levá-los. Este café da manhã não podia terminar com ele tentando levá-la para a cama. Isso não daria certo - ela ainda não tinha um plano para lutar com ele.

— Como se eu quisesse aquele beijo.— Ela olhou para longe dele, encostou no prato, embora não fizesse nenhum movimento para tocar qualquer comida ali. Como tudo o que ela havia feito até agora, proferir suas próximas palavras era um risco

calculado. No entanto, ela tinha que fazê-lo pensar que havia capitulado, mesmo que não estivesse pronta para admitir isso para si mesma. — Como eu queria você.

— Leila.— O nome dela era apenas um sussurro em sua respiração. Ele se inclinou para mais perto, e ela sabia, sem dúvida, que ele iria beijá-la e que não havia nada que ela pudesse fazer sobre isso, exceto brincar junto e esperar que ele estivesse satisfeito com um beijo por enquanto.

Ele tinha gosto de café, mas então, ela provavelmente também. Assim como na noite anterior, sua técnica era decente o suficiente. Mesmo assim, ela teve que se forçar a não recuar, não fechar a boca e se afastar.

É tudo um ato, é que ele disse a si mesma. Apenas vá com isso.

As mãos dele estavam nos ombros dela, segurando-a onde ela estava sentada, impedindo-a de se afastar. Ela se sentou lá, enquanto ele continuava

a beijá-la, e então, quando ele terminou, forçou o que esperava ser uma milha a mil.

— Uau.— Então ela riu e balançou a cabeça. — Foi o que eu disse ontem à noite, não é?.

— Sim, mas não há mal em ter essa reação.— Seu olhar a percorreu, permanecendo no decote profundamente cortado da jaqueta de brocado que ela usava. Leila não se mexeu, fingiu estar alheia ao desejo nu em seu rosto, embora a comida que ela tinha comido revirasse em seu estômago.

Por favor, Deus, não deixe que ele me toque de novo.

Infelizmente, parecia que Deus estava ocupado em outro lugar, porque Omar estendeu a mão e passou um dedo sobre a pele exposta do antebraço, acariciando-a. Um calafrio passou por seu corpo, embora, a julgar pela maneira como ele sorria para ela, lenta e lascivamente, ela adivinhou que ele pensava que era um arrepio de desejo e não um arrepio de repulsa.

— Posso pensar em algo melhor para fazer do que caminhar na praia,— disse ele.

— Oh?— ela respondeu, fazendo de boba. — O que é isso?

— Eu acho que você sabe.

Mais uma vez, ela forçou uma risada nervosa. — Eu não tenho certeza, Omar -

No mesmo instante, a mão dele apertou o braço dela. — Do que você não tem certeza?

— Eu — ela piscou, se perguntando quanto tempo ela poderia extrair essa falsa confusão, fazê-lo pensar que ela realmente estava em conflito por dormir com ele. Nenhuma confusão real lá; ela prefere esquivar djinn assassino nas ruas do centro de Los Angeles novamente a sofrer esse tipo de atenção dele. — É tão rápido, só isso. Quero dizer, você só me trouxe aqui ontem.

— Por que demora, quando você sabe que nós dois estávamos juntos?

Oh inferno. Ela não tinha ficado muito chateada com Malik porque, apesar de tudo, apesar de toda a

dor da perda que havia sofrido, ela também sabia em seu intestino que queria estar com ele. Bem, seu intestino estava conversando com ela agora, embora estivesse contando uma história muito diferente da que havia contado sobre Malik.

O aperto de Omar aumentou. — Espero que você não esteja brincando comigo, Leila.

Droga. Claramente, as táticas de atraso não estavam mais funcionando. Omar sabia o que queria, e aquilo era ela. No momento em que ela o encarava, ela podia sentir o brilho do glamour descer novamente. No entanto, se ela fingisse ceder dessa vez, estaria consentindo muito mais do que apenas um beijo.

Não.

Seu corpo se rebelou, e o instinto assumiu. Ela nem parou para pensar no que estava fazendo, apenas puxou a caneca de café quente e jogou direto na cara dele. Com os olhos arregalados de choque, ele soltou o braço dela, e ela se levantou do banquinho e correu da cozinha, arremessando-se pelo corredor e

entrando na sala de estar, correndo para os franceses

Atrás dela, ela ouviu o grito enfurecido dele. —
Leila!

Olhar para trás só desperdiçaria tempo. Seus dedos encontraram a trava na porta e a giraram, e então ela correu pelo convés e entrou na praia. Quase imediatamente, aqueles sapatos bobo de joias que ela usava começaram a deslizar de seus pés, e ela tropeçou. Sem parar, ela os chutou e continuou correndo, a areia fresca contra os dedos dos pés nus.

Uma sombra apareceu no alto. Omar, levando ao ar para persegui-la. Ela já estava se arrependendo de como o atacara, mas se comprometera com esse voo e não conseguia parar agora.

No momento seguinte, ela percebeu que tinha pouca escolha no assunto, porque ele disparou no alto e depois se abaixou no chão na frente dela, bloqueando seu caminho. A princípio, ela achou que o rosto dele estava cheio de fúria por causa do ataque, mas então percebeu que a pele dele estava

avermelhada e manchada, graças a um borrito daquela caneca cheia de café quente. Ela curaria, ela sabia, porque Malik havia dito a ela que os djinn tinham imensos poderes de cura. Enquanto isso, entretanto, provavelmente doeria como uma cadela.

Todos aqueles meses de evasão de capturas a mantinham em boa posição agora, pois, em vez de esbarrar em Omar, onde ele se plantara na frente dela, ela ziguezagueou para a direita e procurou a propriedade ao lado da casa onde ele foi escondido. O pátio dos fundos estava cercado, mas o portão estava entreaberto, provavelmente deixado por quem havia entrado ou saído pela propriedade pela última vez. Seu plano era confuso, na melhor das hipóteses, embora ela esperasse poder entrar e encontrar um veículo antes que o djinn enfurecido a alcançasse.

No entanto, ela apenas deu alguns passos antes que uma forma alta se materializasse à sua frente, fazendo-a parar derrapando. A adrenalina alimentada pelo terror explodiu através dela - até que ela

percebeu que o homem que bloqueava seu caminho era familiar e querido.

Ela correu para os braços de Malik, enquanto Omar descia a alguns passos de distância, seu rosto ainda mais vermelho agora, vermelho com uma combinação de dor e fúria.

— Você não a terá, al-Mazin,— ele cuspiu.

— Bem,— Malik retornou, sua voz mais forte do que Leila já tinha ouvido. — Nós apenas teremos que ver sobre isso.

Quando ele viu Leila correndo aterrorizada, com os pés descalços na areia, os cabelos compridos um fio de seda preta atrás dela, um furor de Malik como nenhum que ele já havia experimentado antes. Sim, ele sabia que Omar al-Tariq devia tê-la, e ainda assim a realidade da situação dela não chegara em casa até ele aparecer na praia e avistar o voo desesperado de seu captor. Graças a Deus ela estava perto o suficiente para correr direto para ele, para que ele pudesse protegê-la. E embora a fúria que percorresse suas veias o fizesse querer estender a mão e arrancar al-Tariq de galho, Malik se forçou a um pouco de calma. Havia uma maneira correta de fazer isso, que satisfaria as leis de seu povo.

— Você vai me encarar agora, Omar al-Tariq,— ele chamou. — Você fugiu dessa luta antes, mas não vai mais correr.

O rosto de Al-Tariq se contorceu de raiva. — Eu não corri,— ele respondeu. — Apenas percebi que esse mortal não valeu o esforço.

Leila se libertou dos braços de Malik, embora permanecesse em pé muito perto dele, perto o suficiente para que ele duvidasse de que Omar tentaria alcançá-la e levá-la. A raiva levou um rubor às bochechas e sussurrou: — Se eu não valia o esforço, por que me roubar de Malik? Por que tentar me convencer de que eu deveria estar com você e não com ele? Parece muito trabalho sem motivo real.

— Você era um peão, nada mais,— disse Omar friamente.

— Nesse caso, você não tem mais nada a dizer a ela,— Malik disse a ele. — Eu desafiei você a combater, e não há razão para adiar.

As narinas de Omar se abriram em desgosto. — Ela não vale a pena brigar.

Quando ele respondeu a esse comentário fraco, Malik não se incomodou em esconder seu desprezo. — Covarde. Encare-me, ou seu nome será ainda mais manchado do que já é.

— Muito bem,— Omar zombou. — Quando você perder, e eu reivindiquei este mortal para usar como eu quiser, você vai se arrepender de me provocar.

Palavras calcadas para irritá-lo ainda mais. Malik ignorou a provocação sobre Leila, sabendo que uma batalha entre djinn exigia tanto esforço mental quanto físico, pois esses duelos eram sobre colocar seus poderes um contra o outro para ver quem prevaleceria. O ar novamente na água poderia ser complicado, embora ele achasse que tinha a vantagem, graças à localização atual.

No entanto, havia apenas uma maneira de descobrir com certeza.

Omar atacou primeiro, chamando os ventos da costa para golpear o corpo de Malik. Acima do uivo daquele vento, ele podia ouvir o suspiro assustado de Leila, mesmo quando ela começou a se mover em direção a ele, claramente desejando ajudar.

Ele precisava se afastar dela. Embora Malik soubesse que ele não faria nada que pudesse prejudicá-la, ele não poderia dizer o mesmo para o

oponente. Sempre havia a chance de que ela fosse acidentalmente ferida por um ataque destinado a ele.

Sem pensar, ele piscou para longe, reaparecendo na beira da água. A risada zombeteira de Omar se seguiu.

— Já está fugindo?— o elementar do ar o provocou. — Ora, isso foi pouco mais que uma brisa de verão. Vamos ver o que você pensa sobre isso.

O ar girou, coletou, tornou-se quase sólido, um vórtice giratório se movendo em sua direção rapidamente. Malik não vacilou, sabendo que agora estava perto da fonte de seu próprio poder. Outro turbilhão apareceu, este não era de vento algum, mas uma bica de água que subiu a costa e se conectou ao tornado de Omar. A água espirrava por toda parte, mas enquanto ele observava, Malik viu a água derreter o tornado, separando o chá dos ventos que o compunham até que desabou e desapareceu.

— Bem, isso é alguma coisa,— observou Omar, a nota sarcástica ainda clara em sua voz. Ele parou a alguns metros de distância da beira da água, postura

cautelosa ao considerar seu oponente. — Mas acho que não basta.

Mais vento veio assobiando do nada, atacando Malik com a força de mil punhos invisíveis. Ele resmungou e voltou para a água, certificando-se de que seu retiro aparecesse como se não pudesse invocar nenhum tipo de defesa adequada. Omar se aproximou, sentindo claramente o triunfo.

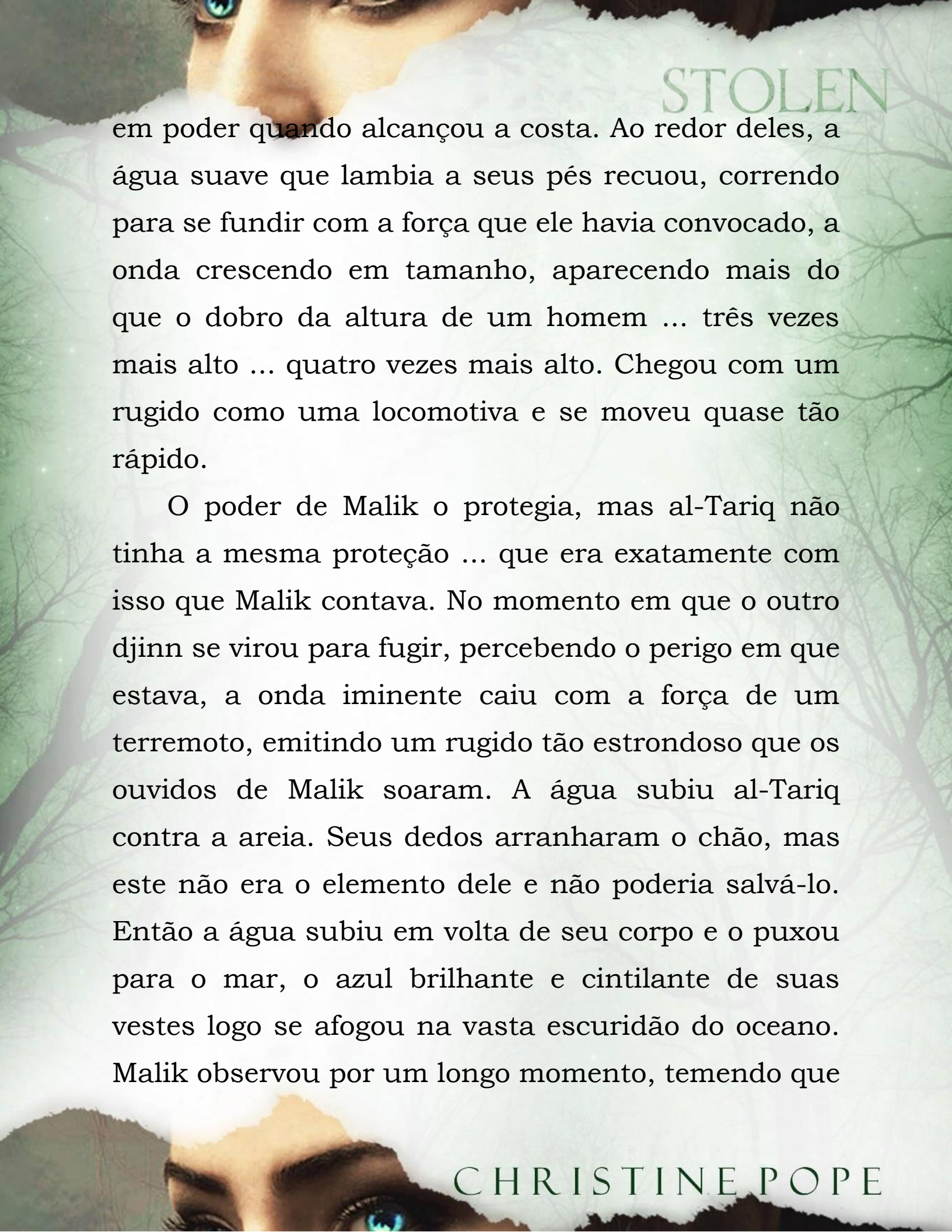
Boa.

Os ventos atacantes doíam, mas Malik os ignorou. Qualquer que fosse a lesão que Omar causasse, ele sabia que logo se curaria. Ele se dobrou, estremecendo quando os ventos rasgaram seus cabelos, chicoteando as areias, de modo que pareciam estar esfregando a pele de sua carne.

Lá. Agora, os dois pés de al-Tariq estavam firmemente plantados na água, pequenas ondas correndo sobre eles.

Era tudo o que Malik precisava.

Esse oceano era faminto, frio, forte e totalmente sem piedade. A onda veio das profundezas, crescendo

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, focusing on her eyes and nose, which are partially obscured by a white, torn-paper-like border. The background is a soft green with faint, dark outlines of trees or foliage. The word "STOLEN" is written in a large, green, serif font in the upper right corner.

STOLEN

em poder quando alcançou a costa. Ao redor deles, a água suave que lambia a seus pés recuou, correndo para se fundir com a força que ele havia convocado, a onda crescendo em tamanho, aparecendo mais do que o dobro da altura de um homem ... três vezes mais alto ... quatro vezes mais alto. Chegou com um rugido como uma locomotiva e se moveu quase tão rápido.

O poder de Malik o protegia, mas al-Tariq não tinha a mesma proteção ... que era exatamente com isso que Malik contava. No momento em que o outro djinn se virou para fugir, percebendo o perigo em que estava, a onda iminente caiu com a força de um terremoto, emitindo um rugido tão estrondoso que os ouvidos de Malik soaram. A água subiu al-Tariq contra a areia. Seus dedos arranharam o chão, mas este não era o elemento dele e não poderia salvá-lo. Então a água subiu em volta de seu corpo e o puxou para o mar, o azul brilhante e cintilante de suas vestes logo se afogou na vasta escuridão do oceano. Malik observou por um longo momento, temendo que

CHRISTINE POPE

seu adversário pudesse se libertar da água, apesar de sua imensa força, mas ele não viu nada, nem brilho de vestes azuis, nenhum movimento além do das ondas.

Então Leila estava correndo em sua direção, o rosto branco acima da glória berrante das roupas vermelhas e douradas que ela usava. — Meu Deus, Malik! Você está bem?

— Eu estou bem,— disse ele. Na verdade, ele estava cansado, sem fôlego, como se tivesse acabado de correr. Ele tropeçou no caminho de volta à terra seca, indo encontrar o seu escolhido para que ele pudesse pegar a mão dela. — Venha - devemos nos afastar da linha de água.

— Por quê?— ela perguntou, agarrando-se a ele, claramente querendo ter certeza de que não havia chance de se separarem novamente. No entanto, ela parecia saber que deveria prestar atenção às suas palavras, pois acompanhou-o enquanto ele cambaleava pela areia, colocando a maior distância possível entre eles e a água.

— Você vai ver.

A onda voltou correndo, não tão alta desta vez, mas quase tão feroz quanto procurou preencher o vácuo que havia deixado para trás. A água batia na costa, subindo cada vez mais alto. Os olhos de Leila se encheram de alarme, e ela segurou o braço de Malik, quase o arrastando para um terreno mais alto e seguro.

Não poderia chegar tão longe, então ele parou, Leila ainda se agarrando a ele. Enquanto ele observava, a água se afastou mais uma vez, mas desta vez com mais suavidade, o ritmo normal da maré saindo para o mar.

— O oceano tem grande poder,— disse ele calmamente. — Eu só precisei pedir ajuda para me ajudar. Isso foi algo que Omar esqueceu, ou talvez ele nunca soubesse. Sim, nós djinn da água às vezes somos mais limitados em nossos poderes, pois não temos a fonte de nossa força ao nosso redor o tempo todo, como os elementais do ar e da terra. Mas quando a água está próxima, mesmo nas menores

quantidades, pode vir com uma força para abafar todas as outras.

Enquanto falava, ele viu um brilho de azul brilhante na areia. Quando as ondas recuaram, o mar deixou sua vítima para trás.

— É ele...?— Leila começou, depois parou, com a voz baixa.

— Sim. Nós djinn somos fortes, mas nossa força não é páreo para o poder das ondas. Omar estava muito confiante ..., mas, então, pretendia que ele pensasse que estava no controle.

— Então você não estava realmente machucado?— Ela inclinou a cabeça para ele, olhos azuis escuros quase da mesma cor do mar cintilante a poucos metros de distância. — Eu quase corri até você para tentar ajudar, estava tão preocupada.

— Estou feliz que você não fez.— Os dedos dele apertaram os dela. Sua pele estava fria do ar selvagem do mar, mas Malik não se importava. Ele podia sentir a força do espírito dela nos finos dedos entrelaçados com os dele, sentir a ferocidade de seu amor, e isso

era o suficiente para ele. — E sim, ele estava me machucando, embora não tão mal quanto ele pensava. Ele queria se aproximar e se gabar, e isso era tudo que eu precisava. Uma vez que ele ficou na água, ele ficou bem.

Leila assentiu, embora ele não tenha visto nenhuma satisfação real em sua expressão, apenas uma espécie de preocupação abstrata. — Suponho que não havia outro caminho.

Os olhos de Malik se estreitaram quando ele a encarou. — Certamente você não acha que ele deveria viver, depois de tudo o que ele havia feito. Você certamente não foi sua primeira vítima.

— Não é isso não.— Ela respirou fundo e disse: — É mais que eu gostaria que você não tivesse que ser o único que o matou.

Ah, então ela só estava preocupada sobre como a responsabilidade pela morte de al-Tariq poderia pesar sobre ele. Malik começou a puxá-la para perto, mas então ele endureceu e se levantou, pois, um grupo de três figuras apareceu de repente diante deles na areia.

Dois homens e uma mulher, seus longos cabelos ruivos soprando na brisa.

Os mais velhos.

Leila não tinha ideia de quem eram as três pessoas - os três djinn - que acabaram de se materializar na frente delas, mas ela imaginou que elas deviam ser importantes, a julgar pela maneira como Malik parou, depois ergueu o queixo e ergueu os ombros. Um deles, na verdade, tinha uma pitada de cinza em seus cabelos, o único sinal de envelhecimento que ela já vira em um djinn. A mulher era linda, com lindos cabelos cor de cobre que caíam até a cintura. O terceiro djinn, outro homem, era alto, bonito e de cabelos escuros, mas foram os dois primeiros que chamaram a atenção de Leila.

— Anciões,— disse Malik, curvando-se um pouco da cintura.

Estes eram os anciãos? Eles com certeza não pareciam mais velhos, apesar do cinza no cabelo do djinn. Ela deveria se curvar também? Leila não sabia

o que deveria fazer consigo mesma, por isso ficou quieta ao lado de Malik e esperou que nenhum deles notasse seus pés descalços, sua completa falta de maquiagem.

— Malik al-Mazin,— disse o de cabelos grisalhos. Seu olhar se voltou para o corpo de Omar, que ficava na linha de água a algumas dezenas de metros, embora sua expressão nunca mudasse. — Parece que sua pontuação foi finalmente acertada.

— Só porque al-Tariq forçou minha mão,— respondeu Malik. Ele parecia mais resignado do que preocupado, o que Leila achou que deveria ser um bom sinal. Certamente esses anciãos não o puniriam por agir em legítima defesa? Dada a situação, não havia muita coisa que ele pudesse ter feito, exceto lutar com Omar. Pelo que Malik havia dito pouco antes de os dois começarem a brigar, parecia que esse tipo de — duelo— era como os djinn costumavam resolver suas diferenças.

— Oh, nós sabemos,— disse a ruiva. Ela tinha uma voz baixa e calma, mas Leila pensou ter notado

uma pitada de diversão no tom da mulher djinn. — Para um homem que não queria brigar, ele tinha uma maneira estranha de lidar com seus negócios.

Malik inclinou a cabeça. — Era inevitável, suponho.

— Sim.— A anciã mudou um pouco, seu olhar se movendo em direção a Leila. — E você não se machucou, Leila Donovan?

Leila não pôde deixar de começar um pouco com a pergunta. Como eles sabiam o nome dela? Mas então, esses idosos pareciam saber muito, então ela supôs que não era tão estranho que eles possuíssem essa informação. — Não, eu estou bem,— disse ela. — Omar não me deixou em cativeiro por tempo suficiente para causar algum dano real. Mas vamos apenas dizer que havia uma razão pela qual tive que fugir esta manhã.

— Estou feliz por ter vindo quando o fiz,— disse Malik, depois acrescentou, — e lamento não poder vir antes. Infelizmente, até que recebi alguma ajuda, não tinha como rastrear você.

Ela se perguntou o que aquela — assistência — teria sido. Bem, essa era uma história que ele poderia contar a ela sobre um copo de vinho ... de preferência um compartilhado na cama, com um fogo aceso na lareira e o som das ondas do lado de fora. Sim, isso faria bem. Uma noite como essa, e ela poderá deixar esse incidente terrível para trás.

— Está tudo bem,— ela murmurou, depois acrescentou em um tom um pouco mais alto, para que todos os mais velhos pudessem ouvir: — Eu estou bem. Realmente, eu só quero ir para casa.

— Sim, sobre isso,— disse o djinn mais velho, o de cabelos grisalhos. — Você estará fazendo sua casa permanente agora, não vai? Estávamos dispostos a conceder-lhe isso, pois você tinha razões válidas para não se estabelecer imediatamente com o grupo em Bel-Air, mas parece claro para nós agora que você e seu Escolhido estão à vontade um com o outro. Não deve haver mais motivos para atrasos.

— Não, não há,— respondeu Malik, com voz e expressão resignadas. Parecia claro para Leila que ele

ainda não estava inteiramente feliz por ter que deixar a casa de Malibu para trás.

Bem, ela também não estava tão emocionada, mas sabia que iria superar. O importante era que os dois estivessem juntos. Ela percebeu, depois de ser tirada dele, o quanto ela gostava da companhia dele, o quanto ela se permitia se importar no curto período de tempo que eles estavam juntos. Enquanto ela estivesse com ele, ela poderia mexer com o resto. Além disso, seria bom fazer parte da comunidade novamente. Depois que ela perdeu os últimos membros de seu pequeno grupo de sobreviventes e teve que seguir em frente por conta própria, percebeu o quanto doía estar completamente sozinha.

Não se preocupe com isso agora. Ela tinha Malik, e os dois teriam as pessoas no assentamento de Bel-Air. Com o tempo, ela provavelmente esqueceria como eram aqueles dias e noites de corrida.

De qualquer forma, essa era sua esperança. Ela queria deixar todos aqueles horrores para trás.

— Então vá para Malibu e pegue suas coisas,— ajuda a anciã ruiva. — Vamos verificar amanhã para garantir que você esteja instalado com segurança em sua nova casa.

Ela sorriu enquanto falava, mas Leila ouviu o aviso em suas palavras. Os anciãos podem estar na maior parte do tempo livres, como Malik dissera, mas Leila tinha a sensação de que eles não tinham escrúpulo em interferir quando necessário.

Malik inclinou a cabeça e olhou como se pretendesse responder, mas mesmo quando sua boca se abriu, ele foi interrompido pela chegada do irmão de Omar, Amaal.

Ele surgiu a poucos metros de onde todos estavam. Pela tensão em seus belos traços e pela maneira como seu olhar tremeluzia em direção ao corpo de seu irmão, onde estava na areia, parecia óbvio o suficiente que ele já temia o pior. Ainda assim, ele levantou a cabeça e olhou para os mais velhos, ignorando Malik e Leila.

— Gostaria de levar o corpo do meu irmão para um enterro adequado,— disse ele, braços cruzados, túnicas em tons de fogo soprando na brisa do mar.

O sorriso da anciã ruiva desapareceu abruptamente. — Há quem diga que ele não conquistou essa honra, mas não lhe negaremos a chance de lamentar da maneira correta.— Ela parou por um momento e lançou um único olhar de soslaio para o ancião com os cabelos grisalhos. Seu aceno de cabeça era tão leve que Leila não achou que teria notado se não estivesse observando.

Os anciãos poderiam falar um com o outro com a mente, da maneira que ela e Malik? Ela teve que admitir que seria um truque útil, que lhes daria a chance de conferenciar enquanto estava em pé na frente de quem eles poderiam estar julgando.

— Desde que— o ancião continuou, seu tom severo, — que você renuncie ao seu próprio refém para que ele volte ao seu djinn. Sei que você o considerou apenas um favor a seu irmão, mas

continuar mantendo-o longe de sua casa não dá crédito.

— Eu sei,— disse Amaal. — É em parte por isso que vim aqui. Eu queria devolvê-lo, mas não achei que seria uma boa ideia trazê-lo diretamente para Fátima. Ela pode querer revidar.

— Que ela faria,— Malik rosnou. — Pois claramente, você pegou Adam apenas como um meio para me afastar de Leila, para que Omar tivesse a oportunidade de roubá-la enquanto eu estava ocupado em outro lugar.

Para seu crédito, Amaal parecia quase contrito. — Eu disse a Omar que não era uma boa ideia, mas ele não seguiu meu conselho. Ele usou o djinn glamour em Adam para obter o local onde você estava com Leila, mas eu garanto que ele está ileso e está indo bem.

— Onde ele está?— perguntou o mais velho dos anciãos.

— Na minha casa nas montanhas, aquela que me foi atribuída. É uma cidade remota e onde eu sabia que ele escaparia à atenção.

Essa admissão fez Malik emitir um barulhinho estranho, algo que soou como uma estranha mistura de frustração e diversão. Leila lançou um olhar interrogativo para ele, imaginando o que era aquilo; ele balançou a cabeça e murmurou: — Eu estava lá e não fazia ideia. Espero que Fátima me perdoe essa supervisão.

— É bom que o Escolhido de Fátima não esteja prejudicado,— disse a ruiva djinn. — Vou acompanhá-lo até sua casa, para que eu possa devolve-lo a Fátima - e também para vê-lo instalado com segurança lá. Pois vou lhe dizer a mesma coisa que acabei de dizer a Malik - você ficará na casa a que foi designado e não ficará mais onde quiser. Você entende?.

— Sim, minha senhora,— respondeu um mal. Ele parecia tão indecente que Leila quase sentiu pena

dele. A terra que eles lhe haviam atribuído era realmente tão terrível? — E meu irmão?

O terceiro ancião, aquele que permaneceu em silêncio o tempo todo, finalmente falou. Sua voz era profunda e calma. — Vou trazê-lo para você, para que você possa descansá-lo na encosta da montanha. Embora o dele não fosse o poder da terra, todos podemos esperar que sua alma possa aprender um pouco de paz no ar rarefeito de seu novo lar.

Amaal abaixou a cabeça. — Eu agradeço.

O ancião de ar vermelho foi até ele e colocou a mão em seu braço. — Vamos agora e buscar Adam. Não quero pensar em Fátima passando um único momento mais preocupada e atormentada do que ela já tem.

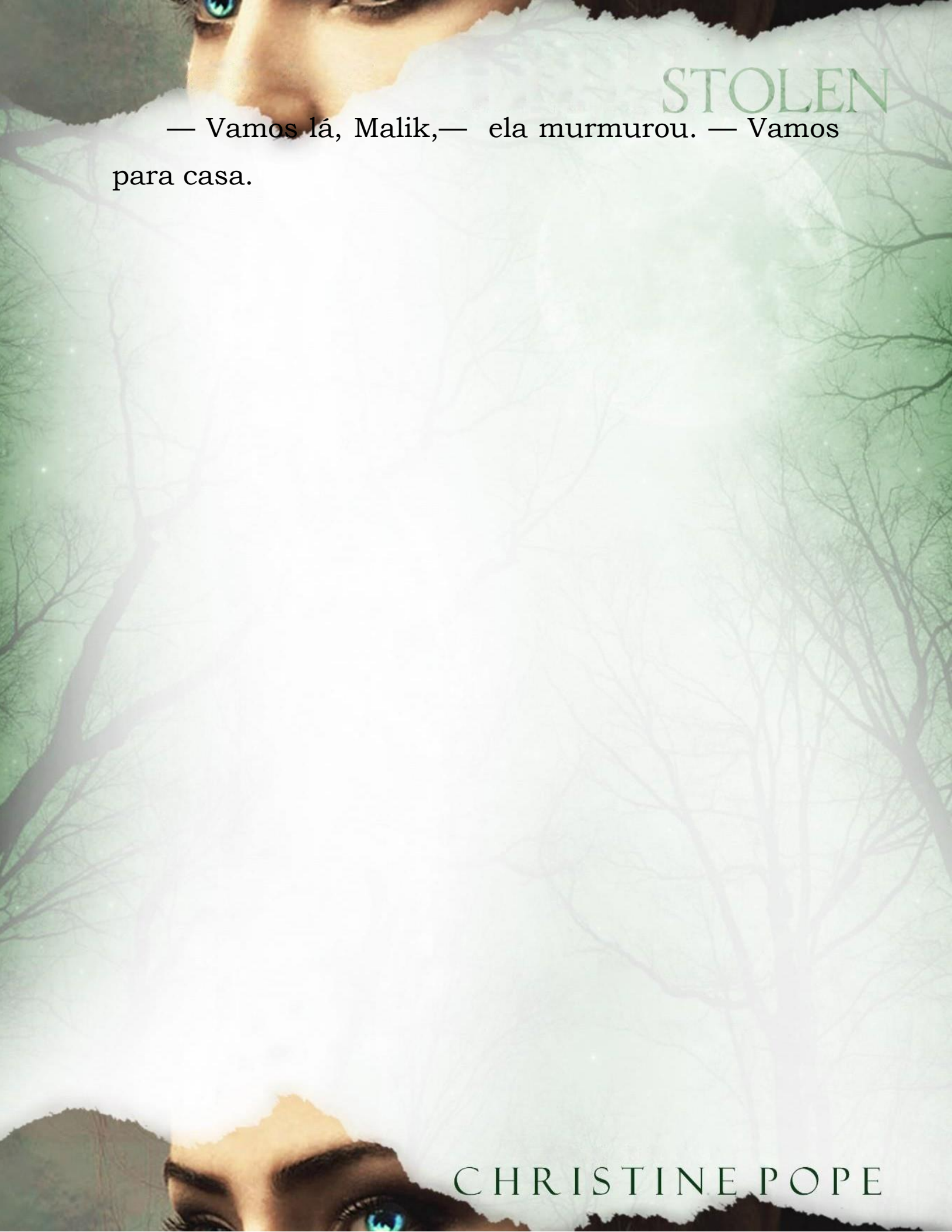
— Claro.— Por um segundo, Amaal olhou para Malik, embora Leila não pudesse decifrar com precisão sua expressão. Ele estava procurando perdão? Ele estava planejando algum tipo de vingança? Ou ele estava apenas tentando se

assegurar de que nem Malik nem Leila haviam sofrido algum tipo de dano nas mãos de seu irmão?

Ela não sabia. Havia algo atraente em Amaal, uma certa qualidade que dificultava odiá-lo. Ela desejou poder ir até ele e dizer a ele que estava tudo bem, que não tinha nenhuma má vontade em relação a ele por causa do que ele havia feito. Para seu irmão... definitivamente. Mas, no final, Omar foi quem pagou o verdadeiro preço por sua ganância e raiva.

Malik permaneceu reto e ainda ao lado dela, com a boca comprimida em uma linha fina. Claramente, ele não estava pronto para perdoar Amaal. Talvez um dia ele o fizesse. No meio tempo, era provavelmente uma boa coisa que o irmão de Omar não teria qualquer razão para vir em qualquer lugar perto do assentamento Bel-Air.

O ancião ruivo e Amaal desapareceram então, desaparecendo no ar com um *estalo* audível. Os dois anciãos restantes encontraram Leila e Malik, com o olhar severo. Estava claro o que eles queriam.



STOLEN

— Vamos lá, Malik,— ela murmurou. — Vamos
para casa.

CHRISTINE POPE

DEZESSETE

Fazer as malas para um djinn não era exatamente a mesma coisa que para um humano, pois tudo o que era necessário era que ele entregasse as coisas para o novo local. Malik já havia decidido a casa para onde iriam; ficava a poucas ruas da casa palaciana de Fátima e tinha uma cachoeira e um lago, além da piscina e do spa. Não é o mesmo que o oceano, é verdade, mas ele esperava que Leila fosse feliz lá. De qualquer forma, foi o trabalho de um piscar de olhos para gerenciar a transferência de seus pertences. E esta casa - não mostrava nenhum traço deles estarem aqui, pois ele não fez nada para mudar os móveis ou qualquer outra coisa.

Bem, exceto por uma coisa. Enquanto Leila observava, ele foi até a lareira e cuidadosamente retirou a concha de borracha da lareira, depois a trouxe para ela. — Eu pensei que você gostaria de levar isso conosco para a nossa nova casa.

Os dedos dela envolveram a concha, e ela enviou um sorriso trêmulo para ele. — Obrigado. Eu....— Ela

parou e balançou a cabeça. — É bobo, não é, sentir-se apegado a esse lugar? Quero dizer, eu só estive aqui por menos de uma semana. Mas....

— Eu sei,— ele disse gentilmente. Ele se inclinou e a beijou na bochecha, uma carícia suave, uma que pretendia dizer a ela que ele se importava ... e que ele entendia. — Há algo de encantado nessa casa, eu acho. Ou talvez apenas pareça assim, porque é o lugar onde me apaixonei por você.

Um leve rubor tingiu suas bochechas. — E eu me apaixonei por você,— disse ela, sua voz suave. — Eu não sabia ao certo o que estava acontecendo comigo ... eu não sou do tipo que se apaixona por alguém tão rápido.— Um brilho malicioso entrou em seus olhos. — Você tem certeza de que não usou o glamour djinn em mim?

— Positivo,— ele respondeu, recusando-se a ser atraído. — Como você se lembra, eu tentei e não funcionou. Não, isso é algo que acredito que vocês mortais chamam de 'química'.

— Omar também tentou o glamour em mim,— disse Leila. Sua boca torceu em desgosto. — Graças a Deus também não funcionou para ele.

A raiva aumentou dentro dele, mas Malik afastou. Omar estava morto e não podia mais machucar ninguém. Além disso, Leila acabara de afirmar que o glamour era tão ineficaz para al-Tariq quanto para ele, o que apenas serviu para apoiar a hipótese que ele havia formado anteriormente. Com voz pensativa, ele disse: — Eu acho que você pode ter um toque de sangue djinn em você.

Com os olhos arregalados, ela olhou para ele. — O que?

— Eu já tinha pensado nisso antes ... em geral, os djinn não podem usar seus poderes de glamour um no outro. Que você é aparentemente imune a isso também— Ele deixou as palavras sumirem, depois deu de ombros. Faz algum sentido. Djinn se misturaram com humanos ao longo de milênios. Não com muita frequência, mas com o tempo necessário

para que ainda houvesse aqueles cujas famílias tinham sangue djinn.

Por um momento, ela não disse nada. Ela olhou para a concha que segurava em uma mão e depois olhou para fora das janelas do chão ao teto, os olhos fixos nos azuis cambiantes do oceano além. — Foi o suficiente para salvá-los do calor?

Intrigado, ele a encarou. — O que você quer dizer?

Um pequeno cenho tocou sua testa quando ela disse: — Havia uma pequena fração da humanidade que estava imune. Mas você sabe por quê? Apenas algumas peculiaridades da genética? Ou será que os sobreviventes eram os que tinham apenas uma pitada de sangue djinn, o suficiente para salvá-los do Calor?.

Isso era algo que ele não tinha pensado. Até onde ele sabia, não havia como testar definitivamente se um humano em particular possuía algum DNA djinn, e a teoria de Leila, embora interessante, não era algo que pudesse ser provado de uma maneira ou de outra. — Eu não sei,— ele respondeu lentamente. — Não tenho certeza de que alguém saiba.

O queixo dela ergueu e ele percebeu que ela estava com raiva ... embora ele também soubesse que a raiva não era dirigida a ele. — Talvez um de vocês deva tentar descobrir,— disse ela. — Porque se for esse o caso, pode acontecer que todos os djinns que estão tão empenhados em erradicar o resto da humanidade possam estar matando alguns deles.

Malik também não tinha pensado nisso. Talvez isso fosse algo que devesse ser mencionado aos mais velhos, embora fosse mais como fechar a porta do celeiro depois que o cavalo se fosse. O mundo estava quase vazio de humanos agora, exceto aqueles que eram Escolhidos. Ele abriu a boca para falar, mas Leila balançou a cabeça.

— Algo em que pensar,— disse ela. Sua mão livre pegou a dele, apertando seus dedos com força, seu toque feroz. — Por enquanto, porém - me leve para casa.

Este lugar - bem, não era um edifício de dez mil metros quadrados e um pé à beira de um penhasco

de Malibu, mas Leila pensou que seria muito bem. Talvez com metade desse tamanho, fora modelado em uma Villa toscana, com trabalhos em pedra deslumbrante, antiguidades cuidadosamente selecionadas e paredes lavadas a quente. E havia o outro lado de fora, com uma cachoeira, lírios e flores florescendo por toda parte.

Ela queria amar, principalmente porque sabia que Malik estava tão preocupado que não. Apenas um moleque mimado não amaria uma casa como essa, e ela esperava que não fosse nada assim, especialmente quando você considerava que toda a casa alugada em Highland Park poderia caber na suíte principal deste lugar.

A discussão deles antes de virem para cá ainda pesava em sua mente. Seria possível que ela fosse parte djinn, voltando décadas ou mesmo centenas de anos? Ela supôs que poderia ser verdade; que mulher de uma pequena aldeia na Pérsia teria tido a coragem de confessar ao marido que fora visitada por um —

demônio— no meio da noite, que ela temia ter lhe dado um filho?

Não é de admirar que tantas culturas tenham histórias sobre demônios. Muito provavelmente eles não eram demônios, mas djinn mal com gosto por favelas.

Quanto ao resto ... ela não sabia o que dizer. Talvez ainda houvesse algumas experiências humanas por aí, mas será que os djinn que os caçariam se importariam com o fato de terem um pedacinho de DNA transmitido de um encontro há muito tempo com um elementar?

Era demais para envolver a cabeça dela.

Malik pareceu sentir o tumulto interno dela, porque depois que ele a visitou pela casa e mostrou que todas as suas coisas haviam sido cuidadosamente colocadas no quarto principal, ele disse que queria organizar as coisas na biblioteca, dando-lhe algum tempo para si mesma. Ela caminhou no jardim e deixou a brisa bagunçar seus cabelos, observou as pequenas espinhas negras

alegres com seus orgulhosos brasões flutuando ao redor da lagoa, claramente atraídos pela água. Sim, era muito bonito aqui. Ela pensou que poderia encontrar um pouco de paz neste lugar, se ela apenas permitisse entrar em sua alma.

O movimento do outro lado do quintal chamou sua atenção, e Leila desviou o olhar da lagoa e viu a anciã djinn ruiva parados perto da cerca alta que separava suas propriedades daquela atrás dela. A djinn levantou a mão, acenando.

Recusando a ir não era realmente uma opção. Leila ergueu os ombros e caminhou até o ancião, com o coração batendo um pouco, embora tentasse dizer a si mesma que essa era provavelmente a maneira de os anciãos verificarem ela e Malik, para garantir que eles realmente tinham chegado. para se estabelecer em Bel-Air e não permaneceram em Malibu.

— É um lugar adorável,— disse a djinn.

— Sim,— respondeu Leila, depois parou, sem saber mais o que responder.

— E, no entanto, seu coração está pesado.

Um sorriso triste apareceu nos lábios de Leila. —
É tão óbvio?

— Para aqueles que prestam atenção, sim.— A
anciã ruiva ficou em silêncio por um momento.
Parecia que ela estava olhando para a casa, mas
quem sabia com certeza? Tão perto, sua beleza era
ainda mais óbvia e extravagante - o brilho quente de
cobre de seus cabelos, a natureza porosa de sua pele
clara. Qualquer diretor que a visse teria de a lançar
como uma espécie de criatura de outro mundo,
porque ela era perfeita demais para ser um mero
mortal. Ela continuou: — Essas coisas que caem em
sua mente ... deixe-as ir. Sim, há centenas de anos
atrás, antes mesmo que a família de sua mãe
adotasse o nome de Khorasani, um djinn amava sua
bisavó, muitas vezes, e ela teve um filho. Há sangue
djinn em você, o suficiente para resistir ao nosso
glamour.

Leila respirou fundo, tentando processar essa
revelação. Sim, ela e Malik discutiram isso como uma
possibilidade, mas isso não era o mesmo que ter um

ancião djinn lhe dizendo que um de seus ancestrais distantes não era muito desta terra.

— E,— a djinn continuou, seu tom firme, como se quisesse garantir que Leila não tentasse interromper, — também posso lhe dizer que não tem nada a ver com estar imune. Havia alguns com sangue djinn em seu mundo, é verdade, mas havia muito mais que possuía a habilidade inata de resistir ao calor. De onde quer que essa habilidade veio, não é um que nosso sangue lhes conceda.

— Mas você não sabe o porquê.

Agora a expressão do ancião estava quase triste. Com um encolher de ombros gracioso, ela respondeu: — Sabíamos que alguns sobreviveriam, mas ainda não sabemos ao certo o que lhes deu imunidade. Talvez tenha sido um presente de Deus.

Um presente, pensou Leila, para sobreviver a esta doença horrível, apenas para ser caçada sem piedade. Ela disse, com a voz dura: — Se esse for o caso, você pensaria que Ele teria nos dado uma maneira de lutar com você.

— Mas ele fez,— disse a anciã djinn. Os lábios dela se curvaram em um sorriso enigmático. — Ou melhor, alguns de vocês já descobriram. Ainda existem outros sobreviventes, mais do que você imagina.

— Onde -?

A mulher djinn levantou a mão. — A história deles não é sua, Leila. Pois você é escolhido e pode viver sem medo, aqui neste santuário pois o homem que você ama lhe forneceu. Vá até ele e não deixe que seus pensamentos sejam perturbados.

Ela desapareceu então, e Leila piscou, ainda não acostumada com a maneira precipitada como os djinn vem e vão. Quando ela abriu os olhos, viu Malik de pé junto à lagoa, com uma taça de vinho em cada mão.

Vinho parecia bom. Depois da conversa que acabara de compartilhar com o mais velho, Leila pensou que poderia tomar uma bebida. Ela foi ao encontro de Malik e sorriu quando ele ofereceu um dos copos para ela. — Vamos sentar?— ele perguntou, seu olhar se movendo em direção a um

dos bancos de ferro dispostos para que você pudesse sentar e assistir a fonte de energia solar no meio da água espirrar.

Parecia uma sugestão tão boa quanto qualquer outra, já que o dia estava ensolarado e claro, o ar quente. Nunca se saberia que o Dia de Ação de Graças estava chegando na próxima semana ... ou pelo menos, o dia em que o Dia de Ação de Graças deveria cair. Os Escolhidos aqui em Bel-Air gostariam de continuar a tradição, ou eram como ela, imaginando por que realmente tinham que agradecer?

Não, ela disse a si mesma enquanto observava Malik se sentar no banco de ferro fundido ao lado dela. Tenho muito o que agradecer, especialmente o homem sentado aqui. Não posso deixar que a culpa do sobrevivente manche o que sinto por ele.

— Você parece incomodada,— disse ele calmamente. — A casa não te agrada?

— A casa é maravilhosa,— respondeu ela, depois estendeu a mão para colocar a mão livre na dele. — Você é maravilhoso. Não é isso mesmo.

— Vi que Istar veio visitá-la.

— É assim que ela se chama?— Parecia se encaixar, com seus ecos do nome da deusa. Ou talvez a anciã fosse tão velha que ela tivesse sido a inspiração original para Istar. Leila parou e tomou um gole do vinho. Uma mistura, mas ela não tinha certeza do que. Pinot gris, e talvez Viognier? O que quer que fosse, era fresco e refrescante ... e parecia fazê-la sentir-se ainda mais culpada por estar viva para se divertir. Respirei fundo e Leila continuou, sem esperar Malik responder: — Ela me disse que eu tinha sangue djinn... e também que isso não importava. Ou seja, não tem nada a ver com ser imune.

— Foi apenas um palpite,— Malik disse, seu tom suave, reconfortante. — Uma lógica, mas ainda assim. Mas pelo menos agora você sabe a verdade.

Leila deu um pequeno aperto em seus dedos, apenas para que ele soubesse o quanto ela apreciava que ele estivesse lá por ela. Levaria algum tempo para ela se adaptar à percepção de que seu próprio DNA não era inteiramente humano, mas ela conseguiria.

Enquanto isso, ela queria se apegar ao que Istar havia lhe dito, que havia mais sobreviventes do que ela pensava. A anciã djinn estava se referindo aos sobreviventes no Novo México? Talvez houvesse alguma maneira de alcançá-los.

Mas então, parecia que as palavras de Istar tinham sido quase um aviso. Ela não queria que Leila se concentrasse naqueles outros sobreviventes, mas nas pessoas que a cercavam aqui em Bel-Air, na vida que agora estava à sua frente. Esta história era ele e não outra.

— Eu ouvi de Fátima,— Malik continuou, seu tom se iluminando. — Adam foi devolvido a ela, não para pior.— Uma pausa, durante a qual ele sorriu e balançou a cabeça levemente. — Na verdade, parecia que ele tinha um empreendimento, pois Amaal deu a ele a administração da propriedade, na qual por acaso era um pequeno riacho. Aparentemente, Adam passava a maior parte do tempo pescando, pois parecia que a casa já pertencia a um pescador

experiente que havia deixado seu equipamento para trás..

Essa alegria fez Leila rir, e ela ficou feliz, porque precisava desesperadamente de algo para aliviar o clima. — Adam não tentou fugir?

Acredito que Amaal disse a Adam que ele estava a muitas centenas de quilômetros de Bel-Air, e se ele tentasse sair, o djinn de caça humana viria atrás dele. — O que, eu temo, é apenas a verdade. Os escolhidos devem estar protegidos, mas...

— Mas Adam não se atreveu a correr o risco.

— Não, o que eu acho que foi sábio da parte dele.— Malik se mexeu no banco e a encarou. Seus olhos procuraram os de Leila. — Como seu povo gostava de dizer, não há mal, não há falta. Ele está em casa e seguro, e -

— E eu também,— ela terminou para ele. — Graças a você.

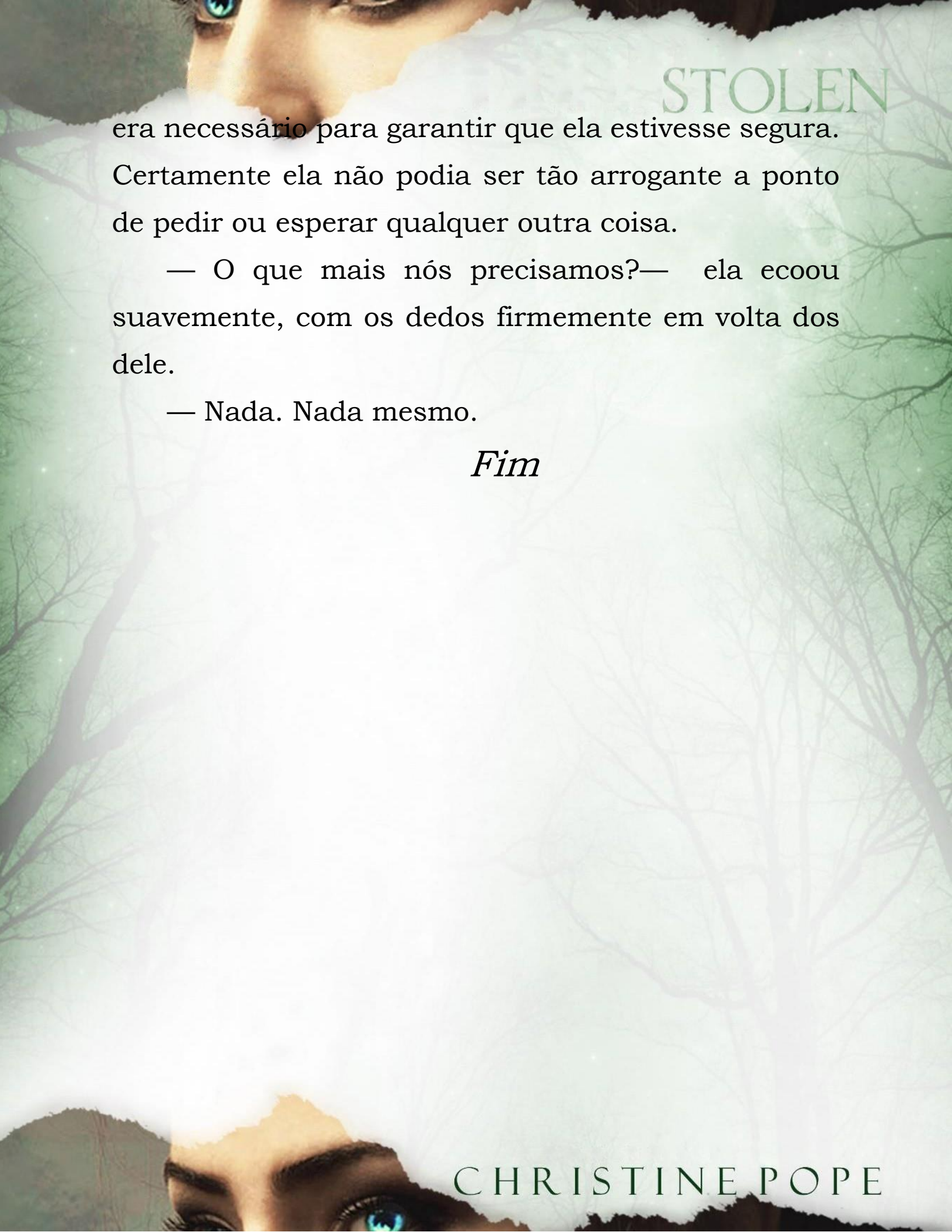
Ele ficou em silêncio por um momento. Então ele colocou o copo de vinho em uma das lajes abaixo deles. — Você ajudou também. Era mais fácil

enfrentar Omar a céu aberto do que a casa que ele havia tomado para si. Sua tentativa de fuga foi oportuna.

Embora o dia estivesse quente, Leila estremeceu um pouco. Não queria pensar no que teria acontecido se não tivesse conseguido pegar o djinn desprevenido com aquele pingo de café quente no rosto. Sim, ela conseguiu fugir, mas se Malik não apareceu quando ele apareceu ...

Ele pareceu sentir algo de seus pensamentos, porque ele pegou as duas mãos dela nas dele e depois beijou cada palma gentilmente. — Meu amor, você não pode se torturar com pensamentos sobre o que pode ter acontecido. Você está segura agora, e nós estamos juntos. O que mais nós precisamos?

O que mais? Ela pensou em todos que havia perdido, no que o mundo havia perdido. Tudo mudou para sempre, e ela sabia que, não importa o que fizesse, nunca teria o poder de alterar o passado. Tudo o que ela tinha agora era o futuro - um futuro com Malik. Malik, que a amava, que havia feito o que



STOLEN

era necessário para garantir que ela estivesse segura. Certamente ela não podia ser tão arrogante a ponto de pedir ou esperar qualquer outra coisa.

— O que mais nós precisamos?— ela ecoou suavemente, com os dedos firmemente em volta dos dele.

— Nada. Nada mesmo.

Fim

CHRISTINE POPE